

BEST-SELLER NOS ESTADOS UNIDOS, INGLATERRA E ALEMANHA

HIGH HITLER

COMO O USO DE DROGAS PELO *FÜHRER* E PELOS
NAZISTAS DITOU O RITMO DO TERCEIRO REICH



NORMAN OHLER

CRÍTICA



**HIGH
HITLER**

NORMAN OHLER

HIGH HITLER

COMO O USO DE DROGAS PELO *FÜHRER* E PELOS
NAZISTAS DITOU O RITMO DO TERCEIRO REICH

POSFÁCIO HANS MOMMSEN

Tradução
Silvia Bittencourt

CRÍTICA

Copyright © Verlag Kiepenheuer & Witsch GmbH & Co. KG,
Cologne/Germany, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

Título original: *Der totale Rausch: Drogen im Dritten Reich*

Preparação: Andressa Veronesi

Revisão: Dan Duplat e Clara Diamant

Diagramação: Vivian Oliveira

Capa: Adaptada do projeto gráfico original

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O34h

Ohler, Norman

High Hitler : como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich / Norman Ohler; tradução Silvia Bittencourt; posfácio Hans Mommsen. — 1. ed. — São Paulo : Planeta, 2017.

Título original: *Der totale Rausch: Drogen im Dritten Reich*

ISBN: 978-85-422-1048-4

1. Hitler, Adolf, 1889-1945. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Alemanha – História --1933-1945. I. Bittencourt, Silvia. II. Título.

17-41671

CDD: 943.086

CDU: 94(43)'1933/1945'

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

BULA EM VEZ DE PREFÁCIO

PARTE I. METANFETAMINA (1933-38): A DROGA POPULAR

BREAKING BAD: A COZINHA DE DROGAS DA CAPITAL DO REICH

PRÓLOGO NO SÉCULO XIX: A DROGA ORIGINAL

ALEMANHA, O PAÍS DAS DROGAS

1920: OS ANOS QUÍMICOS

MUDANÇA DE GOVERNO SIGNIFICA MUDANÇA DE SUBSTÂNCIAS

POLÍTICA ANTIDROGAS COMO POLÍTICA ANTISSEMITA

O MÉDICO PROEMINENTE DA KURFÜRSTENDAMM

COQUETEL DE INJEÇÕES PARA O PACIENTE A

O CORPO DO POVO COM A DROGA DO POVO

NOTAS

PARTE II. SIEG HIGH: GUERRA-RELÂMPAGO É GUERRA DE METANFETAMINA (1939-41)

OBTENÇÃO DE PROVAS: ARQUIVO FEDERAL - ARQUIVO MILITAR, FREIBURG

O EXÉRCITO ALEMÃO DESCOBRE UMA DROGA ALEMÃ

DO PÃO INTEGRAL À *BRAIN FOOD*

ROBÔ

BURNOUT

TEMPOS MODERNOS

TEMPO É GUERRA

“NÃO EMPAQUE, TRABALHE”

TEMPO É *METH*

A RAPOSA DO *CRYSTAL*

HITLER NÃO COMPREENDE A GUERRA-RELÂMPAGO

O COMANDO DE PARADA DE DUNQUERQUE: INTERPRETAÇÃO FARMACOLÓGICA

O TRAFICANTE DA WEHRMACHT

GUERRA E VITAMINAS

FLYING HIGH

UM PRATO CHEIO PARA O EXTERIOR

NOTAS

PARTE III. HIGH HITLER: O PACIENTE A E SEU MÉDICO PARTICULAR (1941-44)

VISITA AO LOCAL: NATIONAL ARCHIVES, EM WASHINGTON D.C.

A MENTALIDADE DO BUNKER

DELÍRIO NO LESTE

RELATO DE UM ANTIGO OFICIAL DA SAÚDE

O PLANETA LOBISOMEM

UM MATADOURO CHAMADO UCRÂNIA

“X” E A PERDA TOTAL DA REALIDADE

TOMANDO EUKODAL

O SERVIÇO SECRETO COMO PONTO DE TRANSBORDO DE DROGAS

PACIENTE B

O ATENTADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS FARMACOLÓGICAS

FINALMENTE COCAÍNA!

SPEEDBALL

A GUERRA DOS MÉDICOS

A AUTOEXTINÇÃO

O SUPERBUNKER

O “ZÍPER”

A QUESTÃO DA CULPA

NOTAS

PARTE IV. EXCESSOS TARDIOS: SANGUE E DROGAS (1944-45)

VISITA AO LOCAL: A ACADEMIA DE SAÚDE DO EXÉRCITO, EM MUNIQUE

A PROCURA PELA DROGA MILAGROSA

VIAGEM A SERVIÇO PARA SACHSENHAUSEN

A PATRULHA DAS PÍLULAS

O DECLÍNIO BEM REAL

LAVAGEM CEREBRAL

CREPÚSCULO DAS DROGAS

LAST EXIT – O BUNKER DO FÜHRER

A DEMISSÃO

O VENENO FINAL

A IMPLOÇÃO DE MORELL

O DELÍRIO MILENAR

NOTAS

POSFÁCIO DE HANS MOMMSEN: “NACIONAL-SOCIALISMO E A PERDA DA REALIDADE POLÍTICA”

AGRADECIMENTOS

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

ÍNDICE REMISSIVO

*“Um sistema político dedicado ao declínio faz,
instintivamente, muita coisa que acelera esse declínio.”*

Jean-Paul Sartre

BULA EM VEZ DE PREFÁCIO

Deparei-me com o material em Koblenz, mais precisamente no ambiente sóbrio do Arquivo Federal, uma construção de concreto lavado dos anos 1980. O espólio de Theo Morell, médico particular de Hitler, não me largou mais. Passei a folhear a agenda de Morell constantemente: registros crípticos referindo-se a um “paciente A”. Tentei decifrar com uma lupa aquela letra quase ilegível. As páginas estavam totalmente rabiscadas e com frequência eu me deparava com registros como “inj. w. i.” ou simplesmente “x”. Pouco a pouco o quadro tornou-se claro: injeções diárias, substâncias estranhas, doses crescentes.

O QUADRO CLÍNICO

Todos os aspectos do nacional-socialismo estão esclarecidos. Nossos cursos de história não deixam lacunas; nosso mundo é midiático, nenhum território fica inexplorado. O tema foi

dissecado até o último ângulo, de todos os lados. A Wehrmacht alemã é o exército mais investigado de todos os tempos. Não há realmente nada que acreditemos não saber sobre essa época. O Terceiro Reich parece difícil de entender. Qualquer tentativa de revelar algo novo a seu respeito tem algo de forçado, quase de absurdo. Mesmo assim, não compreendemos tudo.

O DIAGNÓSTICO

Surpreendentemente pouco se sabe sobre as drogas no Terceiro Reich, tanto entre os historiadores como entre a opinião pública. Existem trabalhos parciais a respeito, científicos e jornalísticos, mas, até agora, nenhum panorama geral.^[1] Faltava uma apresentação completa e fiel sobre como os narcóticos marcaram os acontecimentos no Estado nazista e nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, quem não entende o papel das drogas no Terceiro Reich e não investiga os estados de consciência também sob esse aspecto está deixando algo de lado.

O fato de a influência de substâncias psicodélicas sobre o capítulo mais escuro da história alemã ter recebido pouca atenção até o momento decorre do próprio plano nacional-socialista de “combate aos entorpecentes”, que estabeleceu o controle estatal sobre as substâncias e transformou as drogas em tabu. Como consequência, elas se afastaram do campo de visão moderado das ciências – até hoje não são realizados estudos extensos a esse respeito nas

universidades –, da vida econômica, da consciência pública, assim como da reflexão histórica, tendo sido relegadas a um canto sujo da economia paralela, da falsificação, da criminalidade, e se tornado objeto de conhecimento superficial e amador.

Podemos, no entanto, tentar remediar a situação e propor uma interpretação das ocorrências reais que trate do esclarecimento de referências estruturais, que esteja comprometida com a metodologia do historiador e que, em vez de se ocupar com teses imponentes (que seriam injustas para com a realidade histórica e sua crueldade decepcionante), sirva a uma investigação detalhada dos fatos históricos.^[2]

A POTÊNCIA DO CONTEÚDO

High Hitler se ocupa intensamente com assassinos em massa loucos por sangue e com seu povo obediente, prestes a ser purificado de todo veneno racial ou de qualquer outro, e que olha diretamente para dentro de artérias e veias. O que havia ali não era puramente ariano, mas mais quimicamente alemão – e particularmente tóxico. Pois, apesar de todas as proibições, quando a ideologia não adiantava mais, os meios farmacológicos vinham ajudar, inescrupulosamente, tanto na base como no topo. Hitler tinha o comando também nesse aspecto – e mesmo o Exército era abastecido em grande escala, para as suas campanhas, com o estimulante metanfetamina (hoje conhecido como *crystal meth*). No seu

trato com as drogas, aqueles criminosos do passado mostravam uma hipocrisia cuja revelação volta a iluminar aspectos decisivos de seu modo de ação. Cai uma máscara que nem sabíamos existir.

OS PERIGOS DA LEITURA

Ainda assim, é natural a tentação de dar um grande significado ao olhar pelas lentes das drogas e de construir outra lenda histórica. Por isso deve-se sempre levar em consideração: a historiografia nunca é apenas ciência, mas também ficção. A rigor, não há nessa disciplina um livro de “não ficção”, pois os fatos, em sua classificação, são literatura – ou pelo menos suscetíveis aos modelos de interpretação de influências culturais externas. Ter consciência de que a historiografia é, na melhor das hipóteses, literatura reduz o perigo de engano durante a leitura. O que será apresentado aqui é uma perspectiva inconventional, distorcida, e a esperança consiste em reconhecer com maior clareza alguns fatores na distorção. A história alemã não será redefinida ou reescrita. Ela será, no melhor dos casos, contada em partes, de forma mais precisa.

EFEITOS COLATERAIS

Esse medicamento pode causar efeitos colaterais, que não acometem necessariamente todas as pessoas. *Frequentes e muito frequentes*: abalos na visão de mundo e consequente

irritação do córtex cerebral, às vezes relacionada a náusea e cólicas. Estas queixas são, na maioria das vezes, de natureza leve e costumavam desaparecer durante a leitura. *Ocasionais*: reações de hipersensibilidade. *Muito raros*: distúrbios graves e permanentes da percepção. Como contramedida, a leitura deve ser feita, em todo caso, até o final, visando à cura dos efeitos causadores de medo e convulsões.

COMO CONSERVAR ESTE LIVRO

Contraindicado para crianças. A data de vencimento é estabelecida de acordo com o atual estado da investigação.

PARTE I

METANFETAMINA (1933-38): A DROGA POPULAR

O nacional-socialismo foi tóxico, no sentido mais literal da palavra. Deixou para o mundo uma herança química que ainda hoje nos afeta: um veneno que não desaparecerá rapidamente. Apesar de os nazistas se fazerem de homens decentes e implementarem com pompa propagandística e penas draconianas uma política antidrogas rigorosa, ideologicamente fortalecida, uma substância particularmente potente e pérfida, que levava ao vício, tornou-se popular sob o governo Hitler. Em pílulas e com o nome comercial de Pervitin, essa substância fez carreira legalmente nos anos 1930 por todo o Reich alemão e, mais tarde, nos países ocupados da Europa, tornando-se uma “droga popular” aceita e disponível em qualquer farmácia; só a partir de 1939 passou a ser vendida mediante receita e finalmente, em 1941, ficou sujeita às determinações da Lei do Ópio do Reich alemão.

Seu componente ativo, a metanfetamina, hoje é ilegal ou rigorosamente regulamentada^[3] em todo o mundo, e, com aproximadamente 100 milhões de consumidores, é tida como o veneno mais popular da atualidade, com tendência de uso crescente. Ela é frequentemente produzido em laboratórios

clandestinos, por químicos amadores, na maioria das vezes de forma adulterada, e é denominada *crystal meth* pela mídia. A forma cristalina da chamada droga do horror – absorvida na maioria das vezes pelo nariz e frequentemente em altas doses – desfruta de uma popularidade inusitada, especialmente na Alemanha, onde há cada vez mais usuários primários. Produzindo uma excitação perigosamente intensa, o estimulante é utilizado como droga recreativa, para o aumento do rendimento no trabalho, nos escritórios, parlamentos e universidades. Tira o sono e a fome, promete euforia, mas é, sobretudo na sua forma atual de administração^[*], uma droga prejudicial à saúde, capaz de destruir a pessoa e tornando-a rapidamente viciada. Quase ninguém conhece a sua ascensão no Terceiro Reich.

Breaking bad: a cozinha de drogas da capital do Reich

Em busca de pistas no século xxi. Sob um céu de verão completamente limpo que se estende das instalações industriais até as fileiras de casas recém-construídas, vou no trem suburbano na direção nordeste, na periferia de Berlim. Para procurar o que restou das fábricas Temmler, antigos produtores do Pervitin, tive que descer em Adlershof, que hoje se autodenomina “o mais moderno parque tecnológico da Alemanha”. Mantenho-me à distância desse campus, passo por uma terra de ninguém, por edifícios arruinados, e atravesso um ermo com tijolos despedaçados e aço enferrujado.

As fábricas Temmler estabeleceram-se aqui em 1933. Um ano depois, quando Albert Mendel, co proprietário judeu da fábrica química de Tempelhof, foi expropriado, Temmler assumiu sua parte e expandiu-a rapidamente. Os tempos

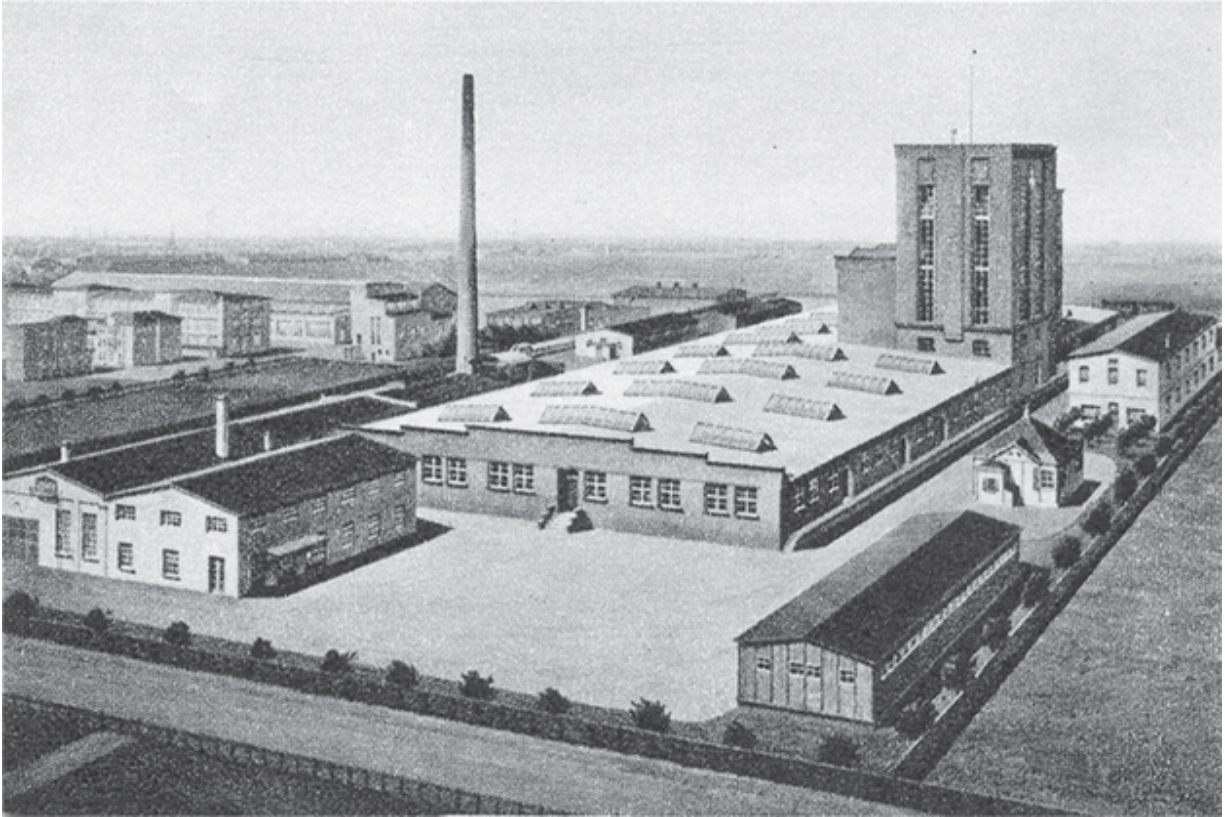
eram bons para a indústria química alemã – pelo menos quando ela era absolutamente ariana – e, sobretudo, o desenvolvimento farmacêutico vivia um *boom*. Havia uma busca incansável por substâncias inovadoras que conseguissem amenizar as dores do homem moderno e desviá-lo de suas preocupações. Experimentava-se muito nos laboratórios e definiam-se os rumos farmacológicos que até hoje marcam nossos caminhos.

A antiga fábrica de medicamentos Temmler é, até hoje, uma ruína no bairro berlinense de Johannisthal. Nada lembra o passado próspero, quando milhões de pílulas de Pervitin eram fabricadas por semana. O terreno da empresa é inutilizado, um imóvel morto. Atravesso um estacionamento deserto, preciso passar por um matagal vicejante e pular um muro, sobre o qual ainda estão colados cacos de vidro para evitar intrusos. Entre samambaias e brotos aparece a velha “casa da bruxa”, construída em madeira pelo fundador Theodor Temmler, o antigo núcleo da empresa. Atrás de densos arbustos de amieiro, surge uma construção de tijolo, também completamente abandonada. Uma janela está tão quebrada que consigo passar por ela. No interior, há um corredor longo e escuro. Um cheiro de mofo e bolor emana das paredes e do teto. No final há uma porta, entreaberta. Sua pintura verde-clara está toda craquelada. Por trás, pela direita, brilha a luz do dia, que atravessa duas janelas de fábrica com esquadrias de chumbo, arreventadas. Fora, tudo coberto por vegetação – aqui dentro, um vazio. No canto fica

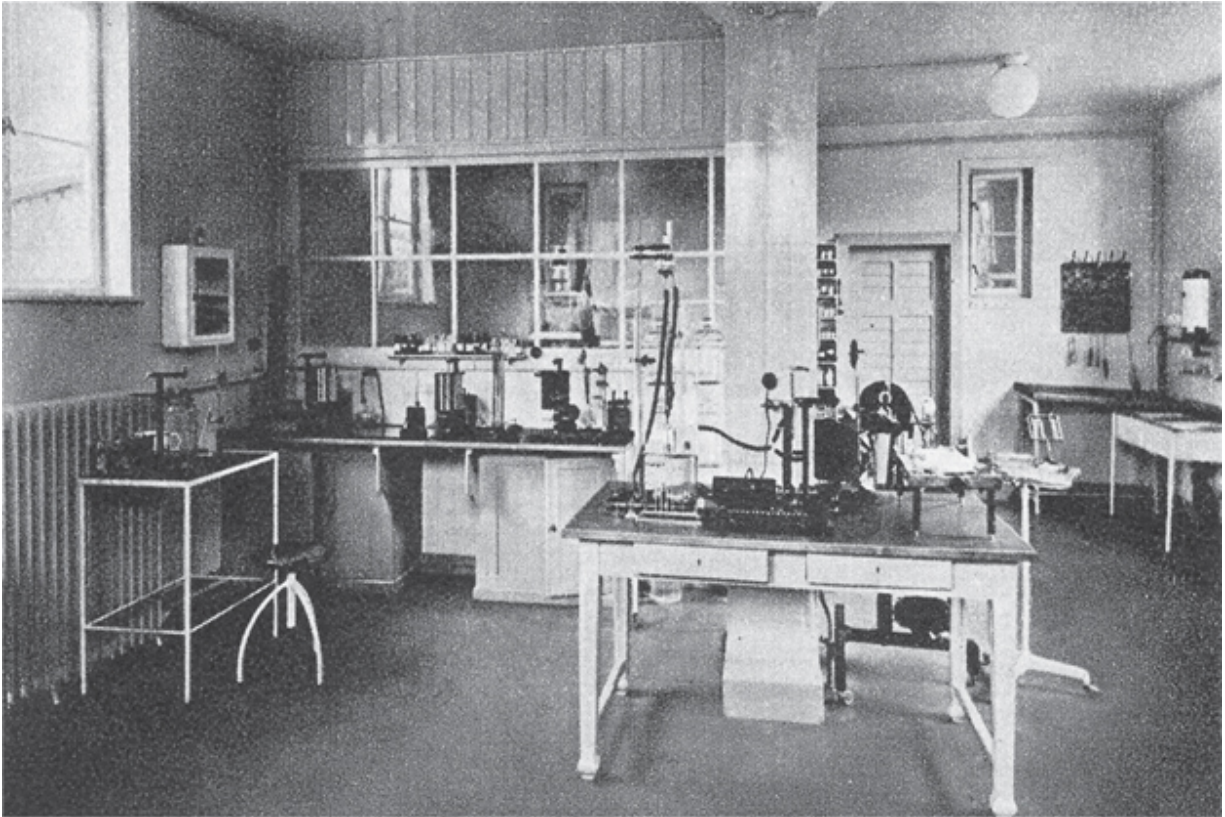
um velho ninho de pássaro. Até o teto alto, com suas aberturas redondas, vejo azulejos brancos, em parte quebrados.

Este é o antigo laboratório do dr. Fritz Hauschild, chefe da Farmacologia da Temmler entre 1937 e 1941, que procurava um novo tipo de medicamento, um produto para “aumentar o rendimento”. É a antiga cozinha de drogas do Terceiro Reich. Aqui, com cadinhos de porcelana, condensadores com tubos para fluido e refrigeradores, os químicos preparavam sua substância exemplar. Aqui se ouvia o bater das tampas das retortas, que liberavam, com um ruído sibilante, um vapor quente alaranjado, enquanto emulsões estalavam e dedos enluvados de branco regulavam o percolador. Assim surgiu a metanfetamina – e com uma qualidade que nem mesmo o cozinheiro de drogas Walter White, da série americana *Breaking Bad*, que elegeu a *crystal meth* como símbolo de nossos tempos, conseguiu alcançar em seus melhores momentos.

Traduzida literalmente, a expressão “*breaking bad*” significa algo como “mudar seu comportamento de repente e fazer algo de mau”. Talvez esse não seja um título ruim para os anos entre 1933 e 1945.



A fábrica Temmler em Berlim Johannisthal, antigamente...



... e hoje.



Prólogo no século xix: a droga original

“Dependência voluntária é o mais belo estado.”

Johann Wolfgang von Goethe

Para entender a relevância histórica dessa e de outras drogas para os acontecimentos no Estado nacional-socialista, precisamos retroceder um pouco. A história da evolução das sociedades modernas está tão ligada à história do surgimento e da distribuição dos narcóticos quanto a economia à dos progressos técnicos. Como ponto de partida, em 1805, Goethe escreveu o seu *Fausto* na Weimar classicista e, com meios poéticos, exprimiu bem uma de suas teses, segundo a qual a própria origem do homem é induzida pelas drogas: modifico o meu cérebro, logo existo. Ao mesmo tempo, na menos glamorosa Paderborn, na Vestfália, o ajudante de

farmacêutico Friedrich Wilhelm Sertürner realizava experiências com a papoula, cujo suco concentrado, o ópio, anestesia as dores como nenhuma outra substância. Por meios dramático-poéticos, Goethe queria explorar caminhos que mantivessem o mundo unido no seu mais íntimo – já Sertürner queria solucionar um problema maior, de séculos, que atormentava a nossa espécie..

O desafio concreto para aquele químico genial de 21 anos: de acordo com as condições de crescimento, a substância está presente na papoula em concentrações muito diferentes. Às vezes seu suco amargo não ameniza suficientemente o sofrimento, outras vezes ele leva a doses excessivas indesejadas e à intoxicação. Totalmente por sua conta – assim como Goethe, que consumia em seu quarto o opioide láudano –, Sertürner fez uma descoberta sensacional: conseguiu isolar a morfina, esse alcaloide determinante do ópio, uma espécie de Mefisto psicológico que transforma a dor em prazer. Foi uma virada na história não só da farmacologia, como um dos acontecimentos mais importantes do início do século XIX e da história da humanidade em geral. A dor, essa acompanhante pavorosa, podia ser agora apaziguada de uma forma precisamente dosada ou até mesmo eliminada. Por toda parte na Europa – onde até o momento os farmacêuticos produziam suas pílulas a partir de seus conhecimentos e com ingredientes de suas próprias hortas ou entregues por curandeiras –, as farmácias tornaram-se em poucos anos verdadeiras fábricas,

nas quais se estabeleceram padrões farmacológicos.^[*] A morfina não era apenas um alívio para todo o mal da vida, mas também um grande negócio.

Em Darmstadt, Emanuel Merck, dono da farmácia Engel, distinguiu-se como pioneiro nessa evolução e, em 1827, postulou como filosofia empresarial fornecer alcaloides e outras substâncias medicinais com garantia de qualidade. Foi o nascimento não apenas da hoje próspera empresa Merck, como também da indústria farmacêutica alemã em geral. Quando, por volta de 1850, a seringa foi criada, nada pôde deter a marcha triunfal da morfina. Esse aniquilador de dores foi empregado na Guerra de Secessão americana entre 1861 e 1865, assim como na guerra franco-alemã entre 1870 e 1871. Lá, o hábito da morfina logo se espalhou.^[4] Sua influência foi decisiva tanto para o bem como para o mal. O sofrimento de pessoas gravemente feridas pôde ser controlado – o que tornou possíveis guerras em escala ainda maior: os combatentes que se tornavam inaptos depois de um ferimento eram agora rapidamente revigorados e, na medida do possível, reenviados para as linhas de frente.

Com a morfina, a evolução da anestesia e do combate à dor alcançou um apogeu decisivo, afetando igualmente o exército e a sociedade civil. Do trabalhador ao nobre, a suposta panaceia se impôs por todo o mundo, da Europa à América, passando pela Ásia. Nas *drugstores* entre as costas Leste e Oeste dos Estados Unidos, sobretudo duas substâncias eram oferecidas sem receita nessa época:

enquanto sucos à base de morfina acalmavam, misturas de bebidas à base de cocaína (como, nos primórdios, o vinho Mariani, um Bordeaux com extrato de coca, ou também a Coca-Cola^{[*][5]}) eram usadas contra males do humor, como euforizantes hedonísticos e anestésicos locais. Mas isso foi só o começo. Logo a indústria em formação diversificou-se; novos produtos precisavam ser lançados. Em 10 de agosto de 1897, Felix Hoffmann, um químico da empresa Bayer, preparou o ácido acetilsalicílico a partir de uma substância da casca do salgueiro, que chegou ao mercado e conquistou o globo com o nome de Aspirina. Onze dias depois, o mesmo homem criou outra substância que também se tornaria famosa em todo o mundo: a diacetilmorfina, um derivado da morfina – a primeira *designer drug*. Ela chegou ao mercado com o nome de “heroína” e iniciou sua marcha triunfal. “Heroína é um belo negócio”, anunciaram orgulhosamente os diretores da Bayer, comercializando o produto contra dor de cabeça, mal-estar e até como xarope para crianças. A heroína podia ser ministrada em casos de cólicas intestinais ou de problemas para dormir, mesmo em recém-nascidos, diziam.^[6]

O negócio floresceu não apenas na Bayer. Várias instalações farmacêuticas se desenvolveram no último terço do século XIX, ao longo do Reno. As estrelas eram favoráveis do ponto de vista estrutural: se, por um lado, devido à divisão territorial em pequenos estados durante o império alemão, havia capital bancário e disposição para assumir

riscos só de forma limitada, por outro a indústria química não precisava disso, já que, em comparação com a indústria pesada tradicional, ela necessitava de pouco equipamento e matéria-prima. Pequenas operações também prometiam altas margens de lucro. O que contava, sobretudo, eram a intuição e o conhecimento técnico dos criadores, e a Alemanha, rica em capital humano, pôde recorrer a um potencial praticamente inesgotável de químicos e engenheiros formados com excelência, saídos do melhor sistema educacional do mundo na época. A rede de universidades e escolas superiores técnicas era tida como exemplar: ciência e economia caminhavam de mãos dadas. A pesquisa seguia a todo o vapor, e um grande número de patentes foi desenvolvido. No que se referia à indústria química, a Alemanha tornou-se, mesmo antes da passagem do século, a “oficina do mundo” – e o *made in Germany* virou selo de qualidade também no que se refere às drogas.

Alemanha, o país das drogas

A situação não mudou depois da Primeira Guerra Mundial. Enquanto a França e a Inglaterra obtinham de suas colônias ultramarinas estimulantes naturais como café, chá, baunilha, pimenta e outros produtos, a Alemanha, que perdera por meio do Tratado de Versalhes suas posses extraterritoriais (comparativamente bem mais escassas), precisou procurar (ou seja, produzir artificialmente) outros caminhos. Isso porque o país necessitava de meios de estimulação: a derrocada causada pela guerra abria feridas profundas, provocara dores diversas, tanto físicas como psíquicas. Nos anos 1920, as drogas ganharam importância crescente para a população de ânimo abatido, do mar Báltico aos Alpes. E o *know-how* para a sua produção estava disponível.

Os caminhos estavam abertos para a indústria farmacêutica moderna, e muitas substâncias químicas que

conhecemos hoje foram desenvolvidas e patenteadas num curto período de tempo. Empresas alemãs firmaram-se como líderes no mercado mundial. Elas não só produziam a maioria dos medicamentos, como também forneciam para o todo mundo a maior parte das substâncias químicas para sua fabricação. Surgiu uma “nova economia”, um Chemical Valley entre Oberursel e a região da serra de Oden. Espeluncas até então desconhecidas prosperaram de um dia para o outro e tornaram-se empresas influentes. Em 1925, as grandes fábricas químicas fundiram-se nas indústrias Farben, uma das mais poderosas corporações do mundo, com sede em Frankfurt. Sobretudo os opiatos eram ainda uma especialidade alemã. Em 1926, o país estava entre os maiores produtores de morfina e era o campeão de exportação de heroína: 98% da produção ia para o exterior.^[7] Entre 1925 e 1930, foram fabricadas 91 toneladas de morfina, 40% da produção mundial.^[8] Apenas sob ressalva e por pressão do Tratado de Versalhes, a Alemanha assinou o Acordo do Ópio da Sociedade das Nações, que regulou seu trânsito. E só em 1925, em Berlim, esse acordo foi ratificado. A indústria de alcaloides alemã chegou a refinar, em 1928, quase 200 toneladas de ópio.^[9]

Os alemães lideravam também em outra categoria de substâncias: as firmas Merck, Boehringer e Knoll dominavam 80% do mercado mundial de cocaína. Sobretudo a cocaína da Merck, de Darmstadt, era tida no mundo inteiro como mercadoria de ponta, fazendo com que piratas na

China reproduzissem as etiquetas da Merck milhões de vezes.^[10] No caso da cocaína bruta, Hamburgo atuava como principal estação de transbordo na Europa: milhares de quilogramas eram importados ano após ano legalmente através do seu porto. Dessa forma, o Peru, por exemplo, transportava sua produção total de cocaína bruta – mais de 5 toneladas anuais – quase que exclusivamente para a Alemanha, para posterior processamento. O “grupo especializado em ópio e cocaína”, o mais influente representante de interesses, ao qual os fabricantes de drogas alemães haviam se associado, trabalhava incansavelmente pelo estreito entrelaçamento entre governo e indústria química. Dois cartéis, cada um composto por um punhado de empresas, dividiam entre si, segundo um acordo, o lucrativo mercado no “mundo inteiro”:^[11] a chamada convenção da cocaína e a convenção do opiato. A Merck atuava como líder nos dois casos.^[12] A jovem república nadava em substâncias transformadoras da consciência e causadoras de delírio, entregava heroína e cocaína aos quatro cantos da Terra e ascendia à condição de traficante global.

1920: os anos químicos

Essa evolução científica e econômica encontrou seu equivalente também no espírito da época. Paraísos artificiais estavam em voga na República de Weimar. Preferia-se fugir para mundos fictícios a confrontar-se com uma realidade frequentemente menos cor-de-rosa – um fenômeno que decididamente definiu essa primeira democracia sobre o solo alemão, tanto de forma política como cultural. Não se queria admitir os verdadeiros motivos da derrota na guerra, reprimindo a corresponsabilidade do *establishment* imperial e nacionalista no fiasco da guerra. Corria a mal-intencionada lenda da punhalada: a de que o Exército alemão não vencera o conflito pois teria sido sabotado no próprio país pela esquerda.^[13]

Essas tendências escapistas frequentemente se traduziam como ódio puro ou excesso cultural. Não apenas no romance *Berlim Alexanderplatz*, de Döblin, Berlim era

considerada a prostituta Babilônia, com o submundo mais miserável de todas as cidades, procurando sua salvação na pior devassidão imaginável – e da qual faziam parte as drogas. “A vida noturna de Berlim, ah, o mundo nunca viu igual! Antes tínhamos um exército fantástico, agora temos perversidades fantásticas!”, escreveu o autor Klaus Mann.^[14] A cidade à beira do Spree tornou-se sinônimo de deformação moral, e, quando o valor da moeda despencou devido à emissão excessiva de dinheiro para a liquidação das dívidas estatais e impressionantes 4,2 trilhões de marcos valiam 1 dólar americano, todos os valores morais pareceram desmoronar junto.

Tudo girava confusamente num delírio toxicológico. Ícone da época, a atriz e dançarina Anita Berber, já no café da manhã, mergulhava pétalas de rosa branca num coquetel de clorofórmio e éter, para depois lambê-las: *wake and bake*. Filmes sobre cocaína e morfina eram exibidos nos cinemas, e várias drogas estavam à venda nas esquinas, sem necessidade de receita. Quarenta por cento dos médicos berlinenses eram supostamente viciados em morfina.^[15] No bairro Friedrichstadt, comerciantes chineses do antigo protetorado de Kiautschou mantinham locais para consumo de ópio. Estabelecimentos noturnos ilegais eram abertos em quartos dos fundos no centro. Traficantes distribuíam folhetos na estação de Anhalt, chamando para festas ilegais e “noites de beleza”. Grandes clubes como a famosa casa Vaterland, na Potsdamer Platz; a Ballhaus Resi, na

Blumenstraße, temida por sua promiscuidade desenfreada; ou pequenos estabelecimentos como o bar Kakadu ou o Weiße Maus, que entregavam máscaras na entrada para garantir o anonimato, atraíam aos montes fregueses em busca de diversão. Vinda dos países vizinhos a oeste e dos EUA, instituiu-se uma primeira forma do turismo de entretenimento e de drogas – pois tudo em Berlim era emocionante e barato.

Com a Guerra Mundial perdida, tudo era permitido: a metrópole transformou-se na capital experimental da Europa. Cartazes colados nos muros das casas alertavam, em vistosas letras expressionistas: “Berlim, obedeça, tenha consciência, seu dançarino é a morte!”. A polícia não interferia mais; no início, a ordem era desrespeitada esporadicamente, depois passou a sê-lo de forma crônica; e a cultura do entretenimento preenchia o vazio da melhor maneira possível, como ilustra uma canção popular daqueles tempos:

Antes era o álcool,
O monstro doce,
Que nos deixava canibalmente bem,
Mas agora está é caro.
E nós berlinenses nos agarramos
Então à cocaína e à morfina,
Pode trovejar e relampejar lá fora
Nós cheiramos e injetamos! [...]

O garçom no restaurante traz
Com prazer a latinha de coca,
Então vivemos por algumas horas
Sob uma estrela melhor;
A morfina age (sob a pele)
Logo no órgão central,
Para aquecer os espíritos
Nós cheiramos e injetamos!

Os remedinhos são proibidos
Pela lei de cima,
Mas o que não se consegue oficialmente
É hoje contrabandeado.
Assim chegamos facilmente à euforia
E quando somos depenados,
Como a boa galinha,
Pelos inimigos malvados,
Nós cheiramos e injetamos!

E quando as injeções levam ao hospício
E se cheira até a morte,
Oh, o que importa
Nesta época mundial!
Um hospício é, em todo caso,
A Europa, e para o paraíso
Qualquer um quer hoje escorregar
Cheirando e injetando!^[16]

Em 1928, só em Berlim 73 kg de morfina e heroína foram negociados de forma totalmente legal, com receita, no balcão das farmácias.^[17] Aqueles que tinham os meios consumiam cocaína, a melhor arma para intensificar o momento. A coca espalhou-se por toda parte, simbolizando os tempos desregrados. Por outro lado, na condição de “veneno da degeneração”, era desaprovada tanto por comunistas como por nazistas, que disputavam nas ruas o poder. Aumentavam as reações contrárias àquele tempo permissivo. Nacionalistas praguejavam contra o “declínio dos costumes”, mas também do lado conservador ouviam-se tais ataques. Mesmo quando se registrava orgulhosamente a ascensão de Berlim como metrópole cultural, era exatamente a burguesia, perdendo prestígio nos anos 1920, que mostrava sua insegurança, condenando radicalmente a cultura ocidental de entretenimento e de massa, considerada decadente.

Os nacional-socialistas indispunham-se da pior maneira contra a busca farmacológica de salvação de Weimar. Sua recusa clara ao sistema parlamentarista, seu desprezo pela democracia em si, assim como pela cultura urbana de uma sociedade em processo de abertura, expressavam-se nos slogans comuns das reuniões habituais contra as condições supostamente degradantes da odiada “república dos judeus”.

Os nazistas tinham à mão sua própria receita para o restabelecimento da saúde do povo e prometiam salvação ideológica. Para eles poderia haver apenas um delírio legitimado, o delírio da suástica. Pois também o nacional-

socialismo aspirava a condições transcendentais: o mundo nacional-socialista de ilusões, para o qual os alemães deveriam ser atraídos, empregava desde o início técnicas de êxtase para sua mobilização. Decisões histórico-universais, como já se lia em *Mein Kampf* [Minha luta], o exaltado livro de Hitler, deveriam ser forçadas durante o estado de animação extática ou de histeria. O NSDAP^[*] seduzia, por um lado, com argumentos populistas, e, por outro, por meio de desfiles com tochas, consagração da bandeira, manifestações enlevadas e discursos públicos que tinham como objetivo alcançar um estado de delírio coletivo. Somam-se as “orgias de violência” da SA, a *Sturmabteilung*, nos chamados tempos de luta, frequentemente incitados pelo abuso de álcool.^[*] A *Realpolitik* era menosprezada como um comércio de gado nada heroico: uma espécie de estado social delirante deveria substituir a política.^[18] Se a República de Weimar puder ser vista psicológica e historicamente como uma sociedade de reprimidos, seus supostos antagonistas – os nacional-socialistas – eram a ponta de lança dessa corrente. Eles odiavam as drogas, pois queriam eles mesmos agir como elas.

Mudança de governo significa mudança de substâncias

“... enquanto o Führer abstinente silenciava”.[19]

Günter Grass

O círculo mais próximo de Hitler conseguiu, já durante a época de Weimar, instituir a imagem de um homem que trabalha incessantemente e que coloca sua existência totalmente a serviço de “seu” povo. Uma figura de liderança inatingível, incumbida única e exclusivamente da tarefa hercúlea de controlar as contradições e os problemas sociais e aplacar as consequências negativas da Guerra Mundial perdida. Um companheiro de Hitler relatou em 1930: “Ele é apenas gênio e corpo. E penitencia o corpo de uma forma que dá pena a qualquer um! Ele não fuma, não bebe, come quase que exclusivamente coisas verdes e não toca em

nenhuma mulher”.[20] Nem café Hitler se permitia. Depois da Primeira Guerra Mundial, ele teria jogado seu último maço de cigarros no Donau, perto de Linz; desde então nenhum veneno entraria mais em seu corpo.

“Diga-se de passagem que nós, abstinentes, temos um motivo especial para agradecer ao nosso Führer, se pensarmos que seu estilo de vida pessoal e sua posição a respeito das drogas podem ser um exemplo para todos”, lia-se numa nota da Associação de Abstinentes.[21] O chanceler do Reich: um homem supostamente puro, avesso a todos os prazeres mundanos, sem vida particular. Uma existência pretensamente marcada por renúncias e sacrifícios permanentes. Um exemplo de vida completamente saudável. O mito do inimigo das drogas e do abstinente Hitler, que punha de lado as próprias necessidades, era um componente essencial da ideologia nacional-socialista e foi sempre encenado pela mídia. Criou-se um mito que se fixou tanto na opinião pública como também entre pensadores críticos e que ecoa até hoje. Um mito que deve ser derrubado.

Com sua ascensão ao poder em 30 de janeiro de 1933, os nacional-socialistas sufocaram, em pouco tempo, a exaltada cultura do divertimento da República de Weimar, com toda a sua abertura e ambivalência. Drogas tornaram-se tabu, pois permitiam outras irrealidades além das nacional-socialistas. Num sistema em que apenas o Führer deveria atrair, não havia mais lugar para “venenos de sedução”.[22] O caminho seguido pelos dirigentes no seu chamado combate às drogas

encontrava-se menos na intensificação da Lei do Ópio, que fora simplesmente encampada da época de Weimar,^[23] do que em vários novos decretos que serviriam à ideia central nacional-socialista de “higiene de raças”. Ao conceito de “droga” – que antes significara, de forma neutra, “partes de plantas secas”[*] – foram atribuídos valores negativos, seu consumo passou a ser estigmatizado e, com a ajuda dos departamentos da Polícia Criminal – rapidamente ampliados –, punido da forma mais dura.

A nova ênfase foi instituída já em novembro de 1933, quando o Reichstag, ocupado pelos nazistas, aprovou uma lei que possibilitava o internamento compulsório de viciados por até dois anos em sanatórios fechados, e a permanência podia ser prolongada, de forma ilimitada, por decisão judicial.^[24] Outras medidas previam que médicos consumidores de drogas deveriam ser proibidos de exercer a profissão por até cinco anos. O sigilo médico foi considerado suspenso em relação ao registro de consumidores de substâncias ilegais. O presidente da Ordem dos Médicos de Berlim ordenou que todo médico deveria fazer uma “comunicação sobre drogas”, assim que um paciente recebesse um anestésico por mais de três semanas, pois “a segurança pública está ameaçada em quase todos os casos de abuso de alcaloide”.^[25] Ao chegar a comunicação, dois peritos examinavam a referida pessoa. Quando consideravam seu fator hereditário “satisfatório”, determinavam uma repentina desintoxicação forçada. Enquanto durante a

República de Weimar priorizava-se uma desintoxicação vagarosa e branda, a partir de então, para efeitos intimidatórios, os dependentes deveriam ser submetidos aos sofrimentos da desintoxicação.^[26] Se a avaliação do fator hereditário resultava negativa, um tribunal podia ordenar hospitalização por tempo indeterminado. Logo consumidores de drogas foram parar também em campos de concentração.^[27]

- <u>Zentralkartei</u> -		
<u>Nummernreiter bedeuten:</u>		
1 Händler [inländische]	10 Betrüger u. Etikettfälscher	19 Händler [internationale]
2 Verbraucher	11 Suchtgefährdete	20 Dikodidsüchtige
3 Kokainsüchtige	12 Ärzte [allgemein]	21 Kriegsbeschädigte
4 Sonstige Süchtige	13 Apotheker [allgemein]	22 Künstler
5 Rezeptfälscher	14 Apotheker [Verstoße ges. d. VVO]	23 Heil- u. Pflegepersonal
6 Rezeptdiebe	15 Dolantinsüchtige	24
7 Btm.-Diebe u. Einbrecher	16 Pervitinsüchtige	25 Berufsuntersagung
8 Pantoponsüchtige	17 Opiumsüchtige	26 Eukodalsüchtige
9 Ärzte [Vielverschreiber]	18 Morphiumsüchtige	27
<u>Farbige Reiter bedeuten:</u>		28 Selbstmörder
<u>Lila:</u> Juden <u>Rot:</u> Zur Entziehungskur Untergebrachte		
<u>Gelb:</u> Berliner Täter aus den Jahren 1927-36 <u>Grün:</u> Nach 1931 Süchtiggewordene		
<u>Schwarz:</u> In polizeiliche Vorbeugungshaft genommene Täter <u>Blau:</u>		

A ficha de registro da central do Reich para o combate de delitos relacionados a drogas podia decidir sobre a vida e a morte.^[28]

Além disso, todo alemão era intimado a “participar observações sobre parentes e conhecidos que sofrem da dependência de drogas, para que assistência seja dada imediatamente”.^[29] Eram criadas fichas para possibilitar um registro sem falhas. Assim os nazistas instrumentalizaram, bem cedo, a sua luta contra as drogas também para a ampliação de um Estado de denunciadores. Em todos os cantos do Reich, a ditadura executava a chamada gestão da saúde: a totalidade dos distritos regionais contava com um “grupo de trabalho para o combate às drogas”. Ali atuavam médicos, farmacêuticos, representantes de seguros sociais, da Justiça, do Exército e da Polícia, assim como do bem-estar público – e teciam uma perfeita rede antidrogas, cujos fios afluíam para Berlim, no Departamento Central II da Comissão do Reich para Saúde Pública. Postulou-se um “dever para a saúde”, voltado para a “contenção total de todos os comprovados danos de natureza física, psicológica e social surgidos pelo abuso de substâncias venenosas estranhas, assim como de álcool e tabaco”. Propagandas de cigarro foram fortemente restringidas, e proibições de drogas deviam “barricar as últimas brechas de ideais de vida internacionais ainda existentes no nosso povo”.^[30]

No outono de 1935, a Lei de Saúde Conjugal proibiu o casamento de qualquer pretendente que sofresse de alguma “perturbação psicológica”. Viciados em anestésicos

enquadravam-se automaticamente nessa categoria e eram estigmatizados como “personalidades psicopatas” – e sem perspectiva de cura. Essa proibição do casamento devia impedir um “contágio do parceiro, bem como o potencial vício hereditário” dos filhos, pois teria sido encontrado, “no caso de descendentes de viciados em droga, um número alto de anormalidades psíquicas”.^[31] A Lei para Prevenção de Doenças Hereditárias assumiu a consequência cruel da esterilização forçada: “Por motivos da higiene de raças, precisamos cuidar para que viciados sejam impedidos de procriar.”^[32]

A situação se tornaria ainda mais grave. Sob o disfarce da eutanásia, empregado de forma propagandística, “doentes mentais criminosos” – dos quais também faziam parte pessoas que consumiam drogas – foram assassinados nos primeiros anos da Guerra. É impossível recuperar o número exato.^[33] Seus destinos eram determinados pela avaliação registrada na ficha individual: um sinal de mais significava a injeção fatal ou a câmara de gás, um sinal de menos indicava novo adiamento. Caso fosse empregada uma overdose fatal de morfina, esta vinha às vezes da Central do Reich para o Combate de Delitos Relacionados às Drogas, que teve sua origem na Repartição de Drogas de Berlim, em 1936, na condição de primeira entidade policial contra drogas. Entre os médicos que faziam a seleção predominava uma “superioridade delirante”.^[34] A política antidrogas servia,

desta forma, como meio de exclusão e repressão, bem como para a eliminação de grupos marginais e de minorias.

Política antidrogas como política antisemita

“O judeu tentou, com os métodos mais requintados, envenenar o espírito e a alma do homem alemão e conduzir seu pensamento para um caminho antigermânico, que certamente levaria para a deterioração. [...] É uma obrigação da gestão da saúde remover completamente do corpo do povo esta infecção judia, que pode levar a uma doença popular e à extinção do povo.”^[35]

Jornal dos Médicos de Niedersachsen, 1939

A terminologia racista do nacional-socialismo foi, desde o início, marcada por metáforas de infecção e veneno e pelo *tópos* de toxicidade. Judeus eram equiparados a bacilos e micróbios, tratados como substâncias estranhas que envenenavam o Reich e adoeciam o saudável organismo social, sendo necessário eliminá-los ou exterminá-los.

Hitler anunciou: “Não dá mais para entrar em acordo, pois isso seria um veneno para nós”.^[36]

De fato o veneno estava na linguagem que primeiramente desumanizou os judeus, como fase preliminar de seu extermínio. As Leis Raciais de Nuremberg, de 1935, e a introdução do passaporte de ascendência manifestavam a exigência de pureza do sangue – que seria um dos maiores bens a ser protegidos. Assim surgiu um ponto de intersecção entre a incitação antissemita e a política antidrogas. Nesse caso, não é a dose que determina o veneno, mas a categoria da estranheza, como dizia uma frase sem valor científico e ao mesmo tempo central do livro *Magische gifte* [Venenos mágicos], usado na época frequentemente como manual: “Os meios de embriaguez estranhos à nação e à raça são os que ostentam sempre o maior efeito tóxico”.^[37] Judeus e drogas fundiam-se numa unidade tóxica e infecciosa que ameaçava a Alemanha: “Há décadas o lado marxista-judaico levou nosso povo a acreditar: ‘Seu corpo lhe pertence’. A partir daí entendia-se que, no convívio entre homens ou entre homens e mulheres, toda e qualquer quantidade de álcool poderia ser apreciada, mesmo à custa da saúde do corpo. Em contraponto a essa perspectiva marxista-judaica, de forma incompatível, está a perspectiva germânico-alemã, segundo a qual somos portadores do genótipo eterno dos ascendentes e, portanto, nosso corpo pertence à espécie e ao povo”.^[38]

Erwin Kosmehl, *Hauptsturmführer*^[*], comissário de polícia e, a partir de 1941, diretor da Central do Reich para o Combate de Delitos Relacionado às Drogas, estava alinhado a essa diretriz ao afirmar que, no comércio internacional de drogas, “os judeus ocupam uma posição extraordinária”. Seu trabalho consistiria em “neutralizar os criminosos internacionais, que frequentemente tinham suas raízes no judaísmo”.^[39] O Departamento de Polícia Racial do NSDAP defendia que o caráter judaico seria em si dependente de drogas: o judeu intelectual de cidades grandes preferiria a cocaína ou a morfina para tranquilizar seus “nervos sempre excitados” e lhe dar uma sensação de segurança interior. Havia boatos de que “o morfinismo [...] era excepcionalmente frequente” entre médicos judeus.^[40]

No livro infantil *Der giftpilz* [O cogumelo venenoso]^[41], os nacional-socialistas uniam suas imagens de inimigos, a droga e o judeu, em uma propaganda higienista-racial, divulgada nas escolas e nos jardins da infância do Reich. A história era exemplar e a mensagem, evidente: os perigosos cogumelos venenosos tinham que ser excluídos.





„Wie die Giftpilze oft schwer von den guten Pilzen zu unterscheiden sind,
so ist es oft sehr schwer, die Juden als Gauner und Verbrecher zu erkennen . . .“

Uma mistura de combate às drogas e antissemitismo, mesmo em livros infantis: “Assim como às vezes é difícil diferenciar os cogumelos venenosos dos bons cogumelos, às vezes é muito difícil reconhecer os judeus como trapaceiros e criminosos...”

Como as estratégias de seleção no combate às drogas dirigiam-se contra um estranho considerado ameaçador para eliminar tudo que não correspondesse ao ideal social, elas automaticamente conotavam, no nacional-socialismo, o antissemitismo. Quem consumia drogas sofria de uma “epidemia do exterior”.^[42] Comerciantes de drogas eram apresentados como inescrupulosos, cobiçosos e não arianos; o consumo de drogas, como algo “de raças inferiores”; e a chamada criminalidade gerada por entorpecentes, como uma das maiores ameaças para a sociedade.

É assustador como alguns desses conceitos soam, ainda hoje, familiares. Enquanto eliminamos vários palavrões nacional-socialistas, a terminologia do combate às drogas está entranhada em nossa carne, sangue e psique. Hoje não se trata mais do judeu contra o alemão – os traficantes perigosos são atribuídos agora a outros grupos culturais. E a questão política mais importante – nossos corpos pertencem a nós ou a um entrelaçado de interesses político-sociais ou político-sanitários? – é ainda virulenta.

O médico proeminente da Kurfürstendamm

Durante uma noite de 1933, a inscrição *JUDE* (judeu) foi pichada na placa de um consultório da Bayreuther Straße, em Charlottenburg, Berlim. No dia seguinte, o nome do médico, especialista em doenças venéreas e de pele, estava ilegível; apenas o horário de atendimento se mantinha: nos dias úteis, das 11h às 13h e das 17h às 19h, além dos sábados à tarde. O dr. Theodor Morell, um médico pesado e careca, reagiu ao ataque de forma típica e deplorável:^[43] ingressou rapidamente no NSDAP, para evitar futuras hostilidades do mesmo tipo. Morell não era judeu, porém, devido à sua pele morena, a SA suspeitara dele por engano.

Depois de se registrar como membro do partido, o consultório de Morell logo passou a funcionar melhor do que nunca. Ele cresceu, mudando-se para espaços privilegiados de um prédio do *Gründerzeit*^[*], na esquina da

Kurfürstendamm com a Fasanenstraße. Quem colaborava lucrava – para Morell, a lição não seria esquecida até o final. Naquela época, o gorducho de Hessen não tinha relação com a política. Sentia-se recompensado quando um paciente melhorava depois de um tratamento, pagava os honorários e retornava o quanto antes. Para garantir esse fluxo, Morell desenvolveu ao longo dos anos algumas estratégias que lhe traziam vantagens perante a outros médicos da Kurfürstendamm, com quem disputava a abastada clientela. Seu elegante consultório particular, de fato, logo se tornou um dos mais lucrativos no oeste da cidade. Equipado com os mais modernos aparelhos de raios x de alta frequência, diatermia, banhos galvânicos, aparelhos de irradiação – de início, tudo adquirido da fortuna de sua mulher, Hanni –, o consultório de Morell, outrora médico de bordo nos trópicos, passou a ser frequentado pelos famosos da capital do Reich. O boxeador Max Schmeling ou a parceira do ator Hans Albers, a atriz Marianne Hoppe, vários condes e embaixadores, esportistas bem-sucedidos, mandachuvas da economia, corifeus da ciência, políticos e meio mundo do cinema: todos peregrinavam em direção a Morell, que se especializara em novos métodos de tratamento ou, como algumas línguas maldosas afirmavam, no tratamento de doenças inexistentes.

Havia de fato um campo no qual esse médico da moda, tão egocêntrico quanto astuto, era tido como pioneiro: o das vitaminas. Sabia-se ainda pouco na época sobre essas

auxiliares invisíveis, que o corpo não conseguia produzir por si, mas das quais precisava urgentemente para determinados processos metabólicos. Por essa razão, quando injetados diretamente no sangue, os suplementos vitamínicos tinham resultados milagrosos em casos de insuficiência. Essa era a estratégia de Morell para segurar seus pacientes; no caso de as vitaminas não serem suficientes, ele logo acrescentava às injeções estimulantes para a circulação – para os homens, talvez testosterona com efeito anabólico para o desenvolvimento muscular e a potência; para as mulheres, um extrato de beladona como energético e um belo olhar hipnótico. Quando uma atriz de teatro melancólica o procurava a fim de afugentar o nervosismo de antes da estreia no Admiralspalast, Morell não hesitava em pegar a seringa com suas mãos peludas; supostamente, ele dominava como ninguém a arte de injetar. Circulavam boatos de que seria impossível sentir suas picadas, apesar do tamanho dos instrumentos na época.

O sucesso cruzou as fronteiras da cidade, e, na primavera de 1936, seu telefone tocou no consultório, mesmo tendo ele proibido categoricamente sua recepcionista de incomodá-lo durante as consultas. Mas não era um telefonema comum. Era da “Casa Parda”, a central do partido em Munique: na linha estava alguém de nome Schaub, que se apresentou como ajudante de Hitler e o informou de que Heinrich Hoffmann, “repórter fotográfico do NSDAP”, sofria de uma doença delicada. O partido desejava que Morell, como médico

proeminente, conhecido por sua discrição e especialista em doenças venéreas, tratasse da coisa. Por discrição, consultar um médico de Munique não vinha ao caso. Schaub acrescentou, de forma fatídica, que o Führer tinha reservado pessoalmente para ele um avião na base aérea de Gatow.

Apesar de não suportar surpresas, Morell não podia recusar um convite desse. Quando chegou a Munique, hospedou-se à custa do Estado no luxuoso Regina Palast Hotel, curou a pielite resultante de uma blenorragia diagnosticada em Hoffmann, conhecida coloquialmente como gonorreia, e em agradecimento foi convidado pelo influente paciente para a convalescença em Veneza, juntamente com a esposa.

De volta a Munique, os Hoffmann deram um jantar em sua mansão no elegante bairro de Bogenhausen. Havia espaguete com noz-moscada, molho de tomate à parte e salada verde – o prato predileto de Adolf Hitler, convidado frequente na casa de Hoffmann. Essa ligação íntima remontava aos anos 1920, quando Hoffmann colaborou consideravelmente, por meio de suas produções fotográficas, com o culto ao Führer e a ascensão do nacional-socialismo. O repórter fotográfico detinha os direitos autorais sobre importantes fotografias do ditador e publicava muitos livros com títulos do tipo *Hitler, como ninguém o conhece* ou *Um povo homenageia seu Führer*, vendendo milhões de cópias. Também havia outro motivo, mais pessoal, que unia os dois homens: a amante de Hitler, Eva Braun, trabalhara antes como

assistente de Hoffmann e ele a apresentara ao líder nazista, em 1929, na sua loja de fotos em Munique.

Hitler, que ouvira de Hoffmann muita coisa boa sobre o jovial Morell, agradeceu-lhe antes do jantar pela cura de seu velho camarada e lamentou não ter encontrado o médico no passado, pois talvez assim seu motorista Julius Schreck, que morrera de meningite alguns meses antes, ainda estaria vivo. Morell reagiu nervosamente aos cumprimentos e mal soltou uma palavra durante a refeição. O médico, sempre suado, de rosto cheio e com óculos redondos e grossos sobre o nariz abatado, sabia que não era socialmente aceito nos círculos mais altos. Sua única chance de reconhecimento eram suas injeções, e prestou atenção quando Hitler, ao longo do jantar, por acaso reclamou de problemas estomacais e intestinais que o torturavam havia anos. Morell mencionou rapidamente um tratamento incomum que poderia ser bem-sucedido. Hitler olhou com atenção para ele e convidou-o, com a mulher, para outras consultas em Berghof, seu domicílio em Obersalzberg, perto de Berchtesgaden.

Lá, numa conversa particular alguns dias depois, o ditador admitiu abertamente para Morell estar com a saúde tão abalada que mal conseguia trabalhar. A seu ver, isso se devia a tratamentos errados indicados pelos médicos anteriores, aos quais não ocorria outra coisa além de fazê-lo passar fome. Disse ainda que quando havia um jantar mais substancial planejado, o que acontecia com frequência, ele infelizmente sofria de gases indescritíveis, além de eczemas

que coçavam nas duas pernas, obrigando-o a andar com ataduras e a dispensar as botas.

Morell acreditou reconhecer a causa das dores de Hitler e diagnosticou uma flora bacteriana singular, que provocava problemas no processo de digestão. Ele recomendou o preparado Mutaflor, desenvolvido por seu amigo de Freiburg, o médico e bacteriologista professor Alfred Nissle: cepas da bactéria da flora intestinal de um sargento – que, diferentemente de seus camaradas, escapara da Guerra nos Bálcãs sem dores intestinais –, isoladas originalmente em 1917. As bactérias estão vivas, em cápsulas, fixam-se no intestino, cobrem-no e substituem todas as outras cepas que provavelmente causam as dores.^[44] O plano, de fato, logrou no caso de Hitler, para quem supostamente até ocorrências dentro do corpo representavam uma luta por espaço vital. De forma efusiva, ele prometeu dar a Morell uma casa de presente se Mutaflor o curasse e nomeou o gordo doutor seu médico particular.

Quando Morell contou à mulher sobre a convocação, Hanni reagiu de forma pouco animada. Referindo-se ao consultório bem-sucedido na Kurfürstendamm, afirmava que não precisavam disso. Provavelmente ela já suspeitava que, no futuro, veria pouco seu marido, pois entre Hitler e seu médico particular iniciava-se uma relação absolutamente singular.

Coquetel de injeções para o paciente A

“Ele, sozinho, é o inexplicável,
o segredo e o mito de nosso povo.”^[45]

Joseph Goebbels

O ditador sempre evitava ser tocado por outras pessoas e recusava de maneira categórica exames médicos que averiguassem as causas de seus problemas. Nunca conseguira confiar em um especialista que soubesse mais sobre ele do que ele próprio. Desde o início, entretanto, o bom e velho médico de família Morell, com seu jeito inofensivo e sossegado, passava-lhe um sentimento de segurança. Morell não tinha a menor intenção de pressionar Hitler para descobrir eventuais motivos ocultos de seus problemas de saúde. A penetração da agulha bastava-lhe, substituindo o procedimento médico sério; se o chefe de

Estado tinha que funcionar e exigia estar livre de dor por algum tempo em meio a tantos transtornos de saúde, Morell não hesitava nem no caso de Hitler nem tampouco no de uma atriz do Metropol-Theater, e preparava uma solução da Merck com 20% de glicose ou uma injeção de vitaminas. Eliminar imediatamente os sintomas era o lema, apreciado tanto pela boemia berlinense quanto pelo “paciente A”, como Morell chamava o novo cliente.

Hitler impressionou-se com a rapidez com que seu estado de saúde começou a melhorar – em geral ainda com a agulha enfiada na veia. O argumento de seu médico particular convenceu-o: o consumo de energia do Führer, com suas diversas tarefas, era tão alto que não se podia esperar até que uma substância administrada por via oral chegasse ao sangue pelo (já prejudicado) aparelho digestivo. Hitler compreendeu: “Morell quer me dar hoje, de novo, uma grande injeção de iodo, assim como uma para o coração, para o fígado, uma de cálcio e uma de vitamina. Ele aprendeu nos trópicos que o remédio deve ser injetado nas veias”.^[46]

Visto que o governante extremamente ocupado temia estar limitado na sua capacidade de ação e não dar conta das tarefas, além de acreditar que não tinha condições de cancelar compromissos por questões de saúde, já que ninguém seria capaz de assumi-los, esses métodos de tratamento pouco convencionais ganharam rapidamente importância a partir de 1937. Várias injeções ao dia logo

deixaram de ser exceção. Hitler acostumou-se com as repetidas picadas e com o consequente fluir misterioso de uma substância supostamente potente nas suas veias. A cada vez ele se sentia momentaneamente melhor depois do procedimento. A agulha fina de aço inoxidável, que penetrava a pele e levava a uma “recuperação imediata”, correspondia à sua natureza: a situação exigia permanentemente vigor moral, vitalidade física e determinação empreendedora. Inibições neuróticas ou psicológicas eram para ser desligadas como num premir de um botão, e ele devia se manter sempre revigorado.

Logo seu novo médico particular não podia mais sair do seu lado e os temores de Hanni Morell confirmavam-se: seu marido não tinha mais tempo para o consultório berlinense. Precisaram arranjar um substituto na Kurfürstendamm, e mais tarde Morell afirmou, oscilando entre orgulho e fatalismo, que ele foi a única pessoa que, desde 1936, viu Hitler todos os dias ou ao menos a cada dois dias.

Antes de todo grande discurso, o chanceler do Reich permitia-se uma “injeção de energia” para funcionar da melhor maneira possível. O risco de resfriados, que poderiam impedir suas aparições públicas, era eliminado por meio de um suplemento vitamínico intravenoso. Na “saudação alemã”, para manter o braço esticado para cima o maior tempo possível, Hitler treinava com elásticos extensores e alimentava o corpo com glicose e vitaminas. A glicose ministrada intravenosamente produzia, depois de

vinte segundos, um surto de energia no cérebro, enquanto as vitaminas combinadas deixavam Hitler, trajando o leve uniforme da SA, passar sua tropa ou seu povo em revista mesmo nos dias mais frios sem dar sinais de fraqueza física. Em 1938, antes de um discurso em Innsbruck, quando Hitler ficou rouco de repente, Morell consertou rapidamente o inconveniente com uma injeção.

Também os problemas digestivos melhoraram no início. Estava na hora de dar ao médico particular a casa prometida, localizada na nobre ilha de Schwanenwerder, no Havel, vizinha do ministro da Propaganda, Goebbels. A imponente mansão não era, na verdade, um presente completo: os próprios Morell precisaram comprar aquela propriedade cercada por um portão de ferro trabalhado à mão, na Inselstraße 24-26,^[*] por 338 mil marcos do Reich (RM), mas receberam de Hitler um empréstimo sem juros de 200 mil RM, que seriam descontados mais tarde dos honorários médicos. O novo lar não trouxe apenas vantagens para o médico proeminente, que agora ascendia à primeira liga: Morell teve que contratar empregados e um jardineiro, fazendo com que seus custos subissem vertiginosamente, apesar de automaticamente não ganhar mais. Entretanto, não podia mais voltar atrás. Desfrutava sobremaneira do novo estilo de vida e da proximidade natural com o poder.

Também Hitler acostumou-se ao médico mais do que o esperado e rebatia as críticas ao homem corpulento, que muitos do tão disputado círculo do chanceler do Reich

consideravam repugnante: Morell não estava lá para ser cheirado, mas para mantê-lo saudável. Em 1938, para valorizar o cargo, nomeou como professor o antigo médico da moda, sem habilitação, a fim de dar-lhe um verniz de autoridade.

O corpo do povo com a droga do povo

Os primeiros anos sob tratamento com Morell foram um período extremamente bem-sucedido para Hitler, agora curado de suas cólicas intestinais, sempre vitaminado em altas doses, robusto e ágil. Sua aprovação junto à população aumentava continuamente, consequência direta de a economia alemã estar em crescimento. Independência econômica tornou-se um ponto de referência da política nazista: ela poderia garantir um alto nível de vida, mas também a futura capacidade militar. Os planos de expansão já estavam nas gavetas.

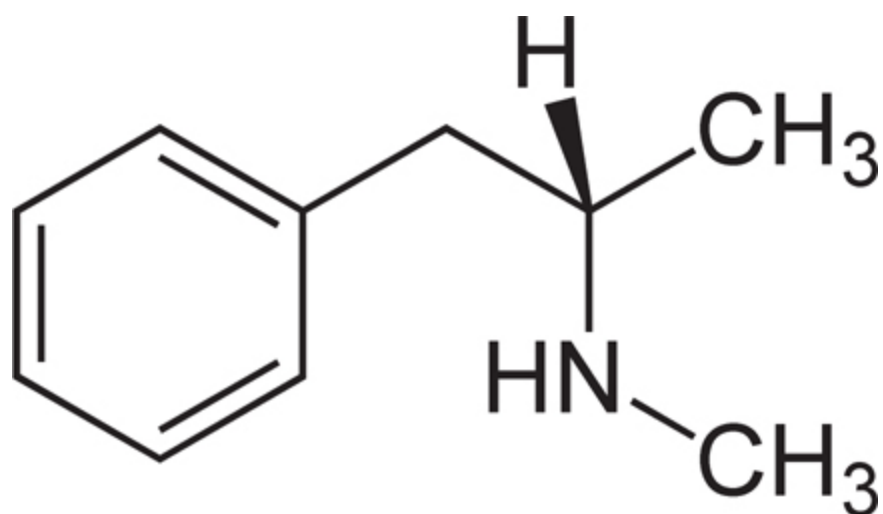
Como a Primeira Guerra Mundial já evidenciara que a Alemanha dispunha de pouca matéria-prima natural para um conflito armado com seus vizinhos, era preciso criar matéria-prima artificial: petróleo sintético fabricado à base de carvão assim como borracha sintética estavam no centro

da produção da IG Farben, que ganhou poder no Estado nacional-socialista e se consolidou como *global player*.^[47] Sua presidência autodenominava-se “conselho dos deuses”. Sob a égide de Goebbels, a economia foi conduzida em planos quadrienais, visando a tornar o Reich independente do exterior em relação a todos os materiais que poderiam ser produzidos na própria Alemanha. As drogas estavam naturalmente incluídas aí, pois, no que dizia respeito à sua fabricação, ninguém podia ensinar nada de novo aos alemães. Dessa forma, o combate às drogas conduzido pelos nazistas reduziu sensivelmente o consumo de morfina e cocaína, mas o desenvolvimento de estimulantes sintéticos foi incentivado e levou a um novo florescimento das firmas farmacêuticas. O número de empregados da Merck em Darmstadt, da Bayer na região do Reno ou da Boehringer em Ingelheim cresceu e os salários aumentaram.

Também na Temmler os sinais eram de expansão. O químico-chefe, dr. Fritz Hauschild,^[*] ficou sabendo que os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, haviam sido influenciados por uma substância chamada benzedrina, uma anfetamina de sucesso nos Estados Unidos – na época um remédio legal. A Temmler reuniu todos os recursos de desenvolvimento nesse sentido, pois a empresa estava convencida de que uma substância que aumentasse o rendimento combinava perfeitamente com aqueles tempos, nos quais tudo indicava mudança. Hauschild recorreu ao trabalho de pesquisadores japoneses, que haviam sintetizado

pela primeira vez, já em 1887, uma molécula extremamente estimulante chamada N-metanfetamina, cristalizando-a na forma pura em 1919.^[**] O estimulante foi desenvolvido a partir da efedrina, uma substância natural que abre os brônquios, ativa o coração e inibe o apetite. Na medicina popular da Europa, da América e da Ásia, a efedrina, como componente das plantas do gênero *Ephedra*, já era conhecida havia muito tempo, sendo empregada também no chamado chá dos mórmons.

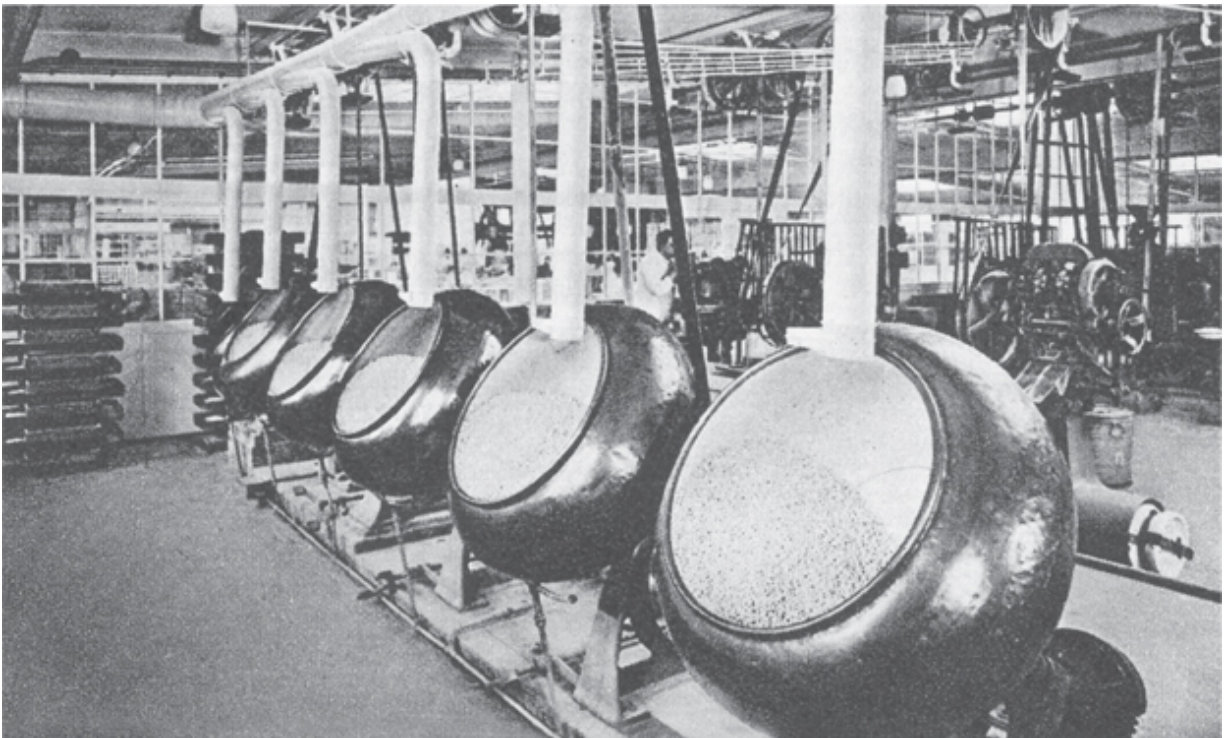
Hauschild aperfeiçoou o produto e descobriu, no outono de 1937, um novo processo de síntese para a metanfetamina.^[48] Logo depois, em 31 de outubro de 1937, as indústrias Temmler, com a primeira metilanfetamina alemã, registraram no Departamento de Patentes do Reich sua própria variante de remédio vitalizador, que em termos de potência ofuscava a benzedrina americana. O nome comercial: Pervitin.^[49]



A estrutura molecular da notável substância se parece com a adrenalina, e, devido à sua composição quase semelhante, pode atravessar a chamada barreira hematoencefálica. Diferentemente da adrenalina, porém, a metanfetamina não provoca aumento repentino da pressão, age de forma mais branda e seu efeito tem maior duração. Isso se dá porque a droga retira dos neurônios os transmissores dopamina e noradrenalina e os despeja nas fendas sinápticas. Dessa forma, os neurônios entram numa comunicação agitada, o que leva a uma espécie de reação em cadeia na cabeça. São como fogos de artifício neuronais, uma metralhadora bioquímica que dispara pensamentos ininterruptamente. A pessoa de repente se vê totalmente desperta e sente um aumento de energia; os sentidos ficam extremamente aguçados. Ela acredita estar mais viva, energizada da ponta dos cabelos aos dedos dos pés. A autoconfiança aumenta, percebem-se aceleração dos pensamentos, euforia, sentimento de leveza e vigor. Um estado de exceção, como no caso de uma ameaça súbita, quando o organismo mobiliza todas as forças – mesmo quando não há perigo algum. Uma sensação artificial.

A metanfetamina, entretanto, não despeja apenas os neurotransmissores nas fendas sinápticas, mas também bloqueia sua recuperação. Isso faz com que o efeito dure por um longo tempo, frequentemente mais de doze horas, o que pode, no caso de doses mais altas, lesionar as células nervosas, já que o abastecimento de energia intracelular é

afetado. Os neurônios como que superaquecem, o barulho na cabeça não para: como um rádio que não desliga. Células nervosas morrem para sempre, o que pode levar a distúrbios na fala, de atenção e concentração, a uma destruição generalizada do cérebro, afetando a memória, os sentimentos e o sistema de compensação. Se, terminado o efeito, falta ao consumidor o estimulante artificial, isso é sinal de reservas hormonais vazias, que só serão preenchidas em algumas semanas. Nesse intervalo há menos neurotransmissores à disposição: as consequências podem ser depressão, falta de estímulo, desânimo e distúrbios cognitivos.



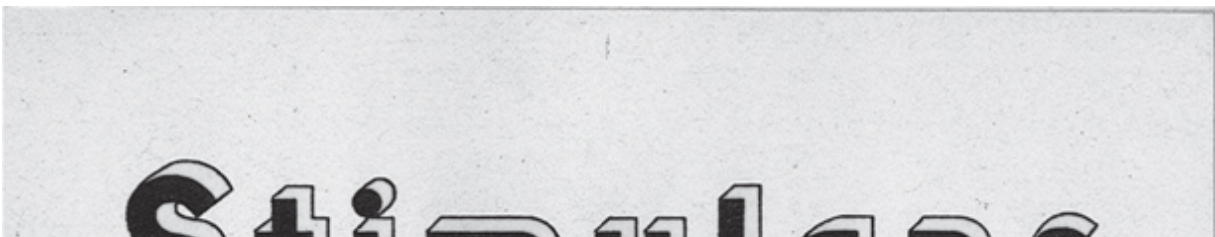
A sala de drageamento na Temmler.

Esses possíveis efeitos colaterais são hoje conhecidos, mas saber disso não era prioridade na Temmler, orgulhosa do novo produto. A empresa farejava, muito mais, um negócio bombástico e contratou a Mathes & Sohn, uma das agências de propaganda mais bem-sucedidas de Berlim, para fazer uma campanha inédita na Alemanha. O modelo era nada menos do que a Coca-Cola Company, que também comercializava um produto excitante e comemorava, com sua estratégia de anúncio em torno do slogan “gelada”, um sucesso enorme com seu líquido gasoso marrom.

Nas primeiras semanas e meses de 1938, quando o Pervitin iniciava sua marcha triunfal, apareceram cartazes nos postes, nas laterais exteriores dos bondes, nos ônibus e nas linhas de trem e de metrô de Berlim. De forma moderna e minimalista, eles mencionavam apenas o nome comercial e apontavam para suas indicações medicinais: distúrbios de circulação e falta de estímulo, depressão. Também se viam os tubinhos laranja-azulados, a embalagem característica com suas letras curvas. Ao mesmo tempo – um truque do ramo –, todos os médicos berlinenses receberam uma carta da Temmler, na qual se lia, sem rodeios, que o objetivo da empresa era convencer os médicos pessoalmente: afinal, qualquer um recomenda aquilo que lhe agradou. Com a carta vinham comprimidos com 3 mg de substância e cartão-resposta pré-franqueado: “Prezado doutor! Suas experiências com o Pervitin, mesmo as menos favoráveis, nos são valiosas para a definição das áreas de indicação. Por

isso ficaríamos gratos com uma mensagem neste cartão”.[50] Uma substância na fase de teste. Como o velho truque do traficante: a primeira dose é de graça.

Representantes das fábricas Temmler visitavam grandes consultórios, hospitais e clínicas universitárias por todo o país, davam palestras e distribuíam a nova droga da autoconfiança, o remédio do estímulo que prometia vivacidade. Na exposição da firma, “a alegria ressuscitada no caso de pessoas resignadas é uma das dádivas mais valiosas [...] que podem ser concedidas ao doente com o novo medicamento”. Mesmo “a frigidez das mulheres pode ser facilmente influenciada com comprimidos de Pervitin. A técnica de tratamento é simples: quatro meios comprimidos diários distantes das horas noturnas, dez dias no mês, ao longo de três meses. Serão atingidos resultados muito bons, por meio do fortalecimento da libido e da potência sexual da mulher”.[51] Além disso, lia-se na bula que o remédio compensava sintomas de abstinência de álcool, cocaína ou mesmo ópio. Ou seja, era uma espécie de “contradroga”, que deveria substituir todos os venenos, sobretudo os ilegais. O consumo *dessa* substância não foi punido; em contrapartida, a metanfetamina foi mal compreendida como um tipo de remédio universal.



STIMULANS

für

Psyche und Kreislauf



Depressionen
Hypotonie
Müdigkeit
Narkolepsie
postoperative
Rekonvaleszenz

Pervitin

1-Phenyl-2-methylamino-propan-hydrochlorid

T E M M L E R - W E R K E / B E R L I N

Cartaz anunciando a suposta panaceia.

Atribuía-se também à substância um componente estabilizador em relação ao sistema: “Pois vivemos numa época tensa, que exige resultados melhores e impõe obrigações maiores do que em qualquer época anterior”, escreveu o médico-chefe de um hospital. A pílula fabricada em laboratórios industriais e de qualidade constante deveria ajudar a combater a falta de produtividade e a melhorar a integração no mercado de trabalho de “farsantes, preguiçosos, desmancha-prazeres e resmungões”.[52] Um farmacologista de Tübingen, Felix Haffner, chegou a propor a prescrição do Pervitin como “norma máxima”, no caso do “último esforço para o todo”: uma espécie de “comando químico”.[53]

Para os alemães, entretanto, não era preciso ordenar a ingestão do remédio euforizante. A fome por alimento para o cérebro já existia. O consumo não vinha de um comando de cima para baixo, como se esperava numa ditadura, mas sim de baixo para cima.[54] O chamado “despertin” caiu como uma bomba, espalhou-se como um vírus, vendeu como pão quente e logo tornou-se tão natural quanto uma xícara de café. “O Pervitin virou uma sensação”, relatou um psicólogo. “Foi rapidamente bem recebido em amplos círculos; estudantes ingeriam o medicamento para suportar melhor o esforço dos exames, telefonistas e enfermeiras para aguentar os plantões, trabalhadores sob pressão corporal ou psicológica para alcançar melhor produtividade.”[55]

Secretárias que, com ele, datilografavam mais rapidamente, atores que se revigoravam antes de uma apresentação, escritores que aproveitavam o estimulante da metanfetamina para noites em claro junto à escrivaninha ou trabalhadores nas linhas de montagem das grandes fábricas, que, excitados, aumentavam a produção – o Pervitin espalhou-se por todas as camadas. Carregadores de móveis carregavam mais móveis, bombeiros apagavam o fogo mais rapidamente, cabeleireiras cortavam cabelo mais depressa, guardas noturnos não cochilavam mais, maquinistas conduziam suas locomotivas sem reclamar e motoristas de grandes distâncias disparavam sem pausas pelas rodovias construídas em tempo recorde. A soneca depois do almoço foi suspensa coletivamente. Médicos curavam a si mesmos, homens de negócio, que saíam de uma reunião para outra, revigoravam-se; homens do partido também o tomavam, assim como os da ss.^[56] O estresse diminuiu, o apetite sexual e a motivação aumentaram.

Um médico escreveu: “Ao experimentar em mim mesmo, também observei, física e psicologicamente, um aumento agradável de energia, obrigando-me a indicar Pervitin para colegas, trabalhadores manuais e intelectuais, sobretudo compatriotas temporariamente tensos de forma excessiva, também oradores, cantores (nervosos antes de entrarem em cena), examinandos. [...] Uma senhora gosta de usar a medicação (aproximadamente 2 x 2 comprimidos) antes das recepções sociais; outra, para se sair bem nos dias

particularmente cansativos (até 3 x 2 comprimidos diariamente)”.[57]

O Pervitin tornou-se o sintoma de uma sociedade que evoluía pela eficiência. Até mesmo uma pralina com acréscimo da droga chegou ao mercado. Para cada unidade de prazer eram acrescentados 14 mg de metanfetamina – quase cinco vezes mais do que uma pílula de Pervitin. “As pralinas Hildebrand sempre agradam” era o slogan daquela delícia energética: “O pequeno ajudante das mães”. Recomendava-se, sem restrições, o consumo de três a nove unidades, com a observação de que não havia riscos, diferentemente da cafeína.[58] O trabalho doméstico ficava mais fácil; além disso, até os quilos derretiam com o doce excepcional, já que o emagrecedor Pervitin inibia o apetite.

Um texto do dr. Fritz Hauschild, publicado no respeitado semanário médico *Klinische Wochenschrift*, também fazia parte da eficiente campanha, relatando o efeito extremamente excitante e estimulante do Pervitin, o aumento de energia, autoconfiança e determinação. Três meses depois a mesma revista publicou outro editorial de igual teor, com o título “Neue Spezialitäten”[59] [Novas especialidades]. As associações mentais ocorriam de forma mais rápida, e trabalhos físicos podiam ser realizados mais facilmente. Sua vasta utilidade na medicina, na cirurgia e na psiquiatria, parecia abranger extensas áreas de indicação e, ao mesmo tempo, incentivar novas questões científicas.

Como consequência, as universidades de todo o Reich debruçaram-se sobre essas questões. O início foi dado pelo professor Schoen, da Policlínica de Leipzig, que relatou uma “estimulação psíquica constante com horas de duração, o desaparecimento da necessidade de dormir e do cansaço e, no seu lugar, atividade, loquacidade e euforia”.^[60] O Pervitin entrou em voga no meio científico – talvez também porque, no começo, dava tanta satisfação tomá-lo. Experiências próprias eram de bom-tom: “Primeiramente relataremos sobre experiências pessoais, depois de repetidas ingestões de 3 a 5 comprimidos (9 a 15 mg) de Pervitin, a partir das quais nos orientamos em relação à questão dos efeitos psicológicos.”^{[*][61]} Vantagens afloravam cada vez mais. Eventuais efeitos colaterais ficavam em segundo plano. Os professores Lemmel e Hartwig, da Universidade de Königsberg, registraram o aguçamento da atenção e da capacidade de concentração e aconselharam: “Nestes tempos intensos de conflito e expansão, uma das maiores tarefas do médico é manter a capacidade de rendimento dos indivíduos e, se possível, aumentá-la”.^[62] Um estudo de dois neurocientistas de Tübingen tentou comprovar uma aceleração do pensamento devida ao Pervitin e um aumento geral de energia. Dificuldade em tomar decisões, hesitações de todo tipo e depressões também foram minoradas. Um teste de inteligência apontou elevação significativa. Dados de “muitas centenas de casos” que sustentariam esses depoimentos chegaram de Munique, por um professor

chamado Püllen. O professor relatou um efeito estimulante sobre o córtex cerebral, a circulação e o sistema nervoso vegetativo. Além disso, atestou que no caso de “uma única dose maciça de 20 mg há uma clara redução da ansiedade”.
[63] Não surpreende o fato de que a firma Temmler abastecesse os médicos com cartas divulgando esses resultados positivos e os mantivesse atualizados a respeito.



Binder

Hildebrand-Tralinen erfreuen immer

Mais satisfação no trabalho doméstico: um tipo de pralina com metanfetamina.

O Pervitin combinava perfeitamente com o espírito da época. Quando o medicamento conquistou o mercado, parecia realmente haver motivos para acreditar que todas as depressões acabariam. Ao menos esse era o sentimento de todos os alemães que se aproveitavam economicamente da ditadura nacional-socialista – a maioria deles. Se em 1933 muitos acreditavam em um fim rápido do novo chanceler e nele pouco confiavam, alguns anos depois a coisa tornou-se bem diferente. Dois milagres haviam acontecido tanto no campo econômico como no militar, resolvendo-se assim os dois problemas mais imperativos da sociedade alemã dos anos 1930. Enquanto na época da tomada de poder pelos nazistas contavam-se 6 milhões de desempregados e apenas 100 mil soldados mal-equipados, em 1936, apesar da crise global, o pleno emprego fora atingido e o Exército surgia como um dos mais combativos da Europa.^[64]

Os sucessos na política exterior aumentavam, como a remilitarização da região do Reno, a anexação da Áustria ou a “repatriação dos alemães dos Sudetos para o Reich”. As potências ocidentais não desconfiavam dessas violações do Tratado de Versalhes; pelo contrário, faziam cada vez mais concessões, esperando impedir uma nova guerra na Europa.

Mas Hitler não se deixava acalmar pelos sucessos diplomáticos. “Como um morfinômano que não consegue abdicar de seu veneno, ele não conseguia abandonar os planos de novas conquistas, assaltos, ordens de marchas secretas e desfiles pomposos”, assim descreve o historiador e escritor Golo Mann o caráter do imperador de Braunau.^[65] Os Aliados não entendiam: Hitler *nunca* estava satisfeito. Limites precisavam ser ultrapassados constantemente e em todos os aspectos, sobretudo em relação às fronteiras nacionais. Do Reich alemão ao Grande Reich alemão, e deste para o planejado império germânico: o aumento permanentemente necessário da dose estava na natureza da questão nacional-socialista, e disso fazia parte, em primeiro lugar, a ânsia por mais territórios. Os slogans “De volta ao Reich” e “Povo sem espaço” atingiam diretamente o ponto.

No caso do desmantelamento da Tchecoslováquia, o médico particular Morell esteve envolvido diretamente. Na madrugada de 15 de março de 1939, o presidente tchecoslovaco Emil Hácha, com a saúde debilitada, encontrava-se na Nova Chancelaria do Reich para uma visita oficial mais ou menos forçada. Ele não queria, porém, assinar o documento que os alemães lhe apresentavam, na verdade uma capitulação de suas tropas ante a Wehrmacht. Ele entrou em estado de choque e perdeu a consciência. Hitler chamou com urgência Morell, que acorreu com mala e jogo de seringas e injetou uma substância tão estimulante no convidado estrangeiro inconsciente que Hácha pareceu

ressuscitar dos mortos em segundos. Ele assinou o papel que selou o fim temporário de seu Estado. Já na manhã seguinte Hitler invadiu Praga, sem combates. Durante os anos seguintes, quando Hácha presidia o “Protetorado da Boêmia e Morávia”, ao qual partes de seu país foram reduzidas, ele se manteve fiel paciente de Morell. Era a farmacologia como continuação da política com outros meios.

Naquele primeiro semestre de 1939, nos últimos meses de paz, a popularidade de Hitler alcançou um auge temporário. “Quanta coisa esse homem conseguiu!”, era uma frase-padrão naqueles dias, e muitos compatriotas também queriam comprovar a própria eficiência. Era um tempo no qual o esforço parecia voltar a valer a pena. E também uma época das exigências sociais: era *imperioso* participar e era *imperioso* ser bem-sucedido – até para não gerar desconfiança. A recuperação econômica geral produzia, ao mesmo tempo, a preocupação de não conseguir acompanhar tal velocidade. A crescente esquematização do trabalho também trazia novas exigências para o indivíduo, que se tornava uma rodinha da engrenagem. Para entrar no clima, toda ajuda – inclusive química – era bem-vinda.

Dessa maneira, o Pervitin facilitava para o indivíduo o acesso à grande agitação e à propaganda “autorregeneração” que supostamente atingira o povo alemão. A forte substância tornou-se um *alimento*, que também seu fabricante não queria ver limitado ao setor médico. “Acorda, Alemanha!”, exigiam os nazistas. A metanfetamina cuidava para manter o

país *acordado*. Animadas por um coquetel tóxico fatal, feito de propaganda e substância farmacológica, as pessoas ficaram cada vez mais dependentes.

A ideia utópica de uma comunidade socialmente harmônica, baseada em convicções, como gostava de propagar o nacional-socialismo, mostrou ser uma ilusão diante do desafio real de interesses econômicos individuais em uma meritocracia moderna. A metanfetamina cerziu os pontos de ruptura, e a mentalidade do *doping* espalhou-se por todos os cantos do Reich. O Pervitin possibilitou ao indivíduo funcionar em uma ditadura. Era o nacional-socialismo em forma de comprimido.

NOTAS

- 1 Exceto a antologia brilhante de Werner Pieper: *Nazis on speed. Drogen im 3. Reich*. Birkenau-Lohrbach, 2002.
- 2 Jens, Walter. *Statt einer literaturgeschichte*. Munique, 2001, p. 11ff.
- 3 Ainda existem alguns medicamentos com base na metanfetamina, que são vendidos sob prescrição médica, como nos EUA (é o caso do Desoxyn, para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade). Mas a metanfetamina é geralmente regulamentada em todo o mundo segundo a diretiva de anestésicos e não é, na maioria das vezes, qualificada para receitas; ela é apenas “qualificada para circulação”, pois serve como matéria-prima para a fabricação de medicamentos. Na Europa, não há nenhum remédio com base na metanfetamina, além dos análogos metilfenidato e dextroanfetamina.
- 4 Dansauer, Friedrich e Adolf Rieth. *Über morphinismus bei Kriegsbeschädigten*, Berlim, 1931.
- 5 Fleischhacker, Wilhelm. “Fluch und Segen des Cocain”, in: *Österreichische Apotheker-Zeitung*, n. 26, 2006.
- 6 Ver “Viel Spaß mit Heroin”, in: *Der Spiegel*, 26/2000, p. 184 ff.

- 7 Pieper, op. cit., p. 47.
- 8 Ridder, Michael de. *Heroin. Vom Arzneimittel zur Droge*. Frankfurt, 2000, p. 128.
- 9 Pieper, op. cit., 26ff, e também nesse contexto p. 205.
- 10 Barch-Berlin [Arquivo Federal em Berlim] R 1501, atas referentes à distribuição de ópio e morfina, vol. 8, folha 502, de 15.9.1922.
- 11 Citado por Holzer, Tilmann. *Die Geburt der Drogenpolitik aus dem Geist der Rassenhygiene – Deutsche Drogenpolitik von 1933 bis 1972*, dissertação inaugural. Mannheim, 2006, p. 32.
- 12 Auswärtiges Amt [Ministério das Relações Exteriores] AA/R 43309, nota de Breitfeld (referente a assuntos relacionados a ópio no Ministério), de 10.3.1935. Citado por Holzer, op. cit., p. 32.
- 13 Mesmo historiadores liberais respeitados participaram de uma falsificação consciente da edição oficial de atas sobre os antecedentes da Guerra. Ver Mommsen, Hans: *Aufstieg und Untergang der Republik von Weimar 1918–1933*. Berlim, 2000, p. 105.
- 14 Mann, Klaus. *Der Wendepunkt*. Reinbeck, 1984. Citado por Gordon, Mel: *Sündiges Berlin – Die zwanziger Jahre: Sex, Rausch, Untergang*. Wittlich, 2011, p. 53.
- 15 Pieper, op. cit., p. 175.
- 16 Von Ostini, Fritz. “Neues Berliner Kommerslied”, também denominada “Wir schnupfen und wir spritzen”. Publicada em: *Jugend*, n. 52, 1919.
- 17 Pohlisch, Kurt. “Die Verbreitung des chronischen Opiatmissbrauchs in Deutschland”, in: *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, vol. 79, 1931, pp. 193–202, anexo tabela II.
- 18 Dessa forma, o NSDAP não aprovou um programa de partido no sentido convencional e nunca escondeu sua base irracional. Suas estruturas

permaneceram caóticas até o final. Ver Mommsen: op. cit., p. 398.

- 19 Grass, Günter. *Die Blechtrömmel*. Neuwied am Rhein e Berlim Ocidental, 1959, p. 173.
- 20 A frase vem de Georg Strasser. Citado por Wellershoff, Dieter. *Der Ernstfall – Innenansichten des Krieges*. Colônia, 2006, p. 57.
- 21 Pieper, op. cit., p. 210.
- 22 Ibidem, p. 364.
- 23 Barch-Berlin R 1501/126497, folhas 214, 216, 220.
- 24 “A hospitalização dura tanto quanto for necessário.” Citado por Holzer, op. cit., p. 191. Ver também: “Maßregeln der Sicherung und Besserung”, in §§ 42b, c RStGB: *Unterbringung von straffälligen Süchtigen in Heil- und Pflege- oder Entziehunganstalten*. Este regulamento esteve em vigor até 1º de outubro de 1953.
- 25 Regulamento dos Médicos do Reich de 13.12.1935. Ver também: Pieper, op. cit., p. 171 e 214, assim como Fraeb, Martin. *Untergang der bürgerlich-rechtlichen Persönlichkeit im Rauschgiftmißbrauch*. Berlim, 1937.
- 26 Holzer, op. cit., p. 179.
- 27 Ibidem, p. 273.
- 28 Barch-Berlin R58/473, folha 22 (microficha).
- 29 Citado por Pieper, op. cit., p. 380.
- 30 Ibidem, pp. 186 e 491.
- 31 Freienstein, Waldemar. “Die gesetzlichen Grundlagen der Rauschgiftbekämpfung”, in: *Der öffentliche Gesundheitsdienst*, vol. A, 1936-37, pp. 209-218. Ver também: Holzer, op. cit., p. 139.
- 32 Grabiell, Ernst. “Rauschgiftfrage und Rassenhygiene”, in: *Der öffentliche Gesundheitsdienst*, edição parcial B, vol. 4, p. 245-253, citado por Holzer, op. cit., p. 138. Ver também Pieper, op. cit., p. 213s.

- Geiger, Ludwig. *Die Morphin – und Kokainwelle nach dem Ersten Weltkrieg in Deutschland und ihre Vergleichbarkeit mit der heutigen Drogenwelle*. Munique, 1975, p. 49ff. Ver também: Scheer, Rainer: “Die nach Paragraph 42 RStGB verurteilten Menschen in Hadamar”, in: Roer, Dorothee e Henkel, Dieter. *Psychiatrie im Faschismus. Die Anstalt Hadamar 1933-1945*. Bonn, 1986, p. 237-255, aqui à pág. XXX. Exemplar é o caso do dentista Hermann Wirstin, que entrou em 15.4.1940 para uma terapia forçada no sanatório de Waldheim, na Saxônia, e já no dia seguinte foi transportado para um estabelecimento de extermínio. Compare com Holzer, op. cit., p. 262, assim como com Friedlander, Henry: *Der Weg zum NS-Genozid. Von der Euthanasie zur Endlösung*. Berlim, 1997, p. 191.
- 34 Klee, Ernst. *Das Personenlexikon zum Dritten Reich – Wer war was vor und nach 1945*. Frankfurt, 2003, p. 449.
- 35 Barch-Berlin NS 20/140/8, *Ärzteblatt für Niedersachsen*, nr. 5, ano 1939, p. 79f. (Bruns, Erich). Ver Holzer, op. cit., p. 278.
- 36 Citado por Binion, Rudolph: *...das Ihr mich gefunden habt*. Stuttgart, 1978, p. 46.
- 37 Reko, Viktor. *Magische Gifte: Rauschund Betäubungsmittel der neuen Welt*. Stuttgart, 1938. Já é significativa uma declaração do prefácio fascistoide de Reko, à p. ix: “Em doze capítulos selecionados será descrita uma quantidade de produtos anestésicos, que – como no caso da coca, poucos anos atrás – saem de círculos de raças inferiores e ameaçam pegar o caminho em direção aos povos civilizados”.
- 38 Hecht, Günther. “Alkohol und Rassenpolitik”, in: *Bekämpfung der Alkohol- und Tabakgefahren: Bericht der 2. Reichstagung Volksgesundheit und Genußgifte Hauptamt für Volksgesundheit der NSDAP und Reichsstelle gegen den Alkohol- und Tabakmißbrauch*. Berlim-Dahlem, 1939.

- Kosmehl, Erwin. “Der Sicherheitspolizeiliche Einsatz bei der Bekämpfung
39 der Betäubungsmittelsucht”, in: Feuerstein, Gerhart: *Suchtgiftbekämpfung. Ziele und Wege*. Berlim, 1944, pp. 33-42, aqui à p. 34.
- 40 Pohlisch, op. cit., p. 72.
- 41 Hiemer, Ernst. *Der Giftpilz. Ein Stürmerbuch für Jung und Alt*. Nuremberg, 1938.
- 42 Citado por Pieper, op. cit., p. 364ff, assim como a citação seguinte.
- 43 Quarenta e cinco por cento dos médicos – ou seja, muitos – eram membros do NSDAP. Ver Lifton, Robert Jay: *Ärzte im Dritten Reich*. Stuttgart, 1938, p. 37.
- 44 O preparado existe até hoje no mercado, que divulga sua extraordinária substância natural, a *Escherichia coli* cepa Nissle 1917, e é empregado no tratamento de doenças intestinais inflamatórias crônicas. Mutaflor é vendido mediante receita e em alguns países o valor é reembolsado pelos seguros de saúde.
- 45 Goebbels, Joseph, in: *Das Reich – Deutsche Wochenzeitung*, 31.12.1944, editorial, p. 1f.
- 46 Giesing, Erwin. “Bericht über meine Behandlung bei Hitler.” Wiesbaden, 12.6.1945, in: *Hitler as Seen by His Doctors*, Headquarters United States Forces European Theater Military Intelligence Service Center: oi – Consolidated Interrogation Report (CIR), National Archives at College Park, MD.
- 47 “Assim como em 1914, a situação política e econômica da Alemanha – uma fortaleza ocupada pelo mundo – parece exigir uma rápida decisão militar, por meio de golpes de extermínio logo no início das hostilidades”, manifestou-se programaticamente o presidente Carl Krauch, antecipando assim a concepção da *blitzkrieg*. Citado por Frieser, Carl-Heinz: *Die Blitzkrieg-Legende – der Westfeldzug 1940*. Munique, 2012, p. 11.

- 48 A propiofenona, um resíduo da indústria química, era bromada e transferida para a efedrina, por meio do tratamento com metilamina e subsequente redução. Da efedrina, através da redução com iodeto de hidrogênio e fósforo, resultava a metanfetamina. Ver Kaufmann, Hans P.: *Arzneimittel-Synthese*. Heidelberg, 1953, p. 193.
- 49 Departamento de Patentes do Reich, 1938: patente nº. 767.186, classe 12q, grupo 3, com o título “Verfahren zur Herstellung von Aminen”. Um comprimido continha 3 mg da substância.
- 50 Landesarchiv-Berlin (arquivo estadual de Berlim) A Rep 250-02-09/Nº. 218, impressos de propaganda sem data. Ver também Holzer, op. cit., p. 225.
- 51 Citado por Pieper, op. cit., p. 118f. São 6 mg de metanfetamina distribuídos no dia – uma dose com a qual o corpo se acostuma rapidamente, e o efeito, depois de alguns dias de uso, não é mais sentido como no início. Essa tolerância leva ao chamado *craving*, a ânsia por um aumento da dose para ter de volta os efeitos agradáveis. Se o consumo foge ao controle e o fármaco não pode ser abandonado sem problemas, chega-se ao vício.
- 52 Püllen, C. “Bedeutung des Pervitins (1-fenil-2-metilamina-propano) für die Chirurgie”, in: *Chirurg*, vol. 11, cad. 13, 1939, p. 485-492, aqui às pp. 490 e 492. Ver também Pieper, op. cit., p. 119.
- 53 Haffner, F. “Zur Pharmakologie und Praxis der Stimulantien”, in: *Klinische Wochenschrift*, vol. 17, cad. 38, 1938, p. 1311. Ver também Pieper, op. cit., p. 119.
- 54 Snelders, Stephen e Pieters, Toine. “Speed in the Third Reich: Methamphetamine (Pervitin) Use and a Drug History from Below”, in: *Social History of Medicine Advance Access*, 2011.
- 55 Justamente nesse grupo profissional a metanfetamina é até hoje muito apreciada. Ver também: Müller-Bonn, Hermann: “Pervitin, ein neues

Analepticum”, in: *Medizinische Welt*, cad. 39, 1939, pp. 1315-1317. Citado por Holzer, op. cit., p. 230, e Pieper, op. cit., p. 115.

- 56 Compare com Seifert, W.: “Wirkungen des 1-Phenyl-2-methylamino-propan (Pervitin) am Menschen”, in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, vol. 65, cad. 23, 1939, p. 914f.
- 57 Neumann, Erich. “Bemerkungen über Pervitin”, in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, cad. 33, 1939, p. 1266.
- 58 Eichholtz, Fritz. “Die zentralen Stimulantien der Adrenalin-Efedrin-Gruppe”, in: “Über Stimulantien”. *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, 1941, pp. 1355-1358. Ver também: *Reich sgesundheitsblatt* 15, 296 (1940). Por iniciativa do Departamento de Saúde do Reich, foi suspensa a fabricação das pralinas com dose excessiva. A firma Hildebrand também pôs no mercado a “Scho-Ka-Kola”, com cafeína, que existe até hoje.
- 59 Hauschild, Fritz. “Über eine wirksame Substanz”, in: *Klinische Wochenschrift*, vol. 17, cad. 48, 1938, p. 1257f.
- 60 Schoen, Rudolf. “Pharmakologie und spezielle Therapie des Kreislaufkolapses”, in: *Verhandlungen der deutschen Gesellschaft für Kreislaufforschung*, 1938, pp. 80-112; aqui à p. 98. Citado por Holzer, op. cit., p. 219.
- 61 Ver Graf, Otto: “Über den Einfluss von Pervitin auf einige psychische und psychomotorische Funktionen”, in: *Arbeitsphysiologie*, vol. 10, cad. 6, 1939, pp. 692-705; aqui à p. 695.
- 62 Lemmel, Gerhard e Jürgen Hartwig. “Untersuchungen über die Wirkung von Pervitin und Bazedrin auf psychischem Gebiet”, in: *Deutsches Archiv für Klinische Medizin*, vol. 185, 5^o e 6^o cad., 1940, p. 626ff.
- 63 Püllen C. “Erfahrung mit Pervitin”, in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 86, cad. 26, 1939, pp. 1001-1004.

- 64 Haffner, Sebastian. *Anmerkungen zu Hitler*. Munique, 1978, p. 31ff.
- 65 Mann, Golo. *Deutsche Geschichte des 19. und 20. Jahrhunderts*. Stuttgart/Mannheim, 1958, p. 177.

PARTE II

SIEG HIGH: GUERRA-RELÂMPAGO É GUERRA DE METANFETAMINA (1939-41)





O fuzileiro Heinrich Böll aprendeu cedo a apreciar a droga.

“Às vezes, a música é realmente um grande consolo para mim (sem esquecer do Pervitin, que presta serviços maravilhosos especialmente depois das noites com ataques aéreos).”^[66]

O homem que escreveu para os pais, do front para casa, tornou-se mais tarde Prêmio Nobel de Literatura e, também depois da guerra, quando estava sentado à escrivaninha, não conseguia largar os “serviços maravilhosos”^[67] da metanfetamina. Ele tornou-se dependente quando soldado, para se manter a postos e suportar as provações da guerra: “Lembrem-se, por favor, de me enviar Pervitin na próxima oportunidade, se possível dentro de um envelope. O pai pode pagá-lo com o que perdeu para mim de nossa aposta”,^[68] diz outra carta vinda do front.

Heinrich Böll fala de seu consumo de Pervitin com tal naturalidade que se pode concluir que conhecia seus efeitos, mas não os perigos: “Se a próxima semana correr tão rapidamente como a última, já ficarei satisfeito. Quando oportuno, me mandem Pervitin mais uma vez; vou precisar dele agora, com tantas vigílias; e um pouco de bacon, se possível, para fritar as batatas”.^[69] Suas menções tão

concisas quanto frequentes a respeito do estimulante indicam que seus parentes também tinham familiaridade com o remédio e não desaprovavam seu uso: “Queridos pais e irmãos! Agora tenho tempo suficiente e sobretudo tranquilidade para lhes escrever. Estou naturalmente exausto, pois ontem à noite dormi apenas duas horas e nesta noite também não terei mais que três horas de sono, mas agora preciso ficar acordado. O Pervitin, aliás, logo começará a fazer efeito e me ajudará a superar o cansaço. Lá fora está excepcionalmente claro sob o luar, estrelado e muito frio”.

[70] Parece que, para Böll, o sono é sempre o grande adversário: “Estou exausto e vou encerrando por aqui. Mandem logo, se possível, um pouco de Pervitin e de cigarros Hillhall ou Kamil”. E em outro trecho: “O serviço é duro e vocês precisam compreender que, no futuro, só posso escrever a cada dois ou quatro dias. Hoje escrevo principalmente para pedir Pervitin”[71].

Magrib, der 9.4.39,
7 Uhr 25 Min

Liebe Eltern und Geschwister!

Eure beiden Briefe und Vaters Karte habe
ich heute erhalten. Recht herzlichen Dank
dafür. Ich bin immer sehr froh, wenn ich
von zu Hause etwas höre. Besuche habe
vorläufig keinen Sinn, den wir kommen
aus der Kaserne nicht raus (wahrscheinlich
erst zu Ende des Jahres) und Zivilisten
dürfen natürlich nicht ~~aus~~ rein. Ich
würde aber auch - vielleicht das recht -
keinen Besuch hier empfangen, denn
dann man einmal würde die Annahmen
des Heimal gegenwart hat, würde aber,
und so habe ich mich eben gut gefühlt.
Der Dienst ist kaum, und ich muß ver-
bleiben, wenn ich spätestens in 2-4
Tage abreise. Heute werde ich abrei-
sen um

Pervitin!

Ich habe einen sehr anständigen, wirt-
schaftlich vernünftigen und in anderen Hinsicht
sehr gut, der mich sehr gut

Uma das muitas cartas do futuro Prêmio Nobel de Literatura,
mencionando o Pervitin.

Seria o fuzileiro Böll um caso único? Ou também no Exército, similarmente ao que ocorria na sociedade civil, chegou-se a um abuso em massa, estando possivelmente centenas de milhares ou mesmo milhões de soldados alemães sob o efeito de metanfetamina nas suas campanhas de conquista? Será que essa droga viciante, que prometia energia adicional, influenciou o decurso da Segunda Guerra Mundial? Começa uma viagem pelas profundezas dos arquivos.

Obtenção de provas: Arquivo Federal – Arquivo Militar, Freiburg

Rodeado por uma cerca de arame farpado e vigiado por um guarda com leve sotaque saxônico, encontra-se em Freiburg, em Breisgau, o Arquivo Militar do Arquivo Federal Alemão. Quem consegue uma autorização para pesquisa verá os portões de ferro se abrirem por sensores fotoelétricos e adentrará salas de trabalho meticulosamente limpas, cujas janelas são escurecidas automaticamente por persianas quando bate muito sol. Computadores possibilitam o acesso a depósitos cheios de documentos do chão ao teto. Milhões de mortos deixaram milhões de pastas. Aqui se pode pesquisar o drama das guerras alemãs.

Pelo menos do ponto de vista teórico. Pois muita coisa foi guardada, mas não é fácil ordenar o caos e encontrar

informações no *big data* burocrático. A indexação, que pode ser consultada nos computadores e pela qual tudo pode ser pesquisado, sempre apreende poucos aspectos de uma pasta. Para dificultar, as palavras-chave foram definidas há décadas, quando valiam outras prioridades de investigação. Nos anos posteriores à guerra, por exemplo, atribuía-se menos importância do que hoje a detalhes histórico-medicinais. As inclusões de impressões subjetivas ou de fotos de ambiente ficavam em segundo plano diante dos eventos oficiais. Dessa forma, o acesso ao passado, apesar de amparado pelas mais novas tecnologias, baseia-se numa compreensão antiga da história.

O Exército alemão descobre uma droga alemã

A carreira da metanfetamina na Wehrmacht está inseparavelmente ligada a um médico do Estado-Maior de aparência austera, rosto fino e olhos castanho-escuros, sempre mirando de forma demasiadamente intensa nas poucas fotografias suas que restaram. O professor dr. Otto F. Ranke tinha 38 anos quando foi nomeado diretor do Instituto para Fisiologia Geral e Militar – uma posição-chave, mesmo que ninguém soubesse disso.

A fisiologia era uma disciplina secundária na medicina da época. Ela trata da interação de processos físicos e bioquímicos de células, tecidos e órgãos. É uma espécie de panorama total e avaliação integral para se compreender um organismo. A fisiologia *militar*, por sua vez, ocupa-se da sobrecarga especial dos soldados, com o objetivo de otimizar o rendimento de um exército do ponto de vista medicinal e

evitar danos por meio do desgaste demasiado ou de influências externas. Num tempo no qual o Exército começava a ser entendido como uma organização moderna e soldados eram caracterizados como “motores vivos”, a tarefa de Ranke consistia em protegê-los do desgaste, ou seja, da invalidez. Ele precisava lubrificar as peças para fazer a máquina funcionar com perfeição e era uma espécie de *coach* de desempenho para o Exército alemão, além de inventor de *gadgets*. No decorrer dos anos, Ranke desenvolveu coisas tão diferentes como um aparelho de visão para detectar o verde artificial (de uniformes camuflados na floresta, por exemplo), novos óculos de proteção contra poeira para motociclistas, capacetes tropicais à prova de bala e permeáveis ao suor para o corpo militar africano ou microfones direcionais aperfeiçoados para a escuta nos alvos, destinados à defesa.

O Instituto de Fisiologia Militar de Ranke era um departamento da Academia de Medicina Militar, na Invalidenstrasse, de Berlim, alojado em uma instalação espaçosa no estilo do neobarroco de Frederico, o Grande, na qual se encontra hoje o Ministério Federal da Economia e Energia. Letras curvas e douradas, em relevo, escreviam SCIENTIAE HUMANITATI PATRIAE, no alto da mansarda sobre o portão principal: à ciência, à humanidade, à pátria. Entre 1934 e 1945, o Exército formava ali a nova geração de seus oficiais da saúde. A instalação de elite prussiana, chamada de “MA”, alojava a maior biblioteca científica de medicina da

Europa, possuía uma excelente coleção de aparelhos em um prédio de laboratórios de dois andares, equipado com as últimas tecnologias, salas de aula, salas de leitura, salão nobre, salas de recepção, pavilhão de honra com os bustos de Virchow, Helmholtz, Behring e de outros médicos e pesquisadores, que naquele lugar prestaram, como se dizia, serviços eternos para a ciência. Também faziam parte do complexo os mais modernos ginásios de esporte e natação, assim como uma ala residencial de cinco andares, com confortáveis quartos duplos para os aspirantes a oficiais da saúde, chamados de *Pfeifhähne* [galos que cantam], uma deturpação do dialeto berlinense para a palavra *pépin* [semente], vinda de *pépinière* [viveiro de plantas], onde antes se formavam, sob a égide dos reis prussianos, os médicos militares e de onde saía a nata da ciência médica do século XIX. Com a águia imperial e a suástica pregadas em seus uniformes elegantes, os alunos da MA viam-se presunçosamente como seus sucessores. Também havia um estábulo com noventa cavalos, hipódromo, enfermaria com veterinários e uma ferraria própria.

No grande prédio horizontal que fazia limite com o pátio interno, encontravam-se os departamentos científicos: o Instituto de Farmacologia e Toxicologia Militar, o laboratório para conservação de soros, o Instituto para a Pesquisa da Medicina da Aeronáutica, sob a direção do professor Hubertus Strughold (depois da guerra, pioneiro nos Estados Unidos, com Wernher von Braun, da navegação

espacial), assim como o Instituto de Fisiologia Militar, de Otto Ranke, em 1938 composto apenas por um médico assistente, três estagiários e alguns funcionários civis”^[72]. O ambicioso Ranke, porém, planejava ampliar rapidamente seu departamento administrativo e algo que ele explorava para a Wehrmacht deveria ajudá-lo nisso – uma pequena molécula, que faria ali uma grande carreira.

Do pão integral à *brain food*

Na condição de fisiologista militar do Terceiro Reich, Ranke tinha um grande inimigo, que não eram os russos no Leste nem os franceses ou britânicos no Oeste. O adversário que ele queria eliminar chamava-se cansaço – um opositor monstruoso, difícil de pegar, que constantemente matava os combatentes, derrubava-os e obrigava-os a repousar. E um soldado que dorme é um soldado inútil, impotente e que está em perigo, pois possivelmente o inimigo não está dormindo naquele instante. Quem está cansado mira mal, atira desordenadamente e dirige a motocicleta, o carro ou o tanque sem habilidade. Nas palavras de Ranke: “O cansaço em dia de combate pode ser decisivo. [...] Com frequência, a resistência é essencial nos últimos quinze minutos”.^[73]

Ranke tornara o combate à fadiga uma questão prioritária e, na primavera de 1938, um ano e meio antes da eclosão da guerra, ao ler no *Klinische Wochenschrift* o elogio de

Hauschild, químico da Temmler, ao Pervitin, ele aguçou os ouvidos. A afirmação de que o medicamento proporcionava um volume de respiração 20% mais alto e maior assimilação de oxigênio – na época, parâmetros para o aumento de rendimento – não o largou. Decidiu ir a fundo e promoveu testes cegos em voluntários, inicialmente com noventa, depois com 150 futuros oficiais da saúde, dando-lhes Pervitin (p), cafeína (c) ou *Scheintablette* [placebo] (s). Em seguida, mandava-os resolver problemas matemáticos e outras tarefas durante toda a madrugada (na segunda experiência, das 20h às 16h do dia seguinte). Os resultados pareciam claros: os membros do grupo “s” estavam, no alvorecer, com a cabeça caída sobre os bancos; os do Pervitin, por outro lado, mantinham-se obstinadamente concentrados, com “rostos vigorosos [...], física e psicologicamente ativos”, como se lê no protocolo da experiência. Mesmo depois de dez horas de concentração contínua, sentiam-se ainda como “se quisessem dar um passeio”.^[74]

Entretanto, após avaliar os questionários, Ranke não comprovou apenas coisas boas. Casos que exigiam do córtex cerebral uma capacidade maior de abstração não foram bem resolvidos pelos consumidores do Pervitin. Eles realizaram os cálculos mais rapidamente, mas também com mais erros. Além disso, não houve nenhum aumento da capacidade de concentração e percepção nas questões mais complexas, e ocorreu apenas um aumento reduzido nas tarefas mais

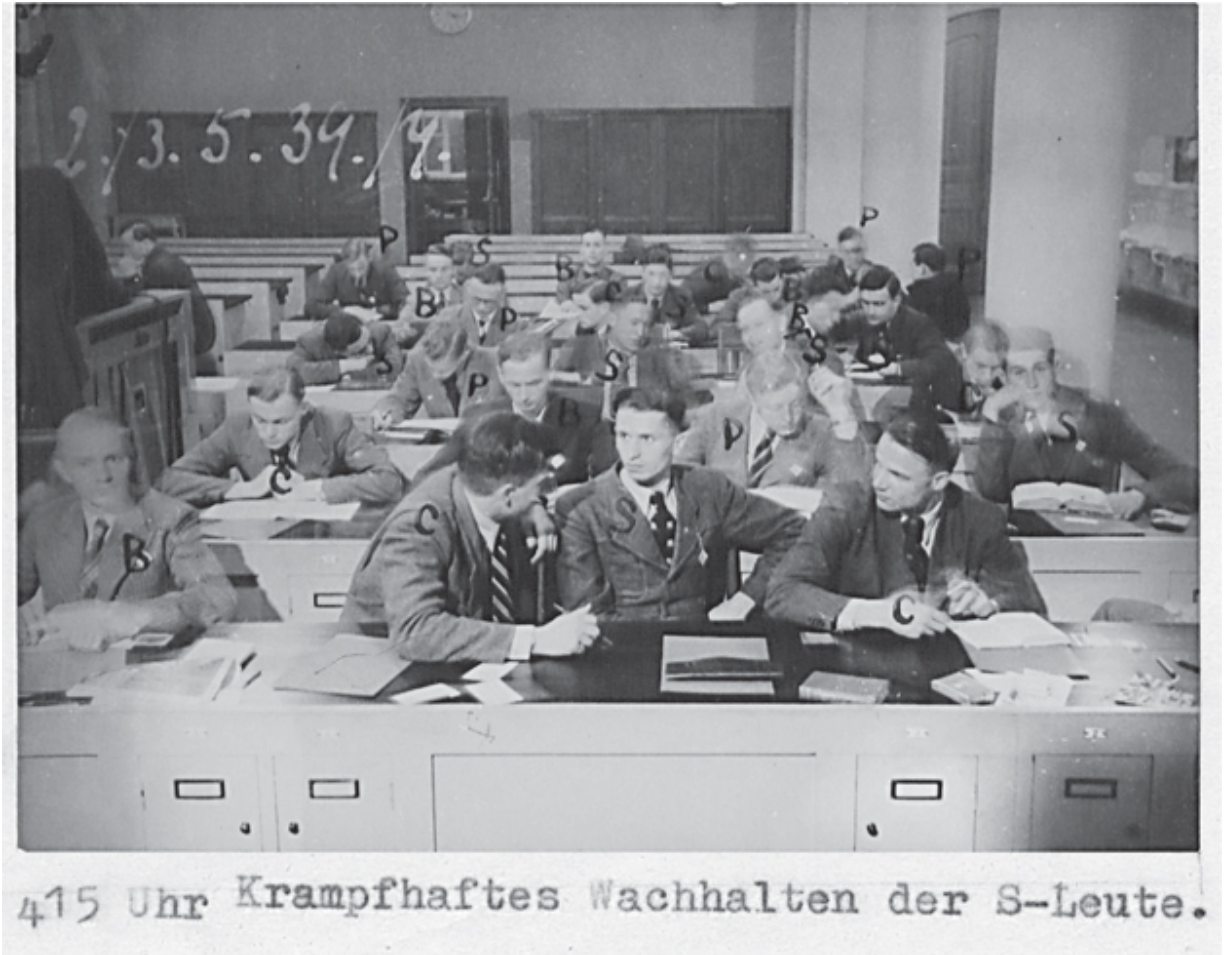
limitadas. Pervitin afastava o sono, mas não tornava a pessoa mais esperta. Ou seja, ideal para os soldados, dizia a conclusão sem cinismo dessas primeiras experiências sistemáticas com drogas na história militar: “Uma substância fantástica para reanimar uma tropa cansada. [...] É compreensível o significado militar extraordinário se conseguíssemos eliminar provisoriamente o cansaço natural, através de medidas médicas, para o dia de mobilização de uma tropa. [...] Uma substância militarmente valiosa”.[*][75]

Motivado por esse resultado, Ranke propôs séries maiores de testes em unidades regulares.^[76] Para sua surpresa, a fama não vingou. No bloco de Blender, sede da Secretaria de Exército (e hoje do Ministério da Defesa), nem as possibilidades nem os perigos da droga foram reconhecidos. Enquanto o ambicioso cientista Ranke já concebia o soldado do futuro, de cujo armamento também faziam parte alcaloides sintéticos que afetavam centralmente o cérebro de forma desconhecida na época,^[77] seus superiores, os burocratas militares da inspeção sanitária, ainda não estavam tão avançados. Eles refletiam sobre o que era melhor para o abastecimento das tropas, pão integral ou pão branco – e Ranke já chegara, havia muito tempo, na *brain food*. Ranke antecipou o que o médico berlinense e escritor Gottfried Benn, formado, ainda nos tempos do Império, na instituição antecessora da Academia Médica Militar, formularia alguns anos depois: “Cérebros potentes são fortalecidos não com leite, mas sim com alcaloides. Não

se pode regar com água subterrânea, como no caso de um miosótis, um órgão tão pequeno, com tal vulnerabilidade, que não só consegue lidar com pirâmides e raios gama, leões e icebergs, mas também criá-los e pensá-los; daquela água já se obtém o suficiente”.^[78] Assim está no ensaio de Benn, *Provoziertes Leben* [Vida provocada], e as provocações às quais ele se refere são as mudanças das vias neurais, os novos pensamentos, as ideias renovadas, causados pelo alimento não convencional para o cérebro.



S para *Scheintablette* [placebo], B para benzedrina, C para cafeína, P para Pervitin...





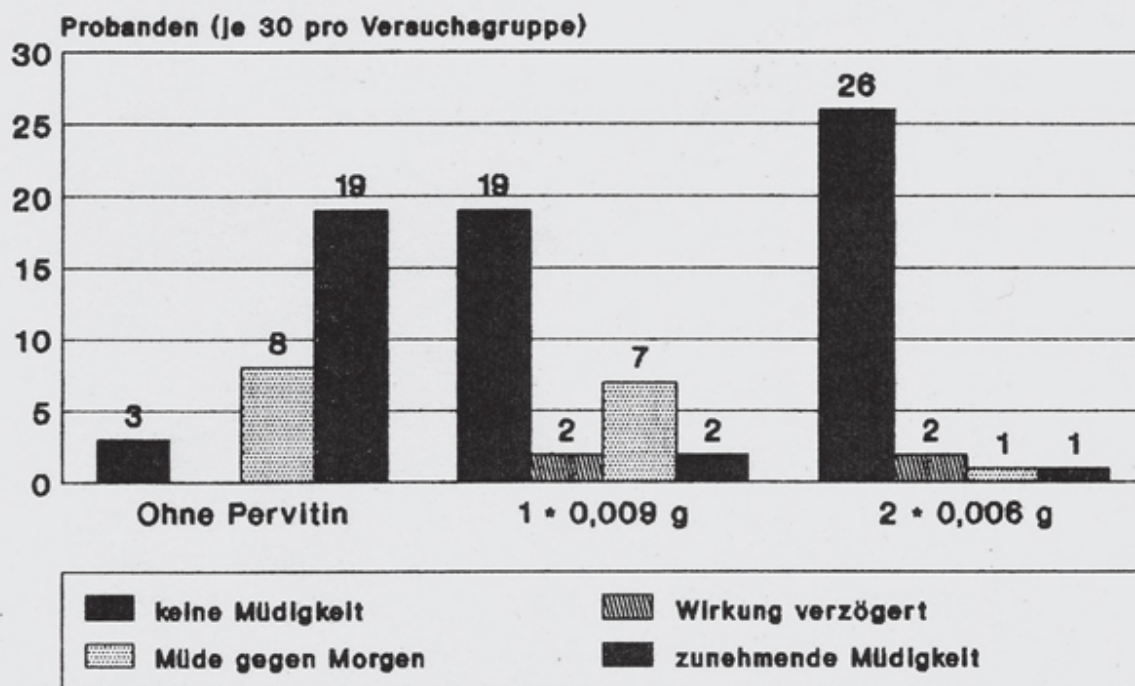
... as primeiras experiências com drogas na história militar.



5²⁰ Uhr Schlafen und Teilnahmslosigkeit der S- Leute.

Schlafbeseitigungsmittel Pervitin

Versuch an 90 Fährnrichen vom 27.-29.9.38
in der MA in Berlin



(nach einer Zeichnung von Prof. Ranke)

Pervitin na luta contra o sono: “uma substância militarmente valiosa”.

Não admira que a notícia do estimulante com efeito notável tenha logo se espalhado entre os futuros oficiais da saúde. Sob forte pressão durante os estudos de medicina, eles esperavam verdadeiros milagres da substância que supostamente aumentava o rendimento – e a ingeriam cada vez mais. Acabaram se tornando os precursores dos estudantes das universidades em todo o mundo, onde circulam comprimidos estimulantes como Ritalina e

derivados da anfetamina. Quando Ranke tomou conhecimento dessa tendência que ele lançara após seus testes, e soube que uma sala para os chamados “cadáveres de Pervitin” precisou ser criada na universidade de Munique para curar a overdose dos colegas, se conscientizou do perigo. Precisou admitir que, na sua academia militar, a ingestão de altas doses já era comum antes dos testes. Os resultados alcançados deixavam a desejar, e um colega preocupado escreveu: “Nos casos confessos, o resultado das provas foi particularmente ruim, tanto que precisamos supor que alguém normal não poderia dizer tanto disparate”.[79] Ranke cancelou rapidamente novas experiências planejadas para 1939 e redigiu um relatório para os outros diretores da academia, advertindo quanto aos possíveis riscos de vício e determinando a proibição total de Pervitin na instituição.[80] Mas Ranke e a Wehrmacht não se livrariam dos fantasmas que ele acordara: a metanfetamina espalhou-se como fogo, e, nas semanas e meses seguintes, não havia portão de quartel que a detivesse.

O país entrava nos últimos dias de paz. Os oficiais da saúde equipavam-se para a iminente mobilização na Polônia e compravam todos os estoques das farmácias, já que Pervitin não era oficialmente armazenado pela Wehrmacht – ainda não. Ranke só podia ficar observando. A menos de uma semana do início da guerra, ele escreveu para um clínico geral do Estado-Maior: “Naturalmente é uma faca de dois gumes colocar nas mãos da tropa um remédio diferenciado,

cujo uso afinal não permanecerá limitado aos casos de emergência”.^[81] Só que era tarde demais para qualquer advertência. Iniciava-se um projeto enorme e descontrolado: sem instruções sobre como dosar o estimulante, mas já provida de grande quantidade, a Wehrmacht invadiu o seu vizinho desavisado e não dopado.

Robô

“Sou o maquinista de um trem-enfermaria, frequentemente exposto a grandes esforços, e para mim e os empregados suas pílulas têm dado resultado.” – “Dificuldades parecem mais fáceis de ser superadas.” – “Agora me sinto revigorado de novo.”^[82]

Os relatórios oficiais sobre o consumo de metanfetamina na invasão da Polônia, que começou em 1º de setembro de 1939 e deflagrou a Segunda Guerra Mundial, preenchem uma pasta inteira do Arquivo Militar de Freiburg. São descrições misturadas ao acaso, sem pretensões de totalidade e representatividade. Não havia nada além disso, também no que se refere a Ranke, responsável pelo assunto e que, no início da guerra, fora nomeado fisiologista conselheiro da Inspeção Sanitária do Exército. Faltava um estudo metódico, pois a substância fora introduzida de forma arbitrária,

dependendo do gosto do respectivo comandante, do oficial da saúde ou de cada soldado.

Assim, por exemplo, lê-se no relato da 3ª Divisão de Tanques, que cruzou o rio Vístula perto de Graudenz, seguiu em direção à Prússia Oriental e, de lá, avançou para Brest-Litovsk: “Frequentemente euforia, elevação da atenção, claro aumento de rendimento. Trabalho feito facilmente, efeito pronunciado de despertar e sentimento de renovação. O dia trabalhando sem interrupção, suspensão da depressão, retorno para o humor normal”.^[83]

A guerra como uma tarefa para ser resolvida: as drogas parecem ter ajudado os homens dos tanques a não pensar muito sobre o que estavam procurando naquele país estranho, deixando-os simplesmente fazer o seu trabalho – mesmo que a tarefa fosse matar pessoas: “Todos revigorados e dispostos, disciplina exemplar. Leve euforia e entusiasmo elevado. Animação, muito excitados. Nenhum acidente. Efeito de longa duração. Após ingestão do quarto comprimido, visão dupla e de cores”.^[84] Até mesmo leves alucinações, supostamente sentidas como agradáveis, acompanhavam os homens, logo embriagados pela vitória, durante aquele ataque que violava o direito internacional e que, como resultado, possibilitaria posteriormente os crimes nazistas na Polônia. “A sensação de fome diminui. Também particularmente favorável é uma animada vontade de trabalhar. O efeito é tão claro que não se baseia em ilusão.”

Um tenente-coronel relatou suas próprias boas experiências com a substância: “Sem consequências, nenhuma dor de cabeça, nenhum zumbido no ouvido, intelecto desperto”. Por três dias e três noites inteiros, ele conduziu, num clima tranquilo, as negociações com os russos em Brest-Litovsk. Tratava-se da divisão do país pressionado. Na volta, ao encontrar defensores poloneses, o Pervitin deixou-o “especialmente animado”.^[85] Não se sabe quantas pessoas perderam ali suas vidas.

Para muitos, a droga era a acompanhante ideal no campo de batalha. Ela eliminava inibições, fazendo o combate parecer fácil, fosse para as marchas noturnas (antes das quais a substância era ingerida, sempre perto da meia-noite, por comandantes e motoristas, visando ao aumento da atenção), fosse para o reboque de tanques, o disparo de tiros ou o “decorrer de manobras automatizadas”.^[86]

Em todos os aspectos do ataque, que custou a vida de 100 mil soldados poloneses e, até o final do ano, de 60 mil civis, o estimulante ajudou a missão a funcionar “sem sinais de fadiga, até o fim”. A substância dava aquela porção extra de energia que deixava tudo mais fácil. Um oficial da saúde do 9º Corpo do Exército informou: “Estou convencido de que, no caso de grande esforço, quando é preciso tirar o máximo da equipe, uma tropa abastecida com Pervitin é superior às outras. O médico da tropa abaixo-assinado já reservou, por isso, um estoque de Pervitin para a T. S. A. *Truppsanitätsausrüstung* [provisão das tropas de saúde]”.^[87]

“Também houve claramente um aumento do rendimento no caso dos condutores de tanques e oficiais da Panzerwaffe^[*] nos combates de 1º a 4 de setembro de 1939 e no caso do Depto. de Inf., que usou essa substância, com total sucesso, nas longas e cansativas viagens noturnas, assim como para manter e elevar a atenção nas operações das tropas de observação.” Em outro relato, lê-se: “Vale a pena destacar o efeito excepcional na capacidade de trabalho e no humor no caso dos oficiais sobrecarregados da Divisão do Estado-Maior, que reconhecem, sem exceções, o aumento de rendimento subjetivo e objetivo do Pervitin”.

A “atenção elevada” não funcionava apenas entre os condutores de tanques. Um médico assistente descreveu: “Quando há muito calor, um mar de poeira, estradas ruins e viagens extensas que às vezes duram da manhã até tarde da noite, da Silésia até antes de Lemberg, na Polônia, passando pela Boêmia, Morávia e Eslováquia, exigem-se enormes esforços particularmente dos motociclistas. Os comprimidos foram distribuídos sem indicações sobre sua finalidade, mas devido ao efeito surpreendente ficou logo claro para as equipes qual era o seu objetivo”.^[88] Um *Easy Rider* teutônico, com as drogas da firma Temmler e os novos óculos de proteção contra poeira de Ranke.

Se por acaso o estimulante não estava disponível, acreditava-se automaticamente num perigo maior para os afetados. Assim informou um médico assistente, lamentando: “No caso dos condutores, muitos acidentes

provocados em sua maioria pelo cansaço poderiam ter sido evitados se um analéptico como o Pervitin tivesse sido minis-trado”.[89] Metanfetamina para evitar acidentes? Conte isso hoje para um policial de trânsito.

Sanitätskompanie 2/59

O.U., den 30.12.1939

Bezug: Div.-Arzt 8.Pz.-Div. v.28.12.39
Betr.: Verwendung von Pervitin als Stärkungsmittel.

Dem
Div.-arzt der 8. Panzer-Division
B i e l e f e l d

Eigene Erfahrungen sehr günstig. Wirkung bei allge-
meiner Unlust, deprimierter Stimmung ausgezeichnet.

Bei der Kompanie wurde Pervitin mehrmals an Einzelpersonen aus-
gegeben. Truppenversuch fand nicht statt. Die gemachten Erfah-
rungen sind sehr günstig. 1 Tablette hält von dem Fahrer Ermü-
dungserscheinungen fern. Selbstbeobachtung bei Ärzten ergab
Verschwinden von deprimierter Stimmung und Auftreten eines
subjektiven Frischegefühls. Überdosierungserscheinungen (Herz-
klopfen) treten erst bei Einnahme von 2 Tabletten auf.

gez. Dr. Wirth
Stabsarzt

“Desaparecimento do clima depressivo”: um relato da guerra sobre o uso do Pervitin.

Também havia, entretanto, vozes críticas. O médico do 6º Exército (que se desmantelaria mais tarde em Stalingrado) compilou várias informações de oficiais da saúde a ele subordinados e escreveu para Ranke: “Os relatos

contraditórios não deixam dúvida de que, no caso do Pervitin, não se trata absolutamente de uma substância neutra. Parece não ser adequado permitir à tropa o uso livre do Pervitin”.^[90] Pelo jeito, alguns não se sentiam muito confiantes no emprego do estimulante. Porém, o interesse geral foi despertado. Sintomática é a frase conclusiva do relatório de experiências do 4º Corpo do Exército: “Para continuação dos testes [...] foi requisitada uma quantidade maior de pílulas de Pervitin”.^[91]

Burnout

Devido à invasão da Polônia, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha em 3 de setembro de 1939: *esta* pílula eles não ingeririam mais. Mas por enquanto nenhuma arma de fogo havia sido disparada. Na chamada “guerra sentada”, os adversários confrontaram-se passivamente, durante meses. Nenhum deles queria o combate. O choque da Primeira Guerra Mundial – quando a imobilidade foi quase total durante quatro anos e milhões de soldados morreram – estava ainda gravado nos ossos. Faixas foram penduradas: “Não atiraremos enquanto vocês não atirarem”.^[92] Não se pode falar de exaltação ou de orgulho patriótico por parte de nenhum dos lados, diferentemente de 1914. “Os alemães começaram a guerra”, escreveu Golo Mann, “mas ninguém tinha vontade, nem os civis, nem os soldados e muito menos os generais.”^[93]

Só uma pessoa via as coisas de outro modo. Hitler queria atacar a França o mais depressa possível, de preferência ainda no outono de 1939. Mas havia um problema: em relação aos alemães, o Ocidente unido tinha claramente vantagem quanto ao armamento e à força das tropas. Diferentemente do que apresentava a propaganda nacional-socialista, os alemães não dispunham de um Exército superior. Pelo contrário, depois da campanha na Polônia, o armamento teve que ser urgentemente renovado. A maioria das divisões estava equipada de forma deficiente, e menos da metade era capaz de entrar em ação.^[94] O Exército dos franceses, por outro lado, era tido como a tropa mais forte do mundo, e a Inglaterra dispunha, com seu império global, de recursos infinitos para a economia de guerra.

Os números falam por si: do lado da Alemanha havia 3 milhões de soldados; do lado dos Aliados, 1 milhão a mais. Cento e trinta e cinco divisões da Wehrmacht enfrentariam 151 divisões do Ocidente e 7.378 peças de artilharia apontavam para aproximadamente 14 mil. Também no referente aos canhões a coisa parecia clara: eram 2.439 alemães contra 4.204 do Ocidente, e estes últimos eram equipados com uma blindagem duas vezes mais espessa: enquanto a da Wehrmacht tinha 30 mm de aço, os franceses tinham 60 mm e os ingleses, até 80 mm. A Luftwaffe [força aérea] podia reunir 3.578 aviões de combate, e os Aliados, 4.469 aeronaves prontas para entrar em ação.^[95]

Uma regra militar diz que o agressor deve ser três vezes superior ao agredido para realizar uma invasão bem-sucedida. Não surpreende que o alto comando da Wehrmacht não tenha conseguido elaborar um plano promissor. Mas Hitler, sem tomar conhecimento dessa realidade, mostrava-se convencido: a combativa alma ariana daria um jeito. Inspirado erroneamente pela performance dopada na campanha da Polônia, ele sempre falava do “milagre da valentia dos soldados alemães”.^[96]

Na verdade, o ditador estava atônito. A declaração de guerra da Inglaterra e da França o pegou de surpresa; ele esperara, até o final, que o Ocidente reagisse à invasão da Polônia da mesma forma inofensiva de antes, por ocasião do desmantelamento da Tchecoslováquia. Mas não foi assim, e, de repente, a Alemanha precisou entrar sozinha numa guerra contra toda a Europa Ocidental, sem estar armada para tanto. Hitler manobrou o Reich para uma situação insolúvel, ficando contra a parede. Seu chefe do Estado-Maior, Halder, advertiu: “O tempo trabalhará, no geral, contra nós se não o aproveitarmos amplamente. Os meios econômicos do outro lado são mais fortes”.^[97] O que fazer então? Hitler não tinha ideia alguma, além de avançar de forma desatinada. O comando superior da Wehrmacht, com sóbrios planos matemáticos, mostrou-se chocado com esse ímpeto. Aliás, com seus ataques excêntricos e intuições instáveis, o cabo da Boêmia não estava em alta junto aos oficiais prussianos do Estado-Maior, e era desacreditado como militar diletante.

Um ataque inadequadamente preparado só podia levar a uma nova derrota, como na Primeira Guerra Mundial. Por essa razão, um golpe de Estado foi organizado contra o ditador. Von Brauchitsch e seu chefe do Estado-Maior, Halder, planejaram prender Hitler, caso ele ordenasse o ataque. Mas após a tentativa de atentado de Georg Elser contra Hitler em 8 de novembro de 1939, na cervejaria Bürgerbräukeller, em Munique, houve uma repressão geral e reforço na segurança, e esses planos foram abandonados.

Até que no outono de 1939 houve em Koblenz um encontro decisivo entre dois oficiais, que desenvolveram um projeto audacioso. Erich von Manstein, de 52 anos, general berlinense de ânimo exaltado e bochechas sempre coradas, consultou-se com o general prussiano-oriental da tropa blindada Heinz Guderian, um ano mais novo. Para eles, a única chance da Wehrmacht seria lançar-se com uma expedição de tanques pelas colinas belgas das Ardenas, consideradas intransitáveis, para alcançar em poucos dias a cidade fronteiriça francesa de Sedan, e logo atacar em direção à costa do Atlântico. Como os Aliados suspeitavam de um ataque mais ao Norte e lá concentravam suas forças, grande parte dos defensores poderia ser surpreendida e cercada por meio de um “corte de foice”[*]. Uma guerra de posição e desgaste, como na Primeira Guerra Mundial, seria assim evitada e os Aliados, superiores, seriam isolados de seu território por um golpe inesperado e obrigados a capitular. Ou seja, um truque.

A proposta audaciosa só angariou desaprovações no Estado-Maior alemão. Os tanques eram ainda vistos como monstros pesados, que podiam até ajudar outros tipos de armamento, mas não conduzir, como unidades autônomas, um ataque ágil, sobretudo em uma área montanhosa e pouco transitável. O plano esboçado foi tido simplesmente como louco, e, para pôr de lado o ousado Von Mans-tein, transferiram-no para o porto de Stettin, no mar Báltico, longe dos futuros acontecimentos militares. Os homens do Estado-Maior continuaram a usar de desculpas para tratar a insistência permanente de Hitler em sair atacando. O mau tempo, por exemplo, serviu uma dúzia de vezes como desculpa para não atacar. A Wehrmacht dispunha apenas, como se dizia na época, de um “armamento para tempo bom” – e era dependente de um céu sem nuvens para a sua Força Aérea.

Dessa maneira, o front ocidental acabou caindo num sono profundo. Quando Ranke visitou, em outubro de 1939, a pequena cidade barroca de Zweibrücken, no Palatinado, localizada perto da fronteira da Lotaríngia, sobressaía-se uma barreira de tanques no horizonte, mas na maior parte do tempo os soldados jogavam diversos jogos de cartas típicos da Alemanha, fumavam cigarros de acordo com a cota – sete por dia –, batiam bola, ajudavam na colheita de batata e, na sua mansidão, embalavam para adormecer os franceses, que estavam a poucos quilômetros de distância.

Isso não significava, entretanto, que os alemães não estavam preparados para mudar o *modus operandi* a qualquer momento. Eles mantinham sempre no bolso, ao alcance das mãos, a substância para mantê-los despertos. Ranke logo concluiu que “uma grande parte dos oficiais carregava consigo o Pervitin. [...] O efeito favorável foi confirmado por todos os questionados, tanto pelas tropas motorizadas como pelos membros de outras tropas, em toda parte”.[98] Apesar do silêncio sepulcral, todos sabiam: o início era iminente. Nessa hora, todos teriam de estar imediatamente em grande forma e muito despertos. Por isso seu uso foi treinado antes, disciplinadamente.

Alarmado com esse emprego profilático, Ranke escreveu: “A questão não é se devemos introduzir ou não o Pervitin, mas como voltar a controlar seu uso. O Pervitin é empregado em massa, sem controle médico”. Ele insistia, com ênfase, numa norma, numa bula que regulasse o consumo e “tornasse as experiências do Leste (campanha na Polônia) frutíferas para o Oeste”.[99] Mas nada acontecia nesse sentido.

O fato de o próprio Ranke ingerir regularmente Pervitin e relatar abertamente a respeito tanto em seu diário médico de guerra quanto em cartas, mostra o quanto seu uso era natural e se espalhara. Com dois comprimidos da Temmler, um dia normal de trabalho se tornava mais fácil, superando o estresse do serviço e melhorando seu humor. Apesar de

conhecer os perigos da dependência, Ranke – que se autodenominava especialista em Pervitin – não tirou nenhuma conclusão pessoal a respeito. Para ele, a substância permanecia sendo um remédio que ele utilizava na quantidade que considerava correta. Se aparecessem efeitos colaterais, ele não os reconhecia como tais, mas se deixava enganar: “Apesar do Pervitin, tenho a partir das 11h dor de cabeça crescente e distúrbios intestinais”. Escreveu para um colega, sem rodeios: “Ele claramente facilita [...] a concentração e leva a uma sensação de alívio na hora de começar tarefas difíceis. Então não é apenas um meio para despertar, mas também para aumentar visivelmente o humor. Lesões permanentes não foram observadas nos casos de dosagens excessivas. [...] Com o Pervitin, consegue-se trabalhar ininterruptamente de 36 a 40 horas sem sentir qualquer cansaço”.[100]

Atravessar dois dias e duas noites acordado tornou-se a regra para o fisiologista militar. Nesses primeiros meses de guerra, ele trabalhou permanentemente a todo o vapor. Entre o front, onde dava palestras sobre o Pervitin, e a capital do Reich, onde ampliava seu instituto, ele não tinha mais sossego. As exigências eram-lhe demasiadas e ele ingeria a droga cada vez mais regularmente para não baixar o rendimento. Não demorou para que Ranke se encontrasse num clássico caso de *burnout* – mesmo que esse conceito não existisse na época. Em seu diário, ele afirmava valentemente: “Algo pessoal: minha depressão está

superada. Estou apto a trabalhar desde o meio-dia de 08/11”.

[101] Com frequência, porém, ele só ia para a cama tarde da madrugada, passava uma “noite abundantemente em claro” e lamentava no dia seguinte: “Quase tive um colapso”. Sua dependência é exemplar. Com a ajuda da química, ele tentou aumentar seus limites, mesmo quando não aguentava mais. Nem sempre deu certo: “19/11/39. Incapacidade geral de trabalhar, sob pressão da discussão iminente e inspeção”.

[102] Ranke não foi o único que se desgastou entre o esforço de guerra e o consumo de Pervitin. Nesses dias, sua correspondência mostra que um número crescente de oficiais ingeria a substância para lidar com o trabalho.

Fora do Exército o vício também se alastrava. Em 1939, a febre do Pervitin difundiu-se intensamente no Terceiro Reich, tanto entre donas de casa na menopausa, que “engoliam a coisa como bombons”,^[103] quanto entre jovens mães, que no puerpério ingeriam metanfetamina contra a depressão, antes de amamentar, ou ainda viúvas, que procuravam um parceiro de elite nas agências de casamento e tomavam uma dosagem alta no primeiro encontro para afastar a inibição. O campo de indicação crescera sem limites nesse-meio tempo. Na obstetrícia, contra enjoo, medo de altura, alergia, esquizofrenia, angústia, depressão, falta de estímulo e distúrbios cerebrais – não interessa o que importunava os alemães, recorrer aos tubinhos de cores azul, branca e vermelha tornou-se rotina.^[104]

Como mal havia café disponível desde o início da guerra, a metanfetamina era empregada como substituta já no café da manhã, para melhorar o “chafé”. “Em vez de ser injetado em pilotos de bombardeiro e nos soldados de bunker, o Pervitin poderia ser usado sistematicamente para oscilações cerebrais em níveis mais altos”, escreveu Gottfried Benn sobre esses tempos de exceção também no aspecto químico. “Provavelmente isso soe despropositado para alguns, mas é apenas o seguimento natural de uma ideia de humanidade. Seja pelo ritmo, seja pela droga ou pelo moderno treinamento autógeno, é o antiquíssimo desejo da humanidade de superar tensões tornadas insuportáveis.”^[105]

No final do outono de 1939, o Departamento de Saúde do Reich reagiu àquela tendência ilimitada. O secretário de Estado Leo Conti, que portava o distintivo de “chefe da Saúde do Reich”, ou seja, uma espécie de ministro da Saúde, tentou impedir, ainda que um pouco tarde, que “um povo inteiro caísse nas drogas”.^[106] Ele apontou para o fato de que “as incômodas reações posteriores suspendem completamente o sucesso alcançado após o uso favorável”. Para tornar a legislação mais severa, dirigiu-se ao Ministério da Justiça e manifestou “sua preocupação de que, por meio da criação de uma tolerância do Pervitin, grandes parcelas da população poderiam ser paralisadas. [...] Quem quer eliminar o cansaço com Pervitin pode estar certo de que as consequências serão uma degradação lenta das reservas físicas e psicológicas e, então, um colapso”.

Num chamado pessoal, ele apelou de maneira tipicamente nazista para todos os colaboradores voluntários do combate às drogas: “A gravidade do momento deveria proibir todo homem e mulher alemão de entregar-se a prazeres duvidosos. O exemplo pessoal da recusa de drogas é, nos tempos atuais, mais do que necessário e conveniente. [...] Ajudem vocês também, com seu trabalho, a proteger e fortalecer a vida familiar alemã ameaçada pelo prazer das drogas. Assim vocês aumentam a força de resistência interior de nosso povo”.^[107]

Em novembro de 1939, ele colocou o Pervitin sob “prescrição médica permanente”^[108] e poucas semanas depois, na Prefeitura de Berlim, fez um discurso para membros da Federação dos Médicos Alemães Nacional-Socialistas, advertindo para o “novo e grande risco de vício, com todos os seus efeitos colaterais, que não nos poupará”.^[109] Suas palavras, entretanto, não foram levadas muito a sério; o consumo continuou a subir. Muitos farmacêuticos eram negligentes em relação à nova regra de prescrição e chegavam a entregar até embalagens hospitalares para os clientes, também sem receita. Ainda não era um problema arranjar várias ampolas de Pervitin por dia ou receber nas farmácias, de uma só vez, centenas de comprimidos.^[110]

No caso dos soldados, a situação era semelhante. De qualquer maneira, para eles não valia a obrigatoriedade de receita, restrita ao âmbito civil. Mas Conti não desistiu. Sob o pano de fundo da guerra real, iniciou-se uma verdadeira

guerra em torno das drogas, quando o chefe da Saúde do Reich exigiu da Wehrmacht que tomasse uma posição em relação “ao consumo, ao abuso e aos eventuais danos”, pois ele tinha observado que “nossos jovens soldados têm uma aparência extremamente ruim, frequentemente acinzentada e abatida”. O Departamento de Saúde de Conti, porém, era um órgão civil e o Exército protestou contra a intromissão: “A Wehrmacht não pode prescindir de provocar, também pelo uso de remédios, um aumento provisório do rendimento ou uma cessação do cansaço”, escreveu de volta, fria e claramente, o inspetor de Saúde do Exército Anton Waldmann.^[111]

Em 17 de fevereiro de 1940 – no mesmo dia em que Conti enviara sua carta de protesto à chefia de Saúde do Exército –, aconteceu na chancelaria do Reich um encontro importante entre Hitler e os generais Von Manstein e Erwin Rommel, recém-nomeado comandante de uma divisão de tanques. Com as mãos sempre enfiadas nos bolsos da calça, Von Manstein pôde explicar, detalhadamente, o arriscado plano de ataque que ninguém no alto comando queria ouvir. Mas Hitler, que sempre interrompia seus generais, ouvia encantado, enquanto Von Manstein ensinava como queria avançar por colinas dificilmente transitáveis para surpreender franceses e ingleses.^[112] Apesar de não suportar o general com sua competência militar exposta de forma tão arrogante – “certamente uma cabeça muito inteligente, com grande talento operacional, mas não confio nele”^[113] –,

Hitler ficou imediatamente convencido daquela estratégia baseada na surpresa. O sucesso da operação dependeria do tempo, da velocidade e da ousadia, e não só o armamento seria determinante. De repente, a inferioridade material dos alemães não era mais motivo de impedimento para o ataque. Hitler não hesitou, agarrando-se nesta última esperança: “Diante desta exposição, o Führer deu sua autorização. Pouco depois foram passadas as novas instruções de concentrar tropas”, conclui, com orgulho, a anotação de Von Mans-tein sobre o diálogo.^[114]

A questão, no entanto, permaneceu: seria possível um rápido avanço nas Ardenas? Era muito fácil encalhar naquela área intransitável e se deparar com um bloqueio feito pelas forças inimigas ali postadas, mesmo que de forma frágil. Se isso acontecesse, os Aliados teriam tempo suficiente de acudir com reforço, pelo norte e pelo sul, e pressionar os alemães. O “corte de foice” só teria chance de sucesso se os alemães conseguissem dirigir dia e noite, sem interrupção e, sobretudo, sem dormir. Hitler pôs todas as dúvidas de lado. Disse que naturalmente um soldado alemão conseguiria, por força de sua vontade, permanecer por dias e noites de prontidão para o combate, se a situação o exigisse. E que com ele acontecera o mesmo na época das trincheiras de Flandres, como estafeta na Primeira Guerra Mundial.

Anweisung für den Sanitätsoffizier über das Weckmittel Pervitin

1. Wirkungsweise.

Pervitin ist ein Arzneimittel, das durch zentrale Erregung das Schlafbedürfnis beseitigt. Eine Leistungssteigerung über die Wachleistung hinaus kann nicht erzielt werden. Bei richtiger Dosierung ist das Selbstgefühl deutlich gehoben, die Scheu vor Inangriffnahme auch schwieriger Arbeit gesenkt; damit sind Hemmungen beseitigt, ohne daß eine Herabsetzung der Sinnesleistungen wie bei Alkohol eintritt. Bei Überdosierung tritt hinzu Schwindelgefühl und Kopfschmerz sowie gesteigerter Blutdruck. Rund in $\frac{1}{10}$ der Fälle versagen die Weckmittel auch bei richtiger Dosierung.

2. Dosierung.

Zur Überwindung der Müdigkeit nach eingenommener Mahlzeit genügt gewöhnlich 1 Tablette mit 0,003 g Pervitin. Bei starkem Schlafbedürfnis nach Anstrengung besonders in der Zeit zwischen 0 Uhr und dem Morgengrauen sind vorbeugend 2 Tabletten kurz nacheinander und nötigenfalls weitere 1—2 Tabletten nach 3—4 Stunden einzunehmen. Weckmittel sind überflüssig, solange die Kampferregung anhält.

Werden 0,04 g = etwa 12 Tabletten und mehr auf einmal einverleibt, ist mit Vergiftung zu rechnen.

3. Anwendungsbereich.

Die Weckmittel dürfen nicht eingenommen werden, solange unvorhergesehene Rasten zum Schlaf ausgenutzt werden können. Die Anwendung verspricht in erster Linie Erfolg beim Kolonnenmarsch mot. Verbände bei Nacht sowie bei übermüdeten Personen nach Wegfall der Kampferregung. Nur in zwingenden Ausnahmefällen darf mehr als 24 Stunden lang der Schlaf durch Weckmittel verhindert werden.

4. Ausgabe.

Nur auf Anweisung eines San. Offiziers wird durch das San. Personal nur je eine Tagesmenge ausgegeben. Der Verbrauch ist zu kontrollieren.

5. Wirkungszeit.

Die volle Wirkung tritt bei leerem Magen 15 Minuten nach der Einnahme, bei vollem Magen nach etwa $\frac{1}{2}$ —1 Stunde ein. Die schnelle Aufnahme bei leerem Magen führt gelegentlich zu rasch vorübergehenden Überdosierungsercheinungen.

6. Darreichung.

Zweckmäßig in einem Schluck nicht zu heißen Getränkes gelöst, notfalls auch als trockene fast geschmacklose Tablette.

7. Wirkungsdauer.

Einmal 2 Tabletten beseitigen das Schlafbedürfnis für 3—8 Stunden, zweimal 2 Tabletten gewöhnlich für etwa 24 Stunden. Bei starker Übermüdung ist die Wirkung verkürzt und vermindert.

8. Gegenanzeige.

Bei Nervösen und Vagotonikern (langsamer Ruhepuls) können die Weckmittel zu harmlosen aber leistungsmindernden Erregungszuständen mit Kopfschmerzen und Herzklopfen führen. Wer einmal so auf diese Weckmittel anspricht, soll keine Weckmittel mehr nehmen. Bei Anlage zu Nierenkrankheiten, Herzkrankheiten und schweren Blutgefäßkrankheiten sowie bei allen fieberhaften Erkrankungen sind Weckmittel verboten. Im Alkoholkrausch sind sie unmirksam.

“Decreto do Estimulante”, de 17.04.1940: a bula para o consumo da droga na Wehrmacht.

Na verdade, os soldados nem precisariam contar com sua força de vontade supostamente tão acentuada. Para que servia o Pervitin? No Alto Comando do Exército, todos trabalhavam febrilmente no desenvolvimento das novas instruções. Incluía-se nisso o planejamento de serviços de saúde e, nesse aspecto, foram lembrados os testes na Academia Médica Militar. Em 13 de abril de 1940, três semanas antes do ataque, Waldmann, o inspetor de Saúde do Exército, fez uma exposição para o general de divisão Von Brauchitsch, comandante em chefe do Exército. O tema: “A questão do Pervitin. Decreto sobre o uso cauteloso, mas necessário em situações especiais”.^[115] Chamado para conversar, Ranke foi várias vezes da MA, na Invalidenstraße, para o bloco de Bendler, no canal Landwehr. Rapidamente teve que montar uma palestra para o Estado-Maior, além de redigir uma folha de instruções sobre o Pervitin, uma bula sob medida para a Wehrmacht.^[116]

Em 15 de abril, Ranke recebeu uma carta do médico do grupo de tanques do Corpo do Exército, Von Kleist, que deveria conduzir o avanço nas Ardenas. Ali se usava a droga assiduamente: “O Pervitin parece apropriado para impedir, como estimulante, manifestações de cansaço após grandes esforços físicos e psicológicos, sobretudo entre trabalhadores

intelectuais e soldados [...], de quem são exigidas vitalidade e capacidade de entendimento e concentração, e para reduzir a necessidade de sono. As observações foram feitas em parte na campanha da Polônia, em parte nos destacamentos durante as marchas e viagens de treinamento e em experiências pessoais, por muitos oficiais da saúde e oficiais das tropas”.^[117] Sem dúvida: a contagem regressiva estava correndo e Ranke exigia da Temmler o aumento imediato da produção. Dois dias depois, em 17 de abril de 1940, circulou na Wehrmacht um documento sem precedentes na história militar.

O chamado “Decreto do Estimulante” foi distribuído para mil médicos de tropas, centenas de médicos dos corpos do Exército, altos oficiais da saúde e postos correspondentes na Waffen-ss.^[*] O primeiro parágrafo é ao mesmo tempo seco e controverso: “A experiência da campanha na Polônia mostrou que, em determinadas áreas, o sucesso militar é influenciado de forma decisiva pela superação do cansaço de uma tropa submetida a grandes esforços. Superar o sono pode ser, em situações particulares, mais importante do que considerar alguma lesão a ele associada, quando o sucesso militar é ameaçado pelo cansaço. Para a interrupção do sono [...], os estimulantes estão à disposição. O Pervitin foi introduzido sistematicamente no instrumental de saúde”.^[118]

O texto era de Ranke, mas foi assinado pelo comandante em chefe do Exército, Von Brauchitsch. A dosagem foi fixada em um comprimido por dia e, à noite, “preventivamente,

duas pílulas e, em caso de necessidade, mais um a dois comprimidos depois de três a quatro horas”. Em casos excepcionais, o sono deve ser “coibido por mais de 24 horas seguidas” – e uma invasão não era um caso excepcional? Como possível sintoma de intoxicação, o decreto citava “ânimo para o ataque”. Isso deveria ser entendido como advertência ou estímulo? Mais para a frente, lia-se: “No caso da dosagem certa, o orgulho é nitidamente elevado e o receio de começar um trabalho difícil, diminuído; inibições são eliminadas sem que haja redução dos efeitos sensoriais, como acontece com o álcool”.^[119]

A Wehrmacht alemã foi o primeiro Exército do mundo a se apoiar numa droga química. E Ranke, o fisiologista militar viciado em Pervitin, era o responsável pelo uso regulamentado. Iniciava-se uma forma bem diferente de guerra.

Tempos modernos

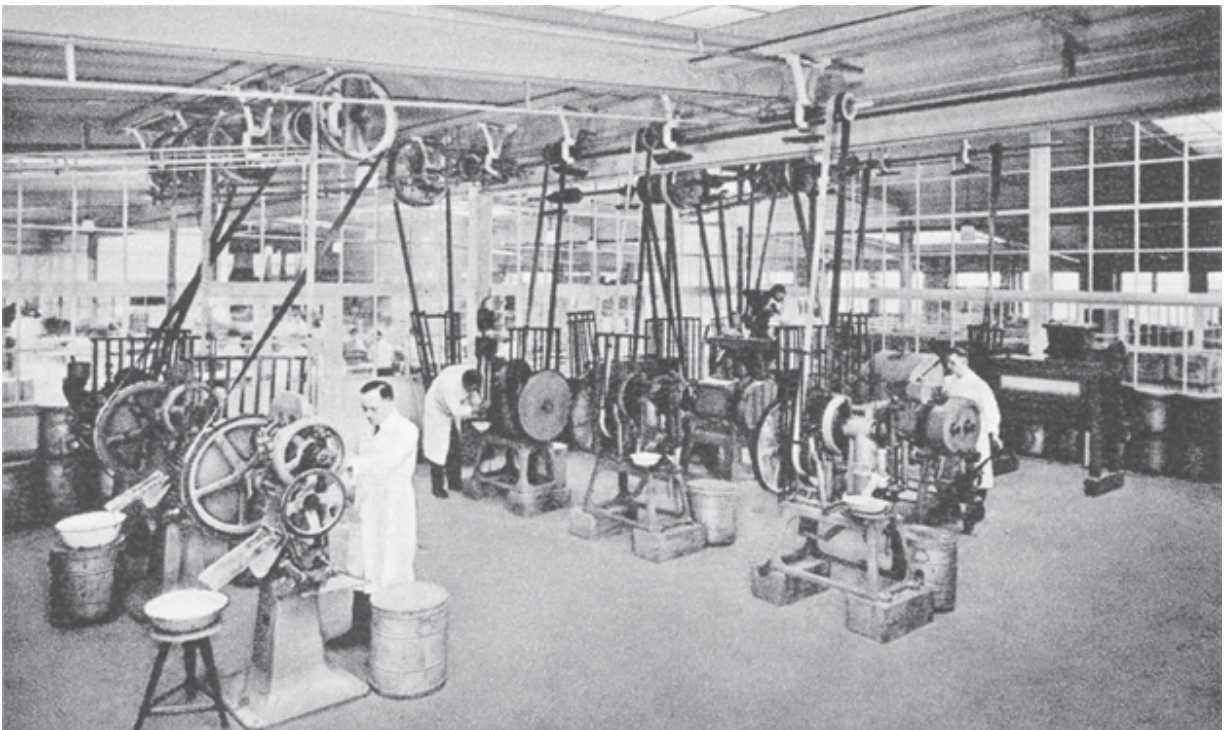
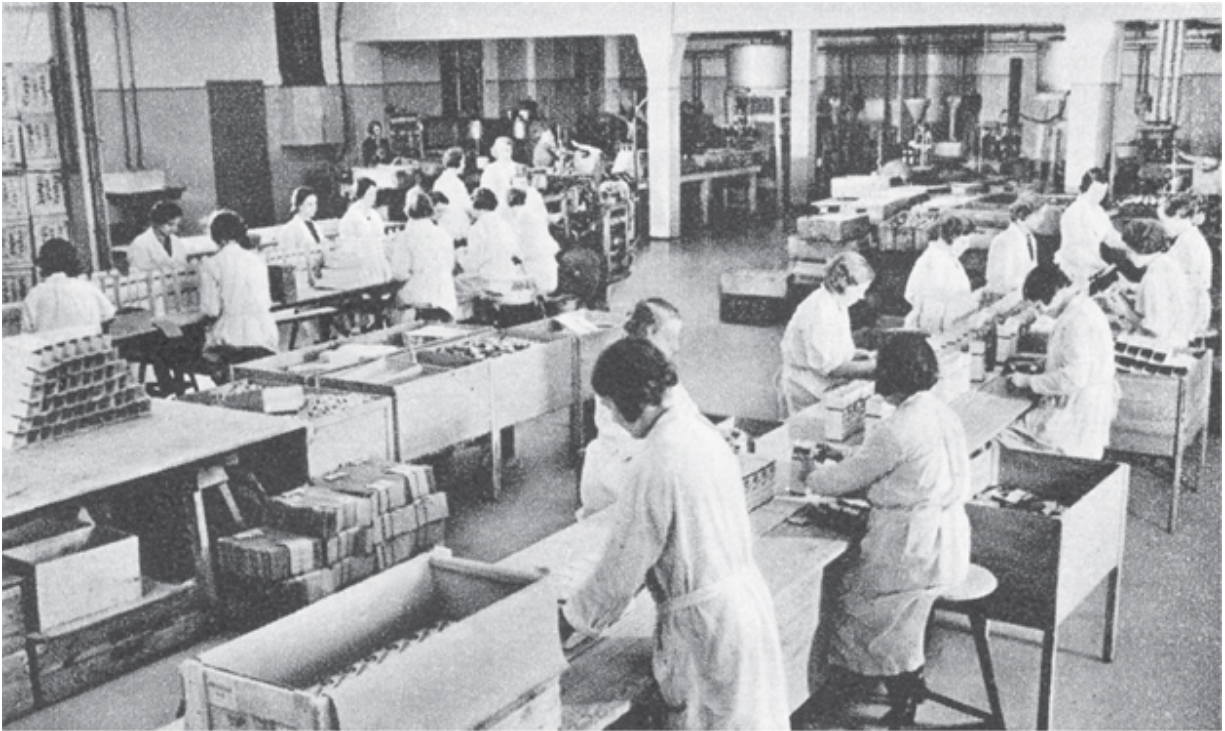
Na fábrica da Temmler, dúzias de operárias em aventais brancos sentavam-se junto às máquinas circulares, semelhantes a tortas mecânicas. As pílulas prontas eram prensadas sobre as esteiras rolantes, sem cessar; milhares delas, parecendo dançar repentinamente, eram sacudidas, preparadas para a inspeção manual: dedos femininos em luvas claras movimentavam-se como antenas de abelhas, deslizavam sobre a brancura do comprimido e selecionavam: os ruins no lixo, os bons nas embalagens especiais para as bolsas de mantimentos, para as caixas desmontáveis da Wehrmacht; e as caixas nos caixotes com a águia do Reich. Todas faziam hora extra, pois a Academia Médica Militar pressionava: a entrega deveria estar no cliente o mais rápido possível.

Eram 833 mil comprimidos fabricados em um dia. Esse volume era necessário, pois a Wehrmacht havia

encomendado para o Exército e a Força Aérea uma quantidade gigantesca: 35 milhões de unidades.^[120] Heinrich Böll não precisaria nunca mais recorrer aos pais para pedir reforço.



Grande encomenda à Temmler...



... 35 milhões de doses de metanfetamina para o Exército e a Força Aérea.



Tempo é guerra

“O sucesso está na rapidez.

Trata-se de sempre surpreender a defesa.”^[121]

Do comando de ataque do grupo de tanques de Kleist

Faixas de fósforos brilhantes presas aos troncos dos carvalhos de média altura iluminavam a trilha recém-aberta no matagal, em direção a uma encosta discreta na floresta. Lá estava a “casa dos mapas”, uma cabana de madeira, não muito mais larga do que a extensão dos braços. Dentro havia uma mesa simples e uma única cadeira de fibra. Pendurado na parede estava um mapa do relevo de Flandres, que parecia ainda mais vívido quando se olhava pela janela para o terreno ondulado do Eifel e, atrás, as Ardenas. Hoffmann, repórter fotográfico do Reich, velho amigo de Morell, se posicionou do lado de fora e disparou freneticamente para dentro.

Quartel-general Felsenest [Ninho rochoso], localizado perto de Rodert, um vilarejo minúsculo com ruas de areia e casas em enxaimel, próximo a Bad Münstereifel, 10 de maio de 1940, 7 horas da manhã: o general de divisão Jodl falava sobre a situação militar. No norte da Bélgica, paraquedistas alemães, partindo de Colônia, tinham tomado o forte de Eben-Emael, importante estrategicamente. Mas era apenas um ataque simulado para convencer os Aliados de que o ataque alemão acontecia no norte da Bélgica. Na verdade, a maior parte da Wehrmacht mantinha-se numa região completamente diferente, perto da fronteira de Luxemburgo, muito mais ao sul. Lá, tanques ruidosos tomavam posição, sucessivamente. Um pouco mais para a frente estava o rádio tanque tamanho médio do general Guderian, com seu sistema circular de antenas, característico desses veículos. O clima na tropa não era absolutamente de ataque. “Por toda parte aonde chegássemos reinava uma paz oprimida, para não dizer um profundo desânimo”, relatou um oficial.^[122]

A insegurança e a confusão entre os agressores ficam evidentes pelo fato de que o destacamento alemão, para o qual se havia trabalhado tanto tempo, ficou parado, já na primeira manhã, em um congestionamento. Em vez de partir rapidamente e aproveitar aquele momento de surpresa, tido como decisivo, houve uma confusão terrível e um colapso total do trânsito ainda em território alemão. O motivo era sintomático: carroças da infantaria afluíram para as vias largas, que na verdade seriam necessárias para os tanques, e

logo nada andou mais. Parados lado a lado, para-choque com para-choque, estavam os carros do grupo de tanques de Kleist, a maior formação motorizada empregada na história militar, com um total de 41.140 veículos, entre eles 1.222 tanques. A avalanche de aço e lata parou por mais de 250 km – uma fila única até o Reno. Foi o mais longo congestionamento na história da Europa, e os Aliados poderiam ter destruído sem problemas, com seus bombardeiros, a força inimiga que manobrava, de forma desamparada, de lá para cá, sem avançar, e aniquilado num instante o destacamento alemão. Entretanto, como não esperavam um ataque naquele gargalo intransitável, o congestionamento monstruoso passou despercebido. O sistema de reconhecimento francês não viu o que acontecia e não pôde tirar proveito do caos que a Wehrmacht promovia naquelas horas.

A causa da confusão por parte dos alemães consistia no fato de que o comando superior não confiava que os tanques conduziram de fato a invasão. Por isso não lhes destinaram muitas vias e nenhuma faixa própria de combate. Não se falava ainda de *blitzkrieg* (guerra-relâmpago); ninguém entendia o conceito – só alguns poucos generais, principalmente Guderian, que tentou desesperadamente mobilizar por rádio a Infantaria para liberar as pistas. Mas esta encarava os tanques como rivais e queria, ela mesma, conduzir o avanço, como sempre fizera. Seus caminhões de plataforma, coches e soldados marchando, entre os quais

muitos portando a tiracolo fuzis iguais aos de seus pais durante a Primeira Guerra Mundial, continuavam a entupir as ruas. Depois de infinitas manobras para lá e para cá, quando os tanques finalmente conseguiram se livrar da confusão e imediatamente saíram rolando, aos solavancos, pelos vales recortados e estradas curvas e inclinadas para compensar o tempo perdido, eles mostraram a que vieram. Nada conseguiria detê-los até o canal da Mancha. Ou quase nada.

“Não empaque, trabalhe”^[123]

“Talvez a França tenha morrido em 1940: depois de onze dias veio a derrota contra os alemães e dessa humilhação o país nunca se recuperou.”^[124]

Frédéric Beigbeder

“A tarefa imposta ao Exército alemão é muito difícil”, anotara o general Halder, chefe do Estado-Maior do Exército, em seu diário: “Ela não pode ser solucionada nesta área (Maas), dadas as relações de forças recíprocas, sobretudo na artilharia. [...] Precisamos recorrer a meios excepcionais e assumir o risco a eles associado”.^[125] Metanfetamina era um desses meios excepcionais, e os homens precisavam urgentemente tomá-la, quando o general Guderian ordenou: “Exijo que vocês não durmam no mínimo por três dias e noites, se for necessário”.^[126] E era necessário, pois só se nesse espaço de tempo a cidade

fronteira francesa de Sedan fosse alcançada e o rio fronteiro Mas atravessado, os alemães estariam no norte da França mais depressa do que grande parte do Exército francês, que se encontrava ainda no norte da Bélgica, enquanto também avançava no sul, na Linha Maginot.

Quanto ao abastecimento, tudo estava pronto por parte da Wehrmacht. Os quartéis-generais haviam encomendado as pílulas a tempo – o general conde de Kielmansegg (que nos anos 1960 se tornou comandante em chefe das forças terrestres Aliadas da OTAN na Europa Central), por exemplo, ordenou 20 mil unidades para a sua 1ª divisão de tanques^[127] – e na noite de 10 para 11 de maio houve uma ingestão em massa. Milhares de soldados pegaram a substância da bainha de suas boinas de campanha^[128] ou a receberam dos oficiais de saúde, puseram na língua, engoliram e tomaram um gole d'água em seguida.

Vinte minutos depois, chegou o momento e as células nervosas no cérebro despejaram os neurotransmissores. A dopamina e a noradrenalina intensificaram, simultaneamente, a percepção e levaram o organismo para o estado de alerta absoluto. A noite aclarou: ninguém iria dormir; tudo foi iluminado e o enorme dragão da Wehrmacht passou a abrir caminho, incessantemente, para dentro da Bélgica. A falta de vontade e a frustração das primeiras horas deram lugar a outros estranhos sentimentos. Teve início o que mais tarde ninguém conseguiria, a princípio, explicar. Um gelo sinistro tomou conta do couro cabeludo de todos,

um frio quente preencheu-os por dentro. Ainda não havia trovoadas de aço como na Primeira Guerra Mundial, mas em seu lugar rebentavam trovoadas químicas, misturadas a raios mentais, e o nível de atividade chegou ao limite. Os motoristas dirigiam, os telegrafistas telegrafavam com suas máquinas de escrever futuristas, lembrando aparelhos de codificação, os atiradores de calças pretas e camisas cinza-escuras agachavam-se, prontos para atirar, em frente às miras telescópicas. Não havia mais intervalos – um ataque químico ininterrupto no córtex cerebral fora iniciado, o organismo liberava nutrientes em quantidades elevadas, formando glicose de forma concentrada, de modo que a máquina andava na potência máxima e os pistões subiam e desciam cada vez mais rapidamente. A pressão sanguínea média aumentou em até 25%, os corações batiam acelerados no peito.

De manhã começou o primeiro combate. Os defensores belgas se entrincheiraram em bunkers perto de Martelange, uma pequena comunidade fronteiriça sobre uma colina. Na frente dos alemães havia uma encosta, centenas de metros de área aberta: inconquistável, a não ser em um ataque frontal, o que parecia ser suicídio. Porém, foi exatamente isso que fizeram os infantess excitados da Wehrmacht, correndo através da zona da morte. Chocados com o avanço arrojado, os belgas decidiram recuar. Em vez de assegurar sua posição, como costumava ser feito na história militar, os agressores desinibidos logo saíram atrás deles, afugentando-

os definitivamente. Essa primeira operação bélica foi sintomática.

Três dias depois, o comandante da divisão informou, de fato, que haviam alcançado a fronteira francesa. Sedan estava na frente dos alemães, muitos não tinham pregado o olho desde o início da campanha. E eles ainda precisavam apressar-se: o bombardeio da artilharia alemã estava planejado para as 16h em ponto, quando a onda massiva de bombardeiros aproximou-se no céu; e sempre que os pilotos da Força Aérea partiam para estonteantes mergulhos em direção ao solo e disparavam verticalmente, em ataque às formações francesas, eles acionavam suas sirenes gritantes, as chamadas trombetas de Jericó, às quais sempre se seguiam violentas explosões. Por todo lado as janelas tilintavam com a pressão do ar e as casas da cidade vizinha balançavam. De carga em carga a metanfetamina pegava fogo no cérebro, os neurotransmissores eram liberados, rebentavam nas fendas das sinapses, estouravam e derramavam sua mercadoria explosiva: as vias neurais estremeciam; as fendas neuronais brilhavam, o vibrar e o retumbar dominavam tudo. Lá embaixo, os defensores agachavam-se, seus bunkers tremiam. O barulho da sirene dos aviões arremetendo perfurava os ouvidos e acabava com os nervos.^[129]

No decorrer das horas seguintes, 60 mil homens, 22 mil veículos e 850 tanques cruzaram o rio. “Entramos numa espécie de exaltação, num estado de exceção”, relatou um

participante. “Estávamos sentados nos veículos, empoeirados, exaustos e animados.”^[130] Num delírio até então desconhecido, os alemães tomaram a cidade fronteiriça francesa. “A coragem de lutar nunca desaparecerá para derrotar o inimigo nobremente”, lê-se no relatório oficial da Wehrmacht.^[131] Na verdade, a droga ajudou de forma impressionante a colocar os soldados naquela excitação bélica, que na Primeira Guerra Mundial fora motivada pelo nacionalismo.

A reserva do Exército francês, que veio acudir, apareceu tarde demais, depois de poucas e decisivas horas – e entrou em pânico. Os alemães já haviam cruzado o Maas e a barragem estava rompida. Até a sua capitulação, os franceses não acompanhariam essa dinâmica. Eles sempre agiam devagar demais, eram surpreendidos e atropelados; não conseguiram tomar a iniciativa uma única vez. Um relatório da Wehrmacht diz: “Os franceses devem ter ficado tão confusos com o aparecimento repentino de nossos tanques que a defesa foi feita apenas de modo brando”.^[132]

O historiador francês Marc Bloch, que estava em missão pelo seu país em maio e junho de 1940, fala de uma “derrota moral”: “Nossos soldados foram vencidos e de certa maneira deixaram-se vencer muito facilmente, porque estávamos atrás com nosso pensamento”. Porque não reinava nos cérebros franceses a mesma situação de emergência, tingida pela euforia. “Encontravam-se alemães por todo lado, eles circulavam por toda a área”, descreve Bloch a terrível

confusão que os agressores armaram. “Eles acreditavam na ação e no imprevisto. Nós nos organizávamos segundo a imobilidade e o conhecido. Durante toda a campanha, os alemães não abandonaram seu péssimo costume de aparecer onde não deviam: eles não respeitavam as regras. [...] Isso significa que determinadas fraquezas, que não podem ser negadas, se baseiam, sobretudo, no ritmo lento que foi imposto aos nossos cérebros.”^[133]

As perdas francesas por bombardeio nesse primeiro dia em Sedan foram relativamente baixas, 57 vítimas. Pior foram os efeitos psicológicos do ataque daqueles alemães desinibidos que resultaram tão devastadores. E essa campanha seria decidida na psique. Em um relatório francês de investigação falou-se, a respeito da rápida travessia do Maas pelos alemães e das falhas da defesa francesa, de um *phénomène d'hallucination collective*.^[134]

Tempo é *meth*

“A guerra-relâmpago foi guiada pela metanfetamina. Para não dizer que a guerra-relâmpago foi motivada pela metanfetamina.”^[135]

Dr. Peter Steinkamp, historiador da medicina

No caso de uma invasão, são evidentes as vantagens de um estimulante: guerras são disputadas no espaço e no tempo; rapidez é determinante. Uma exceção foi a Primeira Guerra Mundial, com seus mínimos ganhos territoriais ao longo de mais de quatro anos. Mas, se Napoleão, por exemplo, em Waterloo, tivesse podido levar suas tropas duas horas antes para o campo de batalha, a coisa teria sido diferente.

No relatório da Wehrmacht, lê-se sobre o avanço impregnado de metanfetamina, promovido por Guderian: “Em uma rápida decisão, o general deixa sozinho, com seu jipe, a margem sul do Maas e parte apressadamente em

direção a Donchery [...], tirando o máximo de proveito dos motores, sem paradas, dia e noite, tão longe quanto o combustível permitir”.^[136] A realidade é menos inofensiva do que estas linhas parecem supor, considerando tratar-se de uma guerra de conquista, na qual milhares de pessoas foram vitimadas e que serviu como modelo para campanhas posteriores,^[137] pois foi conduzida de modo inovador e sem paralelos. Com seu bigode branco e o famoso binóculo em volta do pescoço, Guderian falava de um milagre, mas foi ele mesmo quem criou a guerra-relâmpago nesses dias e sobretudo noites. Os alemães tiveram, em menos de cem horas, conquistas territoriais maiores do que na Primeira Guerra Mundial em mais de quatro anos. No planejamento, concedeu-se liberdade operacional ao grupo de tanques de Kleist, ao qual também Guderian estava associado, pelo tempo necessário para que pudessem se movimentar suficientemente rápido e levar o front adiante. Assim que os tanques parassem, Von Kleist seria integrado ao todo. Essa orientação revelou-se uma programação inteligente: a tropa de tanques desenvolveu a ambição de não parar nem se deixar incorporar; pelo contrário, não permitiu ser alcançada, avançando sempre como a ponta de uma lança.

A partir de Sedan, Guderian andava de forma quase autárquica, com seu tanque munido de rádio, acompanhado dos oficiais de ordenança em seus carros laterais. Assegurar a posição ou erguer cabeças de ponte adequadas, como está nos manuais, não era mais com ele. Depois de conquistar a

cidade fronteiriça, continuou a atacar, apesar de ter recebido a ordem rigorosa de parar, arriscando a insubordinação. Defesa de flancos? Isso era antigamente. Agora se tratava de ser mais rápido do que aquele que pudesse pressioná-lo pelos lados. Garantir o aprovisionamento? Para quê, se ele tinha tudo de que sua unidade precisava? Um sistema sofisticado de galões sempre garantia gasolina suficiente também nas primeiras fileiras e, do Pervitin, cuidava o parque principal de saúde, a grande farmácia da Wehrmacht.
[138]

Os Aliados continuavam completamente surpresos com a ação dos alemães, mesmo depois de quatro dias. Eles não conseguiam se adaptar ao agressor imponderável, que não agia metodicamente, mas que tinha em vista, pura e simplesmente, alcançar a costa do Atlântico o mais rápido possível e tornar o cerco perfeito. O caminho até lá seria consequência de uma espécie de planejamento *ad hoc*, no qual a metanfetamina desempenhava um papel central.

“Andamos o mais rápido permitido pela coluna. Por meio de seus homens, o general garantia um transcurso fluente. Distâncias enormes serão percorridas nesse dia. Dois generais de uma coluna de reforço francesa são levados para o general: ‘Oh! Alemães muito rápidos – *très, très vite*’. Eles estão perplexos por terem sido presos de repente. Não tinham ideia de onde e quando havíamos chegado. [...] A viagem continua até Montcornet. Todos os veículos no trajeto andam a toda a velocidade. O general precisa indicar novas estradas. Tudo é extraordinariamente rápido”,^[139] diz

o relatório sobre o avanço de Guderian. Ele continua: “No mercado, os franceses ainda descem de seus veículos e andam um trecho com nossa coluna. Ninguém conseguiu ainda cuidar do lugar. O general para na igreja e coordena o trânsito com seu ajudante. Uma divisão para a direita, a outra para a esquerda. Como numa corrida, todos disparam de lá para cá”.[140]

A guerra-relâmpago desatrelou-se e tornou-se independente – e corporificou, nesses dias nervosos da primavera de maio de 1940, o mundo moderno em evolução, soltando-se de todas as correntes e superando todos os limites. A partir daí, drogas estimulantes passavam a ser imprescindíveis.

A raposa do *crystal*

Erwin Rommel, posteriormente o mais conhecido de todos os generais alemães, não era um especialista em tanques, mas vinha da Infantaria, ou seja, da base do Exército. No entanto, foi exatamente esse seu desconhecimento que ajudou o suábio a agir nessa campanha de forma completamente inconventional. Ele guiou sua 7ª Divisão de Tanques intuitivamente como uma tropa de choque, sem esperar que os pioneiros erguessem pontes, mas mandando seus veículos pesadíssimos cruzar, com balsas, os rios da França – e funcionou. Winston Churchill, nomeado primeiro-ministro britânico no dia do ataque alemão, raramente calculou tão mal quanto ao tentar acalmar seu colega francês, o primeiro-ministro Reynaud: “Toda experiência mostra que uma ofensiva sofre uma paralisação depois de determinado tempo. [...] Depois de cinco ou seis

dias, por causa do aprovisionamento, eles precisarão parar, abrindo então a possibilidade de uma contraofensiva”.^[141]

Rommel não parou. Hábil demais para oferecer espaço de ataque, se manteve andando, aproveitando-se, como Guderian, da excelente logística alemã, e tornou-se uma espécie de curinga mortal, que jogava sempre com o maior empenho: incalculável, incontável, irreprimível. No quartel-general, admiravam-no: “Gostaria muito de ir uma vez junto à linha de frente, como o general Rommel. Ele é o mais atrevido, sempre no primeiro tanque de sua divisão!”.^[142] Nem seu superior, o general Hoth, não o alcançava mais com suas ordens, pois, assim que elas chegavam por escrito ao posto de comando Rommel já estava longe e os contatos por rádio, interrompidos. Prescindia de qualquer intuição para perigos – um sintoma típico da metanfetamina no caso de alto consumo. Ele também continuava a avançar no meio da noite, atacava, durante o deslocamento, até mesmo posições bem reforçadas, atirava por todos os cantos como um tresloucado e apanhava seus inimigos sempre desprevenidos. Os franceses desesperavam-se diante daqueles monstros, que pareciam ter escapado da guia e partiam, em alta velocidade, para cima de seus canhões de defesa. Como eles deveriam se comportar? Não havia orientação alguma sobre o que fazer; tal situação nunca fora exercitada nas manobras.

Perto do final dessa primeira semana da campanha, ocorreu uma cena fantasmagórica, que joga uma luz dura

sobre a ação alemã: dispensado de todas as obrigações, Rommel avançou na madrugada de 17 de maio de 1940 ao longo da estrada de Solre-le-Château, localizada bem no norte da França, na direção de Avesnes. O acaso quis que a 5ª Divisão de Infantaria, parte da 18ª Divisão de Infantaria e a 1ª Divisão de Tanques do Exército francês estivessem acampadas bem ali. O general não hesitou um segundo e partiu para cima, esmagou tudo e todos atirando por todos os lados, empurrou por 10 km centenas de veículos e tanques – nos quais mortos e feridos estavam pendurados – para dentro de covas à esquerda e à direita, para seguir em frente arrastando correntes ensanguentadas; ereto entre dois oficiais de sua divisão no tanque de comando, com o boné pendurado no pescoço ele conduzia o ataque.^[143]

A guerra-relâmpago dos alemães, que não precisavam mais dormir, não tinha controle. A semente para futuras orgias de violência estava plantada. Parecia que nada nem ninguém conseguiria deter aqueles soldados, que começaram a acreditar gradualmente na propaganda nacional-socialista, segundo a qual eles realmente eram melhores; a metanfetamina, que tornava as pessoas superiores, amparava a avaliação errada. Começaram a circular os primeiros boatos sobre a “invencível Wehrmacht”. No Palácio do Eliseu, o ministro francês da Guerra, Daladier, não quis acreditar e gritou suas descrenças no telefone, quando seu comandante em chefe, Gamelin, admitiu a derrota em 15 de maio, às 20h30: “Não! O que o senhor está

me dizendo não é possível! O senhor está enganado, certamente! É impossível!”.^[144] Os *boches*^[*] já se encontravam a 130 km de Paris – e nenhuma reserva francesa na capital para defendê-la. Tudo foi rápido demais. “Quer dizer que o Exército francês foi derrotado?” Daladier sentiu o golpe e seu rosto petrificou-se. “Fiquei como que anestesiado”, anotou Churchill em suas memórias: “Admito que essa foi uma das maiores surpresas da minha vida”.^[145]

Os alemães ganharam a guerra na Europa depois de apenas alguns dias. Bem, quase...

Hitler não compreende a guerra-relâmpago

“No momento, parece ser a maior catástrofe militar da história.”^[146]

General Edmund Ironside, chefe do Estado-Maior britânico, sobre a situação dos Aliados, em 17 de maio de 1940

“Um dia bem desagradável. O Führer está terrivelmente nervoso. Ele tem medo do próprio sucesso, não quer arriscar nada e, por isso, prefere nos conter.”

Franz Halder, chefe do Estado-Maior do Exército, também em 17 de maio de 1940

“Ele está enfurecido e grita que está prestes a estragar a operação e a se expor ao perigo de uma derrota.”^[147]

Halder, um dia depois

Os acontecimentos extremamente rápidos surpreenderam a todos no Estado-Maior alemão. As repartições militares trabalhavam dia e noite e coletavam informações telefônicas dos diferentes setores, atualizando permanentemente a evolução no front. No quartel-general Felsenest, o general de divisão Jodl fazia um relato sobre a situação ao meio-dia e à noite. Mas Hitler, um sonâmbulo nervoso e impaciente, levantava-se de seu sofá no posto de comando também no meio da noite, deixava seu bunker de paredes de concreto armado com um metro e meio de espessura, orientava-se pelas faixas de fósforo brilhantes e andava tateando pelo escuro bosque de carvalho até a casa dos mapas, onde o ajudante de Jodl marcava mais uma nova linha de combate, deslocando-a para o oeste. Hitler sentava-se na cadeira de ráfia até o amanhecer e só o movimento permanente de suas maxilas denunciava sua excitação interior e um paradoxal mau humor.

Pois não era o Führer quem guiava essa campanha: ele corria esbaforido atrás dos generais dos tanques, que agiam independentemente. Apesar dos êxitos obtidos, o ditador não conseguia engolir que a coisa lhe escapava das mãos. Será que ainda era a “sua” guerra? Os altos senhores do Exército, que por tanto tempo se opuseram ao ataque, não haviam tomado a iniciativa e avançado mais rápido do que o planejado na casa dos mapas? O medo de Hitler em relação àqueles militares altamente especializados, que eram muito mais instruídos do que ele, um simples cabo, veio à tona. Ele

aventava problemas onde não havia e acusava os generais, inebriados pela vitória, de não cobrir os flancos e de se tornarem vulneráveis: o que fazer se os Aliados, vindos da Bélgica ou do sul, promoverem um movimento de pinça contra o front? Essa possibilidade, na verdade, não existia, dada a terrível confusão do lado adversário. Hitler, entretanto, não reconhecia a realidade, sendo levado por seus próprios medos, por um complexo de inferioridade latente.

Assim, desesperadamente pressionado, o comandante supremo cometeu um erro crucial na primavera de 1940, na floresta do Eifel, quando decidiu deprezar o cérebro excitado da Wehrmacht, que andava a todo o vapor. Sua decisão, secreta, foi: ele tiraria, a todo custo, o poder da liderança do Exército na central de comando da guerra; como, ainda não sabia. Todos deveriam perceber quem tinha as rédeas nas mãos, quem dava as cartas ali. Além disso, ele estava totalmente convencido de que só a capacidade de resistência física habilitaria um homem genial, como ele mesmo se via, a uma vitória sobre seus opositores. Quando todos perdessem o controle, com os nervos em frangalhos, seria ele então, totalmente sozinho, quem resistiria. Fisicamente, sentia-se forte como um touro e acreditava poder competir com o mundo inteiro. Então como não fazer o mesmo com a sua própria liderança do Exército?!

O médico particular de Hitler, paradoxalmente, também viveu esses dias de sucesso delirante como um retrocesso e

uma derrota pessoal. Apesar de estar permanentemente de prontidão, seus serviços mal foram usados. Escreveu para a mulher: “Perguntei para o Führer uns dias atrás se ele tinha queixas. Ele negou. Ele está realmente esplêndido. Revigorado e bem-disposto. Mal tenho o que fazer aqui do ponto de vista médico”.[148] Na condição de civil inútil, Morell permaneceu um estranho naquele posto de comando militar de alta rotatividade. O homem gordo era um estorvo para todos, e muitos sentiam uma instintiva aversão à sua figura e ao seu papel. Também não ajudou em nada o fato de ele ter encomendado, a partir de rascunhos próprios, um uniforme-fantasia com uma insígnia dourada sobre o emblema cinza-claro e verde, para não ter que perambular à paisana. A aparência ridícula só lhe trouxe zombaria por parte dos generais. Quando aplicou no cinto, para impressionar, uma fivela da ss, foi alvo de críticas; como ele não era membro da ss, precisou tirá-la. Um pouco desamparado, escolheu uma fivela dourada como se estivesse em uma opereta. Olhava com inveja para o seu rival, o cirurgião de Hitler, que ocupava uma posição regular da Wehrmacht. “O dr. Brandt está usando, desde hoje, uma dragona de primeiro-tenente (Exército).”[149] Em seguida, na qualidade de ingressante na carreira de maneira não convencional, Morell tentou também receber um posto médico-militar regular, mas seus requerimentos foram recusados. Nem Hitler o apoiou nessa exigência. Afinal, era exatamente isto o que apreciava em seu médico particular:

só se permanecesse um lutador isolado, sem um cargo no partido, na Wehrmacht ou em outra organização de massa, ele não poderia ser facilmente manipulado por outros na máquina ou ser usado para intrigas – e pertenceria só a ele, o Führer.

Enquanto os tanques atropelavam os inimigos, medos existenciais cada vez mais fortes atormentavam Morell em seu isolamento no Felsennest. Outros no círculo de Hitler, como o fotógrafo Hoffmann, lucraram de maneira impressionante com os sucessos do Terceiro Reich, e uma espécie de cavalaria salteadora moderna estabeleceu-se na liderança. Morell, porém, recebia apenas um salário de 3 mil marcos por mês para cuidar do Führer, incluindo-se aí o tratamento dos ajudantes. “Como todos os outros homens são menos livres, estou sempre sozinho. [...] Se não se tratasse do Führer, gostaria de estar em casa vez ou outra. Vou fazer 54 anos”, lamentou em uma carta para a mulher, e reclamou que sua mansão em “Schwanenwerder só pode ser mantida com um constante salário alto; então preciso ou ganhar muito com a medicina ou arranjar um rendimento químico-farmacêutico”.[*] Ele desenvolveria essa última ideia, com vastos efeitos, não só para seus pacientes.

O comando de parada de Dunquerque: interpretação farmacológica

“Nos próximos dias teremos perdido praticamente todos os
nosso soldados formados, a não ser que um milagre nos
salve.”^[150]

General Edmund Ironside, chefe do Estado-Maior britânico

Na terça-feira, 20 de maio de 1940, um avião-correio vindo do Ministério da Propaganda aterrissou no Felsenest e trouxe o *Wochenschau* [documentário semanal], que acabara de ser editado sob a supervisão de Goebbels. Hitler desceu a pé a ladeira em direção ao Hack, o bar do vilarejo. Sentou-se na sala lateral, assistiu ao rolo três vezes seguidas e ditou seus desejos de mudança. Em seguida, tomou uma ducha na casa de banho em frente e regressou para o posto de

comando.^[151] Na manhã seguinte, a remessa voltou para Berlim e, a partir das 10h de quinta-feira, foi exibida nas telas em todas as estreias de cinema na Kurfürstendamm. Naturalmente não se falou de estimulantes nesta edição de 22 de maio de 1940 do *Wochenschau*, mas da “espada alemã, que escreve uma nova página da história”, e do “espírito ariano, combatente e invencível”.^[152]

Nesse meio-tempo, Guderian tinha conquistado Abbeville, a importante cidade portuária no canal da Mancha. Todas as tropas francesas, britânicas e belgas estavam, assim, bloqueadas, havendo apenas um único porto aberto no Atlântico, a última possibilidade de fuga: Dunquerque. Mais uma vez Guderian agiu mais rápido do que seus oponentes e alcançou a localidade belga depois de cinco dias. Ele precisaria de poucas horas para bloquear a última via de fuga, encurralando um milhão de soldados Aliados que ainda se encontravam a 100km de distância, em combate com o 6º e o 18º exércitos, e expostos ao perigo mortal que se aproximava pelas costas. Depois de apenas dez dias de luta, o Império Britânico estava perto do declínio.

Convidado por Hitler, Göring encontrava-se naquela manhã em Felsenest. Em consequência do ferimento na barriga que sofrera no assalto ao Feldherrenhalle de Munique, em 1923, fazia anos que o segundo homem no Estado era fortemente viciado em morfina.^[153] Antes de deixar seu dormitório, “Möring”, como era chamado pelas costas, tirou sua seringa artesanal com seu anel dourado do

estoujo marrom-claro de couro de cervo, puxou-a com experiência, arregaçou como de costume a manga de seu roupão de seda verde, apertou o braço, fechou os olhos para encontrar o local certo e aplicou uma dose bem alta. Demorou apenas alguns segundos até a morfina fazer efeito no sangue e o enorme broche de rubi cintilar esplendidamente no peito do marechal do Reich, como deveria ser. Os olhos de Göring agora estavam grandes e brilhantes, e as pupilas, por sua vez bem pequenas, proporcionavam ao seu olhar algo penetrante. O mundo estava aos seus pés – como poderia ser diferente? – e ele meteu na cabeça, prazerosamente mergulhada em ópio, que não deixaria de modo algum para os arrogantes líderes do Exército a vitória gloriosa sobre os Aliados. Göring temia que os generais alemães ganhassem do povo o respeito que poderia enterrar sua própria posição, assim como a de Hitler. Além disso, parecia ser uma tarefa vantajosa para a Força Aérea: eliminar do alto as tropas adversárias. Seus aviões só precisariam de rotas livres – os tanques da Wehrmacht deveriam recuar um pouco para não entrarem na zona de perigo. Göring assentiu com a cabeça a esse pensamento que lhe parecia genial, substituiu seus chinelos vermelhos pontiagudos por botas pretas de cano alto e partiu para a floresta, enquanto a indiscreta sensação de bem-estar causada pela morfina tomava-o de forma cada vez mais intensa.

Hitler escutou a ideia de seu representante enquanto saboreavam sopa de aveia, müsli e chá de maçã, sob bordos vicejantes. Os dois velhos companheiros de luta confiavam cegamente um no outro. Por enquanto. A química entre eles era afinada – desde sempre. Hitler sentia estar em sintonia com “Möhring”, diferentemente de com os generais “pervitinados”. Para ele, a “Força Aérea nacional-socialista” era superior ideologicamente ao “Exército prussiano”. Ele concordou com a proposta desatinada de seu marechal do Reich e aproveitou a oportunidade para eliminar, como planejado, o comando superior do Exército e impor o seu “princípio do Führer”. Ainda pela manhã, voou para Charleville, o quartel-general do grupo do Exército A. Às 12h45 foi dada de lá uma ordem sobre a qual os especialistas em história militar quebram a cabeça até hoje. É o ominoso “comando de parada” de Dunquerque, incompreensível sob um ponto de vista racional.

Quando os britânicos perceberam que os tanques alemães haviam parado do nada, não podiam acreditar na sua sorte. Começaram imediatamente uma ação de evacuação sem precedentes e todos correram para Dunquerque. Dez mil navios de socorro atracaram lá num curto espaço de tempo: contratorpedeiros da Marinha Real e outros navios de guerra, barcas, até mesmo navios a vapor, iates particulares confiscados e lanchas do Tâmesa: uma armada montada de maneira confusa ininterruptamente em ação. Por pontes provisórias, feitas de caminhões cobertos por tábuas, as

tropas Aliadas subiram, do escondedouro de Dunquerque, para as arcas salvadoras.

Guderian só podia ficar olhando. Com um telescópio, observava os acontecimentos na cidade portuária, para a qual se dirigia uma multidão de soldados britânicos e franceses num fluxo que não seria mais contido. Entretanto, apesar de o plano autocrático de Göring de obter a vitória pelo ar não funcionar desde o começo, ele não podia avançar. A fraqueza material e, sobretudo, estratégica da Força Aérea manifestou-se de repente. Em seu delírio de morfina, o marechal do Reich superestimara-se. Seus Stukas^[*] chegaram a afundar mais de mil barcos salva-vidas britânicos, mas no final de maio as nuvens impediram a visão. Além disso, a Força Aérea Real, cujas bases ficavam mais perto, apresentaram um trunfo: os aviões Spitfire apareciam subitamente no céu e conquistavam a soberania no espaço aéreo. Na casa dos mapas do Felsenest, o comandante em chefe do Exército, Von Brauchitsch, estava à beira de um ataque de nervos. Ele pedia permanentemente a Hitler para poder voltar a atacar e concluir a campanha. Mas o ditador manteve-se teimoso. *Ele* conduzia aquela guerra e ninguém mais.

Mais de 340 mil soldados britânicos, franceses e belgas salvaram-se dessa forma, levados para a ilha. Na última hora os Aliados impediram uma derrota total. Von Manstein, o criador do “corte de foice”, chamaria mais tarde esse capítulo de uma “vitória perdida” para os alemães. Quando

Guderian pôde entrar em Dunquerque – às 9h40 de 4 de junho, dez dias depois de uma incompreensível espera –, só encontrou o equipamento deixado pelos britânicos: 63 mil veículos, 22 mil motocicletas, 475 tanques, 2.400 peças de artilharia, uma quantidade enorme de munição e armas portáteis, assim como 80 mil soldados franceses, para os quais não havia mais lugar nos navios britânicos. Além disso, uma silhueta esfumaçada e bombardeada, uma carcaça carbonizada de cidade, que parecia desdenhá-lo. Os britânicos haviam tirado o pescoço da corda.

Estava terminada a batalha de Flandres, a primeira fase da campanha ocidental, chamada de “caso amarelo”. Contrariamente a interpretações posteriores, ela nunca fora concebida consistentemente como guerra-relâmpago, porém, desde a ruptura em Sedan, favorecida pelo emprego massivo de Pervitin do lado alemão, ela desenvolvera uma dinâmica própria, conduzida só por Hitler, que não compreendia sua velocidade. A despeito disso, ele registrou a vitória como sendo um triunfo pessoal. Apesar de seu grave comando de parada, ele se consideraria futuramente infalível e seu círculo participaria dessa farsa de forma animada ou intimidada. Na imprensa alemã, a campanha foi apresentada como “o acontecimento histórico militar mais espantoso de todos os tempos, pois muita coisa considerada, com razão, impossível acabou tornando-se possível”.^[154] Wilhelm Keitel, chefe do comando superior da Wehrmacht, qualificou Hitler, após a “maior vitória militar de todos os tempos”,

[155] como *größter Feldherr aller Zeiten* [o maior comandante de todos os tempos], o que mais tarde, quando ficariam evidentes as fraquezas retumbantes de Hitler como comandante, seria escarnecido como “*Gröfaz*”[*].

O traficante da Wehrmacht

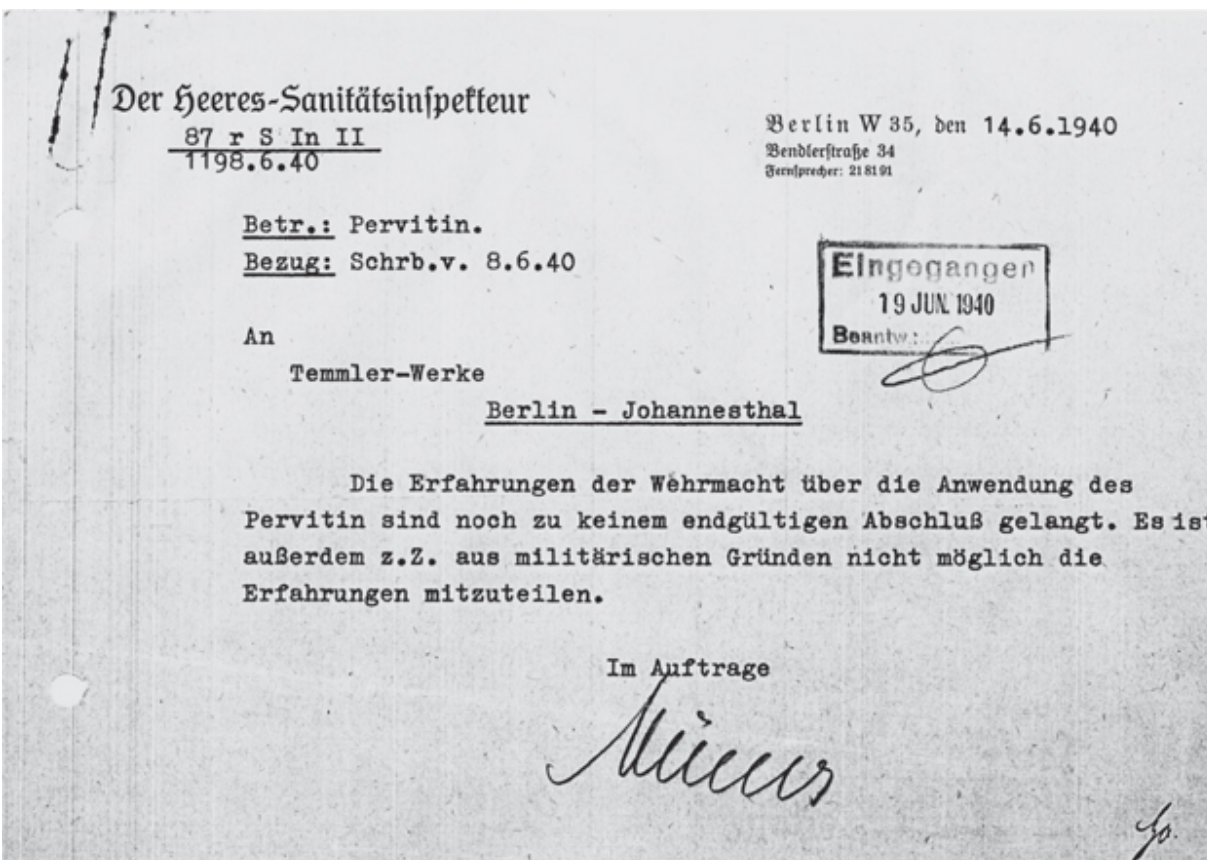
“Intimei-os a não dormir por 48 horas.
Vocês aguentaram 17 dias.”^[156]

Heinz Guderian

Berlim, 6 de junho de 1940: uma chuva pálida cortava o céu escuro de tempestade em faixas, estalava na carroceria dos automóveis, ônibus e coches e brilhava sobre bonés, chapéus e guarda-chuvas. A voz permanentemente eufórica do locutor de notícias tilintou do alto-falante do novíssimo rádio do carro, um Telefunken T655, anunciando que as tropas alemãs estavam na entrada de Paris. O motorista do Horch preto mudou de canal. *Ich bin wie ich bin* [Eu sou como sou], de Arne Hülpers e sua orquestra, ecoava agora do interior do carro oficial, enquanto lá fora o slogan *Persil bleibt Persil* [Persil continua sendo Persil], em letras verde-claras

de neon, cintilantes, distorcia-se nas poças que dançavam com a chuva.

Às 22h52, o trem de Ranke partiu da estação de Anhalt em direção ao oeste. Ele decidira viajar para o front para pesquisar o uso de Pervitin, assim como para reabastecer o estoque. Seu diário de guerra das semanas seguintes, guardado no Arquivo Militar em Freiburg, traz um olhar sem disfarces para a segunda fase da campanha, que se referiu à ocupação do núcleo francês, chamada “caso vermelho”. Frequentemente as frases de Ranke estão cortadas, as descrições são rápidas e cheias de abreviações. Uma boa quantidade de metanfetamina está sempre em jogo: “14.6.40 sexta-feira 9 horas: reunião com tenente-coronel Kretschmar, situação. Apresentação. Sabe bem, ele mesmo toma a cada dois dias dois comprimidos, acha fabuloso, sente-se revigorado, sem cansaço posterior, sem diminuição do rendimento intelectual sob Pervitin, confirmado expressamente quando perguntado por mim”.^[157]



Segredinhos na Wehrmacht: nenhuma informação sobre *doping* em massa.

No Tour de France particular de Ranke, no qual ele cruzou o país por mais de 4 mil km, ao longo da costa, pelas cidades e sobre as montanhas, o *doping* desempenhou um papel decisivo. Significativo é o fato de que ele acompanhava os mais graduados oficiais do Exército, os criadores da guerra-relâmpago do “grupo de tanques Von Kleist”: Guderian e Rommel, o louco. Ranke encontrava-se sempre onde a maior parte de metanfetamina era consumida, onde todos estavam sob tensão e precisavam dele – pois tinha

consigo todo um arsenal de drogas pesadas, que distribuía solicitamente.

“16.6.40 domingo: pouco antes da partida aparece às 10h o meu carro com o motorista Holt, que teve dificuldade de nos encontrar de madrugada. Hurra. Carregar 40 mil Pervitin. Partida 11h para o xiv Corpo do Exército, primeiro chocolate (eu na direção), na praça do mercado de Lormes 1 xícara de café, seguindo para Montesauche. Durante todo o dia só comi um pacote de bolacha.”^[158]

Muitas vezes Ranke tinha a câmera à mão durante os seus reconhecimentos. Seu motivo mais frequente surpreende à primeira vista, pois eram pessoas dormindo: soldados que se estendiam ao lado de carros blindados, motoristas cochilando em seus veículos, oficiais adormecidos em poltronas, um sargento-ajudante numa espreguiçadeira embaixo de uma árvore. As fotos pareciam querer provar uma coisa: Morfeu, conhecidamente o principal inimigo de Ranke, ainda não fora vencido e precisava continuar sob o foco ou na mira. Naturalmente com Pervitin.

O inimigo externo trazia menos dificuldade: quando na metade de junho Paris caiu nas mãos dos alemães, o Exército francês mal resistiu. O quadro oferecido pela França nesses dias era apavorante: “Campos em ruínas, muitos carros carbonizados, cadáveres de cavalos em grandes praças cercadas por árvores derrubadas. Tanques e casas queimados. Nas ruas de retirada dos ingleses e franceses, uma confusão

de peças de armamento, entre elas artilharias abandonadas, tanques defeituosos etc.; e nas duas ruas laterais, repatriados, a maioria sobre bicicletas carregadas com uns míseros pertences”.^[159]

Também o superior de Ranke, Waldmann, inspetor de saúde do Exército, viajou nesses dias pela região de conflito e, com toda a sua autoridade, elogiou ao máximo o Pervitin, mesmo sem mencioná-lo pelo nome: “Front Maginot rompido. Rendimento excepcional das marchas: 60-80 km! Reforço, aumento do rendimento. Evacuação – tudo melhor do que em 1918”.^[160] Nessa guerra, as tropas alemãs não pararam, mas, sim, correram por aquele campo de verão com velocidade sem igual. Rommel, que agora evitava as estradas para rodar pelas últimas posições de defesa francesas, cruzava frequentemente os campos e em 17 de junho de 1940, com 240 km rodados, bateu uma espécie de “recorde militar”. O chefe do Estado-Maior da Força Aérea anotou: “O rendimento da marcha é monstruoso.”^[161]

Na metade de junho, Guderian alcançou a fronteira da Suíça, perto de Pontailier. O meio milhão restante de soldados franceses, que estava na Linha Maginot, também se via agora encurralado; a vitória do Reich alemão sobre seu vizinho era definitiva. Só Hitler ainda não compreendia a velocidade com que tudo acontecia: “Sua informação baseia-se num erro”, telegrafou ele para o seu general. “Trata-se de Pontailier-sur-Saône”. Guderian precisou esclarecer: “Nenhum erro. Eu mesmo estou em Pontarlier, na fronteira

suíça”.^[162] O quão rápido ocorreu a violação ilustra o relato de um repórter de guerra alemão: “Sem interrupção, rolam os tanques, a artilharia, os Flaks [canhões antiaéreos], as colunas de aprovisionamento. Avancam sem paradas. Também de madrugada tateamos pelas estradas. Ninguém pensa em dormir. Um pedacinho de chocolate substitui o almoço. Seguimos adiante! Já percorremos 300 km em colunas, em parte sobre campos de trigo, gramados e áreas cultivadas. Só os que estão atrás da direção podem dizer o que isso significa. Realmente, nossos motoristas fizeram o impossível nos últimos dias. Fomos tão rápidos que a população francesa não teve tempo para fugir. ‘Vocês alemães sopram sobre o país como um rodamoinho’, disse um civil. ‘Alguns dias atrás ainda em Calais e agora já no sul da França.’ Sua única reação foi balançar a cabeça”.^[163]

Mas não foi apenas chocolate, como se afirmou no *Berliner Lokal-Anzeiger*, que substituiu o almoço. Eram as pequenas pílulas da firma Temmler que afastavam a sensação de fome. Ranke, que acompanhava Guderian e chegou a rodar mais de 500 km em três dias, recebeu de um oficial da saúde da tropa de tanques a confirmação de que, durante a campanha, foram consumidos entre dois e cinco comprimidos de Pervitin por dia. Se como consequência a propaganda alemã tentou apresentar a vitória espantosamente rápida como prova de uma suposta moral combativa nacional-socialista, isso escapa da realidade. O diário médico de guerra de Ranke é a prova de que outras

forças estavam em jogo, como as químicas: “O médico do Estado-Maior Krummacher tem experiência com Pervitin. Ele me apresenta ao coronel Stockhausen. [...] Despedida do tenente-coronel Kretschmar, que pergunta detalhadamente e solicita Pervitin no final. [...] Desde o começo da campanha, ele consumiu até seis comprimidos de um tubinho com trinta comprimidos”.^[164]



Depois de dezessete noites em claro: o sonho após a guerra-relâmpago.



A respeito de Kretschmar, que era o responsável pela hospedagem do “grupo de tanques Von Kleist”, Ranke escreveu que ele, “com o Pervitin, muitas vezes conseguiu prosseguir com o trabalho, apesar do cansaço. Ele acentuou o efeito favorável sobre o humor e destacou que, sob efeito do Pervitin, sempre levou a cabo trabalhos difíceis, que exigiam concentração”.

Mas eram principalmente os “oficiais do Estado-Maior que conheciam, apreciavam e me pediam o Pervitin”. Ranke travou uma “conversa alegre e minuciosa sobre Pervitin e ciência” com o oficial-chefe da saúde de Rommel, o coronel-médico Baumeister. Também a Waffen-ss, que gostava de se gabar de sua força combativa, não queria prescindir da substância: “Saída às 10h pela rota da 10ª

divisão de tanques. Recepção da muito disciplinada ss, apesar da longa viagem, lá descarregamento de 2 mil Pervitin junto ao médico da tropa”.

Também havia, entretanto, registros de efeitos colaterais, efeitos negativos do emprego farmacológico em massa. Mas Ranke ignorou-os – ou simplesmente silenciou a respeito nas suas anotações. Foram os oficiais mais velhos, a partir de 40 anos, que sentiam às vezes no coração o uso forçado de *meth*. Um coronel da 12ª Divisão de Tanques, que sabidamente “toma muito Pervitin”,^[165] morreu de infarto durante um banho no Atlântico. Um capitão também teve um infarto depois do uso de Pervitin numa noite para homens. Durante combates incessantes, um general de divisão reclamou de cansaço e tomou Pervitin antes de partir para a Infantaria, contrariando os conselhos médicos. Lá sofreu um colapso. Um tenente-coronel do grupo 1 de reserva de tanques, que durante os combates “tomara, ao longo de quatro semanas, duas vezes ao dia dois comprimidos Pervitin”,^[166] queixou-se de dores no coração e destacou, num parecer, que a “circulação do sangue antes do uso do Pervitin era totalmente normal”. Ele descreve criticamente a determinação de doping em massa: “O Pervitin foi entregue a serviço, antes do início da ação, e distribuído para os oficiais, até para o chefe da companhia, para consumo próprio e para ser levado às tropas subordinadas, com a clara instrução de que devia ser usado sem falta para não dormir

quando das ações iminentes. Havia uma ordem clara de que a tropa de tanques tinha que usar o Pervitin”.

Soube-se por outro oficial do Estado-Maior que ele consumira durante um mês e meio, em 33 dias de combate, quatro comprimidos de Pervitin por dia. Depois disso tornou-se incapacitado, devido a “hipertensão arterial crônica”.^[167] Dependências também vinham à luz. Mais e mais homens lutavam com os efeitos colaterais da droga, sofriam de apatia e depressão: assim que o entusiasmo desaparecia, eles ficavam nervosos e sentiam-se mal. Quanto mais tempo tomavam *meth*, menos dopamina e serotonina eram liberadas no cérebro – a pessoa sentia-se pior e aumentava a dose para compensar. O círculo vicioso.

Ranke ignorou tudo isso, seguindo o lema “guerra é guerra e *meth* é *meth*”. O cientista, tido em seu instituto na Academia Médica Militar como incorruptível, maquiou os levantamentos feitos para Berlim sobre o estimulante. Manifestou-se assim sua própria insuficiência particular: ele conhecia a droga como ninguém no Exército e sabia de seus perigos, mas tornou-se dependente dela, minimizando os efeitos negativos tanto para si mesmo quanto para os outros. O caso clássico do traficante viciado. O incomum no abuso de substâncias por parte de Ranke: suas consequências no destino de inúmeros soldados e civis.

Guerra e vitaminas

No delírio da campanha vencida, Morell lembrou-se de seu papel como pioneiro das vitaminas e partiu para a fabricação e venda, em toda a Europa, de um preparado combinado chamado “Vitamultin”. Sua estratégia de venda era simples e sedutora: ele só precisaria fazer o grande comandante, seu paciente A, confiar no produto e, certamente, logo todos os outros o seguiriam. Para aumentar a atração para Hitler, Morell fez a firma Nordmark, de Hamburgo, da qual era 50% proprietário, produzir as chamadas multivitaminas “nobres”, destinadas a uma única pessoa, embaladas com papel dourado e munidas do carimbo SF – *Sonderanfertigung Führer* [fabricação especial para o Führer]. Já o conteúdo apresentava-se menos glamoroso do que a embalagem, pois se tratava de pó de roseira brava, limão seco, extrato de levedura, leite desnatado e açúcar refinado.^[168]

Apesar de Hitler não sofrer de carência vitamínica, pois se alimentava exclusivamente de frutas, verduras e salada, ele pulou sobre as barrinhas como se fossem as maçãs das hespérides. Afinal, vitaminas adicionais não faziam mal. Logo passou a consumir vários daqueles presentes dourados por dia, enquanto Morell instruía com urgência a farmácia Engel, próxima à Chancelaria do Reich, para que mantivesse “sempre um pequeno estoque de cerca de 500 a 1.000 barras de Vitamultin-F. [...] É preciso assegurar uma reserva sem lacunas”.^[169] Ele manteve a fórmula rigorosamente sob segredo e instruiu o farmacêutico que entregasse o produto exclusivamente para ele pessoalmente ou para os empregados de Hitler.

Agora era a vez da segunda etapa da estratégia de marketing de Morell. Para o topo da Wehrmacht e os colaboradores importantes do Estado-Maior, o astuto médico encomendou um novo carimbo SRK – *Sonderanfertigung Reichskanzlei* [fabricação especial para a Chancelaria do Reich], para embalagens não em dourado, mas em papel prateado. Logo os altos oficiais disputavam os docinhos de gosto sofrível, consumidos ostensivamente durante as reuniões. Satisfeito, Morell escreveu do quartel-general do Führer para a mulher: “O Vitamultin tem tido ótimos resultados aqui. Todos os senhores manifestam-se de forma elogiosa e a recomendam para suas famílias em casa”.^[170]

O sucesso foi a base para grandes negócios com as organizações do Terceiro Reich. Usando descaradamente sua

influência como médico particular de Hitler, Morell conquistou o Deutsche Arbeits-front [DAF, front alemão do trabalho] para implementar várias “ações do Vitamultin”. Foram encomendadas quantidades enormes: 260 milhões de unidades, chegando até a 390 milhões. Ao todo, o DAF comprou quase 1 bilhão de Vitamultin. O objetivo era aumentar o rendimento dos trabalhadores envolvidos no armamento e sua força de resistência contra doenças infecciosas. O médico também se aproximou da ss. Primeiramente, ela recebeu de graça 100 mil barrinhas de Vitamultin, como uma “dádiva de amor”. Com isso, o corpo de montanha na Noruega devia ser angariado para a droga. Numa conversa particular com Himmler, chefe da ss, Morell fez propaganda da conveniência do uso de Vitamultin na Escandinávia: uma ingestão aumentada de vitamina c melhoraria comprovadamente a capacidade de visão noturna e lá em cima seria escuro com frequência.^[171] A ss pareceu satisfeita com o resultado e fez várias encomendas, muitas centenas de milhões de unidades no total. O produto até recebeu uma marca de edição especial com o rótulo “Vitamultin ss”.^[172]

O médico também mirou sua visão mercantil nas tropas terrestres: “Não é preciso oferecer mais Vitamultin para o Exército?”, escreveu numa carta.^[173] Mas junto a Otto Ranke, o traficante da Wehrmacht, o médico se sentiu batendo contra a parede. O fisiologista militar e consultor, que já estava acostumado com substâncias mais fortes, não se

deixou impressionar por um preparado de vitaminas; recusou então empacotar as barrinhas na equipagem das tropas.

O negócio com o Vitamultin, entretanto, aconteceu também sem o Exército. Morell pôde suportar até uma recusa da Força Aérea, mesmo considerando-a um ataque pessoal e fazendo intrigas contra o coronel médico dr. Hippke, chefe do serviço de saúde da Luftwaffe: “Com informações falsas, o médico do Estado-Maior, dr. Hippke, tenta desautorizar um preparado de primeira qualidade e divulga um texto para me diminuir”, dirigiu-se Morell ao superior de Hippke, o ministro da Aeronáutica do Reich, Göring. “Não posso aceitar tranquilamente tal atitude, ocorrida durante o serviço – se fosse na vida privada, eu faria uma queixa –, então peço ao senhor, prezado marechal do Reich, para pronunciar uma sentença de sentido justo. Em profunda admiração ao senhor, senhor marechal, despeço-me com *heil* Hitler”.^[174] Göring reagiu e Hippke teve que sair. Um triunfo para o médico. Iniciava-se sua ascensão como empresário farmacêutico com atuação em toda a Europa.

Flying high

Depois do fiasco de Dunquerque, pelo qual era o culpado, “o gordo” – como Göring era chamado devido à corpulência – tentou se apresentar como um homem superior e radiante, da maneira como se via no seu delírio de morfina. A “Operação Leão-Marinheiro” foi planejada: a invasão da Grã-Bretanha com tropas terrestres. Para a precária travessia do Canal da Mancha por milhares de soldados alemães, era preciso antes garantir a soberania aérea, visando a não arriscar as tropas: tratava-se do trabalho de Göring, assim como sua grande chance de impressionar Hitler e continuar a justificar seu enorme poder, apesar do estilo de vida extravagante que levava.^[175]

Para fazer a Inglaterra ajoelhar-se, Göring mandou bombardear, primeiramente, alvos logísticos da Força Aérea Real: aeródromos, hangares, pistas de pouso, aviões. Começava a “batalha aérea pela Inglaterra”. Mas a estratégia

bem-sucedida foi alterada depois que os britânicos bombardearam, num ataque noturno em 25 de agosto de 1940, os bairros berlinenses de Kreuzberg e Wedding. Hitler ordenou então, para 4 de setembro, um ataque a Londres, a fim de desmoralizar a população – um erro grave do ponto de vista tático-militar, pois dessa forma os aeródromos inimigos deixaram de ser os alvos e os ingleses puderam fortalecer sua defesa.

Bombas caíram sobre a capital inglesa e outras localidades. Mais de 40 mil civis perderiam suas vidas até o final do ano. Foram os primeiros ataques terroristas sistemáticos da guerra. Na ilha, porém, os ingleses comentavam de forma carrancuda: *London can take it* [Londres aguenta].^[176] A Força Aérea Real revidou de forma decidida: inúmeros aviões alemães foram abatidos e os britânicos promoveram ataques de retaliação contra cidades alemãs. O conflito acentuou-se. Logo se tornou perigoso para a Força Aérea alemã operar de dia. Um piloto de bombardeiro descreveu a situação: “A decolagem era frequentemente tarde, às 22h ou 23h, e à 1h ou às 2h da madrugada estávamos sobre Londres ou alguma outra cidade inglesa; cansados, naturalmente. Quando percebíamos que a situação era insustentável, engolíamos um ou dois comprimidos de Pervitin; daí melhorava. Também tive muitas missões noturnas. É natural que o comandante sempre esteja totalmente empenhado. Por isso também tomei Pervitin preventivamente. Imagine um comandante

cansado no combate. Ora, claro, é impossível. [...] Não se deve prescindir de Pervitin só porque ele pode ser prejudicial à saúde. Já que todos, de um jeito ou de outro, estamos determinados a morrer em breve!”.[177]

Certamente não se trata de um caso isolado. Não existem levantamentos estatísticos sobre o consumo de Pervitin na Força Aérea e faltam provas para o uso amplo do estimulante pelos pilotos segundo critérios historiográficos – fora a encomenda original de Ranke de 35 milhões de doses, ao todo, para o Exército e a Aeronáutica.

O fato é: ganha uma guerra quem no final domina o céu e para tanto é necessário o material certo, seja o de aço seja o de carne e sangue. Ambos devem funcionar perfeitamente e aguentar mais tempo do que o inimigo. Enquanto os Messerschmitts mostravam-se tecnicamente inferiores aos Spitfires, a Luftwaffe estava à frente da Força Aérea Real no quesito drogas. O Pervitin tinha vários apelidos que se referiam à sua utilização: “sal de piloto”, “pílula do Stuka” ou “pílula de Göring”. Um comodoro relatou da região do Mediterrâneo: “No bolso do joelho há uma tira de linho com uma cobertura de celofane, sob a qual estão aderidos cinco ou seis comprimidos de cor branca leitosa, do tamanho de uma barrinha de chocolate. O Pervitin fica sobre esta tira. São comprimidos contra o cansaço, disse o dr. Sperrling. Abro o bolso e arranco primeiramente dois e depois três desses botõezinhos, tiro rapidamente a máscara de oxigênio do rosto e começo a mastigar os comprimidos. Eles têm um

gosto terrivelmente amargo e são farinhentos, mas não tenho nada para beber”.^[178]

Depois de um tempo, eles começaram a surtir efeito: “O motor flui de forma limpa e calma. Estou completamente acordado, meus batimentos cardíacos ressoam nos ouvidos. Por que o céu está subitamente tão claro e os olhos doem à luz viva? Mal consigo suportar a claridade; quando ponho a mão livre na frente dos olhos, para proteger, fica melhor. Agora o motor zune constantemente e sem vibrações – distante, bem distante. Aqui em cima é quase como o silêncio. Tudo se torna secundário e abstrato. Sinto-me afastado, como se eu mesmo estivesse voando sobre o meu avião”.

Depois da aterrissagem, a realidade era um mundo completamente estranho para o piloto drogado: “Mantive exatamente o curso apesar da indiferença eufórica e, ao mesmo tempo, do estado de leveza. Na aterrissagem, encontro o local num estado de paralisia total. Nada se move, não se vê nenhuma pessoa, os escombros dos hangares sobressaem-se [...] entre as crateras das bombas. Ao entrar no estacionamento da esquadrilha, o pneu da direita arrebenta; provavelmente passei por cima de um estilhaço de bomba. Mais tarde encontro o dr. Sperrling e pergunto-lhe, de passagem, que ‘porcaria’ é este Pervitin e se não deveríamos alertar os pilotos a respeito. Quando toma conhecimento de que ingeri três comprimidos de uma vez,

ele quase cai desmaiado e me proíbe, para o resto do dia, de tocar num avião até mesmo por fora”.

Por mais excitados que os alemães pudessem estar, não se alterava a sua inferioridade perante a Força Aérea Real, mais bem conduzida. A “batalha aérea pela Inglaterra” foi perdida – a primeira derrota da Alemanha nessa guerra. Hitler precisou cancelar a Operação Leão-Marinheiro e, assim, a invasão da ilha britânica – e procurou um novo palco para a sua guerra.

Essa nova derrota de Göring não teve consequências. Ele continuava residindo no Ministério da Aeronáutica do Reich, um prédio enorme erguido com blocos de pedra, na Wilhelmstraße, sobre o qual tremulavam as bandeiras vermelhas de guerra com a suástica, como se elas quisessem demonstrar categoricamente que até mesmo o vento, até mesmo o céu estavam submetidos ao poder do governo e do marechal do Reich. Mas quem passasse pelo grande portão de ferro forjado e atravessasse o átrio rodeado por altas cercas de ferro entrava no reino do caos, do consumo desenfreado de álcool e de drogas, das intrigas e da corrupção geral. Isso surpreende só à primeira vista. As condições no burgo de Göring com suas 3 mil salas (hoje o Ministério Federal das Finanças está alojado ali) eram sintomáticas da perda política da realidade por parte do regime e do caminho errado que a Alemanha seguia.

Um oficial descreve a aparência do marechal do Reich: “Precisávamos nos esforçar para nos manter sérios. Ele está

usando uma camisa de seda branca semelhante a uma blusa feminina, com mangas onduladas, e em cima uma jaqueta de camurça amarela sem mangas e forrada com pele. Mais longas bombachas como os lansquenês usavam e um cinto de couro cravejado de ouro, no qual está pendurada uma curta espada celta. Longas meias de seda e sandálias de marroquim completam o quadro”.^[179]

Às vezes o rosto do poderoso ministro estava maquiado e as unhas das mãos, pintadas de vermelho. Frequentemente, durante as discussões, quando a dosagem de ópio em seu sangue estava baixa, Göring sentia-se tão atrapalhado que deixava a sala abruptamente e sem explicação alguma para voltar alguns minutos depois, claramente revigorado. Um general descreve tal transformação surpreendente: “Göring parecia ter nascido de novo, grandioso, fixando-nos com seus olhos azuis brilhantes. Era impressionante a diferença na aparência entre a primeira e a segunda parte de nossa reunião. Para mim era evidente que ele havia tomado algum estimulante”.^[180]

As frequentes fugas da realidade não faziam bem para os negócios de Göring. Para ele, pré-condição para ocupar um alto posto era menos a qualificação do que o valor de entretenimento da respectiva pessoa.^[181] Rebatia críticas a um de seus colaboradores mais próximos, Bruno Loerzer, que até mesmo Göring chamava de seu “general mais preguiçoso”, fazendo a observação: “Preciso de alguém para tomar comigo uma garrafa de vinho tinto à noite.”^[182] Algo

semelhante deve ter acontecido na nomeação de Ernst Udet a general armeiro-mor da Aeronáutica e, com isso, um dos homens mais influentes do Terceiro Reich. De fato, depois do francês René Fonck, Udet era extremamente estimado na opinião pública alemã como o mais bem-sucedido piloto sobrevivente de todas as nações da Primeira Guerra Mundial. Mas o piloto folgazão, que preferia comemorar suas aparições em filmes de Leni Riefenstahl, não levava jeito para ocupar uma escrivania no mais alto nível de comando. Isso, porém, não tinha importância para Göring e mostra, de forma particularmente impressionante, a extravagância com que ele conduzia seu ministério, onde supervisão era uma palavra desconhecida.



Muito álcool e ainda mais Pervitin: o general armeiro-mor Ernst Udet (no centro).

Quando o ministro da Aeronáutica do Reich e seu general armeiro-mor conversavam, gostavam de lembrar-se dos velhos e bons tempos, quando, juntos, travaram batalhas aéreas sob a influência da cocaína.^[183] Entretanto, não gostavam de falar sobre problemas armamentares atuais, sobre o complexo processo de desenvolvimento de novos tipos de aviões ou assuntos igualmente complicados. No seu discurso de posse no ministério, Udet confessou, com o rosto murcho, pois estava com uma terrível ressaca, que naturalmente não era possível esperar dele demasiado trabalho administrativo. Só que estavam subordinados a ele até 24 departamentos, que logo mergulharam num caos indescritível. Conhecido por servir conhaque para toda visita a qualquer hora do dia e ingerir metanfetamina em abundância para contrabalançar o efeito do álcool, Udet era conhecido por sua singular má gestão até mesmo dentro do ineficiente Ministério da Aeronáutica do Reich.

É bem possível que Göring tenha feito uma alusão a Udet, quando observou uma vez: “Existem departamentos ali dos quais não temos a menor ideia; de repente aparecem uma vez, outra vez fazem uma porcaria. [...] E de repente descobrimos que há anos existe ali um departamento e ninguém o conhece. Sério, não se trata de fato inédito. Pessoas que já demitimos três vezes aparecem de novo num

outro departamento e se tornam cada vez mais importantes”.^[184]

Udet gostava mesmo era de passar seus dias de trabalho desenhando caricaturas, frequentemente de si mesmo. Sempre que possível, escapava para casa, onde tinha um bar particular enfeitado com troféus de suas viagens pelo mundo, e sempre reunia os amigos, pois não conseguia ficar sozinho. Na verdade, ele queria apenas estar sentado num avião e voltar a fazer acrobacias, mas não sobrava mais tempo para voar; Udet implodia sob o peso de suas atribuições cada vez maiores. Ao longo de 1941 ele consumia o Pervitin em quantidades perigosas, para se manter apto a trabalhar. Assim personificava a *hybris* do comando de guerra alemão, que se excedera e perdera, havia muito tempo, o contato com a realidade. “O declínio esteve associado a Udet”, afirmaria mais tarde justamente Hitler: “Este homem conseguiu fabricar a maior asneira na história da Força Aérea.”^[185] Isso devia significar alguma coisa.

Na peça de teatro alemã mais reapresentada em todo o mundo no pós-guerra, *Des Teufels General* [O general do diabo], o dramaturgo Carl Zuckmayer erigiu um monumento demasiado bajulador para o amigo Ernst Udet na figura de Harras, um velho soldado e general da aviação honrosamente trágico e indiferente. Também Curd Jürgens o interpreta com *páthos* e grandeza no filme de mesmo nome, passando longe da realidade deplorável e nada sedutora. Udet não presta para herói. Seria possível, no máximo, considerar que ele, por sua

incompetência e dependência das drogas, causou ao sistema grandes prejuízos, evidentemente sem querer. Desse modo, não passa de uma figura cômica, uma curiosidade histórica incorporando algo despropositado, do qual os historiadores gostam de se afastar.^[186]

Em 17 de novembro de 1941 o telex recebeu um registro do Escritório Alemão de Informações: “O general armeiro-mor, general do Estado-Maior Udet, sofreu, ao testar uma nova arma, um acidente tão grave [...] que faleceu durante o transporte para o hospital. O Führer ordenou um funeral de Estado para o oficial morto de forma tão trágica durante o cumprimento de suas obrigações.”^[187] Na verdade, Udet metera uma bala na cabeça na sua pomposa mansão oficial, no Stallupöner Alle, em Westend, o bairro mais exclusivo de Berlim, delegando de volta, num único golpe, todos os milhares de problemas técnicos e organizacionais da Força Aérea a Göring, seu velho camarada de guerra e para quem Udet, pouco antes de pôr fim à sua vida delirante com um tiro, rascunhou uma saudação ao lado do leito de morte: “Homem de ferro,^[*] você me abandonou”.

O suicídio de Udet, um homem que se superestimava, antecipou o declínio do Terceiro Reich. Quando Göring seguiu passo a passo atrás do caixão, no funeral de Estado, com o rosto metálico saturado de morfina, e pronunciou algo como “o maior herói da história alemã”, a Wehrmacht empacava na Rússia. O túmulo de Udet encontra-se hoje bem atrás da Academia Médica Militar, no cemitério dos

Inválidos, a poucos metros do local onde Ranke testava o Pervitin para a Wehrmacht.^[188]

Um prato cheio para o exterior

Em 13 de setembro de 1940, o diário de Milão *Corriere della Sera* relatou sobre a “pílula da coragem” dos alemães, cuja importância teria sido originalmente medicinal, mas que agora teria passado a ser militar. A eficácia militar dessa *pillola di coraggio* não se igualaria à de uma bomba de um Stuka, mas garantiria ao Estado-Maior alemão uma ininterrupta capacidade de ação por parte de seus soldados.

Para a Inglaterra, que empregava em massa a benzedrina, substância mais fraca que o Pervitin, mas com menos efeitos colaterais,^[189] o artigo foi um prato cheio. Passou a ser possível explicar a força de combate dos alemães, por vezes preocupante, motivada pela química e não pela ideologia. Imediatamente a BBC produziu uma reportagem sobre a administração de Pervitin a pilotos alemães. Como consequência, foi gerada em Berlim uma controvérsia entre seus dirigentes mais graduados.

Leo Conti, chefe da Saúde do Reich, crítico em relação ao uso do Pervitin, escreveu ao inspetor da Saúde do Exército: “Eu agradeceria se o senhor pudesse me informar em qual proporção e com qual eficácia o Pervitin é de fato ministrado nos membros da Força Aérea. Também gostaria de saber sua opinião sobre a questão. [...] Não posso aprovar de modo algum a aplicação de Pervitin. Em eventos, sempre apontei justamente a nocividade dessa substância. Penso se não conseguiríamos introduzir uma obrigatoriedade de receita para o Pervitin, talvez o qualificando como entorpecente. *Heil Hitler!*”.^[190]

A carta causou pouca impressão dentro do Exército. Só um mês depois, o novo inspetor da Saúde do Exército, o professor dr. Siegfried Handloser, respondeu: “A propaganda inglesa já afirmou várias vezes que a Wehrmacht alemã só seria capaz desse rendimento usando entorpecentes. A perversidade dessas informações da rádio de Londres provém do fato de que ela também insinuou o uso de entorpecentes pelas divisões de tanque alemãs em suas marchas na França. O fato é que, naquela ocasião, o Pervitin foi tomado por pessoas isoladas e em pequena escala.”^[191] Uma mentira evidente, pois Handloser devia conhecer tanto o número dos 35 milhões de comprimidos encomendados da campanha ocidental quanto o relatório de Ranke vindo da França.

Conti não desistiu. Teimoso, lutou por suas ideias de um povo ariano contrário a todos os venenos. Assim ele desconhecia as realidades da luta geopolítica por

rendimento, travada na Segunda Guerra Mundial. Numa espécie de ato de desespero, ele contratou um cientista amigo que publicou no *Deutsches Ärzteblatt* [jornal médico alemão], sob o título “O problema do Pervitin”, o primeiro artigo mais extenso e crítico sobre a droga preferida dos alemães, que assegurava o perigo do estimulante e o seu virulento potencial de vício. Numa terminologia típica do nacional-socialismo, exigia-se eliminar o Pervitin “por toda parte onde o encontramos”, sublinhando que o viciado é um “degenerado”.^[192]

De fato o artigo encontrou eco em círculos científicos, e casos de dependência de Pervitin passaram a ser discutidos cada vez com mais frequência, fossem eles de médicos que consumiam várias doses ao dia, fossem de estudantes de medicina, que também tomavam muitos comprimidos e não conseguiam dormir por vários dias e noites, além de arranharem a pele por causa de insetos imaginários.^[193]

O consumo da substância na Alemanha era de mais de um milhão de doses por mês.^[*]^[194] Em fevereiro de 1941, Conti advertiu de novo, desta vez numa circular interna para o partido: “Com crescente preocupação, acompanho o abuso monstruoso promovido nos mais amplos círculos da população. [...] Trata-se aqui de um perigo imediato para a saúde e o futuro de nosso povo”.^[195]

Finalmente o chefe da Saúde do Reich interveio – ou pelo menos tentou intervir – e, em 12 de junho de 1941, submeteu o Pervitin à Lei do Ópio do Reich. A droga popular

foi oficialmente declarada estupefaciente.^[196] Mas seu uso passou a ser restrito por essa razão? Na verdade, tratou-se apenas de uma vitória formal de Conti e de seus funcionários ideologicamente motivados. O chefe da Saúde do Reich, antes um dos homens mais poderosos no Estado nacional-socialista, travava a luta sozinho e, conseqüentemente, perdia cada vez mais influência. A população seguia menos o combate aos entorpecentes, conduzido por questões de higiene de raças, do que a fome crescente, a dependência criada do estimulante químico, que prometia uma ajuda artificial frente ao peso diário da guerra, cada vez maior. A rígida proibição foi mal recebida pelos alemães e menos ainda acatada. O consumo civil até aumentou para mais de um milhão e meio de unidades anualmente.^[197] A droga evidenciou as contradições internas do Estado nacional-socialista – e desempenhou um papel no processo de sua autodissolução. Não durou muito tempo para mais de 100 milhões de doses chegarem ao estômago e à corrente sanguínea dos alemães.

Também quanto ao uso pelo Exército, a data para o banimento do Pervitin foi escolhida de forma arriscada, uma vez que dez dias depois começou o ataque da Alemanha à União Soviética e fazia tempo que os soldados já haviam se acostumado à droga. Junto ao Ministério de Armamento e Munição do Reich, o comando superior da Wehrmacht, sob a responsabilidade de Göring, já havia até classificado o Pervitin como “decisivo para a guerra”.^[198] Não havia

indícios de restrição. Na verdade, não foi só o consumo de drogas que saiu do controle a partir do verão de 1941.

Reichsstelle "Chemie"

Berlin W.35, den 7.5.41
Sigismundstr. 5
Dr.Hy/Küs.

B e s t ä t i g u n g
- - - -

Der Firma Temmler-Werke, Berlin-Johannisthal,

...
wird für ihre Erzeugnisse
pharmazeutische Produkte gemäß der Ihnen erteilten Produktionsaufgabe

hiermit bestätigt, dass diese gemäß Erlass des Reichswirtschafts-
ministeriums II Chem. 27 742/41 vom 2.4.1941 im Einvernehmen mit dem
Oberkommando der Wehrmacht und dem Reichsministerium für Bewaffnung
und Munition als kriegsentscheidend erklärt worden sind.

Der Herr Reichsarbeitsminister sowie die Vorsitzenden der Prüfungs-
kommissionen sind hierüber unterrichtet worden.

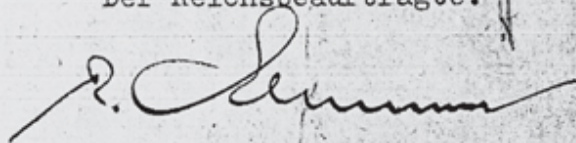
Diese Massnahme erfolgte gemäß Ziffer F 5 der Ausführungsbestimmun-
gen (ADFW) vom 21.12.1940 zu dem Erlass des Vorsitzenden des Reichs-
verteidigungsrates, Ministerpräsident Reichsmarschall Göring, über
Dringlichkeit der Fertigungsprogramme der Wehrmacht vom 20.9.1940

Die Sicherung der kriegsentscheidenden Fertigungen hat gemäß
Erlass des Reichswirtschaftsministeriums S 1/1098/41 vom 22.3.1941
zu erfolgen. X

Ein Missbrauch dieser Bestätigung durch Weitergabe bei Unterlieferun-
gen für oben nicht angegebene Erzeugnisse wird auf Grund des Straf-
erlasses des Reichsmarschalls vom 20.9.1940 nach Massnahme der Ziffer

II der zweiten Verordnung zur Durchführung des Vierjahresplans vom
5.11.1936 bestraft.

Der Reichsbeauftragte:

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'R. Schumacher', is written over a horizontal line. The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke at the end.

Seis semanas antes da invasão da União Soviética, o Pervitin é considerado “decisiva” para a guerra.

NOTAS

- 66 Böll, Heinrich. *Briefe aus dem Krieg 1939-45*. Colônia, 2001, p. 15.
- 67 Ibidem, p. 16.
- 68 Ibidem, p. 30.
- 69 Ibidem, p. 26.
- 70 Ibidem, p. 81.
- 71 Ibidem, p. 22.
- 72 Weizig, K. *Allgemeine Hygiene des Dienstes*. Berlim/Heidelberg, 1936, pp. 288-307.
- 73 Ranke, Otto. “Ärztliche Fragen der technischen Entwicklung” in: Veröff. a. d. Geb. d. Heeres-Sanitätswesen, 109 (1939), p. 15. Ver também, no Barch-Freiburg [Arquivo Federal em Freiburg] RH 12-23/1.882, o discurso de Ranke “Leistungssteigerung durch ärztliche Maßnahmen”, para a festa de fundação da MA, em 19.02.1939, p. 7f.: “O Pervitin será particularmente importante em atividades duradouras e menos cansativas fisicamente, como dirigir e pilotar por longas distâncias, nas quais, até agora, o sono é um inimigo perigoso”.

- 74 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, relatório de Ranke para a Inspeção de Saúde do Exército, de 04.10.1938.
- 75 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882: palestra de Ranke sobre estimulantes, não proferida, fevereiro de 1940, p. 6, assim como relatório de Ranke para o grupo de ensino C, sobre remédios para aumentar o rendimento, de 4.5.1939.
- 76 Além disso, durante a invasão das tropas alemãs na região dos Sudetos, em 1938, aconteceram as primeiras experiências positivas com Pervitin durante a mobilização. Ver Barch-Freiburg RH 12-23/1.882: “Berichte über Pervitineinsatz, hier bei Einheit N. A. 39”.
- 77 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882: discurso de Ranke “Leistungssteigerung durch ärztliche Maßnahmen”, para a festa de fundação da MA, em 19.02.1939, p. 77.
- 78 Benn, Gottfried. “Provoziertes Leben: ein Essay”, in: Benn, Gottfried: Sämtliche Werke, vol. 4: prosa 2, Stuttgart, 1989, p. 318.
- 79 Barch-Freiburg 12-23/1.882, carta do diretor do Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena a Ranke, de 8.12.1941.
- 80 Ibidem. Carta de Ranke ao grupo C, de 4.5.1939.
- 81 Ibidem. Carta de Ranke ao clínico-geral Kittel, de 25.8.1939.
- 82 Ibidem. Relatório de Ranke sobre o uso de Pervitin.
- 83 Ibidem. Instituto de Fisiologia do Exército da Academia Médica Militar, levantamento 214a, de 8.4.1940.
- 84 Ibidem. Relato para Ranke sobre o uso de Pervitin.
- 85 Ibidem. Relato do dr. Wirth. Assunto: “Verwendung von Pervitin als Stärkungsmittel” [uso de Pervitin como fortificante], de 30.12.1939.
- 86 Como exemplo, a 20ª Divisão de Infantaria. Ver: Barch-Freiburg RH 12-23/1.842, relatório do médico do Estado-Maior, dr. Krüger.

- 87 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, relatório a Ranke sobre o uso de Pervitin.
- 88 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, relatório do médico assistente Grosselkeppler, de 6.4.1940.
- 89 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, relatório do médico do Estado-Maior Schmidt para Ranke, de 25.3.1940. Ver também: Barch-Freiburg RH 12-23/271, relatório de Ranke ao grupo de ensino C, de 13.1.1940, assim como Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, relatório do médico do Estado-Maior, dr. Krüger.
- 90 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882: "Erfahrungen mit Pervitin und ähnl. Stoffen" [Experiências com Pervitin e substâncias semelhantes], médico do Exército A. O. K. 6 (Haubenreisser), de 14.4.1940.
- 91 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882: "Erfahrungen mit Pervitin, Elastonon usw." [Experiências com Pervitin, Elastonon etc.], médico do 4º Corpo do Exército (Günther), 8.4.1940.
- 92 Ballhausen, Hanno (Org.), "Chronik des Zweiten Weltkrieges", Munique, 2004, p.27.
- 93 Mann, Golo, op. cit., p. 915f.
- 94 Kroener, Bernhard R.: "Die personellen Ressourcen des Dritten Reiches im Spannungsfeld zwischen Wehrmacht, Bürokratie und Kriegswirtschaft 1939-1942", in: Müller, Rudolf-Dieter e Hans Umbreit. "Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg", vol. 5.1: Organisation und Mobilisierung des Deutschen Machtbereichs, Kriegsverwaltung, Wirtschaft und personelle Ressourcen 1939-1941, 1988, p. 826.
- 95 Ver Frieser, op. cit., pp. 11, 43 e 57.
- 96 Speer, Albert. *Erinnerungen*. Frankfurt, 1996, p. 431.
- 97 Barch-Freiburg RH 2/768, anotações de Halder, Hans-Adolf, folha 6 (verso).

- 98 Barch-Freiburg H 20/287/7, Instituto de Fisiologia do Exército, 16.10.1939, assunto: "Pervitin". Ver também: carta de 16.10.1939 para Winkler, assim como RH 12-23/1.644 e o diário de guerra de Ranke, registro de 04.01.1940.
- 99 Barch-Freiburg RH 12-23/1.644, diário de guerra de Ranke, registro de 8.12.1939.
- 100 Barch-Freiburg RH 12-23/1.664, carta de Ranke a Zechlin, de 24.1.1940. Ver também: Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, discurso de Ranke "Leistungssteigerung durch ärztliche Maßnahmen" [Aumento do rendimento por meio de medidas médicas], por ocasião da festa de fundação da MA, em 19.2.1939, p. 5: "Devo confirmar, no meu caso e de todos os ajudantes, que, sob efeito de Pervitin, todos nos atiramos sobre o serviço animados; temos a sensação de que mesmo trabalhos penosos são mais fáceis de ser superados e sobretudo a decisão de iniciar uma tarefa difícil fica muito mais fácil de ser tomada".
- 101 Barch-Freiburg RH 12-23/1.664, diário de guerra de Ranke, registro de 8.11.1939, p. 6.
- 102 Ibidem, registro de 19.11.1939, p. 16.
- 103 Kramer, Eva. "Die Pervitingefahr", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 88, cad. 15, 1941, p. 419ff.
- 104 Liebendörfer. "Pervitin in der Hand des praktischen Nervenarztes", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 87, cad. 43, 1940, p. 1.182.
- 105 Benn, op. cit., p. 317.
- 106 Barch-Berlin R22/1.475, folha 395, de Conti para o Ministério da Justiça do Reich, em 21.10.1939.
- 107 Barch-Berlin R36/1.360, "An die ehrenamtlichen Mitglieder der früheren R.f.R" [para os membros honorários do grupo de trabalho de combate aos entorpecentes], de 19.10.1939.

- RGB [diário oficial do Reich] 1 (1939), p. 2176; Reichsgesundheitsblatt
- 108 [diário da saúde do Reich] (1940), p. 9: “Fenilamina propano e seus sais (por exemplo, benzedrina, actedron, elastonon) e feniletilamina propano e seus sais (por exemplo, Pervitin) estão subordinados a uma receita obrigatória pelo decreto policial do Ministério do Interior do Reich sobre a entrega de preparados de fígado e outros medicamentos para farmácias”.
- 109 Conti, Leonardo. “Vortrag des Reichsgesundheitsführers Dr. Conti vor dem NSD-Ärztebund, Gau Berlin, am 19. März 1940, im Berliner Rathaus”, in: *Deutsches Ärzteblatt*, vol. 70, cad. 13, 1940, pp. 145-153.
- 110 Speer, Ernst. “Das Pervitinproblem”, in: *Deutsches Ärzteblatt*, cad. 1, 1941, pp. 4-6 e 15-19; aqui na p. 19. Ver também Holzer, op. cit., p. 238f.
- 111 Barch-Freiburg RH 12-23/1.575, carta de Conti a Handloser, de 17.2.1940, assim como resposta de Handloser a Conti, de 26.2.1940.
- 112 “Transferindo o foco para a ala sul, as fortes forças inimigas esperadas no Norte da Bélgica precisam ser isoladas e, assim, destruídas.” RH 19 I/41, atas HGr 1: esboço de uma anotação de Manstein para o diário de guerra, de 17.2.1940, disposição 51 (folha 174f); ver também Barch-Freiburg RH 19 I/26, anotação sobre palestra do Führer, folha 121f.
- 113 Citado por Frieser, op. cit., p. 81.
- 114 Barch-Freiburg, espólio de Erich von Manstein, anotação nr. 32.
- 115 Waldman, Anton. Diário não publicado, registro de 13.4.1940, da coleção de história militar do Serviço de Saúde do Exército Federal.
- 116 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882, “Leistungssteigerung durch ärztliche Maßnahmen”, assim como a palestra de Ranke sobre estimulantes, elaborada em fevereiro de 1940 (não pronunciada).
- 117 Ibidem, carta do dr. Schmidt, médico do corpo do Exército do grupo Von Kleist, para Ranke, de 15.4.1940.

- Ibidem, inspetor de Saúde do Exército, 17.4.1940, “Betr. Weckmittel”
- 118 [assunto, estimulantes], inclusas disposição 1 e disposição 2.
- 119 Idem.
- 120 Barch-Freiburg RH 12-23/1.884, “Auslieferung von Pervitin und Isophen vom Hauptsanitätspark an Heer und Luftwaffe” [entrega de Pervitin e Isofeno do parque principal de saúde para o Exército e a Força Aérea].
- 121 Barch-Freiburg RH 21-1/19, Ia/op nr. 214/40, de 21.3.1940, p.2.
- 122 Wahl, Karl. *...es ist das deutsche Herz*, Augsburg, 1954, p. 246. Ver também Leeb, Wilhelm Ritter von. “Tagebuchaufzeichnung und Lagebeurteilungen aus zwei Weltkriegen. Aus dem Nachlass”, editado com uma biografia resumida por Georg Meyer, Stuttgart, 1976, in: *Beiträge zur Militär- und Kriegsgeschichte*, vol. 16, p. 184.
- 123 Segundo Guderian, uma expressão usada frequentemente por ele mesmo. Ver também Guderian, Heinz. *Erinnerungen eines Soldaten*, Stuttgart, 1960, p. 95.
- 124 Entrevista para *Die Zeit-Magazin*, 7.5.2015, p. 50.
- 125 Citado por Frieser, op. cit., p. 114.
- 126 Ibidem, p. 136.
- 127 O efetivo da divisão montava a quase quatrocentos oficiais, 2 mil sargentos e cerca de 9.300 soldados.
- 128 Barch-Freiburg RH 12-23/1.882; ver, por exemplo, “Vorlage eines Erfahrungsberichtes über Anregungsmittel” [apresentação de um levantamento pessoal sobre estimulantes], de 23.2.1940, p. 2: “foram entregues na noite seguinte ao motorista e ao condutor adjunto dois comprimidos para cada um, com a instrução de colocá-los na bainha de suas boinas de campanha e, quando necessário, tomá-los no mais tardar à 1 hora da manhã”.

- 129 Ver também Frieser, op. cit., p. 195ff.
- 130 Fischer, Wolfgang. *Ohne die Gnade der späten Geburt*, Munique, 1990, p. 62ff.
- 131 Barch-Freiburg N 802/62, espólio de Guderien, “Aus dem 3. Bericht über die Fahrten des Kommandierenden Generals während des Einsatzes in Frankreich”, folha 008.
- 132 Ibidem, folha 010.
- 133 Bloch, Marc. *Die seltsame Niederlage*. Frankreich 1940, Frankfurt, 1995, p. 93ff.
- 134 Citado por Frieser, op. cit., p. 219.
- 135 Informação oral.
- 136 Frieser, op. cit., p. 419.
- 137 Refere-se não apenas à Segunda Guerra Mundial, mas vale até hoje para a condução convencional de guerra, na qual os tanques continuam a desempenhar o papel principal.
- 138 É o chamado “princípio da mochila”. Os primeiros dias da campanha mostram como uma operação militar é determinada desde o abastecimento até a logística, ou seja, a partir do nível mais baixo. Ver a respeito Kielmanseeg, Johann Adolf Graf von. *Panzer zwischen Warschau und Atlantik*, Berlim, 1941, p. 161.
- 139 Citado por Frieser, op. cit., p.162.
- 140 Barch-Freiburg N 802/62, espólio de Guderian, op. cit., folha 007 e folhas 011/012.
- 141 Churchill, Winston. *Zweiter Weltkrieg*, vol II. 1º livro, Stuttgart, 1948/49, p. 61.
- 142 Barch-Koblenz N 1.348, carta de Morell à mulher, de 3.6.1940.
- 143 Frieser, op. cit., p. 336.
- 144 Citado por Frieser, op. cit., p. 326, assim como a citação seguinte.

- 145 Churchill, op. cit., p. 65.
- 146 Ironside, Edmund. *Diaries 1937-1940*, Nova York, 1962, p. 317. Citado por Frieser, op. cit., p. 325.
- 147 Halder, Franz. *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres 1939-1942*, vol. 1, 1964, p. 302, citado por Frieser, op. cit., p. 322.
- 148 Barch-Koblenz N 1.348, carta de Morell à sua mulher, de 26.5.1940.
- 149 Ibidem, carta de Morell à sua mulher, de 28.5.1940.
- 150 Ironside, op. cit., p. 333.
- 151 Hansen, Hans-Josef. *Felsenest, das vergessene Hauptquartier in der Eifel*. Aachen, 2008, p. 81.
- 152 *Die deutsche Wochenschau* nr. 2, de 22.5.1940.
- 153 A Gestapo colecionou diligentemente provas sobre o vício de Göring. Ver, por exemplo, Speer, op. cit., p. 278.
- 154 *Berliner Lokal-Anzeiger, Zentralorgan für die Reichshauptstadt*, edição diurna para Berlim, de 1.6.1940, p. 1.
- 155 Citado por Hesse, Reinhard. *Geschichtswissenschaft in praktischer Absicht*, Stuttgart, 1979, p. 144.
- 156 Citado por Bradley, Dermot. *Walther Wenck, General der Panzertruppe*. Osnabrück, 1982, p. 146.
- 157 Barch-Freiburg RH12-23/1931, “Bericht über die Kommandierung zur Gruppe Kleist” [relatório sobre o comando para o grupo Kleist], de 12.7.1940.
- 158 Idem.
- 159 Barch-Koblenz N1348, carta de Morell à sua mulher, de 3.6.1940.
- 160 Diário de guerra não publicado do inspetor de Saúde do Exército, colocado à disposição pelo dr. Volker Hartmann, da Academia de Saúde do Exército

Federal.

- 161 Barch-Freiburg ZA 3/163, diário de guerra de Waldau, chefe do Estado-Maior da Força Aérea: de março de 1939 até 10.4.1942, registro de 25.5.1940. Comparar também: Barch-Freiburg ZA 3/163, Schmid, “Feldzug gegen Frankreich 1940” [campanha contra a França, 1940], assim como Barch ZA 3/58, USAF History Project, p. 16, em: Ob.d.L./Führungsstab Ic, nr. 10641/40 geh, um olhar sobre a ação da Força Aérea nas operações nos Países Baixos, Bélgica e norte da França, de 3.6.1940.
- 162 Guderian, Heinz. *Erinnerungen eines Soldaten*, Stuttgart, 1986, p. 118.
- 163 *Berliner Lokal-Anzeiger*, Zentralorgan für die Reichshauptstadt, edição diurna para Berlim, de 20.6.1940, p. 2, “Sturmfahrt bis zur Grenze der Schweiz”.
- 164 Barch-Freiburg RH 12-23/1931, “Bericht über die Kommandierung zur Gruppe Kleist”, de 12.7.1940.
- 165 Barch-Freiburg RH 12-23/1882, carta do médico do Estado-Maior dr. Seyffardt. “Betr.: Pervitinmißbrauch” [assunto: o abuso de Pervitin], para o médico do Estado-Maior dr. Althoff, de 16.5.1941, Feldpostnr.: 28806.
- 166 Barch-Freiburg RH 12-23/1882, anotação de ata de Ranke, de 25.4.1941.
- 167 Barch-Freiburg RH 12-23/1882, de Ranke para o médico do Estado-Maior dr. Scholz, de 27.4.1941.
- 168 IfZ Arch [arquivo do Instituto de História Contemporânea], MA 617, rolo 2, ver carta da firma Hamma para Morell, de 27.5.1941: como fontes naturais de vitamina são indicados pó de baga de roseira, germe de centeio, aneurina e ácido de nicotina; como fontes de sabor, “leite em pó, cacau e um pouco de manteiga de cacau”.
- 169 Ibidem, carta da firma Hamma para o farmacêutico Jost, de 29.10.1942.
- 170 Barch-Koblenz N 1348, carta de Morell à sua mulher, de 16.5.1940.

- 171 Barch-Freiburg R43, carta da firma Hamma para o Departamento Central da SS / Departamento de Saúde, de 26.8.1941.
- 172 A SS utilizou o Vitamultin de Morell também na guerra da Rússia; ver a confirmação de Himmler, de 12.1.1942 (IfZ Arch, MA 617, rolo 2): “O Führer ordenou que preparados apropriados de vitamina fossem imediatamente levados para as unidades da Waffen-SS no front oriental. A firma Hamma, de Hamburgo, foi encarregada de fabricar esses preparados de vitamina. Pede-se que essa firma seja apoiada de toda forma na aquisição da matéria-prima e dos meios necessários para que a ordem do Führer seja cumprida dentro do prazo. O Reichsführer-SS”.
- 173 Barch-Koblenz N 1348, carta de Morell à sua mulher, de 16.5.1940.
- 174 Carta de Morell para Göring por causa de Hippke, Records of Private Individuals (Captured German Records), dr. Theo Morell, National Archives Microfilm Publication T253, rolo 35. National Archives, College Park, MD.
- 175 Barch-Freiburg ZA 3/801, Suchenwirth, Richard. “Hermann Göring”, estudo não publicado, p. 42f.
- 176 Aldgate, Anthony, e Jeffrey Richard. *Britain can take it: The British Cinema in the Second World War*. 2ª edição. Londres, 2007, p. 120.
- 177 Luttitz, Horst, Freiherr von, citado em *Schlaflos im Krieg*, documentário de Pieken, Gorch, e Sönke el Bitar. Arte, 2010.
- 178 De: Steinhoff, Johannes. *Die Strasse von Messina*. Berlim, 1955, p. 177ff. Steinhoff, que reflete de forma literária e crítica sobre suas missões na guerra mundial, foi nos anos 1950 um dos principais responsáveis pela ampliação da Força Aérea junto ao Exército Federal. Mais tarde ele se tornou chefe da comissão militar da OTAN, antes de se mudar para a indústria de armamentos nos anos 1970. O emprego de metanfetamina que ele descreve

é de 1943 e, aqui, parece que Steinhoff, que participara da “batalha aérea da Inglaterra” em 1940, fala de seu primeiro e único uso do estimulante.

- 179 Osterkamp, Theo. *Durch Höhen und Tiefen jagt ein Herz*. Heidelberg, 1952, p. 245. Ver também Speer, op. cit., p. 272.
- 180 Falck, Wolfgang. *Falkenjahre*. Erinnerungen 1903–2003. Moosburg, 2003, p. 230.
- 181 Overy, Richard, J. “German Aircraft Production 1939–1942”, in: *Study in the German War Economy*, também dissertação do Queens College, Cambridge, 1977, p. 97.
- 182 Barch-Freiburg ZA 3/842, de Göring para o tenente-coronel Klosinski, comodoro do K.G.4, no outono de 1944, citado no protocolo do interrogatório de Klosinski feito por Suchenwirth, em 1.2.1957; ver publicação online <http://hss.ulb.uni-bonn.de/2005/0581/0581/.pdf>.
- 183 Substância comum na Primeira Guerra Mundial para superar o cansaço. Palestra sobre estimulantes, não pronunciada, de fevereiro de 1940. (Barch-Freiburg RH 12-23/1882.) Ranke também trata do assunto, mas descarta seu uso na época: “Os estimulantes são remédios altamente efetivos. A cocaína [...] não faz parte do uso militar por causa do vício que origina e dos graves prejuízos no corpo e no caráter”.
- 184 Barch-Freiburg ZA 3/326, relatório estenográfico sobre a discussão com o marechal do Reich, em 7.10.1943, “Betr: Heimatverteidigungsprogramm” [assunto: programa de defesa da pátria].
- 185 Linge, Heinz. *Bis zum Untergang*. Munique, 1980, p. 219.
- 186 Reproduzido segundo “Udets Ernst, Spaßpilot, Kriegsverbrecher und komischer Zeichner”, in: Meurer, Christian. *Wunderwaffe, Witzkanone – Heldentum von Heß bis Hendrix*. Essay 9. Münster, 2005, p. 73ff.

- 187 Escritório de Informações Alemão, Berlim, 18.11.1941. Citado em Udet, Ernst. *Mein Fliegerleben*. Berlim, 1942.
- 188 Ver também Suchenwirth, Richard. “Ernst Udet – Generalluftzeugmeister der deutschen Luftwaffe”, estudo não publicado. Barch-Freiburg ZA 3/805.
- 189 Metanfetamina é, por um lado, bem mais potente do que anfetamina; por outro, no caso de uso impróprio (como dose alta ou ingestão frequente), é comprovadamente neurotóxica. Ela reduz a formação e a disposição de serotonina e dopamina no sistema nervoso central e pode alterar de maneira duradoura a neuroquímica do corpo.
- 190 Barch-Freiburg RH 12-23/1884, carta de Conti, de 20.12.1940.
- 191 Barch-Freiburg RH 12-23/1884, carta de Handloser, de 20 e 29.1.1941.
- 192 Spreer, Ernst, op. cit., p.18.
- 193 Holzer, op. cit., p. 242 f.
- 194 Ibidem, p. 245ff.
- 195 Barch-Berlin NS 20-139-6/Rundschreiben Vg.9/41, NSDAP, Hauptamt für Gesundheit, 3.2.1941, Conti. Citado por Holzer, op. cit., p. 244.
- 196 RGBL.i, 12.6.1941, p. 328: “6. Verordnung über Unterstellung weiterer Stoffe unter die Bestimmungen des Opiumgesetzes” [6º decreto sobre subordinação de outras substâncias à Lei do Ópio].
- 197 Oficiais da saúde experientes, como o inspetor de saúde do Exército Anton Waldmann, já tinham advertido antes: “O povo está nervoso, irritado. A exigência é alta – seu rendimento extraordinariamente elevado –, mas aqui também mora o perigo de um fracasso repentino e total, caso não reajamos e não tenhamos tranquilidade, sono, descanso e sucesso. Waldmann, op. cit., registro de diário de 1.11.1940.
- 198 Confirmação do Departamento de Química do Reich, de 7.5.1941, à firma Temmler: “Segundo o decreto do presidente do Conselho de Defesa do

Reich, ministro-presidente e marechal do Reich Göring, sobre a urgência do programa de produção da Wehrmacht”, Landesarchiv-Berlin A Rep. 250-02-09 Temmler.

PARTE III

HIGH HITLER: O PACIENTE A E SEU MÉDICO PARTICULAR (1941-44)

“O trabalho do médico – quando feito corretamente – é sempre, na paz e na guerra, uma tarefa de liderança no sentido mais literal. [...] A relação de confiança entre médico e paciente deve acontecer de modo que o médico mantenha sempre, e em todas as circunstâncias, a sensação de estar acima do doente. [...]

Ser médico significa ser o mais forte dos dois.”^[199]

Do manuscrito de um discurso de Theo Morell

A corporação daqueles que se dedicam a pesquisar Hitler, mesmo que alguns se desviem de forma obscurantista, está unida no esforço de decifrar o enigma do ditador, desse que é o pior criminoso e psicopata de todos os tempos, o mal personificado. Parece que há pouco progresso. Os acontecimentos externos foram, há décadas, registrados pelos biógrafos; existe uma literatura extensa, de todos os matizes. Apesar de muito ter sido – e ser ainda – escrito sobre esse homem (como sobre ninguém mais no mundo), apesar de haver uma especialidade que se ocupa exclusivamente das eventuais doenças psicológicas desse braunauense, a “psicopatografia de Adolf Hitler”, o segredo parece intocado; o mito duvidoso persiste.

É possível que haja um ponto cego no qual a literatura sobre Hitler, apesar de sua diversificação, até agora não reparou? Não se pretende aqui descrever exatamente os acontecimentos históricos, como eles realmente sucederam. Na verdade, estou interferindo num processo de indícios que os estudiosos vêm remoendo há mais de sete décadas – e que já foi alvo de embustes e falsificações que chegaram a se tornar famosos, como os supostos diários de Hitler, publicados pela revista *Stern*. É preciso desconfiar de algumas fontes. Aqui não será apresentada a solução da charada, mas uma determinada versão.

Quem quiser se aproximar de Hitler deve fazer um desvio, passando por Morell, o gordo médico com capa de gabardina marrom-clara, que sobretudo a partir do outono de 1941 – o momento em que a quebra do rendimento de Hitler se tornava evidente e todos os livros sobre ele apontam um vácuo, pois não conseguem explicar essa quebra – já deixara de ser, fazia tempo, aquela figura secundária curiosa, como a história o tratou até agora. Na biografia-padrão *Hitler*, de Joachim Fest, com suas quase 1.200 páginas, o índice remissivo aponta para apenas sete passagens onde o médico particular é mencionado – a primeira vez, só na página 737. O autor nunca se aprofunda nesse aspecto. Sua descrição da dinâmica de Hitler, correta em si, como uma “inércia aparentemente narcótica”,^[200] permanece inexplicável, e não ajuda muito quando Fest fala de uma “dependência fatal das drogas”,^[201] mas não toca na

sua dimensão e nos efeitos, não investiga o círculo vicioso, aquele deslizar para dentro de um mundo próprio, no qual nada conseguia penetrar exceto as injeções de Morell. A afirmação de Fest que marcou a publicação de sua obra em 1973, segundo a qual seria impossível haver novidades sobre Hitler depois desse livro – pois ele teria constatado que “não há mais materiais para esperar que possam modificar o quadro e seus atores”^[202] –, mostrou-se precipitada.

Mesmo que a história se esforce agora para desviar o foco das particularidades biográficas de Hitler para os processos sociais que implicaram a sua ascensão e o tornaram naquilo em que é considerado no final, ao lado dessas tentativas razoáveis permanece um vácuo que é relevante preencher. Não basta citar, de passagem e banalizando, “as pílulas coloridas do dr. Morell”;^[203] e quando o britânico Ian Kershaw, também autor de uma renomada biografia de Hitler, afirma que “o número crescente de comprimidos e injeções que o dr. Morell cuidava de ministrar todo dia, noventa substâncias diferentes no total, durante a guerra, e 28 pílulas diferentes todo dia, não conseguiu impedir o declínio físico”,^[204] ele provavelmente confunde causa e efeito.

Para o historiador alemão Henrik Eberle, a coisa é mais clara. Junto com o já falecido professor berlinense Hans-Joachim Neumann, ele chega no seu livro – para o qual fez uma meticulosa pesquisa – *War Hitler krank? Ein abschließender Befund* [Hitler estava doente? Um diagnóstico

conclusivo] à conclusão de que o chefe de Estado alemão não era de modo algum viciado em drogas e de que Morell procedeu de forma “absolutamente responsável”: “Ele observava a dosagem diária máxima prescrita dos remédios, que [...] raramente ultrapassava. Depois de 1945, Morell teve que ouvir a acusação de que tratara Hitler, durante anos, de forma errada e de que arruinara sua saúde. Mas isso não está correto, como provam os registros minuciosos de Morell de 1941 a 1945, que trazem a assinatura de um médico honesto”.[205] Mas será mesmo verdade? O próprio médico parece contestar essa afirmação. Nas suas anotações, ele reproduz um diálogo com seu paciente: “Precisei sempre prescrever tratamentos curtos com doses altas e ir até o limite do admissível, apesar de muitos colegas poderem até me condenar por isso; mas preciso e posso assumir a responsabilidade, pois, se o senhor tivesse que interromper [a ingestão de medicamentos] nos tempos atuais, a Alemanha estaria arruinada”.[206]

O que o ditador realmente ingeriu? Tem importância ou não? É possível associar evoluções e acontecimentos históricos a ofertas farmacológicas? Durante anos Morell anotou meticulosamente as substâncias que empregava para manter seu paciente funcionando. Ele foi forçado a fazer esse registro pois, caso acontecesse alguma coisa com Hitler, precisaria entregar relatos detalhados à Gestapo. O resultado é um amontoado de documentos abrangente e único do ponto de vista da história medicinal, que abunda em

detalhes. Quem tenta decifrá-lo deve pesquisar em diferentes arquivos, pois o espólio do médico foi fragmentado. Uma parte está no Arquivo Federal em Koblenz, outra no Instituto de História Contemporânea, em Munique – e uma terceira, fundamental, na capital dos Estados Unidos.

Visita ao local: National Archives, em Washington D.C.

Lembrando um templo antigo, o prédio monumental do arquivo fica na Pennsylvania Avenue, bem dentro do distrito governamental da potência vencedora da Segunda Guerra Mundial. A Casa Branca, na mesma rua, está a alguns passos de distância. *What is past is prologue* está gravado na pedra clara, perto do portal do arquivo: “O passado é o prólogo”.

No interior, nos salões sagrados da conservação, predomina primeiramente uma confusão, mesmo nas regras para o visitante. Não é fácil achar documentos; há simplesmente muitos deles. Como um aspirador de pó gigante, as Forças Armadas e os serviços de informação dos Estados Unidos absorveram as montanhas de atas do derrotado Reich alemão e os colocaram em Washington,

assim como numa sucursal dos National Archives, o College Park, não muito distante, em Maryland – o maior prédio de arquivo do mundo. Para examinar o material, existem livros de fontes, acesso por computador e, sobretudo, a ajuda pessoal dos arquivistas, que no seu forte sotaque americano empregam, sem esforço, termos técnicos alemães como *Reichssicherheitshauptamt* [repartição central de segurança do Reich].

Paul Brown, que me apoia na pesquisa sobre Morell, abafa desde o início minhas esperanças de descobrir aqui tudo sobre o médico. Segundo ele, minha pesquisa são como pedrinhas achatadas que faço pular sobre a água. Diz que não há um acesso pronto, um mergulho completo; que é impossível consultar exaustivamente os National Archives, este mundo de documentos. A história, na conclusão de Brown, permanece sempre uma coisa só: especulação orientada nos mais relevantes fatos. Segundo ele, a verdade histórica não está em oferta para mim.

Rapidamente ficou claro: logo depois do fim da guerra, Theo Morell tornou-se objeto de investigações minuciosas do Serviço Secreto americano e algumas delas tornaram-se acessíveis apenas há poucos anos, através do *Nazi War Crimes Disclosure Act* [Lei de divulgação dos crimes de guerra nazistas].^[207] Os americanos tentaram descobrir o papel do médico, se ele estava envolvido no declínio rápido e progressivo da saúde de Hitler a partir do outono de 1941 ou mesmo se tentou envenená-lo. No centro está a questão das

drogas que viciam. Há talvez aqui respostas fáceis para algo tão difícil de compreender? Ou o médico tornou-se culpado por estimular Hitler artificialmente?

A partir do verão de 1945, Morell foi interrogado por dois anos e, conforme disse, também torturado – supostamente ele teve as unhas dos dedos do pé arrancadas para revelar seus segredos. Mas os militares não conseguiram nada de seu prisioneiro. Nos documentos secretos reflete-se a frustração dos interrogadores, que relatam sobre depoimentos contraditórios. No Medical Assessment File [arquivo de avaliação médica] de Morell, lê-se: “Ele é comunicativo, perde-se muitas vezes nas suas declarações em detalhes insignificantes e tenta substituir as lacunas aparentes de sua memória com ficções, resultando frequentemente em informações contraditórias. [...] A psique do paciente apresenta, em tempos distintos, um quadro completamente diferente. [...] No caso do prof. Morell trata-se aparentemente de uma forma leve de psicose exógena, cuja origem está no fato da prisão. Sua sanidade mental não está limitada de forma alguma. Por outro lado, devido à existência de lacunas de memória que ele tenta superar através de fabulações, sua credibilidade não deve ser considerada plena”.[208] Morell, segundo a conclusão, não estava disposto ou em situação de esclarecer a relevância de suas ações.

Também não contribuíram os depoimentos de três farmacologistas e médicos alemães que foram indicados

como especialistas imediatamente após a guerra.^[209] Um dos exames dedicados a Morell, o *Special Report Nr. 53*, intitulado *The Rumored Poisoning of Hitler* [O rumor do envenenamento de Hitler], chega à conclusão de que o médico particular não ministrou veneno nem anestésicos suficientes para prejudicar sua saúde. O surpreendente declínio físico e psíquico de Hitler se deveria simplesmente ao grande estresse e à alimentação deficiente e vegetariana.

Mas a avaliação está correta? Será que ela não deve ser analisada com cautela, em função da proximidade com os acontecimentos – o que possivelmente embaça o olhar – e da situação ainda incompleta do material? O objetivo das autoridades americanas era obter informações para dissipar os inúmeros mitos em torno de Hitler.^[210] Nesse sentido, eles fracassaram – lastimavelmente – com Morell.

Entretanto, as respostas estão de fato nas anotações remanescentes – mesmo que escondidas e nem sempre interpretáveis de maneira unívoca. A herança de Morell é um emaranhado de páginas completamente rabiscadas de seus receituários, fichas repletas de abreviações crípticas, livros de anotações com garranchos, agendas comentadas de ponta a ponta, folhas soltas com observações e descrições, inúmeras cartas profissionais e pessoais. Registros repetem-se, são modificados levemente e aparecem de novo em pastas, envelopes e anotações telefônicas.

De agosto de 1941 a abril de 1945, o médico particular tratou seu paciente praticamente todos os dias. Existem

apontamentos de 885 de um total de 1.349 dias. Medicamentos foram anotados 1.100 vezes, além das quase oitocentas injeções, cerca de uma por dia. Às vezes, as agulhas estão coladas cuidadosamente, como se quisessem dar a impressão de transparência e documentação meticulosa. Pois Morell tinha medo da Gestapo; ele sabia que, desde sempre, médicos particulares viviam perigosamente.

O resultado foi um caos na preservação e disponibilização dos documentos, uma selva difícil de ser desemaranhada para quem vem de fora, especialmente para quem não domina a língua alemã. Muita coisa permanece incompleta precisamente na suposta minuciosidade e, numa leitura mais atenta, fica claro que algumas visitas não foram registradas. Morell, que normalmente mantinha seus papéis profissionais numa ordem meticulosa, quis esconder algo por trás da exposição confusa e incompleta, simulando uma totalidade? Tentou guardar um segredo que nem mesmo seu paciente conhecia, mas só ele? O que realmente aconteceu entre Hitler e seu médico particular quando a guerra tomou um rumo fatídico para o Terceiro Reich?

A mentalidade do bunker

“No ano passado, quando pude permanecer mais frequentemente junto ao senhor, essas visitas me proporcionaram, meu Führer, mais do que o senhor pode imaginar. Tentei de tudo para passar, para o maior número de pessoas possível, essa abundância de força que o senhor me transmitiu.”^[211]

Joseph Goebbels

“Esse fenômeno totalmente singular não é compreensível a partir de conceitos tradicionais e categorias morais.”^[212]

Percy Ernst Schramm

Para aproximar-nos da verdade sobre o consumo de drogas de Hitler, é útil relembrar o local onde ele permaneceu a maior parte do tempo entre o verão de 1941 e o outono de 1944. Em busca de pistas no leste da Polônia: entre os

bunkers imensos, arrebitados – como se fossem naves espaciais de cimento depois de uma aterrissagem forçada – na floresta da Masúria. Tudo foi coberto pelo musgo, e bétulas crescem sobre os telhados ondulados. Por todo lado abrem-se fendas, nas quais nos esprememos. Revestimentos de aço emergem e vergam do cimento quebradiço. Em todo canto topamos com placas amarelas, em polonês, alemão e inglês: *Uwaga!!! Achtung!!! Danger!!!* Perigo de queda. Mas os muitos turistas de toda a Europa, a maioria jovem – quase mil por dia –, não se intimidam; sobem com esforço por buracos negros escancarados, comprimem-se nas fendas, fazem vídeos e selfies. Como se procurassem algo.



Em busca de pistas: o quartel-general do Führer, conhecido como a “Toca do Lobo”.

No verão de 1941, tudo estava muito diferente na Wolfsschanze [Toca do Lobo]. Próxima à pequena cidade de Rastenburg, na Prússia Oriental, a fortaleza protegida por uma faixa minada de 50 m a 150 m de largura tinha acabado de ser construída e posta em funcionamento. Formavam o seu núcleo, a princípio, dez bunkers, cujas partes traseiras ficavam sob 2 m de cimento; lá se encontravam os dormitórios. Nas partes da frente, menos protegidas, foram instalados os escritórios. A cantina, pouco confortável,

estava localizada no centro do acampamento e lembrava um bar feio de vilarejo. Atrás da mesa de madeira maciça, que oferecia lugar para vinte pessoas, foi logo colocada na parede uma estrela da Revolução: a bandeira apanhada do Exército Vermelho. Hitler chegou na noite de 23 de junho de 1941, um dia depois do início da invasão das tropas alemãs na União Soviética. Ele comandaria da “Toca do Lobo” a “Operação Barbarossa”, que, segundo estimativas, chegaria ao término vitorioso em não mais de três meses. De início, os soldados nem trouxeram uniformes de inverno.

Por causa do cálculo arrogante, o local do quartel-general para a guerra na Rússia foi escolhido de forma irrefletida. Afinal – como ocorrera no Felsenest –, a permanência lá não seria extensa. Essa presunção se vingaria. Já nos primeiros dias agourava-se a “Toca do Lobo”, pois se dizia ser difícil encontrar em algum lugar na Europa um local mais inóspito do que aquele solo pantanoso, entre lagos parados e charcos lamacentos. Logo o quartel-general do Führer passou a ser difamado como um acampamento sem ar e sem luz, frequentemente coberto por uma névoa, cujo solo estava contaminado pelo querosene que era preciso pulverizar a fim de combater a insuportável praga de mosquitos. Um conselheiro ministerial escreveu para a mulher: “Não podiam ter encontrado um lugar pior. Bunkers úmidos e frios, nos quais congelamos por causa do sistema barulhento de ventilação elétrica, que provoca uma corrente de ar horrível. Por isso não dormimos

tranquilamente e acordamos de manhã com dor de cabeça. As roupas e os uniformes estão sempre úmidos”.^[213]

“Bunker úmido e pouco saudável”, também anotou Morell logo depois de sua mudança. Ele dormia no bunker nº 9, dividido de forma apertada, onde um ventilador no teto sem regulagem, rodava continuamente; mas em vez de trazer ar fresco, só fazia girar o cheiro úmido: “Temperatura ideal para o crescimento de fungos. Minhas botas estão bolorentas, as roupas, úmidas. Aperto no peito, anemia, psicose de bunker”.^[214]

Hitler parecia se incomodar pouco com tudo isso. Ele já gozara a vida em caverna no Felsennest, mas só na “Toca do Lobo” alcançou seu destino sonhado: um retiro afastado, no qual sua existência ficava reduzida unicamente aos acontecimentos militares no front. Nos três anos seguintes, a “Toca do Lobo” se tornaria o centro de sua vida, crescendo para mais de cem prédios residenciais e administrativos, assim como maciços bunkers de concreto armado, e dotada com uma ligação de trem exclusiva e um campo de aviação. Mais de 2 mil oficiais, soldados e civis permaneciam ali constantemente. Fora o chamado “chefe”, que alegava se sentir melhor em seu bunker, dizendo que a temperatura era agradavelmente baixa e regular, e que dispunha de ar fresco suficiente, ninguém gostava da “Toca do Lobo”. Além disso, Morell mandou disponibilizar para Hitler um cilindro de oxigênio, “para aspirar e depois soltar no dormitório. Führer muito satisfeito; pode-se dizer animado”.^[215]

Fornecimento artificial de oxigênio, paredes protetoras de bunkers: se a imagem passada era a de que o líder militar estava próximo ao front em seu novo alojamento, ele estava na verdade mais do que nunca distante da realidade da guerra. O isolamento, até frequente entre ditadores, traria consequências catastróficas. Durante os anos anteriores, o mundo havia sempre se curvado às vontades de Hitler e o ajudado nos seus incríveis triunfos, fortalecendo seu poder. Mas, assim que ele se confrontou com uma resistência real, impossível de ser eliminada rapidamente, o grande comandante de todos os tempos se recolheu em seu mundo fictício. O microcosmo da “Toca do Lobo” nada mais era do que uma bolha de aço e cimento.

Como já ficara claro em julho de 1941, a União Soviética defendeu-se duramente das fantasias de onipotência de Hitler. Mesmo que os alemães tivessem alcançado, nas semanas iniciais da campanha, enormes conquistas territoriais e capturado centenas de milhares de soldados do Exército Vermelho, na frente da Wehrmacht abria-se cada vez mais espaço e cada vez mais reservistas russos avançavam. Se por um lado as tropas de Hitler ganhavam uma batalha atrás da outra, investiam rapidamente e promoviam cercos em grande escala, provocando um caos completo, exatamente como planejado, por outro o Exército Vermelho simplesmente se comportava como se ignorasse esses reveses. O “castelo de cartas combalido”, como a Rússia era vista, não desabou como planejado. Os combates foram

travados sem piedade dos dois lados e, pela primeira vez nessa guerra, os alemães sofreram grandes perdas em pouco tempo.

O *doping*, empregado desde o início para esse gigante avanço-relâmpago, como ocorreu na campanha da França e, sobretudo, entre os oficiais, também pouco ajudou. A substância fora entregue às tropas blindadas por vias oficiais; um único grupo militar recebeu em poucos meses quase 30 milhões de comprimidos.^{[*][216]} O Pervitin, porém, não trouxe uma vitória rápida e logo o tempo ganho com o remédio tinha que ser pago numa moeda cara – repouso, enquanto o Exército Vermelho dispunha sempre de novas divisões, vindas do enorme interior do país.

Bem nessa fase decisiva, em agosto de 1941, Hitler ficou doente; a primeira vez em anos. Como toda manhã, o criado Linge, sempre pálido pela vida do bunker, bateu às 11h na porta do bunker nº 13. Mas Hitler estava na cama, com febre, diarreia, calafrios e fortes dores musculares. Provavelmente uma disenteria.

“Chamado pelo telefone, eu deveria ir *imediatamente* até o Führer. Disseram que ele tinha ficado tonto repentinamente. Estava em seu bunker.”^[217] A informação sobre o afastamento do trabalho de seu paciente chegou a Morell pela linha 190, na chamada “barraca do drone”, um escritório claustrofobicamente apertado, praticamente sem luz, que ele precisava dividir com o filho de Hoffmann, o repórter fotográfico do Reich. Rapidamente o médico

apanhou sua maleta preta no meio daquele quarto atulhado de equipamentos fotográficos e remédios, saiu e correu até Hitler, que estava sentado em sua cama, sem apoio, caído como um boneco de marionete, mas que exigia uma melhora imediata da dor, pois queria participar da reunião sobre a situação no front e teria que tomar decisões importantes.

No entanto, nesse caso, vitaminas e glicose não foram suficientes como em todos os anos anteriores. Nervosa e apressadamente, Morell preparou uma mistura de Vitamultin e cálcio e combinou-a com o esteroide gliconorma, um preparado de hormônio de fabricação própria, composto de extrato de músculo cardíaco, glândula suprarrenal e fígado de porco e de outros animais de abate. Uma substância de *doping*. A injeção ocorreu de forma menos suave do que o normal: “Agulha quebrou na picada.”^[218] Contra as dores agudas provocadas pelo desastre, Hitler recebeu vinte gotas de dolantina, um opioide cujo efeito se assemelha ao da morfina.^[*] Mas as diarreias continuavam. O paciente A teve que ficar na cama e não apareceu na reunião, realizada às 12h no bunker de Keitel e Jodl. O ditador incapaz de trabalhar: um escândalo no quartel-general.

“O Führer bem irritado”, descreveu Morell nessa noite o seu fracasso: “Nunca fui vítima de tanto mau humor.”^[219] Firme, o médico manteve o tratamento farmacológico, e logo as injeções fizeram efeito e a disenteria foi aniquilada. Já no dia seguinte Hitler voltou a participar das discussões com os generais e esforçou-se, imediatamente, para compensar o

dia de ausência. O velho conflito entre ele e o Estado-Maior, que aproveitara sua ausência para agir rapidamente segundo suas próprias ideias, inflamou-se de novo. Tratava-se da próxima direção da ofensiva. Diferentemente de seu Führer, os generais viam Moscou como alvo principal: eles planejavam tomar a capital russa numa batalha decisiva e assim decidir a campanha. Mas o recém-curado Hitler tinha outra estratégia; ele se impôs, dividindo as tropas para conquistar Leningrado ao norte e isolar a União Soviética do Mar Báltico, enquanto o grupo militar do sul deveria, ao mesmo tempo, avançar pela Ucrânia em direção ao Cáucaso, aos poços de petróleo, importantes para a economia bélica.

A crise teve consequências para o médico particular e seu plano de “recuperação imediata”. Para que o paciente A não ficasse em situação desvantajosa, de cama, ele passou a aplicar-lhe injeções de forma profilática. Morell tornou-se um adepto típico da polipragmasia, receitando mais e mais princípios ativos em diferentes concentrações, experimentando uma coisa aqui, outra lá,^{[**][220]} fazendo diagnósticos cada vez menos precisos e enriquecendo permanentemente seu aprovisionamento básico medicamentoso.^[*] Deste, logo fizeram parte as mais diversas substâncias, como “tonofosfan”, estimulante para metabolismo da Hoescht, hoje empregado sobretudo na medicina veterinária; “homoseran”, suplemento rico em hormônios e anticorpos, obtido do sangue uterino;^[221] o hormônio sexual “testoviron”, contra a redução da libido e

da vitalidade; e também “orchikrin”, produzido dos testículos do touro, que devia ajudar no caso de depressão. Outra substância empregada chamava-se “prostakrinum”, obtida da vesícula seminal e da próstata de touros jovens.

Apesar de não consumir pratos com carne, Hitler não era mais estritamente vegetariano. A partir do outono de 1941, substâncias animais altamente concentradas passaram a circular cada vez mais por sua corrente sanguínea. Tratava-se sempre de equilibrar o estado de esgotamento psíquico e físico – ou de contê-lo ainda na fase inicial – e fortalecer as defesas. Entretanto, devido às aplicações constantemente alternadas e ao aumento das doses, o sistema imunológico natural de Hitler foi substituído por uma placa de proteção artificial. Morell tornou o procedimento cada vez mais imprescindível.

No tocante à saúde do ditador, desde o dia de sua ausência devido à disenteria e até o final, sem interrupções, moscas começaram a ser mortas com balas de canhão. Até nos poucos passeios ao ar livre que o “maior comandante de todos os tempos” ainda fazia na zona restrita 1 da “Toca do Lobo”, o médico estava sempre ao seu lado; uns passos atrás vinha um assistente com a mala de injeções. Uma viagem de trem no final de agosto de 1941 mostra o quanto essa medicação permanente era praticada. Hitler e Mussolini dirigiam-se ao front: a viagem pelo Leste Europeu, onde o assassinato em massa entraria em cena, durou 24 horas. Em Kamenez-Podolz, na Ucrânia Ocidental, de onde estavam

próximos, mais de 23.600 judeus tinham acabado de ser mortos pela ss e por um batalhão da polícia alemã – foi o primeiro massacre de todos os judeus de uma região inteira.

Para que o paciente A não deixasse de tomar nenhuma injeção no caminho, o trem especial do Führer parou no meio do trajeto, pois não se podia ministrar injeção com o trem sacudindo. O vagão Flak, com seus canhões antiaéreos, ficou imediatamente em alerta, Morell correu com sua maleta abaulada de médico para o vagão particular de Hitler, tirou o conjunto de ampolas amarrado em couro preto, soltou as chapinhas de metal rugosas de várias ampolas, abriu o zíper do estojo onde guardava as injeções, quebrou a primeira ampola, colocou a agulha e puxou. Apertou rapidamente o braço branco e quase sem pelos de Hitler, limpou o suor da testa e picou: primeiramente na veia, depois uma segunda injeção intramuscular. Morell descreveu, com orgulho, a parada incomum: “Trem parou no caminho por causa de glicose intravenosa mais tenofosfan forte e Vitamultin calcium no Führer. Pronto com tudo em oito minutos.”^[222]

Tal procedimento não era um caso isolado, mas sim a regra. As injeções determinavam, de forma cada vez mais evidente, o decorrer do dia, e, com o passar do tempo, acumulavam-se frequentemente mais de oitenta preparados de hormônios diversos e inconvencionais, esteroides, gotas e remédios na mistura do Führer.^[*]^[223] O fato de que a composição das injeções era levemente alterada todos os dias

desempenhava um papel psicológico importante. Assim, Hitler nunca teve a impressão de que estava dependente de uma substância específica. Era o pacote completo de Morell, sem o qual ele não conseguia mais viver. Com seu médico particular, ele encontrou um instrumento perfeito de automedicação e auto ajustamento, do qual abusava cada vez mais.

Essa politoxicomania, desenvolvida na segunda metade de 1941, parece estranha mesmo para uma era na qual a pesquisa de esteroides e de hormônios não podia de jeito algum calcular os efeitos complexos e as interações sobre o organismo de substâncias altamente potentes. Hitler era o que menos entendia o que estava fazendo consigo mesmo. Por toda a vida ele se interessou por remédios, mas nunca assimilou conhecimento médico. Também como usuário de drogas, assim como comandante, ele permaneceu um diletante eterno e deixou-se levar por impulsos, sem compreender os fundamentos. No fim das contas, as consequências seriam fatais. Sua intuição natural, que até o começo da Operação Barbarossa se mostrara certa tantas vezes, abandonou-o exatamente quando as injeções ministradas por seu médico passaram a atrapalhar seu organismo cada vez mais. O fato de haver tolerância no caso de uso intensivo está na natureza da coisa. O corpo acostuma-se e as doses precisam ser aumentadas, senão o efeito diminui – e o ditador não suportava efeitos que diminuíssem.

Nesse aspecto, Morell não oferecia a seu confidente nenhuma ajuda. O médico parecia não se preocupar com interações problemáticas – nada de responsabilidade médica. Como muitos outros, ele simplesmente esforçava-se, de forma temerosa, em agradar sempre o seu Führer, para que ele mesmo não tivesse desvantagens e pudesse continuar a desfrutar de sua posição. Enquanto o assassinato sistemático de judeus seguia o seu curso nesses meses do outono de 1941 e a Wehrmacht conduzia uma guerra ofensiva criminosa na Rússia, com milhões de mortos, o sistema do medo imposto pelo nacional-socialismo envenenava-se gradualmente a si próprio, de dentro para fora.

Delírio no leste

“Minha constatação causou a mais profunda impressão de
que o Führer é saudável.”^[224]

Joseph Goebbels

O diário de guerra do Comando Superior da Wehrmacht protocolou em 2 de outubro de 1941: “O grupo militar central apresentou-se ao amanhecer com todas as tropas, num belo dia de outono, para a ofensiva”.^[225] Assim começou, mesmo que atrasado, o ataque à capital russa, e, numa enorme batalha dupla perto de Viazma, entre Smolensk e Moscou, 670 mil soldados do Exército Vermelho foram capturados. Na “Toca do Lobo”, alguns já falavam em decisão antecipada. Os alemães, porém, haviam perdido um tempo precioso em outros cenários da guerra para conseguir tomar o centro do poder de Stálin numa rápida operação. Quando o tempo piorou, o avanço em Morast foi

interrompido: “Chuva constante, névoa. Forte piora das estradas provoca agravamento considerável de todas as movimentações e do reabastecimento”, dizia-se no final de outubro no comando do Exército alemão.^[226] Pela primeira vez esboçava-se a possibilidade de uma derrota.

Hitler reagia estoicamente à situação crítica. Quando no meio de um princípio antecipado de inverno o Exército Vermelho iniciou uma contraofensiva com divisões de elite siberianas recém-recrutadas, causando grandes perdas para a Wehrmacht, ele ignorou o apelo de seus generais para retirar as tropas e evitar outras derrotas. Em vez disso, em 16 de dezembro de 1941, deu uma ordem fatídica, que no início até impediu o pior, mas a longo prazo teve efeitos catastróficos: *aguentar a qualquer preço*. Qualquer movimento de retirada sem uma ordem expressa sua estava proibido a partir de então. Antes temido por sua dinâmica imprevisível, o Exército alemão não estava mais em condições de reagir à fluência dos acontecimentos da guerra. Se por um lado os adversários da Alemanha mantiveram até o final seu respeito pela força de combate da Wehrmacht, isso se deveu também à chamada tática de encomenda, que em nenhum outro Exército foi empregada tão intensivamente e que dava aos oficiais muita liberdade para implementar os objetivos estipulados. Mas as guerras de movimento do início, com o sucesso que deixou o mundo espantado, ficaram para trás. Foi característico o fato de que justamente Guderian – que na primavera de 1940, graças ao seu método inconventional

de ignorar a pressão dos comandos, fizera parte da vitória na campanha ocidental – passou a ser repreendido por Hitler por estar envolvido demais nos acontecimentos, quando o general dos tanques tentou convencer o comandante supremo a retirar as tropas do front diante de Moscou.

A única receita de Hitler era apenas mais “resistência fanática”, sem considerar perdas. Poderíamos também dizer: sem considerar as realidades no front. Já nesse primeiro inverno da guerra a Wehrmacht era esmagada, enquanto em Moscou os sinos de igreja tocavam com confiança e os padres ortodoxos, vestidos com seus hábitos sacerdotais e levantando o crucifixo, andavam de casa em casa, de cabana em cabana, encorajando homens e mulheres, jovens e velhos, para a missão mais extrema da santa terra russa. Os cinemas da União Soviética exibiam cenas que mostravam como os soldados do Exército Vermelho vestiam roupas acolchoadas e botas feitas de feltro, enquanto os prisioneiros alemães, sem casacos, sem luvas e descalços sobre o chão frio, faziam danças macabras para não congelarem.

Para os agressores, situações sem saída tornavam-se frequentes. Às vezes, só o Pervitin ajudava. Um exemplo entre tantos: os alemães foram cercados no vilarejo de pescadores Vzvad, na margem sul do lago de Ilmens, entre Moscou e Leningrado; mais e mais alojamentos queimavam e o abastecimento era esporádico, vindo do céu gelado. Uma última e minúscula janela para a fuga permanecia aberta – e quinhentos homens totalmente enfraquecidos, carregando

mochilas pesadas e metralhadoras nos ombros, começaram uma marcha noturna de catorze horas com neve na altura da cintura. Como se lê no relatório oficial da Wehrmacht, logo muitos mostraram “um estado de intenso esgotamento. [...] Perto da meia-noite, a neve parou e o céu ficou estrelado, mas as tropas queriam permanecer na neve e, apesar de um encorajamento enérgico, era impossível recuperar sua força de vontade. Foram dados para cada uma dessas pessoas dois comprimidos de Pervitin. Depois de cerca de meia hora, os primeiros homens confirmaram uma melhoria de seu estado. Eles voltaram a marchar organizadamente, permanecendo em filas”.[227] O fato mostra: o estimulante não era mais empregado primeiramente para atacar e conquistar, mas sobretudo para suportar e sobreviver.[228] A página virara.

Relato de um antigo oficial da saúde

“Eu sempre tive uma boa quantidade deles”, relata Ottheinz Schultesteinberg, que treinou entre 1940 e 1942 na Academia Médica Militar, sobre sua missão como cadete oficial da saúde na Rússia: “A coisa era simplesmente distribuída, segundo o lema ‘tome isso!’”. Hoje com 94 anos, Schultesteinberg vive no lago de Starnberg e lembra-se da guerra que o levou até Stalingrado como se tivesse sido ontem. Encontramo-nos no terraço de um restaurante croata em Feldafing: “Eu mesmo não tomava Pervitin, ou melhor, não tomava com frequência; só uma vez, para experimentar. Para saber o que eu aplicava ali”, conta. “E posso dizer que fazia efeito. Ele mantinha acordado, sem piedade. Mas eu não queria esse estado com frequência. Sabíamos que ele levava ao vício e que tinha efeitos colaterais: psicoses, excitação, perda de força. E na Rússia havia uma guerra

de desgaste, uma guerra estática. Ali o Pervitin não adiantava mais, ele só nos esgotava. Afinal, um intervalo para o descanso não realizado tinha que ser recuperado depois. A falta de sono simplesmente não trazia mais vantagens”.^[229]

Em Berlim, sabia-se desse problema. Leo Conti, chefe da Saúde do Reich, ainda buscava, com a ajuda de seu “Registro do Reich para o Combate às Drogas”, um levantamento o mais completo possível de todos os soldados dependentes. Ele baixou uma disposição, segundo a qual a Wehrmacht e as SS deveriam classificar cada combatente licenciado por causa de uma possível afinidade com drogas para, nesses casos, decidir sobre terapias forçadas ou sobre “o isolamento acelerado de um insensato ou de um incurável”.^[230] Isso soava tão drástico quanto ameaçador, e a reação da Wehrmacht veio de acordo: ela negligenciava as informações reportando poucos ou praticamente nenhum caso. A situação acentuada da guerra não levou a uma punição do consumo de drogas; o Exército até passou a recrutar, calculadamente, colaboradores do departamento de Conti para os combates na fronteira, impedindo cada vez mais a sua campanha antidroga.

No final de 1941, alguns no quartel-general do Führer começaram a compreender que a vitória não seria mais alcançada. O chefe do Estado-Maior, Halder, resumiu a situação: “Estamos no fim de nossas forças do ponto de vista pessoal e material”.^[231] A estratégia da guerra-relâmpago, que tentava reverter a relação real de forças por meio de um efeito surpresa, havia fracassado – e com ela toda a

concepção de guerra de Hitler, construída desde o começo à base de especulação. Os alemães não aguentariam uma longa batalha contra os russos, que estavam em maior número e agora mais bem equipados. Era uma constatação objetiva, a partir da qual deveriam tirar conclusões. O ditador, porém, fechou os olhos diante dos fatos evidentes. Ele cortaria as relações com a realidade geopolítica e outras decisões erradas se seguiriam. Se antes do outono de 1941 tanta coisa deu certo para o comandante supremo, agora sua sorte havia mudado.

De forma totalmente irracional, como se fosse possível enganar a realidade, não reconhecendo fatos evidentes, a Alemanha, esgotada e combatendo em diversas frentes, declarou guerra aos Estados Unidos, um colosso industrial que não enfrentava desgastes. O presunçoso Hitler, que agora também assumira o comando superior do Exército e, assim, a tarefa de Von Brauchitsch, não entendia mais o mundo. Ele parecia não conseguir mais considerar a situação de forma sóbria. Em suas próprias palavras, com a Operação Barbarossa ele teria aberto uma “porta para um quarto escuro nunca visto”, “sem saber o que se encontrava atrás dela”.^[232] Escuridão circundava Hitler também na realidade, como Morell descreveu. “De resto, uma vida no bunker sem luz do dia.”^[233] Nessa escuridão, nada mais atingiria o distante ditador; a realidade não chegava mais a ele – só a agulha de seu médico particular, que lhe injetava na corrente sanguínea as substâncias dopantes, penetrava a carapaça. “É

trágico que o Führer se isole assim e leve uma vida excessivamente pouco saudável”, escreveu Goebbels em seu diário. “Ele não toma mais ar fresco, não encontra mais nenhuma forma de relaxar, fica sentado em seu bunker.”^[234]

Em janeiro de 1942, foram definidas na Conferência de Wannsee as competências para a “solução final da questão dos judeus”. As ações de Hitler reforçavam, de forma cada vez mais clara, uma fixação no genocídio. A insistência obstinada de não desistir de territórios conquistados tinha um motivo convincente: deixar queimar pelo maior tempo possível as chaminés dos campos de extermínio de Auschwitz, Treblinka, Sobibor, Kulmhof, Majdanek e Belzec, localizados no Leste ocupado. Manter muitas posições até que muitos judeus morressem. O paciente A, que se distanciava cada vez mais radicalmente de todas as convenções humanas, queria ainda decidir por si aquela guerra contra os indefesos.

O planeta Lobisomem

“Eu o invejo por poder viver grandes acontecimentos mundiais no quartel-general do Führer. A genialidade do Führer, sua intervenção oportuna e a construção de nossa Wehrmacht, pensada precisamente em todas as direções, fazem com que possamos olhar para o futuro cheios de confiança. [...]

Que seja permitido a ele manter a sua plena saúde, para ganhar força e atingir seus últimos objetivos para o seu povo.”^[235]

De uma carta para Morell

Em julho de 1942, a extensão geográfica do Terceiro Reich chegava do cabo Norte até o norte da África e a Ásia Menor. O auge da jornada expansionista dos nazistas fora alcançado, mas já fazia tempo que os sinais indicavam derrota. Naquele mês de verão começou a “ação Reinhardt”, o assassinato

sistemático de mais de 2 milhões de judeus e 50 mil ciganos na Polônia ocupada. Ao mesmo tempo realizou-se uma mudança dispendiosa: com dezessete aviões, uma equipe de comando nacional-socialista mudou-se da “Toca do Lobo” para um quartel-general novíssimo, localizado a alguns quilômetros de Winniza, uma pequena cidade camponesa da Ucrânia Ocidental.

A mudança de localização foi uma grande encenação, nada mais que uma farsa para convencer a chefia de que estavam se movendo para mais perto do front, da ação, ou seja, da situação real. Entretanto, a principal linha de batalha ainda se encontrava a confortáveis centenas de quilômetros desse acampamento de cabanas na floresta, erguido rapidamente. Ali os nazistas continuavam tranquilamente afastados do bombardeamento massivo de cidades alemãs pelos britânicos, na primavera de 1942 – Lübeck, Rostock, Stuttgart e, sobretudo, Colônia já haviam sofrido ataques pesados. O afastamento de Hitler dos fatos políticos e sociais estava de acordo com essa nova central do comando, esse “deslugar” em lugar nenhum, essa locação hightech nos pampas, onde ele podia se intoxicar e se distanciar da realidade. Não haveria mais em sua vida, por um tempo, um lar de verdade, como fora antigamente seu grande apartamento em Munique, na Prinzregentenplatz.

O recém-nomeado ministro do Armamento, Albert Speer, descreveu o novo alojamento na Ucrânia como uma “instalação de bangalôs, uma pequena floresta de pinheiros,

um jardim semelhante a um parque”.^[236] Os tocos dos pinheiros derrubados estavam pintados de verde para combinar com a paisagem; os estacionamentos ficavam protegidos na sombra, entre os arbustos. Havia alguma semelhança com férias no campo, uma casa de repouso. Mas desse punhado de cabanas e barracas, cercadas por carvalhos altos, a guerra continuava a ser conduzida com uma crueldade inédita até então. Hitler batizou de “Werwolf” [Lobisomem] o seu novo posto de comando para o genocídio, um nome oportuno para uma zona irreal, da qual acontecimentos monstruosos se alastravam, cercada por uma rotina ritualizada, com regras rígidas de proteção.^[*]^[237] Ali, com seus bilhões de bactérias enlouquecidas no intestino, o “maior comandante de todos os tempos” podia continuar temendo micróbios, enquanto seus soldados nas estepes e nos pântanos da Rússia precisavam entrar em contato com doenças infecciosas reais do Leste, da febre das trincheiras à tularemia ou à malária.

Nesse meio-tempo Morell tornou-se imprescindível para o chefe de Estado, não deixando Hitler sozinho nem mesmo nas reuniões sobre a situação no front – apesar de não ter nada para fazer lá como médico civil, colhendo olhares depreciativos dos generais. Nesses encontros realizados duas vezes ao dia, abstraía-se o mundo como ocorrências em mapas militares; mesmo com tempo bom as janelas ficavam fechadas, assim como as cortinas. Apesar do frescor da floresta à disposição, sempre predominava no

quartel-general Werwolf uma atmosfera pesada. Hitler só aceitava conselhos de pessoas que, como ele, tratavam a situação nas frentes de forma ignorante.^[238] Chegava o grande momento dos bajuladores, encarnado no frio e rígido marechal de campo Keitel, ridicularizado pelas costas como “Lakeitel”[*].



Já fazia tempo que o médico Morell (à esquerda, atrás de seu paciente) se tornara imprescindível.

Em 23 de julho de 1942, treze meses depois do início da campanha na Rússia, Hitler cometeria outro erro estratégico

sério, quando ordenou de novo, na sua Instrução nº 45, a divisão das forças alemãs, dessa vez no sul da União Soviética: o grupo do Exército A devia avançar em direção a Baku, no Azerbaijão, rico em petróleo, e o grupo do Exército B para o mar Cáspio, por Stalingrado, no Volga. Assim, um front de originalmente 800 km em pleno território inimigo foi estendido para insustentáveis 4 mil km. Os protestos do comando do Exército foram fortes, e, sob o sol ardente da Ucrânia e temperaturas de 45°C a 50°C, houve “incidentes e explosões, que chegaram a um ápice nunca visto até então. [...] Sonhos [tornados] como lei de ação”, criticou o chefe do Estado-Maior Halder a atitude de seu comandante.^[239] O ministro do Armamento Speer falava de uma forma especial de “distúrbio sensorial, com o qual qualquer um próximo a Hitler via chegar um final inevitável”. A realidade já se despedira, havia muito tempo, do planejamento militar. Agora, essas reuniões eram chamadas não oficialmente de *Schaulagen* [teatro sobre a situação]. “Levantamentos maquiados de setores do Exército nos levam a temer que a situação crítica não está sendo totalmente reconhecida.”^[240]

Quando Erich von Manstein, criador do “corte de foice”, conquistador da Crimeia e promovido nesse meio-tempo a marechal de campo, deu uma palestra sobre a situação crítica na parte sul do front oriental, a conclusão consternada no diário de guerra do comando superior da Wehrmacht foi a seguinte: “Como sempre, porém, não será tomada nenhuma grande decisão. É como se o Führer não fosse mais capaz

disso”.[241] Hitler não conseguia mais suportar generais falando de forma racional e que, na sua opinião, queriam criticar tudo permanentemente – apesar de ser obrigado a ouvi-los com frequência. Infantil, se recusaria, dali em diante, a dar a mão ao general de brigada Jodl (aliás, o único no comando que não se deixava tratar por Morell). Hitler não participava mais das refeições coletivas, recolhendo-se totalmente na sua cabana construída sob a sombra contínua das faias vermelhas e que ele deixava só na escuridão. Quando em meados de agosto de 1942 partiu mais uma vez para o front, a fim de ter uma ideia da realidade militar, teve uma terrível queimadura de sol – “A cara toda queimada, a testa com grandes queimaduras, dores fortes, por isso muito irritado”[242] – e ficou contentíssimo quando voltou para a sua cabana protegida.

Os discursos em público também quase não ocorriam mais. O historiador e escritor Sebastian Haffner descreve a retirada do antigo homem público Hitler: “Ele substituíra planejadamente a sobriedade pelo delírio de massa; pode-se dizer que ele, durante seis anos, aplicou a si mesmo nos alemães, como se fosse uma droga – a qual ele, de repente, retirou da guerra”.[243] Por sua vez, Hitler sentia falta dos êxtases que suas aparições causavam no passado e que sempre foram uma injeção de sensações muito importantes e estimulantes para o seu egocentrismo. Todos esses contatos com o povo jubilante, do qual outrora tirara tanta energia, precisaram ser substituídos no isolamento – o que

continuou a acelerar o processo de autotransformação do ditador em crisálida. “Ele era uma pessoa que sempre necessitou de aportes artificiais”, escreveu Fest, biógrafo de Hitler. “De certo modo, para ele, as drogas e os remédios de Morell substituíam o velho estimulante da ovação das massas.”^[244]

O chefe de Estado mal cuidava dos deveres oficiais. Preferia passar as noites em claro, raramente ia para a cama antes das 6h e continuava a gostar de discutir com Speer sobre grandes projetos arquitetônicos – que agora, porém, tinham um caráter meramente ilusório. Mesmo ele, seu fiel ministro do Armamento e arquiteto preferido, que descreveu a colaboração com Hitler como “anos de delírio” e, na condição de mestre em reprimir as coisas, se manteve um entusiasta do “delírio do Führer como estimulante” até bem depois, precisou reconhecer que Hitler, “no decorrer de tais debates, se desligava cada vez mais da realidade e se dirigia ao seu mundo da fantasia”.^[245]

A distância da realidade teria efeitos graves sobre a evolução da guerra. Frequentemente Hitler mandava suas tropas para a batalha sem nenhuma capacidade de avaliação no que se referia aos seus armamentos, força de combate ou reabastecimento. Mas ao mesmo tempo, para desgosto do Exército, cuidava em detalhes de muitas questões táticas, até aquelas ao nível dos batalhões, acreditando ser indispensável em toda parte.^[*] Toda palavra falada nas reuniões passou a ser estenografada, para que ele pudesse depois pedir

satisfações aos generais, sempre que tentassem escapar de suas ordens distantes da realidade.

Hitler foi um diletante militar desde o “comando de parada” de Dunquerque; agora ele se transformara em sonhador, enquanto seus exércitos se perdiam na vastidão da Abecásia e da estepe calmuque, avançavam até o mar Negro e hasteavam sobre o maciço de Elbrus, no Cáucaso, a 5.633 m de altura, uma bandeira com a suástica que esvoaçava em vão. No verão de 1942, o consumo de injeções por Hitler disparou de tal modo que Morell precisou fazer uma encomenda especial junto à farmácia Engel, de Berlim, para o quartel-general do Führer.^[246]

No outono de 1942, Rommel, que passara de “raposa do *crystal*” para “raposa do deserto”, teve sérias dificuldades na África contra os britânicos sob o comando de Montgomery. Ao mesmo tempo, diante da redução de seu significado estratégico, Stalingrado tornava-se uma fixação psicopata. Hitler estilizava desnecessariamente os acontecimentos ali, visivelmente dramáticos, como uma batalha fatídica e exageradamente mitológica. Sua saúde decaía rapidamente, enquanto se fechava o cerco no Volga em torno do 6º Exército do general Paulus e milhares de soldados alemães morriam com o frio e as granadas russas. “Gases intestinais, mau hálito, mal-estar”,^[247] anotou Morell em 9 de dezembro de 1942, quando foi constatado que o abastecimento de combustível pelo ar, que Göring anunciara

de forma tão presunçosa e pouco realista para os homens cercados no “caldeirão de Stalingrado”, não funcionaria.

Uma semana depois, o paciente A pediu um conselho ao seu médico particular: Göring lhe teria falado de uma substância chamada cardiazol, que tomava sempre que sentia fraqueza e tontura. Hitler queria saber “se ela não faria bem também a ele, o Führer, caso se sentisse estranho em ocasiões importantes”.^[248] Morell recusou: o cardiazol, um estimulante da circulação difícil de dosar, que aumenta a pressão sanguínea e pode levar a leves convulsões, seria arriscado demais para Hitler, que já tinha problemas de coração. No entanto, o médico entendera a mensagem: seu chefe exigia paulatinamente substâncias mais fortes para conseguir superar do ponto de vista psicológico a grave crise em torno de Stalingrado. Morell aceitou também esse desafio.

ENGEL-APOTHEKE

KÖNIGL. 1739. PRIVIL.

Pharmacie Internationale

ALLOPATHIE / BIOCHEMIE / HOMÖOPATHIE

Herrn

Prof. M o r e l l

Führerhauptquartier

BETRIFFT:

FERNSPRECHER: 11 07 21

BANK: DEUTSCHE BANK
STADTZENTRALE
MÄUER STRASSE

POSTSCHECK: 7543

BERLIN W 8
MOHREN STR. 63/64

DEN 29. August 1942

Sehr geehrter Herr Professor !

Auf beifolgendem Rezept bitte ich höflichst noch den
Vermerk "eingetragene Verschreibung" vermerken ~~zu wollen~~
und mir dann das Rezept zurücksenden zu wollen.

Für die Beschaffung der bestellten Spritzen bitte ich
um Ausstellung eines Rezeptes oder einer Bescheinigung
woraus hervorgeht, dass die Spritzen für das Führerhaupt-
quartier benötigt werden. Nur auf Grund dieser Bescheini-
gung ist eine Anfertigung der Spritzen möglich.

Mich Ihnen bestens empfehlend zeichnet mit

Heil Hitler !

Königl. 1739 priv.
Engel-Apotheke
Inn. ERNST JOST
Berlin W 8, Mohrenstr. 63/64

A farmácia Engel, em Berlim, providenciava as injeções de Hitler.

Um matadouro chamado Ucrânia

“Vocês precisam permanecer saudáveis e se distanciar do que envenena seus corpos. Precisamos de um povo sóbrio! No futuro, os alemães só serão medidos pelas obras de seu intelecto e pela força de sua saúde.”^[249]

Adolf Hitler

Baseando-se no sucesso contínuo de suas barrinhas de Vitamultin, Theo Morell adquiriu em Ölmütz, na Boêmia, um dos maiores produtores de óleo comestível da antiga Tchecoslováquia, a firma Heikorn, roubada de seus proprietários judeus. Hitler arranjava pessoalmente essa oferta para ele.^{[*][250]} O preço de compra montava a 120 mil marcos do Reich – uma ninharia para o imóvel lucrativo que o médico transformou em sede principal de sua firma Hamma. Em suas anotações, lê-se a respeito: “Nunca mais será possível fazer uma aquisição tão barata. [...] Para mim,

uma fábrica a ser arianizada”.^[251] A partir de então, mais de mil funcionários fabricavam ali os mais diversos produtos, como óleo de papoula, mostarda, produtos de limpeza ou o pó antipiolho “Russla”, amplamente sem efeito, mas cujo uso se tornou obrigatório para a Wehrmacht. O negócio principal eram os preparados vitamínicos e hormonais – e para tanto aquele médico resoluto, beneficiário mercantil do terror nazista, precisava permanentemente de reforços.

A 8 km ao sul da “Toca do Lobo”, o quartel-general do Führer, localizava-se a cidade Winniza, com seu enorme e moderníssimo matadouro. A empresa americana Swift o construía, pouco antes do início da guerra, segundo os mais novos avanços tecnológicos, tendo os matadouros de Chicago como modelo. Muitos abates de toda a Ucrânia deveriam ser centralizados lá; tudo era automatizado, inclusive o recolhimento de uma quantidade considerável de sangue. Morell mostrou-se impressionado: não existia algo parecido nem na Alemanha, onde “proteínas valiosas ainda eram arrastadas na lavagem”, como escreveu em seus apontamentos. O médico decidiu tirar vantagem das novas instalações e, enquanto Hitler, na sua cabana da floresta, se isolava do mundo que estava incendiando, o farmacêutico *selfmade* aproveitava a guerra na Ucrânia para ampliar seu empreendimento.

Farejando um negócio enorme, Morell elaborou um plano que era ao mesmo tempo simples e atrevido. Ele anunciou para Alfred Rosenberg, o ideólogo-chefe nazista e

ministro do Reich para os territórios ocupados do Leste, que fundaria uma “fabricação organoterápica” e pronunciou um pedido típico de um médico particular: “Se eu [...] ficar com os produtos, será possível abastecer o Leste inteiro com hormônios”.^[252] “Produtos” significavam tireoides, glândulas suprarrenais, testículos, próstatas, ovários, glândulas bulbouretrais, vesículas biliares, corações, pulmões – nada menos do que os órgãos e glândulas, assim como os ossos de todos os animais abatidos em Winniza.

Era simplesmente uma mina de ouro do ponto de vista empresarial, já que se tratava de matérias-primas para a fabricação de substâncias caras de *doping* e esteroides. O médico, que nessas semanas se movimentava incansavelmente pelos territórios ocupados para maquinar seus negócios sujos, ambicionava o aproveitamento total de restos. Ele queria reciclar até o sangue dos animais abatidos para a produção de um novo preparado alimentar, que deveria ser composto de sangue seco e legumes (sobretudo cenouras).^[253] “Com frequência fico muito cansado de tanto viajar”, escreveu para sua mulher. “A cada dois dias, às vezes também num só dia, rodo cerca de 300 km. E isso em estradas russas ruins.”^[254] Ele planejou a exploração da Ucrânia ocupada até a última gota de sangue, literalmente até a medula, e fazia tempo que aperfeiçoara a falta de escrúpulos, com a qual interesses pessoais eram defendidos nos andares mais altos do nacional-socialismo. Aproveitou-

se, cada vez mais descaradamente, de sua posição consolidada na corte como uma espécie de posto oficial.

O chefe do distrito, Erich Koch, comissário do Reich para assuntos da Ucrânia (devido à sua brutalidade, chamado de “o pequeno Stálin”), também paciente de Morell, gostava de cooperar: nos abates futuros, o médico poderia “deixar um encarregado recolher todos os restos para a fabricação de remédios organoterápicos e entregá-los à desejada utilização”.^[255] Morell agradeceu e anunciou imediatamente outros planos: “Se o negócio com as glândulas e os órgãos der certo, parto para o aproveitamento de ervas medicinais e drogas da Ucrânia. Os senhores verão que a organização funcionará bem”.^[256]

Logo ele criou as “Fábricas Pharmo da Ucrânia, oficina de Winniza, fabricação de produtos organoterápicos e vegetais – exportação de drogas”. O nome era um programa e a empresa visava, desde o início, a tomar um rumo expansionista. Morell não estava satisfeito com a Ucrânia Ocidental, dirigindo sua atenção para a lucrativa zona industrial em Donetz-Becken. Também mirava a estepe no mar Negro, assim como a Crimeia. Ali planejou “plantar ervas medicinais em grande escala [para] participar da construção de uma forte economia alemã”.^[257]

Tratava-se, sobretudo de Kharkov, a metrópole da Ucrânia Oriental, tomada pelo 6º Exército em outubro de 1941, na época uma cidade importante do ponto de vista estratégico, a quarta maior da União Soviética. Desde a

ocupação pela Wehrmacht, estava assolada pela morte vinda da Alemanha: dois terços das construções tinham sido destruídos e a população foi dizimada, passando de 1,5 milhão para 190 mil. Cidadãos soviéticos foram jogados de seus terraços e enforcados nos corredores das casas, nas entradas de bancos e hotéis.^[258] No barranco de Drobizkii, o comando especial 4a, uma unidade do grupo de ação C, com a participação do batalhão Orpo 314, massacrou a população judia; 15 mil pessoas foram mortas a tiro; mulheres e crianças também foram assassinadas em câmaras de gás. As tropas de ocupação levaram muitos habitantes de Kharkov como trabalhadores forçados para a Alemanha, e em maio de 1942, quando fracassou uma tentativa de libertação por parte do Exército Vermelho, cerca de 240 mil soldados soviéticos foram parar no cativeiro.

Nada disso preocupava Morell. Pelo contrário, a situação desesperadora de Kharkov parecia inspirá-lo: “É uma tarefa particularmente interessante tirar para a economia de guerra o quanto possível de uma cidade marcada pela múltipla troca de ocupações”, escreveu para o comissário do Reich.^[259] Quando soube que existia em Kharkov um instituto endocrinológico especializado no uso de glândulas secretoras, Morell dirigiu-se mais uma vez para Koch: “Como o instituto, que pertencia ao Estado russo, não tem utilidade e o senhor teve a amabilidade de me conferir os órgãos dos abates, peço-lhe permissão para comprar esse instituto, [para] que eu dê início imediatamente ao

aproveitamento das glândulas e à fabricação de substâncias tão urgentes na Alemanha”.^[260]

A resposta chegou no mesmo dia por telefone: Morell poderia ter o instituto, que lhe seria “transferido”. Para que se alcançasse também a capacidade máxima, todos os dezoito matadouros da Ucrânia receberam a seguinte instrução: “Segundo disposição do comissário do Reich para assuntos da Ucrânia, os órgãos resultantes dos abates devem ser entregues exclusivamente às fábricas Pharmo da Ucr. Eles devem estar livres de gordura e ser congelados duas horas depois do abate a uma temperatura de – 15° ou à menor temperatura possível”.^[261]

Não havia mais nenhum obstáculo para o novo desenvolvimento e a produção em massa de preparados hormonais, e o médico deleitou-se com as perspectivas, declarando-se aberto para tal repugnante exploração da frente oriental. “Das [...] glândulas precisamos de tudo que conseguirmos extrair.”^[262] Tamanha oportunidade nunca se repetiria. “Espero que a instalação de secagem a vácuo e o mecanismo de extração cheguem logo. Assim a empreitada pode começar.”^[263]

Mas para ele o tempo estava correndo. A liquidação não continuaria por todo o tempo: o front se despedaçava e Morell não tinha mais prazer no seu instituto endocrinológico. Na primavera de 1943, Kharkov seria reconquistada pelo Exército Vermelho. “Os acontecimentos foram, infelizmente, mais fortes do que nós e arruinaram

nossas belas esperanças e o nosso trabalho inicial”,^[264] relatou o médico, decepcionado, que voltou a concentrar o emprego de glândulas em Olmütz, na Boêmia. Para transportar todo o volume de matéria-prima animal para lá, uma distância de mais de 1.000 km, e ainda tirar da Ucrânia o máximo de lucro possível, ele moveu céus e terra, ou seja, todo o aparelho do Estado. Para o “médico particular do Führer”, como atesta orgulhosamente seu papel de carta, era natural fundamentar seus desejos alegando a vontade de Hitler.

Numa fase dilaceradora da guerra, na qual havia poucas e intensamente disputadas vias de ligação no Leste, necessárias para o abastecimento das tropas e o transporte de soldados feridos, Morell utilizava despreocupadamente as possibilidades de comunicação e a logística do quartel-general do Führer para fazer rodar pela Europa Oriental, por incontáveis quilômetros, centenas de caminhões e vagões da estrada de ferro do Reich e movimentar suas toneladas de estômago de porco, pâncreas, hipófise, medula e fígado de boi, porco e ovelha. A rigorosa instrução geral no quartel-general do Führer, que proibia “a mobilização desnecessária de qualquer veículo”,^[265] naturalmente não se aplicava a ele. O médico mandava transportar até pés de galinha, usados no preparo de sua gelatina. A lista da carga de um vagão típico de Morell: setenta barris com fígado salgado, 1.026 estômagos de porco, 60 kg de ovário, 200 kg de testículo de touro. O valor: 20 mil marcos do Reich.^[266]

Quase diariamente uma entrega desse tipo, oriunda da Ucrânia, chegava às suas fábricas arianizadas da Tchecoslováquia ocupada. Para tanto, importantes transportes da Wehrmacht ficavam parados, pois Morell não perdoava: se algum trem das “fábricas Pharmo da Ucrânia” não passasse rapidamente, ele pegava o telefone e referindo-se “à posição do vagão”^[267] dirigia-se sem rodeios ao responsável mais graduado, no mínimo o comandante do transporte, ou também ao chefe da linha ferroviária ou ao ministro dos Transportes do Reich, chamando a atenção para a sua posição e fazendo ameaças furiosas caso os vagões não fossem postos à disposição, “no mais alto grau de urgência, de preferência com uma carta de porte da Wehrmacht e com circulação garantida apesar da interdição”. Quando seu interlocutor obedecia, ele ganhava como recompensa a perspectiva de assistir a uma palestra de Hitler – ou no mínimo uma caixa de Vitamultin, numa embalagem prateada.^[268] Morell sempre se impunha: apresentados com urgência, seus desejos eram passados de um posto de comando para outro exatamente assim, como *comandos*.

A situação adquiriu formas cada vez mais perigosas. Para manter sua produção o mais rentável possível durante a guerra, ele não tinha escrúpulos de empregar trabalhadores forçados: “Estamos com dificuldades no momento para obter força de trabalho sem instrução [...], portanto o carregamento de Vitamultin só pode ser feito por meninas”, informou o seu químico-chefe, dr. Kurt Mulli: “Por essa

razão tentarei, de tempos em tempos, solicitar prisioneiros. Talvez o senhor possa conseguir para mim, por meio do escritório de Bormann, uma confirmação de que nosso trabalho é urgente”.^[269] Mulli sabia que seu próprio chefe poderia influenciar o poderoso Martin Bormann, chefe do NSDAP e secretário do Führer, temido por toda parte.

A quantidade de órgãos acumulada por Morell nesses meses foi tanta que chegou a ultrapassar suas próprias capacidades. Mas ele insistia no monopólio ucraniano, preferindo deixar as mercadorias apodrecerem a entregá-las para serem preparadas por outros. “Entregar a matéria-prima para a concorrência seria exigir demais de mim. [...] O direito de juntar e aproveitar glândulas e órgãos na Ucrânia é exclusivamente meu.”^[270]

O médico voltava sua atenção sobretudo para o fígado. Na condição de órgão importante do metabolismo, substâncias variadas são ali decompostas e sintetizadas, entre elas um grande número de esteroides, como os hormônios sexuais masculinos, formados de colesterol e eficazes na criação de músculos e no aumento da potência, corticoides ou glicocorticoides, tidos como remédios milagrosos, pois aumentam o nível de energia rapidamente. Baseando-se no estado das pesquisas da época, Morell imaginava obter efeitos estimulantes e salutareos. Mas também se encontram no fígado, além dos mais variados agentes patológicos, substâncias que provocam reações imunológicas e que podem deflagrar uma forma de

autodestruição, quando o corpo não consegue mais diferenciar entre as substâncias estranhas e as próprias, entre as perigosas e as inofensivas, levando o sistema de defesa a agir também contra o que está saudável.

Quanto mais caótica a guerra se tornava, mais frequentemente os fígados congelados derretiam durante o transporte, já que as pausas, inevitáveis, duravam muitos dias. Às vezes precisavam de três semanas até chegar a Olmütz, onde os órgãos insuportavelmente malcheirosos cozinham por muitas horas, em grandes caldeiras, às quais eram acrescentados acetona e álcool metílico. Os venenos eram destilados, restando uma massa marrom empapada com a consistência de mel. Ela era diluída em água e colocada em ampolas, dezenas de milhares por dia. Assim estava pronto o produto final de Morell, o *Leber Hamma* [fígado Hamma].

E será que tal mistura chegou aos consumidores? Para desgosto do médico, a partir de maio de 1943, segundo as regras da economia de guerra, nenhum medicamento novo pôde ser introduzido no mercado. Mas Morell soube contornar mais essa barreira. Ele dirigiu-se, de forma autocrática, ao Departamento de Saúde do Reich, o órgão de Conti, o chefe da Saúde do Reich: “Ao expor as dificuldades que tenho com minhas substâncias, o Führer autorizou o seguinte: quando lanço, testo e emprego uma substância no quartel-general do Führer, obtendo sucesso, então ela pode

ser usada por toda a Alemanha, sem necessitar de nenhuma autorização adicional”.^[271]

Mesmo que pareça doentio: Morell, o antigo médico da moda da Kurfürstendamm, agora com seu império farmacológico erguido rapidamente, usou como cobaias seus pacientes no quartel-general do Führer – e muito provavelmente este também –, para preparados hormonais e esteroides duvidosos, produzidos sob condições higiênicas frequentemente catastróficas, aplicando-os por via intravenosa. Em seguida dava-se a aprovação oficial para o Reich e a Wehrmacht. Era o declínio autoimunológico.

“X” e a perda total da realidade

“A aparência física do Führer engana um pouco. Quando olhamos para ele superficialmente, temos a impressão de que se encontra na melhor forma física. Mas não é o caso na realidade.”[*][272]

Joseph Goebbels

Depois da capitulação do que sobrara do 6º Exército em Stalin-grado, no início de fevereiro de 1943, a Wehrmacht perdera sua fama – e, com ela, Hitler. Sua reação externa à catástrofe militar no Volga, mas também à derrota de Rommel contra os britânicos na África, aos bombardeios devastadores sobre as cidades alemãs do Ruhr, iniciados em março pela Força Aérea Real, ou à batalha perdida de submarinos no Atlântico, em maio, foi como de costume: isolamento total, acompanhado pela convicção de que suas

decisões teriam sido, como sempre, as únicas certas. Ele insistia teimosamente na evidência de uma “vitória final”, e naquele momento, mais do que nunca, não mostrava nenhuma disposição, racionalidade ou objetividade como base para suas decisões. Em vez de encarar a situação que se transformara e procurar por novas estratégias, como uma solução de paz, o sistema endureceu ainda mais – paralelamente à condição do paciente A.

Em torno de Hitler, o clima era de solidão. Por causa dos avanços do Exército Vermelho durante todo o ano de 1943, ele visitava o quartel-general Werwolf só por alguns dias; fora isso, retirava-se de novo à “Toca do Lobo”, como um animal ferido. Ali, as refeições conjuntas e a hora do chá noturno eram consideradas pelos participantes cada vez mais maçantes. Hitler entrava pela madrugada em exasperantes monólogos que duravam horas, verdadeiras logorreias. As falas podiam durar horas, sem que ele, num barítono suave, se voltasse especificamente para alguém, dirigindo os olhos para longe, como se falasse para um enorme séquito invisível. Nunca ficava cansado de ruminar seus eternos temas preferidos: discorria sobre a nocividade do cigarro, pregava contra o envenenamento do corpo e enaltecia sua própria alimentação vegetariana, à qual seu médico particular – que em 30 de janeiro de 1943 recebera uma doação, livre de impostos, de mais de 100 mil marcos do Reich – teria dado uma base científica, por meio de doses de vitaminas e fortificantes. Para tranquilizar seus nervos, ele

até chegava a descuidar de algumas regras que antes eram irrefutáveis: depois do jantar, o paciente A passou a tomar às vezes uma cerveja ou virava um Slibowitz, cuja toxicidade havia sido previamente analisada, seguindo suas próprias ordens, pelo laboratório de campo.^[274]

Neste ano de reviravoltas na guerra, Hitler, que envelhecia rapidamente, sofreu uma transformação fisiológica que não passou despercebida a ninguém de seu círculo. Já fazia tempo que todos sabiam que a magia não funcionava mais. “Hitler dirigiu-se a mim, curvado por um fardo pesado, dando passos vagarosos e um pouco cansados”, descreveu um general de divisão, perplexo ao encontrar o comandante em chefe. “Era como se uma voz interior falasse para mim: ‘Veja este homem velho! Ele não consegue carregar aquilo que se impôs!’”. Hitler estava acabado e, com profunda consternação, vi aqueles olhos sem brilho e cansados. Sem dúvida eram olhos doentes.”^[275]

O declínio físico e seu efeito desmotivador sobre terceiros não devem ter escapado a Morell. Mas o que traria ânimo para seu paciente, o que o tornaria de novo aquele Führer admirado por todos? O coquetel de hormônio, esteroides e vitaminas parecia não ser mais suficiente.

Dezoito de julho de 1943 foi uma data especial, e a situação nunca esteve tão tensa. O Exército Vermelho vencera, perto de Kursk, a maior guerra de tanques da história militar, enterrando todas as esperanças alemãs de uma virada na Rússia. Ao mesmo tempo, os Aliados

aterriaram na Sicília e a Itália estava prestes a mudar de lado e a abandonar a aliança com a Alemanha. Hitler estava ameaçado de ficar a ver navios, e, devido à iminente “traição do Exército italiano, não conseguia fechar os olhos”, como escreveu Morell. “O corpo tenso como uma tábua, cheio de gases. Aparência muito pálida, extremamente nervoso. Amanhã, conversa muito importante com o *duce*”.^[276]

No meio da madrugada, o mordomo Linge tirou o médico particular da cama: disse que o Führer se contorcia de dor e que seu restabelecimento era urgente. Acrescentou que o queijo branco do jantar, assim como o bife a rolê com espinafre e ervilhas, não tinham caído bem. Morell vestiu-se apressadamente, saiu noite afora... e aplicou uma injeção. O procedimento medicamentoso básico, entretanto, não surtiu efeito. O médico refletiu intensamente sobre o que fazer contra “o grande ataque”^[277] naquela situação precária. Ele precisava achar alguma coisa que funcionasse, que anestesiasse o sofrimento de Hitler e o mantivesse capaz de trabalhar. Tinha que tirar uma carta da manga, e, de fato, havia uma. Mas seu uso teria riscos.

Embaixo, à direita, na ficha “pac. A” relativa ao segundo trimestre de 1943, há o registro, várias vezes sublinhado, da substância Eukodal, um anestésico da firma Merck, em Darmstadt. Na condição de analgésico e antitussígeno, ele chegou ao mercado em 1917 e tornou-se tão popular nos anos 1920 que até se falava de “eukodalismo”. Extremamente potente, seu agente é um opioide chamado

oxicodona, sintetizado do ópio, uma substância natural. A substância era um tema polêmico durante a República de Weimar, sobretudo entre os médicos, que gostavam de discorrer a respeito – ou não, pois alguns doutores viam em si mesmos seu melhor paciente. O Eukodal era tido, no círculo dos especialistas, como a rainha das substâncias: aquela de onde vêm os sonhos. Quase duas vezes mais analgésico do que a morfina, que ele substituiu na escala de preferência, esse tipo original de droga sintética impressiona por seu potencial euforizante, que age de maneira rápida e significativa e está bem acima do potencial da heroína, seu primo farmacológico. No caso de dosagens apropriadas, o Eukodal não provoca cansaço ou nocautes, pelo contrário. O escritor Klaus Mann – que para sofrimento do pai, Thomas Mann, gostava de experimentar também nesse campo – confirmou sua posição excepcional: “Não tomo morfina pura. O que tomo se chama Eukodal. É o irmãozinho Euka. Os efeitos são melhores, achamos.”[*][278]

Morell devia realmente aplicar essa droga forte? Aproximava-se o momento da partida para o importante encontro com Mussolini. O paciente A parecia apático, contorcia-se e não falava com ninguém. Morell sabia: o Eukodal animaria o Führer imediatamente e eliminaria a forte obstipação espasmódica, que devia ter causas psicológicas. No entanto, era previsível que se o ditador, chegado às drogas, experimentasse o suposto manjar dos deuses, dele não abriria mão tão facilmente, considerando a

clara melhora do humor que a substância garantia. Depois de duas a três semanas de consumo regular, o Eukodal torna pessoas mais sensíveis dependentes fisicamente. Mas o que estava em jogo não era a história mundial? Seria inconcebível Hitler não estar à altura ou mesmo faltar àquele encontro de cúpula das potências do Eixo. Morell tinha que ponderar – e decidiu correr o risco; injetou a nova droga por via subcutânea. Uma decisão de graves consequências.

A imediata transformação do paciente A nos minutos e nas horas seguintes à aplicação foi tão surpreendente que ninguém da escolta deixou de percebê-la – mesmo que, naturalmente, ninguém soubesse a causa da abrupta mudança de humor. Todos respiraram aliviados com o impulso de energia momentâneo do *chefe*, e, altamente motivados, se prepararam para o encontro com os italianos. Hitler parecia, de uma só vez, passar tão bem que logo exigiu uma segunda dose; mas Morell recusou, primeiramente, “pois estão para acontecer conversas e decisões importantes antes da partida, às 15h30”.^[280] Em vez disso, ele ofereceu massagem e uma colher de azeite; mas isso não convinha a Hitler, que logo afirmou sentir tonturas e que, por isso, a viagem estaria em perigo. Não sabemos se ele ordenou uma nova aplicação da potente substância ou se Morell agiu por conta própria. De toda forma, o médico particular deu-lhe uma segunda injeção, desta vez por via intramuscular: “Antes da partida para o campo de aviação, uma ampola de Eukodal I.M.”.

O codinome de Hitler: "Paciente A"

"Telefonema de Nißle: muitas bactérias aerog. (salada?)"

"Injeção, como sempre"

Aparência muito boa

2º trimestre de 1943

31 de maio de 1943

Name: Pac. A. Geb.-Dat.: 1943 Jahrgang: 1943
 Vorname: U. Geb.-Ort: U. Quartal: U.
 Wohnung: U. kht: U.

Mutaflor

Glicose

"Injeção, como sempre. Um pouco de pressão na cabeça, depois de grande reunião"

"Insônia – causada pela responsabilidade"

"Obstipação espasmódica com dores fortes e muitos gases intestinais"

"Berghof-Trevi- so e retorno" / O encontro com Mussolini

A nova substância: Eukodal

Eigenthum: Prof. Dr. Morell, Berlin W 15, Kurfürstendamm 216

Ficha do paciente A relativa ao verão de 1943: primeira menção ao analgésico Eukodal.

Os relatos de todas as testemunhas, assim como o relatório do serviço secreto americano, publicado depois da guerra, confirmam que Hitler estava excitado no encontro com Mussolini na Villa Gaggia, perto de Feltre, no Vêneto. O Führer falou por três horas, sem intervalo, com voz severa, tentando persuadir seu abalado colega ditador, que não soltou nenhuma palavra, mas se manteve sentado impacientemente, com as pernas cruzadas, na beirada de uma grande poltrona, segurando um dos joelhos. Mussolini queria na verdade convencer Hitler de que a saída da Itália da guerra seria boa para todos, mas não foi além de massagear as costas doloridas, secar a testa com um lenço ou suspirar profundamente. A porta abria-se continuamente e ele recebia novos relatórios sobre os bombardeios de Roma, que acabavam de acontecer. Ele não pôde se manifestar nem a esse respeito, pois Hitler, diante dos presentes, extremamente constrangidos, pintava um quadro com cores cintilantes e que não deixava dúvidas sobre a vitória do Eixo. Deprimido, o *duce* foi encostado na parede pelo Führer revigorado artificialmente. O resultado do encontro: a Itália não se afastou. Morell sentiu-se legitimado. Parecia ter feito política pesada com suas injeções, anotando de forma arrogante: “O Führer passa bem. Também no voo de volta, sem reclamações. À noite, em Obersalzberg, declarou que o dia fora bem-sucedido graças a mim”.

Uma ou duas moléculas distantes da verdade farmacológica, os investigadores americanos suspeitaram,

depois da guerra, que a metanfetamina teria provocado o comportamento agitado de Hitler durante o encontro com Mussolini. Mas não tinham prova alguma. Entretanto, fica evidente por que o Eukodal claramente anotado por Morell permaneceu escondido dos americanos, considerando as traduções para o inglês dos apontamentos do médico, difíceis de serem decifrados. Nelas, o United States Forces European Theater Military Intelligence Service Center cita erroneamente, entre os muitos remédios de Hitler, um “Enkadol”.^[281]



A letra de Morell, indecifrável para o serviço secreto americano.

Como um medicamento com essa grafia não aparece nas listas de anestésicos, não lhe foi dada nenhuma importância. Os investigadores não tiveram a ideia de que poderia se tratar de “Eukodal”, até porque não havia nos EUA nenhum medicamento com tal nome comercial.^[282] Os garranchos do médico levaram os americanos para a pista errada.

Tomando Eukodal

“Eukodal é como uma mistura de c [cocaína] e morfina. Pode-se confiar nos alemães quando se trata de preparar uma coisa realmente ruim.”^[283]

William Burroughs

Com a entrada da nova droga, Morell, a quem Göring chamava maldosamente de “mestre das injeções do Reich”,^[284] conseguiu finalmente ser reconhecido. Na reunião do chá noturno, que funcionava como um barômetro de quem estava nas graças de Hitler, só ele aparecia como convidado regular, enquanto os outros participantes alternavam-se. “Ele simplesmente precisava estar presente”,^[285] disse Traudl Junge, secretária de Hitler, descrevendo o papel crescente de Morell, cuja relação com Hitler era simbiótica já havia tempo.

Também do ponto de vista financeiro as atividades do médico já haviam compensado: ele se tornara muitíssimo rico. Em 1943, primeiro ano de Eukodal, ele pensou em como continuar a ampliar sua empreitada e decidiu entrar ativamente no negócio do ópio. Era um ramo lucrativo, pois a substância estava se tornando escassa devido à demanda crescente. Desde a derrota de Rommel na África e a chegada das tropas britânicas e americanas em Casablanca, o Reich alemão estava isolado dos campos de papoula do Marrocos, e a situação militar global também cortara as rotas de abastecimento da Pérsia e do Afeganistão. Desde 1937 pesquisava-se na IG Farben/Hoechst um substituto completamente sintético para a morfina natural, mas a substância, que se chamaria mais tarde “polamidona” e “metadona”, estava ainda na fase de desenvolvimento. A fome por um analgésico efetivo, entretanto, aumentava dia a dia, a cada trem-enfermaria lotado que passava. O opiato era um bem precioso, sobretudo naquela guerra abrangente, com seus inúmeros corpos de soldados dilacerados.

Morell não seria Morell se não tivesse, também aqui, farejado uma fonte abundante de dinheiro. De fato ele fez uma descoberta, e, por iniciativa própria, valendo-se de telefonemas e cartas, ampliou sua ramificada rede de empresas a partir de seu escritório no quartel-general do Führer. Em Riga, na Letônia, comprou a firma Farmacija, simplesmente porque estava equipada com um laboratório de ópio e com um interessante depósito: “O depósito, que

tem um valor de cerca de 400 mil MR, contém um lote de morfina básica e ópio que vale perto de 200 mil MR”.[286] Isso também garantiria, discretamente, a provisão para o paciente A. Até agora, tudo fora tratado com a farmácia Engel, em Berlim, mas nos últimos tempos o farmacêutico Jost estava exigindo “receitas para registro nos livros de substâncias anestésicas, de acordo com as determinações da Lei de Substâncias Anestésicas”.[287]

Assim o médico particular de Hitler tornou-se um verdadeiro produtor de ópio e o jogo pôde continuar na segunda metade de 1943, quando a Wehrmacht teve que começar a retirada em todo o front oriental: ao fingir para todos do lado de fora que era um altruísta, trabalhando ininterruptamente[288] em prol da Alemanha, Hitler gozava, no seu buraco escuro e cimentado do quartel-general do Führer, do luxo do Eukodal. Só se pode conjecturar com qual frequência ele tomava a droga. Garantidas estão 24 aplicações até o final de 1944. Mas ficou nisso? Chama a atenção um “x” lapidar, encontrado frequentemente nos registros de Morell. Também reparamos na observação “injeção, como sempre” – o que ela significa, considerando o caso de um politoxicômano, que consome por semana várias dúzias de diversas substâncias?

Se for correto dizer que uma ditadura se define a partir do segredo partilhado por um mínimo de pessoas, mas com efeito sobre o máximo delas,[289] no caso dos tratamentos de Morell agia-se de forma realmente autoritária. O segredo se

manteria intocável apenas se ninguém soubesse o que estava real e literalmente cravado em Hitler. Havia duas possibilidades para Morell: limitar o uso de Eukodal ou codificá-lo, para proteger a si mesmo e a seu paciente de ataques vindos de fora. Se Hitler exigisse mais da substância, de modo explícito ou sutil, só restava ao médico a última alternativa. É possível que fosse esse o motivo pelo qual o ditador desejava tanto que Morell nunca se afastasse, mantendo-se sempre à disposição – justamente para aplicar-lhe esse “x”, o amortecedor bioquímico entre ele e o mundo. Num único lugar, uma nota à margem explica o símbolo, sustentando que “x” significa tão somente glicose. Por outro lado, sua abreviação mais frequente é “Trbz” [*Traubenzucker*], o que torna a afirmação pouco confiável.

Pode-se supor que por trás de “x” esteja escondido de novo o Eukodal, que Hitler usava para aparecer convincente aos outros e evocar a velha magia que antes irradiava de forma natural. As temidas forças de convencimento do ditador, sobretudo em situações difíceis, são conhecidas. Em seu diário, no registro de 10 de setembro de 1943, o chefe da propaganda, Goebbels, fica entusiasmado com o aspecto surpreendentemente revigorado de Hitler, “apesar de os esforços do último dia e da última noite terem sido enormes. [...] Sua aparência é excepcionalmente boa, o que não se esperava. Ele não teve mais do que duas horas de sono e parece ter acabado de chegar de férias”.[290] O comissário do

Reich para assuntos da Ucrânia, Erich Koch, também se manifestou de forma entusiasmada sobre o efeito contagiante: “Eu mesmo me sinto cheio de uma nova energia e saí animado da conversa com o Führer”.[291] E quando todos os chefes do Reich e dos distritos chegaram à “Toca do Lobo” para uma conferência, em 7 de outubro de 1943, a fim de reclamar do aumento dos ataques aéreos sobre as cidades alemãs, mostrando-se profundamente desencorajados, Hitler – com ajuda farmacológica – fez um discurso inflamado, manifestando uma confiança inabalada na vitória de forma tão cativante que seus convidados voltaram para suas comunidades bombardeadas com a crença de que o Reich dispunha de uma arma secreta que lhes traria a vitória. “11h: injeção como sempre. Antebraço direito bastante inchado. Aparência muito boa”, anotou Morell para esse dia.[292] Também quando Hitler viajou para Breslau, logo depois, para levantar o moral de milhares de alferes superiores de todas as partes da Wehrmacht no “Salão do Centenário”, Morell estava a postos com a injeção, preparado para agir: “Injeção como sempre”.[293] O resultado: gritos entusiásticos de *Sieg Heil*, vindos dos jovens oficiais, que partiram motivados para batalhas perdidas.

Os colaboradores mais próximos de Hitler, assim como os membros do alto comando que não estavam a par da dopagem, reagiam frequentemente com incompreensão e irritação ao otimismo do Führer, distante da realidade. Será que Hitler sabia de alguma coisa que eles desconheciam?

Será que ele teria na manga uma arma altamente secreta, que poderia mudar o destino da guerra? Na verdade, era a exaltação imediata após as injeções que deixava Hitler realizado, sentindo-se o dominador do mundo e dando-lhe a força e a confiança inabalável de que necessitava para continuar fascinando os outros, fazendo-os persistir acreditando, apesar de todas as informações devastadoras de todos os fronts. Um registro típico de Morell dessa época: “Hora do almoço, 12h30: por causa da grande assembleia (cerca de 105 generais), injeção como antes”.[294]

Em 1943, naquele Natal em tempos de guerra – quando o Exército Vermelho acabava de iniciar, com a Operação Dnieper-Cárpatos, a continuação de sua bem-sucedida ofensiva de verão –, Morell recebeu do secretário de Estado no Ministério do Interior da Baviera uma edição especial do *Fausto*, de Goethe, “para não só se lembrar dos amigos de Munique, mas também de sua época como estudante, quando era chamado, como o senhor mesmo se recorda, de Mefisto”. Essa menção lapidar mostra nada menos do que estava por trás desse drama alemão em torno de Hitler e seu médico particular. “Naquela época, entretanto, o senhor certamente não era o espírito mau, mas, como hoje, era o espírito bom”, o secretário acrescentou, desconhecendo os fatos reais e sem fazer grandes reflexões.[295] Morell agradeceu a edição especial imediatamente. É de se duvidar que ele tenha tido tempo para se aprofundar nela. O

tratamento do paciente A ocupava-o por todas as horas, tanto do dia quanto da noite.

O crescente entrincheiramento bioquímico do Führer também teve outro resultado: quem precisasse se reunir com ele agradecia um impulsionador farmacológico que ajudasse a superar o encontro sem grandes danos. Muitos temiam mostrar abatimento, exaustão ou mesmo sobriedade na hora de se comunicar com aquele comandante em chefe que não perdoava ninguém – nem a si mesmo – por qualquer desânimo, que estava o tempo todo drogado e de quem se dependia totalmente. Hitler não tolerava nenhuma ausência ou fraqueza: quem parecesse doente, mole ou mesmo não inspirado logo se tornava carta fora do baralho. Várias vezes ele justificava o afastamento de alguma pessoa importante a partir de seu suposto mau estado de saúde.^[*]^[296] Morell saiu lucrando novamente: como não havia uma enfermaria na restrita zona 1 da “Toca do Lobo”, o médico com sua farmácia militar na “barraca do drone” era o homem com os suplementos de emergência no local. Por exemplo, Linge, mordomo de Hitler, tomou Eukodal por causa de uma gripe, para manter-se capaz de trabalhar e com bom humor. Não foi um caso único. O médico barrigudo sempre tinha uma reserva de diversas substâncias para oficiais, ajudantes ou membros da ordenança e, dessa forma, cativava os auxiliares tão importantes para a vida no bunker. Ele também gostava de ajudar os oficiais que queriam parecer confiantes e sem medo antes de encontrarem o seu comandante em chefe.^[297]

O Pervitin era tido como a substância mais eficiente para superar aquele “teatro” sobre a situação no front. Morell sabia dos perigos do estimulante e escreveu para uma paciente, que lhe pedira uma receita: “Não se trata de algo que substitua a força. Não é aveia, mas um chicote!”.[298] Mesmo assim, ele distribuía o preparado da Temmler sem hesitar, e relatos sobre o uso intenso de metanfetamina na “Toca do Lobo” chegaram até Berlim.[299] Conti, o velho adversário do Pervitin, ficou sabendo da ampla utilização da substância e exigiu por escrito do chefe do partido, Bormann, que orientasse todos os *Gauleiter*[*] e líderes do partido sobre os perigos de tais estimulantes. Segundo ele, era preciso partir do pressuposto de que havia um abuso da substância também no alto escalão. A resposta de Bormann à carta não é conhecida.

Resumindo: se os visitantes de Hitler precisavam de drogas cada vez mais fortes para aguentar a pressão na sala de reuniões, isso fazia aumentar a atmosfera de virtualidade no círculo mais estreito da liderança nacional-socialista. O consumo permanente do paciente A, do qual ninguém podia saber, era contagiante. A presença politoxicômana de Hitler corroía o vínculo com a realidade de todos ao seu redor.

O serviço secreto como ponto de transbordo de drogas

Documentos que indicam as relações dúbias entre o parque principal da saúde do Exército e o serviço secreto alemão mostram quão sistêmico era o abuso de drogas no Estado nacional-socialista. Em 1943, a grande farmácia da Wehrmacht entregou, por caminhos sinuosos, 568 kg de cocaína pura e 60 kg de heroína pura para o Departamento Exterior/Defesa.^[300] Eram quantidades enormes, que superavam em muito as necessidades médicas anuais de todo o Reich alemão. Os espões e os informantes não dispunham de uma permissão do Departamento de Ópio, acolhido no Departamento de Saúde do Reich, para receber essas “entregas especiais”. A maior parte da substância foi recebida pelo Departamento Z, que cuidava da organização e

da administração do serviço secreto, assim como pelo Departamento ZF, responsável pelas finanças. Só este último ficou com uma meia tonelada de hidrocloreto de cocaína: um valor milionário. Tratava-se de obter divisas por meio da exportação da substância pura? Ou de subornar contatos importantes no exterior, na tentativa de mantê-los leais também em tempos difíceis?

Em dezembro de 1943, o inspetor de Saúde do Exército escreveu uma carta urgente para pôr fim às práticas clandestinas. Ele recusou a entrega da substância para outros fins senão “nas doses costumeiras, para fins medicinais”.^[301] Mas o chefe da Defesa, o almirante Canaris, pouco se impressionou com a exigência. Ainda em abril de 1944, um tanto de droga pesada foi entregue: 2 kg de hidrocloreto de cocaína, 1,5 kg de hidrocloreto de morfina e 200 g de heroína para o “comando especial Wimmer”, que agia no norte da África e conduzia no Saara ações de sabotagem contra os Aliados – além de, evidentemente, praticar um próspero tráfico de drogas. As entregas ao serviço secreto chegavam nas embalagens originais, do jeito que os destinatários explicitamente queriam: cocaína da Merck, produto de Darmstadt apreciado no mundo todo.^[302] Até hoje não se sabe sua destinação. Um Reich, um traficante.

Paciente B

“Ou você desiste de fumar ou de mim.”^[303]

Adolf Hitler para Eva Braun

Em 4 de janeiro de 1944, durante uma reunião sobre a situação, quando o marechal de campo Von Manstein pediu a retirada do front na curva do Dnieper com o intuito de evitar outra catástrofe militar, Hitler ficou tão nervoso que, “por causa dos espasmos”, mandou chamar Morell, que lhe ministrou uma injeção tranquilizante de Eukodal.^[304] No mesmo dia, o Exército Vermelho cruzou a fronteira oriental polonesa de 1939, aproximando-se implacavelmente do Reich alemão. Cinco dias depois, Hitler exigiu mais uma vez o forte opioide, “devido aos gases (nervosismo)”, como anotou Morell.^[305] E quando o ditador se dirigiu ao seu povo num discurso pelo rádio, o médico registrou: “Tarde, 17h40:

antes de grande discurso (rádio, amanhã), injeção como sempre”.^[306]

No final de fevereiro de 1944, no momento em que a Wehrmacht estava prestes a retirar-se da Ucrânia, Hitler enfiou-se na sua casa de campo coberta de neve, seu castelo protegido nas nuvens, em Obersalzberg, onde também estava Eva Braun, sua amante 19 anos mais jovem; ali ele podia observar os corvos e havia uma *Streuselkuchen* [cuca] quente, “a melhor do mundo”,^[307] feita segundo uma receita de família da mulher de Morell, Hanni.

Flocos grossos caíam do lado de fora da enorme janela panorâmica, de acionamento automático, no grande salão. O maciço místico Untersberg, na frente – onde, segundo a lenda, o imperador Barbarossa dorme até a sua ressurreição e a reedificação de um reino feliz –, estava coberto de branco, brilhando na luz do inverno. Mas a neve não animava Hitler; desde a batalha em Stalingrado, ele tinha quase uma aversão a ela, chamando-a de mortalha das montanhas. Por isso o Führer mal passava da porta.

Do lado de fora, a situação estava, de qualquer modo, pouco cômoda para os alemães: os russos, evidentemente resistentes ao frio, preparavam a reconquista da Crimeia, enquanto os britânicos, que avançavam de forma fria e racional, bombardeavam Berlim e outras cidades alemãs do Reich congelado. Os búlgaros, romenos e húngaros, outrora aliados, ameaçavam destruir Hitler, e as derrotas acumulavam-se por toda parte. No sul de Roma, os

americanos haviam formado um front sobre solo italiano, empurrando a Wehrmacht também dali. Marechais de campo bem-sucedidos, como Von Mans-tein^[308] ou Von Kleist^[*],^[309] foram demitidos, pois não queriam, de jeito algum, parar de manifestar seus próprios pensamentos.

O médico particular de Hitler não foi demitido, pelo contrário. Em 24 de fevereiro de 1944, ele chegou a receber de seu paciente a cruz de Cavaleiro da Cruz de Mérito de Guerra. Na entrega da alta condecoração, Hitler chamou-o de médico talentoso, seu salvador, cientista pioneiro, mas ignorado na área da pesquisa de vitaminas e hormônios.^[310] Para agradecer, pouco tempo depois, o médico recém-condecorado ministrou ao seu paciente “pela primeira vez uma injeção de Vitamultin forte (devido ao cansaço e à necessidade de renovar forças). Antes da injeção, muito cansado e esgotado, sem sono. Depois, muito alerta. Duas horas de discussão com o ministro do Exterior do Reich. À noite, na refeição, bem revigorado, se comparado com o almoço; conversa muito animada. Führer extremamente satisfeito!”.^[311]

Agora Morell também tratava Eva Braun com cada vez mais frequência: a paciente B tornava seu trabalho fácil, pois exigia a mesma medicação do paciente A, para estar na mesma sintonia do amante. Apenas nas doses de hormônio Morell fazia exceções na sincronização. Para aumentar a libido, Hitler recebia testosterona, enquanto Eva Braun era abastecida com substâncias para estancar a menstruação, a

fim de que a química entre eles funcionasse no sentido mais literal e nos tempos limitados entre as reuniões, que se tornavam cada vez mais longas, e pudesse garantir sucesso ao menos do ponto de vista sexual. Era o que Hitler aspirava, mesmo com os boatos contrários. Mesmo ele afirmou que relações extraconjugais eram superiores em vários aspectos, pois estariam baseadas na atração sexual natural entre duas pessoas. Ele parecia convencido, em todos os aspectos, do efeito benéfico do amor físico: sem o amor sexual não haveria arte, nem pintura, nem música. E dizia ainda que nenhuma nação cultural, inclusive a devota Itália, consegue passar sem a relação extraconjugal. Morell, por sua vez, deu informações indiretas sobre o tipo das relações sexuais na casa de campo, quando, depois da guerra, disse em depoimento que Hitler às vezes cancelava os exames médicos para esconder ferimentos no corpo, que teriam a ver com o comportamento sexual agressivo de Eva Braun.^[312]

Na primavera de 1944 ainda se divulgava, por enquanto, o quadro de um mundo intacto do Führer – apesar da situação militar catastrófica. A casa de campo, em cujas paredes estavam penduradas obras de velhos mestres, desempenhou de fato um papel importante na divulgação da propaganda e colaborou decisivamente para a realização midiática do culto ao Führer. Durante o despertar da primavera, quando o homem de chapéu e acompanhado do cachorro aparece nas margens da floresta olhando significativamente para longe, Eva, formada pessoalmente

pelo repórter fotográfico do Reich, Heinrich Hoffmann, estava sempre lá; ela antes escolhera suas gravatas, dava instruções de direção e acionava sua Agfa Movex. Ainda hoje circulam na internet clipes feitos pela jovem amante, que se escondia por trás da câmera. Quem vê as imagens pode achar que Hitler foi o ser mais ascético, consciencioso e casto do mundo. Ali não há injeções de drogas pesadas, mas veadinhos ou crianças sendo acariciados e ovos de Páscoa escondidos, enquanto o presunçoso Speer anda pelo terraço com seu terno de risca de giz cinza-claro. Também se vê o médico particular devorando uma torta e fazendo uma cara de agrado.



Eva Braun substitui a cineasta Leni Riefenstahl na encenação cinematográfica de Hitler.

Quando Eva Braun desligava a câmera, porém, as máscaras caíam rapidamente e ela começava de novo a enterrar as unhas no antebraço e a maltratar os lábios com os dentes, até sangrarem – enquanto as mãos de Hitler

tremiam tanto ao beber chá de maçã que a xícara batia no pires, constrangendo a todos. Morell, por sua vez, mal conseguia subir as escadas de tão esgotado. Afinal, o médico particular não podia descansar, pois todos precisavam dele nesses dias. Era de bom-tom procurar o doutor barrigudo. Seu núcleo de pacientes aumentou, nesse meio-tempo, para a alta sociedade do Reich e seus aliados: ele passou a cuidar de Mussolini, que recebeu o codinome “paciente D”, de industriais como Alfred Krupp ou August Thyssen (com consideráveis honorários de 20 mil marcos do Reich^[313]), de muitos *Gauleiter* e generais da Wehrmacht, de Leni Riefenstahl, que recebia supositórios de morfina, de Himmler, chefe da ss, do ministro do Exterior Von Ribbentrop (“paciente X”), de Speer, ministro do Armamento, do embaixador japonês, general Hiroshi Oshima, e também da esposa de Göring, o marechal do Reich que a cada dois dias recebia uma injeção de Vitamultin forte – ou seja lá o que havia ali.^[314]

Cada vez mais nacional-socialistas peregrinavam até Morell, mesmo que fosse só para atestar uma proximidade com Hitler e fortalecer sua posição. Mas era este último quem tomava mais tempo do médico; Morell, agora ele mesmo adoentado, reclamou à mulher do ministro da Economia, Funk, também ela paciente: “Preciso seguir toda hora as instruções que recebo de cima. No momento vou às 12h para o Führer, a fim de aplicar possíveis tratamentos, e volto quase sempre às 14h ao hotel, para ficar o dia inteiro

na cama, me recuperar novamente e poder acompanhá-lo”. Agora era o médico particular quem estava dependente de drogas e seu substituto no consultório, dr. Weber, precisava viajar de Berlim para a distante casa da montanha, pois ele “de todos é quem melhor aplica injeções e o único que com certeza acerta minhas veias”.^[315] Não sabemos que substância Morell usava.

Doenças, remédios e massacres caracterizavam o dia a dia na casa de campo na primeira metade de 1944. A pista de boliche, uma atração nos anos 1930, mal era usada. Por temerem os permanentes ataques aéreos, redes de camuflagem cobriam a famosa janela panorâmica; todos vegetavam num lusco-fusco eterno e sentavam-se no banco da lareira ou nas caras poltronas, olhando para os gobelinos empoeirados: figuras vampírescas, que precisavam fugir da luz natural. Mesmo que lá fora o sol brilhasse, dentro as luzes estavam acesas. Um cheiro de mofo emanava dos grossos tapetes.

O comandante em chefe da Marinha, grão-almirante Dönitz, tinha chegado para o aniversário de 55 anos do Führer: relatou sobre a formação de um comando especial com uma arma milagrosa; trouxe de presente maquetes de minissubmarinos e exigiu de seu comandante manter livre, urgentemente, o mar Báltico. Louco por navios assim como uma criança é louca por brinquedos, Hitler fez a promessa, sem pestanejar, àquele jogador de alto risco. Nesse dia solene, o paciente A recebeu de seu médico particular um

coquetel de injeções^[316] feito de “x”, Vitamultin forte, cânfora e estrofantina, uma substância natural usada para prevenção de infartos, assim como, na manhã seguinte, uma injeção de “prostophanta”, um preparado desenvolvido pela Hamma, a empresa de Morell, também para coração fraco. Mais glicose intravenosa, de novo Vitamultin e, como duvidosa “cereja do bolo”, um preparado caseiro de fígado de parasitas,^[317] cuja aplicação, hoje, imediatamente estigmatizaria qualquer médico como charlatão e provavelmente o despacharia para trás das grades. O paciente A agradeceu sinceramente a seu médico, dizendo que era a única pessoa apta a ajudá-lo.

A festa de aniversário só foi perturbada pelos alarmes antiaéreos: as sirenes soaram e o gerador de névoa foi ligado – e o refúgio irreal, a casa de campo, afundou num branco artificial, como uma versão torturante da mística Avalon, separada do mundo por um denso véu. Temendo danos ao coração e com “dificuldade cada vez maior em respirar (por causa do) gás”,^[318] Morell fugiu rapidamente para o vale.

Na hora do jantar tudo já voltara ao normal. Hitler manifestou mais uma vez sua superioridade moral, chamando o caldo de carne de seus convidados de “caldo de cadáveres”, preferindo queijo do Harz com pudim de espinafre, pepino recheado, sopa de cevada, bolinho de rabanete e seis barrinhas de Vitamultin, assim como pílulas de Euflat e outras contra gases, além de extrato de músculo de coração de porco em ácido fosfórico, com fortificante

geral. Depois do jantar, o suposto vegetariano cochilou brevemente com sua faca na mão e as mãos cruzadas sobre a barriga, enquanto seu doutor mágico, com seus lendários maus modos à mesa, caído na poltrona depois do obrigatório vinho do Porto, fechava os olhos por trás dos óculos grossos – como sempre de baixo para cima, uma particularidade temida de Morell, de efeito tenebroso. Os dois homens tinham coração fraco e ambos, aos poucos, envelheciam.

Eva mandara acender a lareira e pôs um disco de jazz americano. Ela queria assistir à noite, pela milésima vez, a... *E o vento levou*, por causa de Clark Gable, seu ator preferido, mas o chefe do partido, Martin Bormann, com um dente de ouro na boca roubado dos judeus, rejeitou cinicamente com a cabeça, rindo: “O Führer não precisa da descontração de uma noite de cinema, mas de uma aplicação potente”.^[319] Morell assustou-se, achando tratar-se dele, sentiu vergonha de sua sonolência e logo contou para o grupo uma anedota antiga, de seus tempos como médico de bordo na África, mas que todos já conheciam. Serviu-se então bolo de maçã – e as posteriores cólicas estomacais de Hitler, no seu aposento, foram eliminadas com Eukodal. “Quando eu picar na veia, comece a contar vagarosamente, por favor. Quando chegar ao quinze, o senhor não sentirá mais dor.”^[320]

Nas semanas seguintes ao seu aniversário, enquanto o Exército Vermelho preparava a Operação Bagration, que a partir do final de junho de 1944 lhe liberaria o caminho para a Prússia oriental, a saúde de Hitler piorava cada vez mais.

Acompanhada na maioria das vezes por suas *scottish terriers* pretas Stasi e Negus, Eva mostrava-se chocada com o aspecto abatido e a constituição cada vez mais fraca de seu amante de longa data, que parecia velho; e, quando o criticava por andar curvado para a frente, ele tentava disfarçar seu declínio inexorável com uma piada, dizendo carregar chaves pesadas no bolso. Mas seus joelhos tremiam intensamente sempre que ficava de pé um pouco mais tempo no terraço, observando nos dias claros, sob o céu avermelhado, uma Munique distante e em chamas, enquanto Eva se perguntava, receosa, se continuava de pé a sua casinha chique que ele comprara para ela no bairro nobre de Bogenhausen. Hitler não estava acabado apenas fisicamente; raras vezes Goebbels mentiu de forma tão descarada como no registro de seu diário de 6 de junho de 1944, o dia da chegada dos Aliados à Normandia: “O professor Morell me ajuda um pouco a melhorar o meu estado de saúde, um tanto debilitado. Nos últimos tempos, ele foi um forte apoio também para o Führer. No meu encontro com o Führer, posso concluir que ele se encontra radiante e com bom humor”.^[321]

De fato, o humor de Hitler no dia D – outro prego no caixão do Estado nacional-socialista – esteve sujeito a fortes oscilações. Às 9h ele parece ter gritado na sala do café da manhã: “É a invasão ou não?”^[*] Quando Morell correu até ele e lhe injetou “x”,^[322] ele se tranquilizou imediatamente, mostrou-se de repente sociável e bem-humorado,

aproveitou o dia e o tempo bom, e bateu alegremente nas costas de cada um que encontrava. Na reunião sobre a situação no front, às 12h, para a surpresa de todos, o rosto do ditador estava radiante, apesar da catástrofe militar que se delineava; depois, no almoço – sopa com bolinhos de sêmola, champignon com arroz, strudel de maçã –, entregou-se a um de seus monólogos infinitos e fora da realidade. Desta vez o assunto foi o elefante, que seria o animal mais forte e, como ele, abominava carne. Em seguida Hitler descreveu minuciosamente o horror de um matadouro que visitara na Polônia ocupada. Ele disse que ali as meninas andavam com botas de borracha em meio ao sangue na altura dos joelhos. Enquanto isso, Morell preparava para ele a próxima injeção de glândulas de animais abatidos.

Na noite de 6 de junho, Hitler ainda não acreditava que a invasão na costa do Atlântico Norte teria de fato acontecido; satisfazia-se imaginando tratar-se de um ataque fictício, um mero estratagema para induzi-lo a ter reações precipitadas. Mas não era bem assim. Na verdade, os Aliados haviam invadido, perto da meia-noite, uma largura de 50 km de front, apanhando os alemães de surpresa. A partir de então o front ocidental estava aberto. Do ponto de vista militar, o Reich alemão não tinha mais nenhuma chance. Mas uma coisa alegrou Hitler naquele dia: Goebbels finalmente parara de fumar.

Em 14 de julho de 1944, o Führer deixou sua casa de campo, para sempre. Durante o voo para a “Toca do Lobo”,

as cortinas permaneceram fechadas. O paciente A estava com “gripe e conjuntivite nos dois olhos. Loção escorreu para dentro do olho esquerdo”.^[323] Ele foi medicado com uma solução de adrenalina e recebeu ainda relatórios sobre os avanços dos Aliados pela França, a aproximação do Exército Vermelho na fronteira oriental do Reich e os novos ataques aéreos sobre cidades alemãs. Com muito custo, colocou seus óculos de leitura para poder decifrar todas as notícias ruins. Da janela para baixo ele não olhou.

O atentado e suas consequências farmacológicas

A área da “Toca do Lobo” encontrava-se em meio a um verde exuberante, o verão estava quente, a floresta resplandecia, e contra os incômodos mosquitos Theo Morell fixou uma rede sobre a pala do boné de seu uniforme para proteger o rosto. Cercadas por muros, as barracas do quartel-general do Führer ganharam uma proteção contra estilhaços, Goebbels voltou a fumar, e, em 20 de julho de 1944, “o paciente A recebeu injeção, como sempre”.^[324] Na ficha, a ocorrência foi marcada com um “x”.

Revigorado do ponto de vista farmacológico, Hitler correu para a construção térrea, onde seria discutida, naquele dia fatídico, a situação no front. Alguns oficiais já esperavam na porta. O ditador contraiu as sobrancelhas intensamente, de modo que as protuberâncias acima delas ficaram ainda mais visíveis, e cumprimentou todos em volta

com apertos de mão. Em seguida, entrou na barraca, cujas janelas estavam abertas por causa do calor sufocante. Enquanto os outros 24 participantes se reuniam em volta de uma longa mesa de carvalho, ele foi o único a sentar-se num banquinho e começou a brincar com uma lupa. O general de divisão Heusinger, que estava à sua direita, descrevia, com cores sombrias, a situação desoladora no front oriental. Claus Schenk Graf von Stauffenberg, que chegou um pouco mais tarde, cumprimentou Hitler com um aperto de mão e empurrou sua pasta marrom para baixo da mesa o mais próximo possível de seu alvo. Pouco depois deixou a sala discretamente. Às 12h41, um almirante levantou-se e dirigiu-se até uma das janelas para tomar um pouco de ar. Hitler se curvou sobre a mesa, para enxergar melhor o mapa militar, apoiou o queixo na mão e o cotovelo, sobre a superfície da mesa. Eram 12h42. O general explicava nesse momento: “Se o grupo do Exército do lago de Peipus não se retirar agora, vamos ter uma catástrofe...”. Foi quando houve uma terrível explosão.

“Vi claramente uma labareda infernal e logo pensei que só poderia ser um explosivo inglês, já que os explosivos alemães não têm uma chama assim, de um amarelo intenso e ofuscante.”^[325] A descrição dos acontecimentos feita por Hitler soa estranhamente distanciada, como se falasse por trás de um véu. A pressão o fez voar do meio da sala até a saída. Amortecido pelo “x”, o ditador provavelmente viveu a explosão como se estivesse envolto em algodão e sentiu-se

invulnerável como Siegfried de Wagner, enquanto em sua volta os oficiais gravemente feridos lutavam pela vida, com os cabelos em chamas. Como se não tivesse estado ali, relatou logo depois: “Então não consegui enxergar mais nada por causa da forte fumaça. Só vi alguns vultos deitados e se movimentando. Eu estava deitado na barraca, perto do batente esquerdo da porta; em cima de mim, estacas e vigas. Mas pude levantar-me sozinho e andar. Só estava um pouco tonto e levemente confuso”.^[326]

Morell ouviu a explosão de seu escritório e pensou imediatamente tratar-se de uma bomba. Pouco depois o mordomo Linge entrou esbaforido: o professor deveria dirigir-se rapidamente até o Führer. O médico particular pegou apressado sua maleta preta e movimentou seu corpo pesado para fora; o dia de verão estava quente e abafado. Um general estava estatelado no chão, com uma perna arrancada e um olho perdido. Morell queria parar para tratá-lo, mas Linge continuou a puxá-lo: o Führer era mais importante.

Não demorou até chegarem a Hitler, que oferecia um quadro grotesco, pois estava sentado despreocupadamente em sua cama, apesar da testa sangrando, o cabelo na nuca queimado e uma queimadura do tamanho da palma da mão na panturrilha. “[Wilhelm] Keitel e [Walter] Warlimont me trouxeram para o bunker”, relatou o ditador com uma expressão facial animada, quase alegre. “No caminho vi que minha calça estava muito rasgada e que a pele ficava

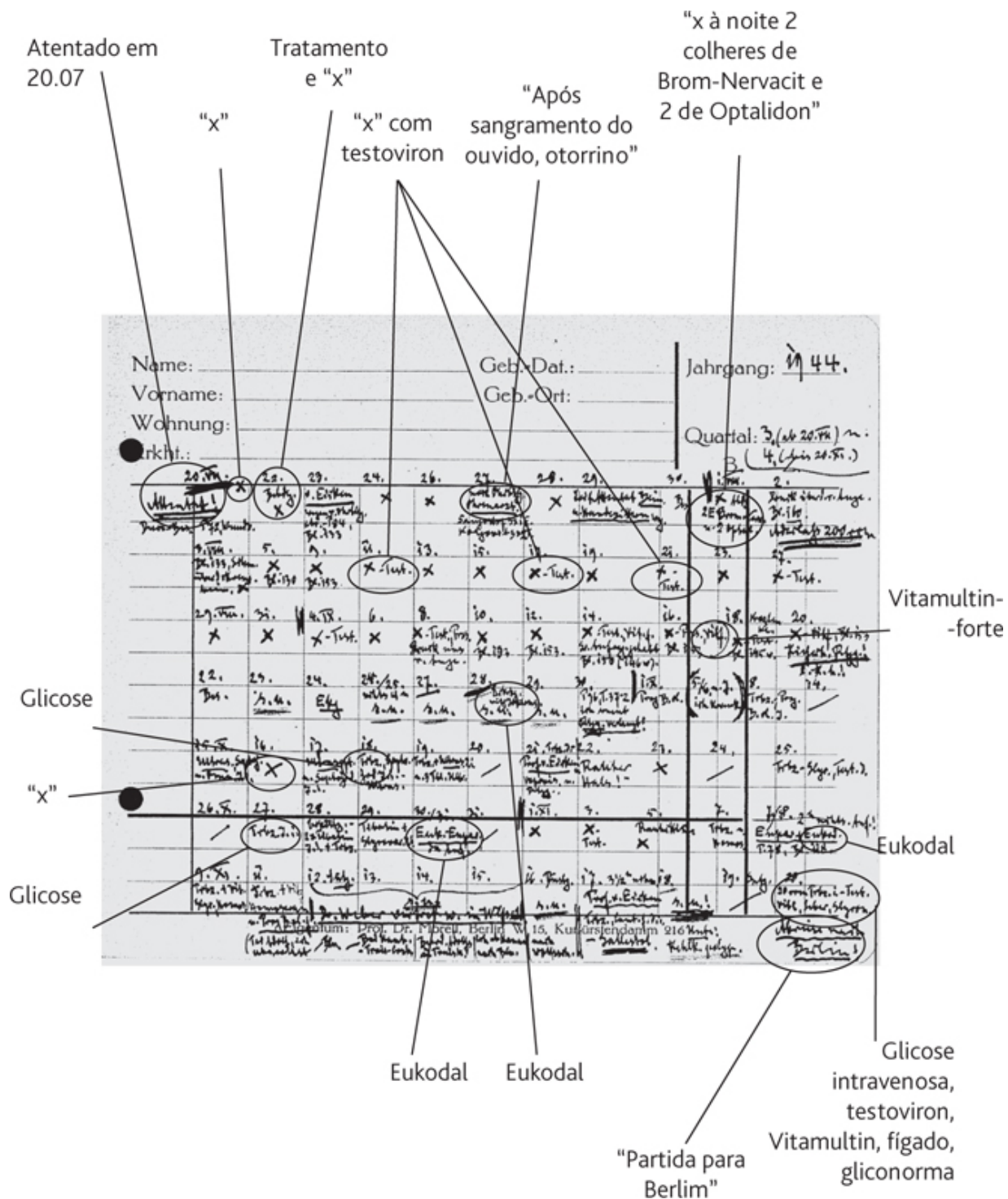
aparecendo em todos os lugares. Então me lavei, pois o rosto parecia o de um mouro, e me troquei.”^[327]

Quando Hitler lembrou que Mussolini chegaria em duas horas para uma importante visita oficial, Morell pegou pela segunda vez no dia seu estojo e injetou de novo o “x”. Parece improvável que se tratasse simplesmente de glicose e não de um analgésico eficiente. O paciente A tinha dúzias de estilhaços no corpo, que precisavam ser retirados, um por um, num procedimento torturante. Mas nada disso preocupava Hitler. Seus dois tímpanos rompidos sangravam – mesmo assim estava impassível, impressionando a todos por sua suposta bravura.

Morell anotou nas fichas do paciente A que Hitler parecia não ter se inquietado. O pulso estava normal, como sempre. Apesar disso, o médico ordenou repouso. Depois de tomar a injeção, porém, Hitler calçou de novo as botas que Linge acabara de limpar e anunciou que seria ridículo um homem saudável receber visitas na cama. Vestindo uma chamativa capa preta, ele se dirigiu para a estação de trem da “Toca do Lobo” e esperou impacientemente por Mussolini, que se manifestou, espantado, sobre a aparente integridade de Hitler: “Era um sinal do céu!”^[328]

Na realidade, o atentado atingira Hitler de uma forma pior do que parecia. Seu ouvido mal funcionava, e dores nos braços e nas pernas apareceram à noite, quando o efeito de “x” diminuiu. O sangue continuava a escorrer dos dois ouvidos. Também do ponto de vista psicológico o atentado

teve efeitos devastadores. A cada dois dias, o paciente A passou a receber o seu “x” contra as dores e o choque nervoso. Ele não podia cancelar compromissos nessa fase crítica de uma tentativa de golpe. A encenação do herói invencível ou mesmo invulnerável nem sempre funcionava. Quando Hitler recebeu, uma semana depois, um grupo de oficiais do Exército, os gritos de *Heil* esmoreceram no momento de sua entrada; sua imagem era chocante. Os homens imediatamente se deram conta do abismo existente entre o Führer ficcional e o Hitler real.



Do atentado à mudança da “Toca do Lobo”: o aumento do abuso de drogas do paciente A.

Finalmente cocaína!

“Oh, noite! Já tomei cocaína, / e a distribuição no sangue
está em curso, /o cabelo fica branco, os anos escapam, /
preciso, preciso demais / mais uma vez florescer antes da
passagem.”^[329]

Gottfried Benn

Devido à lesão nos dois tímpanos, o dr. Erwin Giesing, otorrinolaringologista de um hospital militar próximo dali, foi chamado à “Toca do Lobo”. Também ele percebeu logo o estado do todo-poderoso. Antes do primeiro encontro, Giesing sabia que Hitler era descrito como um tipo de “ser superior, poderoso e místico”,^[330] mas acabou diante de uma figura curvada que mancava, de roupão listrado azul-escuro e vermelho e de chinelos. Giesing conta em detalhes suas impressões: “O rosto estava pálido, um pouco inchado, e sob os olhos equimóticos havia grandes bolsas. Os olhos

não davam a impressão fascinante da qual tanto se falava na imprensa. Para mim, chamavam atenção as linhas que saíam dos dois lados do nariz para os cantos da boca. Assim como os lábios secos e um pouco rasgados. O cabelo já estava claramente grisalho e não muito bem penteado. O rosto estava bem barbeado, mas mostrava a pele um tanto enrugada, o que eu explicaria pela fadiga. Falava alto, de forma pouco natural, às vezes gritando, e mais tarde ficou um pouco rouco. [...] Um homem envelhecido, quase exausto e esgotado, que precisa economizar o resto de suas forças”.
[331]

Do ponto de vista neurológico, o médico especialista diagnosticou o paciente como normal: nenhuma alucinação, boa concentração, nenhuma incontinência, memória funcionando e boa avaliação de tempo e espaço. “Mas instável emocionalmente – amor ou ódio. Fluxo contínuo de pensamento e depoimentos sempre relevantes. [...] O estado psíquico do Führer é muito complexo.”

No referente aos tímpanos perfurados, Giesing constatou um rasgo pronunciado e falciforme no direito e um ferimento pequeno no esquerdo. Ao tratar com ácido o tecido sensível, ficou admirado com a resistência incomum de Hitler. Ele não sentia mais dor, anunciou o paciente A, gabando-se. Além disso, a dor só existia para tornar uma pessoa mais forte. Giesing não imaginava que ele provavelmente não sentia dores por ter sido abastecido pouco antes, do ponto de vista farmacológico, pelo seu médico particular: não havia nenhuma troca de informações

entre os profissionais. Assim como Giesing tomava pouco conhecimento do que Morell ministrava, este também não sabia o que o colega dava ao paciente: “Não fui orientado pelo otorrino, dr. Giesing”, anotou Morell de forma azeda.^[332] Na verdade, os dois médicos sentiram antipatia mútua desde o primeiro momento. Na primeira visita de Giesing, quando Morell o confrontou com as perguntas “Quem é o senhor? Quem o chamou? Por que ainda não veio falar comigo?”, Giesing contra-atacou certamente: “Na condição de oficial, só tenho que me dirigir aos meus superiores militares e não ao senhor, um civil”.^[333] A partir de então, o manda-chuva recusou-se a olhar para o otorrino.

Giesing descreve uma aparição típica do médico particular com pouca simpatia e de maneira algo mordaz: “Morell entra, claramente sem fôlego e arquejante. Ele dá a mão a Hitler e pergunta nervosamente se houve alguma ocorrência especial durante a noite. Hitler diz que não. Relata que tinha dormido bem e até mesmo digerido sem problemas a salada verde da noite anterior. Então, com a ajuda de Linge, tira seu casaco, senta-se de novo na sua poltrona e arregaça a manga esquerda. Morell aplica as injeções em Hitler. Ele retira a seringa e passa um lenço sobre a picada. Depois deixa a sala e entra no escritório, levando na mão direita a seringa usada e na esquerda algumas ampolas vazias, uma maior e duas menores. Ele vai com as ampolas e sua seringa para o banheiro da ordenança, ao lado, lava a seringa e descarta as ampolas vazias,

jogando-as na privada. Depois, lava as mãos, volta para o escritório e se despede de todos os presentes”.

Mas Giesing também não ia de mãos abanando até seu Führer. Seu remédio favorito para anestesiar as dores no ouvido, nariz e garganta chamava-se cocaína, que os nazistas tanto reprovavam como “droga degenerativa judaica”. A escolha não é tão estranha quanto parece: naquele tempo, não se dispunha de muitas alternativas para anestesia local,^[334] e a cocaína, como medicamento, figurava no estoque de todas as farmácias. Se acreditarmos em Giesing, a única fonte do caso, ele ministrou ao chefe de Estado, entre 22 de julho e 7 de outubro de 1944, ou seja, em 75 dias, mais de cinquenta vezes essa substância, pincelando o nariz e a garganta, garantindo aplicação direta e eficaz. Tratava-se de uma substância pura, de primeira classe, a famosa cocaína da Merck, vinda de Berlim pelo trem-mensageiro como “solução de cocaína” psicoativa de 10%, em garrafa lacrada; o responsável por seu preenchimento correto era o farmacêutico da ss na repartição central da segurança do Reich. Na “Toca do Lobo”, o próprio Linge, mordomo de Hitler, mantinha-a trancada.

Os biógrafos de Hitler também mal percebem essa clara aplicação de drogas,^[335] apesar de valer a pena contá-la, considerando seu forte potencial euforizante nessa fase crítica após o atentado. O procedimento era assim: pela manhã, o cirurgião Brandt levava o colega Giesing para uma tenda atrás do bunker dos convidados, onde vigoravam,

desde 20 de julho, intensas medidas de segurança. Ali, a mala de Giesing era esvaziada e todo instrumento examinado; mesmo a pequena lâmpada do otoscópio era retirada e rosqueada de novo. Giesing tinha que entregar o boné do uniforme e o punhal, colocar o conteúdo dos bolsos da calça e da jaqueta sobre a mesa e virá-los para fora. Só depois ele recebia de volta o lenço e as chaves, a caneta-tinteiro e o lápis. Era revistado de cima a baixo. Mas os controles rígidos não influenciavam a cocaína; ela já estava lá dentro. Então o mordomo Linge entrava em ação, pegando a garrafinha do armário de produtos tóxicos do escritório e chamando Giesing para a visita.^[336]

O paciente A falou, agradecido, sobre a variação de seu cardápio. Segundo relatório de Giesing, ele afirmou que, “com a cocaína, se sentia consideravelmente mais leve na cabeça e também conseguia pensar de forma mais clara”.^[337] O otorrino explicou-lhe que o efeito psicotrópico era a “influência medicamentosa sobre a mucosa nasal inchada e que, agora, a respiração estaria mais livre. O efeito deveria durar de quatro a seis horas. Provavelmente, ele ficaria depois com um leve resfriado de cocaína, mas que na maioria das vezes pararia logo”. Hitler teria supostamente perguntado se o pincelamento não poderia ser feito uma ou duas vezes por dia – mesmo quando os canais auditivos tratados já estavam em ordem, a partir de 10 de setembro de 1944. Giesing, que via sua estrela subir, concordou, mas chamou a atenção do paciente para o fato de que a cocaína

seria absorvida completamente pela mucosa nasal e levada para a corrente sanguínea. Ele precisou, então, alertá-lo para o perigo de uma dosagem alta demais. Hitler, entretanto, fez questão do uso e confirmou alguns dias depois, apesar de um momento de sudorese intensa, o êxito do remédio: “Bom que o senhor esteja aqui, doutor. A cocaína é maravilhosa e estou feliz que o senhor tenha logo encontrado o medicamento certo. Livre-me mais uma vez, por um bom tempo, das dores de cabeça”.

Essas dores deviam ser provocadas pela permanente trepidação e chiado que naqueles dias acabavam com os nervos dos habitantes da “Toca do Lobo” no interior do núcleo bloqueado: martelos pneumáticos e máquinas pesadas da equipe de construção erguiam rapidamente um novo bunker do Führer, ainda mais resistente. Só com cocaína o paciente A conseguia suportar o barulho, sentindo-se finalmente com se não estivesse nem um pouco doente: “Agora estou com a cabeça bem livre e me sinto bem”. Mas uma preocupação ainda o tomava: “Espero que o senhor não me faça virar um cocainômano”, disse para o seu médico preferido do momento, que o acalmou: “O cocainômano típico cheira cocaína seca”. Hitler tranquilizou-se: “Também não pretendo me tornar cocainômano”.

O Führer permitiu então que o nariz fosse pincelado e seguiu artificialmente confiante para a reunião sobre a situação no front. Para ele a coisa estava clara: a guerra

contra os russos ainda seria vencida, de qualquer maneira! Em 16 de setembro de 1944, ao receber mais uma dose de Giesing, teve uma ideia repentina – uma daquelas temidas ideias pseudogeniais do Führer – e anunciou à sua comitiva perplexa que queria retomar a ofensiva no front ocidental, apesar da enorme inferioridade material e no número de homens. No ato formulou um comando que exigia “firmeza fanática” de cada soldado pronto para a ação.^[338] Apesar de todos o desaconselharem da empreitada de uma segunda ofensiva nas Ardenas, sem chances, o ditador não se deixou abalar: uma grande vitória seria conquistada!

Consequentemente, Giesing começou a preocupar-se com a afinidade de Hitler com a cocaína, que apaga todas as dúvidas sobre si mesmo e fomenta a megalomania – e quis parar com os potentes pincelamentos. Mas Hitler não permitiu: “Não, meu doutor, continue. Hoje de manhã estou de novo com uma dor de cabeça terrível, que deve vir do resfriado; a preocupação com o futuro e a existência da Alemanha corrói-me diariamente”.^[339] Os escrúpulos médicos de Giesing, entretanto, pesaram mais do que a obrigação de obedecer e ele recusou dar a droga a Hitler. Desafiadoramente, o comandante em chefe não apareceu nesse dia, 26 de setembro de 1944, à reunião, mas anunciou, ofendido, que a situação no Leste, onde todo o front ameaçava desabar, não o interessava mais. Giesing recuou, intimidado, e prometeu a cocaína, mas exigiu em contrapartida um exame completo de Hitler. O paciente A,

que sempre se recusara a isso, concordou e em 1º de outubro de 1944 até se apresentou nu para ele, coisa que sempre o constrangera – tudo por um único motivo obter a tão cobiçada substância: “Com tanta conversa, não vamos esquecer do tratamento. Olhe mais uma vez dentro do meu nariz e coloque a tal da cocaína para eu me livrar da pressão na cabeça. Tenho muita coisa importante para resolver hoje”.^[340]

Giesing obedeceu e ministrou a droga, dessa vez numa dosagem tal que Hitler supostamente perdeu a consciência e, por pouco tempo, correu o risco de sofrer uma parada respiratória. Se a descrição do otorrino estiver certa, quase que o autodenominado abstêmio morreu de overdose.

Speedball

Hitler falava abertamente sobre qualquer droga, com exceção do álcool. Ele não era dependente de uma substância específica, mas de medicamentos que o levavam para realidades artificiais que lhe davam prazer. Por essa razão se tornou, num espaço curto de tempo, um apaixonado consumidor de cocaína; mas conseguiu deixar o entorpecente a partir de meados de outubro de 1944 – para voltar-se para outros estimulantes. Como os cocainômanos costumam fazer, ao olhar para trás Hitler amenizava essa fase de sua existência com uma espécie de pose heroica: “As semanas desde 20 de julho foram as piores de minha vida. Foi uma luta hercúlea, como ninguém e nenhum alemão pode imaginar. Apesar de muitas queixas, tonturas que duraram horas e mal-estar, mantive-me firme e lutei contra tudo isso com uma energia de ferro. Frequentemente passei pelo

perigo do colapso, mas com minha força de vontade sempre dominei a situação”.^[341]

As palavras “energia de ferro” e “vontade” podem ser substituídas por “Eukodal” e “cocaína” e assim nos aproximamos um pouco mais da realidade. Também o oficial da Força Aérea Nicolaus von Below descreveu seu Führer, nas semanas seguintes ao atentado, usando as categorias conceituais erradas: “Só a sua vigorosa força de vontade e a sua elevada consciência da missão mantêm-no firme”.^[342] Na realidade eram a sua vigorosa cocaína e a sua elevada quantidade de Eukodal. Pois este último passou a ser empregado em grande escala – a dosagem dobrara, chegando a 0,02 g, em comparação com o ano anterior, até quatro vezes a quantidade da utilização médica média.^[343]

Cocaína e Eukodal – a mistura do Führer, o coquetel no sangue de Hitler, transformava-se nessas semanas numa clássica *speedball*, a mistura de heroína ou morfina com cocaína ou metanfetamina, o efeito sedativo do opioide compensava o efeito estimulante da cocaína. Uma euforia enorme e uma exaltação sentida até o última fibra do corpo são descritas como efeito do ataque farmacológico em duas frentes, no qual duas moléculas potentes se contrapõem bioquimicamente e lutam pela hegemonia no corpo. O resultado é uma forte sobrecarga da circulação, assim como insônia, e o fígado defende-se desesperadamente contra tal ataque de venenos.

No que se refere ao paraíso artificial, o ditador criava à vontade no último outono da guerra e de sua vida. Quando o paciente A entrava nas reuniões, pisando primeiramente o calcanhar, esticando o joelho, estalando com a língua e balançando as mãos, ele percorria o Olimpo que criara farmacologicamente e achava assim que conseguiria pensar de forma clara e explicar o mundo, como convinha a um Führer drogado. Mas para os generais mais que desiludidos com a situação aflitiva no front era impossível penetrar nele. A medicação mantinha o comandante em chefe estável em sua loucura, levantava um muro inconquistável, uma defesa sem brechas, na qual nada e ninguém conseguiam adentrar. Qualquer ponderação era rejeitada por uma confiança sustentada artificialmente.^[344] O mundo em sua volta podia afundar em escombros e uma ação sua custar a vida de milhões de pessoas – o Führer sentia-se mais do que legitimando sempre que uma substância forte corria por suas veias, gerando uma euforia artificial.

Hitler lera *Fausto*, de Goethe, quando jovem. No outono de 1944, o paciente A selou um pacto diabólico com os resultados do trabalho de Sertürner, que na condição de jovem farmacêutico descobriu a morfina na Weimar classicista e também por isso foi considerado o pai do Eukodal e de todos os outros opioides. O anestésico não só eliminava seus fortes espasmos intestinais – que era a indicação anunciada aos outros –, mas, para além disso, atenuava seu presente. Não se pode provar uma dependência

clínica, mas supor, por meio do calendário de Morell de setembro de 1944, difícil de decifrar, a frequência com que a forte substância foi realmente empregada. Não podemos de modo algum descartar que o Eukodal encontrou seu caminho na corrente sanguínea de Hitler também sendo chamado de “x” ou “injeção como sempre” ou simplesmente sem ser anotado; essa é a suposição mais provável. Quem inicia o consumo de Eukodal e tem acesso a ele não costuma parar.

Em 23, 24/25 e 28/29 de setembro de 1944 – ou seja, em uma semana –, o paciente A recebeu por quatro vezes o forte anestésico, a cada vez com um dia de intervalo. É o ritmo típico de um viciado e não corresponde a uma aplicação puramente médica. O que surpreende é a combinação com o antiespasmódico “Eupaverin”, um análogo sintético da substância natural papoula-dormideira – um medicamento que relaxa os músculos, comparativamente inofensivo, pois não cria dependência. Sem querer ou não, a dobradinha colaborava para o encobrimento desse consumo. Por muito tempo Hitler também confundia os dois remédios de nomes parecidos e exigia Eupaverin, querendo dizer Eukodal. Nas palavras de Morell: “O Führer ficou muito contente, apertou minha mão, agradecido, e disse: Que sorte termos Eupaverin”.^[345]

Só podemos conjecturar como o ditador se sentia depois de uma injeção intravenosa de 0,02 g da substância altamente potente, quando a primeira sensação, momentos após a tomada, era percebida na mucosa oral – o “gosto”,

como se diz na gíria dos viciados. Provavelmente se sentia como Siegfried, depois de matar o dragão, conquistar o tesouro, cair nos braços de Kriemhild, cobrir-se de ouro e ver tudo acabar bem. A energia vinha sempre de repente, em segundos e de todos os lados: uma força que o fazia feliz e que era enormemente tranquilizadora; e quando disse a Morell: “Meu doutor, fico tão feliz quando o senhor chega de manhã”,^[346] Hitler nunca havia sido tão sincero. Pois logo de manhã recebia uma injeção que criava aquela sensação exagerada, que correspondia tão perfeitamente à própria ideia de grandeza – e que estava totalmente dissociada da realidade.

23. Sept. 23/24. n. 4 1/2^h: Eukodal Empas 2.i. wegen Spasmen nach ge. Anfrang. (Ht.) - R. Auge zeigt im Augenwinkel gelblichen Tintensch. Cor. Adren. Tropfen angewandt. P. 66, Bl. 153; Herzst. 100.
2. A.T. mit inner. Atm.

24./25. Sept. n. 4^h: wegen starker Spasmen Empas-Eukodal 2.i. - Krim.: X-Test. Bl. 143-153.

25. Sept. P. 72, Bl. 143. - Hts. zum F. gelangt, er habe gelulst aus, ich wolle ihn untersuchen: abgelehnt. - Dann habe ich dann am Krim. Magen untersuchen zu dürfen.

28. Sept. - Ich morgens nicht geholt. - Hts. 6^h gerufen: wegen heftigerer Spasmen Eukodal-Empas 4.i. P. 66, Hts. Krim. beiß. Tee etc. - 2. Gelbsucht. - Hts. fülliger Zustand.

29./30. Sept. n. 4 1/2^h - P. 72 - Eukodal-Empas 2.i. - In den letzten Tagen sehr viel Anger geholt. H. Bl. 143. - 2. Hts. Konvuls. - Bei Tag: Tobst. a. Cantan 2.i. + Pong. 2. H. f. - Calomel 2x0.3 a. P. 100.

12.-15. Nov. - Dr. Weber.

12./13. X. wegen Spasmen Eukodal-Empas 2.i. - später Synterin a. Homocous 2. - Dantrolin-Supp.

A cada dois dias, Eukodal: o ritmo típico de um viciado.

A guerra dos médicos

“Vocês todos combinaram de me fazer um homem doente.”^[347]

Adolf Hitler

O poder do médico particular alcançou seu auge no outono de 1944. Desde o atentado, o paciente A precisava ainda mais dele e a cada injeção Morell ganhava influência. Ninguém na “Toca do Lobo” estava pessoalmente tão próximo do ditador; o médico era seu interlocutor predileto e a pessoa em quem mais confiava. Nos grandes encontros com os generais, havia um homem armado da ss atrás de cada cadeira, para impedir outros possíveis atentados. Quem queria se encontrar com Hitler devia entregar antes sua pasta. A regra não valia para a pasta médica de Morell.

Muitos invejavam a posição privilegiada do “médico particular exclusivo”, como Morell se autodenominava. A

desconfiança em relação a ele aumentava. Como sempre, Morell recusava-se obstinadamente a falar com os outros sobre seus métodos de tratamento. Ele permaneceu fiel até o final à descrição com a qual ingressara no seu posto. Na atmosfera sufocante do reino dos lêmures nas instalações do bunker, entretanto, onde as plantas venenosas da paranoia se arrastavam sobre as grossas paredes de cimento, tal conduta não era segura. De maneira coerente, ele também mantinha desinformados os médicos acompanhantes Brandt e Hasselbach, com quem poderia discutir o tratamento de Hitler. Transformou-se de *outsider* em diva, sempre omitindo informações e cobrindo-se de uma aura misteriosa, única. Até mesmo o secretário todo-poderoso do Führer, Bormann, que reivindicava claramente para Hitler um tratamento que estivesse mais baseado na biologia, encontrou dura resistência junto ao médico.



O paciente A e seu médico particular: “Meu doutor, fico tão feliz quando o senhor chega de manhã”.

Como a guerra estava sendo perdida, porém, procuravam-se os culpados. Forças contra Morell se organizavam. Já fazia tempo que Himmler colhia informações sobre o médico particular para acusá-lo de vício de morfina e, então, poder chantageá-lo. Também várias vezes suspeitou-se, à boca pequena, que ele pudesse ser um espião estrangeiro, que envenenava o Führer às escondidas.

Já em 1943, o ministro das Relações Exteriores Von Ribbentrop convidara Morell para um almoço em seu castelo Fuschl, perto de Salzburgo, e abriu o ataque: enquanto no começo a conversa incluía a senhora Von Ribbentrop e girava sobre temas banais, como casamento temporário (uma proposta: vinte anos), abono estatal para filhos ilegítimos e perda de tempo nas filas de alimento, o ministro sugeriu, após a refeição e com o rosto paralisado, “subir, a fim de discutir algo”.

Arrogante, exigente e esnobe como sempre, Von Ribbentrop bateu as cinzas de seu cigarro egípcio com seus longos dedos nobres, olhou em volta com o rosto glacial e disparou uma rajada de perguntas em direção ao médico milagroso: Era bom o Führer receber tantas injeções? Ele estava tomando outras coisas além de glicose? Aquilo não era um exagero? O médico respondeu concisamente, afirmando aplicar “só o necessário”. Mas Von Ribbentrop insistiu que o Führer precisava de uma “alteração geral do corpo, para que ele se torne mais resistente”. Morell ouviu e despediu-se, deixando o castelo sem se impressionar: “Como os leigos são despreocupados e ingênuos nas suas avaliações médicas”, concluiu na sua anotação sobre o diálogo.^[348]

Mas o médico não escapou tão facilmente. O primeiro ataque estruturado foi feito por Bormann, que tentou levar o tratamento de Hitler para caminhos mais regradados ou, pelo menos, controláveis. Uma carta chegou ao doutor: “Questão secreta do Reich!”. Foram apresentadas, em oito pontos,

“medidas para a segurança do Führer no referente ao seu acompanhamento medicamentoso”, fixada uma análise de amostras dos remédios nos laboratórios da ss e, sobretudo, exigidas de Morell, sempre antecipadamente, “informações sobre quais e quantos medicamentos ele pensava usar mensalmente para tal finalidade”.

Esse foi, na verdade, um passo um pouco desastrado de Bormann, que geralmente nunca era assim. Por um lado, a medida elevou a medicação de Hitler para um patamar oficial; por outro, ele queria o menos possível de correspondência a respeito, já que se tratava do prestígio de um saudável líder de uma raça superior. Por isso, como explicava o ponto 1 da carta, as drogas deveriam ser pagas em dinheiro, para que o fluxo de dinheiro ficasse encoberto para a posteridade. Bormann também ordenou que os “pacotes mensais” deveriam estar guardados num cofre, sempre prontos para entrega e “quando possível também identificados nas ampolas por numeração sequencial (por exemplo, para o primeiro envio: 1/44); ao mesmo tempo, no seu invólucro externo, o pacote deve trazer uma etiqueta ainda a ser determinada, com a assinatura pessoal do inspetor da Saúde”.^[349]

A b s c h r i f t

Der Chef der Sicherheitspolizei
und des SD

Berlin, den 9. Juni 1944

Geheime Reichssache!

IV A 5 b (IV C 4 alt) - 33/44 g.Rs.-

An den
Reichsführer -SS
Feldkommandostelle

Maßnahmen für die Sicherheit des Führers hinsichtlich der
medikamentösen Versorgung.

1.) Die von Herrn Professor M o r e l l für den Führer benötigten Arzneimittel - siehe auch Ziffer 3.) Absatz 2 - bezieht der Sanitätszeugmeister SS - u. Pol. gegen Barzahlung

- a) von den Fabriken des Herrn Prof. M o r e l l,
- b) soweit erforderlich, von der Großindustrie.

2.) Die unter 1.) genannten Medikamente werden stichprobenmäßig in den Laboratorien des Reichsarztes SS u. Pol. auf Verunreinigung überprüft, ohne dass in den genannten Laboratorien die mit der Prüfung Beauftragten wissen, für welchen Zweck die betreffenden Medikamente vorgesehen sind.

3.) Herr Professor M o r e l l soll baldmöglichst gebeten werden, dem Sanitätszeugmeister Angaben darüber zu machen, welche und wieviel Medikamente für den genannten Zweck er monatlich zu verbrauchen gedenkt.

Um die Sicherheit noch weiter zu vergrößern und im Interesse der vereinfachten Handhabung für Herrn Professor Morell sowie, um für alle vorkommenden Möglichkeiten die Sendung reichhaltiger ausgestalten zu können, wird vorgeschlagen, daß Herr Professor M o r e l l dem Sanitätszeugmeister hierbei nicht nur

Questão secreta do Reich: a tentativa inútil de Bormann de controlar o médico particular de Hitler.

A reação de Morell a essa tentativa burocrática de tornar transparentes suas atividades foi tão simples quanto surpreendente: ele ignorou as indicações do poderoso aparelho de segurança, simplesmente não as seguiu e procedeu como sempre. Ele sentia-se invulnerável no olho do furacão, pois acreditava que o paciente A jamais o deixaria na mão.

No final de setembro de 1944, o otorrino Giesing percebeu, na luz fraca do bunker, uma mudança de cor incomum no rosto de Hitler e suspeitou de icterícia. No mesmo dia descobriu, sobre a mesa de jantar, do lado do prato com “compota de maçã com glicose e uvas verdes”, [350] uma caixa de “pílulas antigases do dr. Koester”, um produto pouco conhecido. Giesing ficou perplexo quando descobriu que entre os componentes estavam a atropina, extraída da beladona ou de outras ervas-mouras, e a estricnina, um alcaloide da noz-vômica que, dependendo da dosagem, pode ser altamente venenoso, que paralisa os neurônios da medula espinhal e também é empregado como veneno de rato. Despontou em Giesing uma suspeita monstruosa. De fato, os efeitos colaterais das pílulas antigases, no caso de alta dosagem, pareciam corresponder aos sintomas de Hitler. A atropina atua sobre o sistema nervoso central primeiro de forma estimulante e, depois, paralisante, desenvolvendo um estado de animação com

agitada fuga de ideias, loquacidade, alucinações visuais e auditivas, assim como delírios que podem descambar em violência e fúria. A estricnina, por sua vez, é responsável pelo aumento da sensibilidade à luz, até fotofobia, assim como por estados de fadiga.^[351] Para Giesing o caso estava claro: “Hitler sempre apresenta uma euforia inexplicável, e seu bom humor em decisões posteriores a grandes fracassos políticos ou militares certamente pode ser explicado em grande parte por isso”.^[352]

O otorrino acreditou ter encontrado nas pílulas antigases as causas para a megalomania de Hitler, assim como para a sua deterioração física – e fez uma experiência particular: durante alguns dias, Giesing ingeriu as pequenas pílulas redondas, verificou rapidamente os mesmo sintomas e decidiu partir para o ataque. Seu objetivo era destronar Morell, acusando-o de envenenamento intencional, a fim de assumir sua posição. Enquanto do lado de fora as tropas Aliadas atravessavam as fronteiras do Reich por todos os lados, a loucura farmacológica na claustrofóbica “Toca do Lobo” evoluía para uma guerra de médicos.

Giesing escolheu como aliado na intriga o cirurgião de Hitler, que há muito já se indispusera com Morell: Brandt estava em Berlim, mas pegou, sem hesitar, o primeiro avião para a Prússia Oriental e intimou imediatamente o acusado. O médico particular temia estar com a corda no pescoço por causa do Eukodal, mas recebeu com alívio o fato de que seus adversários tentavam tramar contra ele por causa das pílulas

antigases, vendidas sem receita. Morell também pôde alegar que nem receitara o remédio, mas que o próprio Hitler o adquirira por intermédio de seu mordomo. O cirurgião Brandt, porém, que tinha pouca noção de bioquímica e se fixava nos efeitos colaterais da estricnina, não sossegou e ameaçou: “Será que alguém vai acreditar que o senhor não deu a orientação? Será que Himmler vai tratá-lo de forma diferente do que a qualquer outro? Tanta gente tem sido enforcada, de modo que a questão vai ser julgada friamente.”^[353] Uma semana depois, Brandt acrescentou: “Tenho em mãos as provas de que se trata de envenenamento por estricnina. Posso dizer-lhe abertamente que permanece aqui nestes últimos cinco dias apenas por causa da enfermidade do Führer”.^[354]

Mas a qual enfermidade ele se referia? Realmente icterícia? Ou eventualmente uma hepatite típica de drogados, já que Morell não aplicava as injeções com esterilização suficiente? De toda forma, Hitler, cujas seringas sempre eram desinfetadas apenas com álcool,^[355] não tinha uma boa aparência. Fortemente atacado pelas muitas substâncias tóxicas dos últimos meses, seu fígado despejava o pigmento biliar bilirrubina: um sinal de alerta, que amarelava a pele e os olhos. A acusação contra o médico particular, de que estaria envenenando seu paciente, pairava na sala de forma ameaçadora, quando Brandt falou com Hitler; enquanto isso, na noite de 5 de outubro de 1944, Morell teve um edema cerebral por causa da excitação. As acusações preocuparam

Hitler ao extremo: *traição? Veneno?* Será que ele se enganara todos esses anos? Será que seu traidor era justamente Morell, a quem ele mesmo nomeara *o mais confiável dos confiáveis, o mais cordial de todos os amigos?* Entretanto, derrubar o médico particular, que acabara de lhe ministrar uma injeção reconfortante, não significaria seu próprio sacrifício? Esse movimento não o deixaria entregue ao poderoso aparelho, sem defesa, ou seja, sem drogas? O ditador sentia que esse debate literalmente iria devastá-lo. Era um ataque que poderia se tornar perigoso, pois seu poder era de natureza carismática e as drogas ajudavam a manter artificialmente o carisma, que antes tinha sido natural e do qual tanta coisa dependia.

As guerras dos diádocos eclodiram desde o rápido declínio físico do Führer, e a guerra dos médicos transformava-se numa guerra de substitutos na sucessão no topo do Estado nacional-socialista. A situação agravava-se: Himmler disse a Brandt que podia imaginar, sim, que Morell tentasse matar Hitler. O líder da ss convocou o médico particular ao seu gabinete e jogou na sua cara que já tinha mandado tanta gente para a forca que um a mais não faria diferença. Ao mesmo tempo, em Berlim, o chefe da Gestapo, Kaltenbrunner, intimou o dr. Weber, substituto de Morell no consultório da Kurfürstendamm, para um interrogatório na Repartição Central de Segurança do Reich na Prinz-Albrecht-Straße. Weber tentou defender o chefe, afirmando

considerar impossível uma conspiração. Em suas palavras, Morell era medroso demais.

Finalmente a análise química do polêmico medicamento ficou pronta. O resultado: a quantidade de atropina e estricnina era reduzida demais para envenenamento, mesmo no caso da ingestão maciça que havia sido indicada a Hitler. Uma vitória total para Morell. “Gostaria que a história das pílulas antigases fosse esquecida de vez”, disse Hitler, acabando com o caso. “Vocês podem dizer o que quiserem contra Morell, mas ele continuará sendo meu único médico particular e nele tenho total confiança.”^[356] Giesing foi seriamente advertido e Hitler demitiu-o, dizendo que todos os alemães tinham o direito de escolher seus médicos e isso valia para ele também. Acrescentou ainda que também era sabido que a confiança do doente em seus terapeutas e métodos de tratamento colaborava para a sua recuperação. Portanto, ele manteria o seu médico particular. Hitler rechaçou todas as observações sobre a manipulação no mínimo descuidada da seringa por Morell: “Sei que o novo método de tratamento de Morell ainda não é reconhecido internacionalmente e que ele ainda está pesquisando algumas coisas, sem ter chegado a resultados sólidos. Mas aconteceu o mesmo com todas as inovações na medicina no passado. Não tenho dúvida de que Morell achará seu caminho, e, se precisar, garanto-lhe imediato apoio financeiro para o trabalho.”^[357]

Sempre como uma bandeira ao vento, quando se tratava da vontade de Hitler, Himmler reorientou-se imediatamente: “Pois então, meus caros”, explicou ele para Hasselbach e Giesing. “Os senhores não são diplomatas. E sabem que o Führer tem confiança absoluta em Morell, algo que não deve ser abalado”. Quando Hasselbach protestou, afirmando que qualquer tribunal médico ou civil poderia pelo menos acusar Morell por negligência à integridade física, Himmler tornou-se rude: “Professor, o senhor esquece que, na condição de ministro do Interior, sou também chefe do mais alto Departamento de Saúde. E não quero que seja aberto um processo contra Morell”. E tampouco quando Giesing objetou que Hitler era o único chefe de Estado do mundo a tomar entre 120 e 150 comprimidos e de oito a dez injeções medicamentosas por semana, o chefe da ss não lhe deu ouvidos.

A página virou completamente contra Giesing – que recebeu de Bormann, como compensação por seu trabalho, um cheque de mais de 10 mil marcos do Reich –, contra Hasselbach e contra o influente Brandt; dessa maneira, também contra Speer, confidente desse último, que nutria esperanças de suceder Hitler. Os três médicos tiveram que deixar o quartel-general; só Morell ficou. Em 8 de outubro de 1944, o médico recebeu a notícia, boa para ele: “Führer me avisou que Brandt assumirá apenas e tão somente seus deveres em Berlim”.^[358] O paciente A manteve-se, de forma resoluta, do lado de seu provisor. Assim como todo viciado

glorifica seu traficante, Hitler também não conseguia deixar o médico generoso, que lhe fornecia tudo sem que ele precisasse pedir.

Finalmente, o ditador disse para o seu médico: “Esses idiotas nem pensaram no que poderiam ter me causado com essa história! De repente, eu ficaria sem médico; aliás, essas pessoas devem saber que o senhor, nestes oito anos em que está comigo, já salvou várias vezes a minha vida. E como eu me sentia antes! Todos os médicos que foram arrastados até aqui fracassaram. Não sou mal-agradecido, prezado doutor. Se nós dois atravessarmos bem esta guerra, o senhor verá como o recompensarei!”.^[359]

A réplica confiante de Morell pode ser lida como uma tentativa de se justificar para a posteridade, pois o médico afirmou, sem rodeios: “Meu Führer, se um médico normal o tivesse tratado, o senhor teria ficado tanto tempo ausente do trabalho que o Reich estaria arruinado”. Segundo a própria exposição de Morell, Hitler dirigiu-lhe um olhar longo e agradecido e apertou-lhe mão: “Meu caro doutor, estou alegre e feliz por tê-lo aqui”.

A guerra dos médicos foi arquivada. O paciente A pôs termo a um destronamento antecipado. O preço que pagou foi a destruição contínua de sua saúde por um médico agora legitimado. Para acalmar os nervos, o chefe de Estado recebeu: “Eukodal-Eupaverin. Glicose intravenosa, mais Homoseran intramuscular”.^[360]

A autoextinção

“A vida no quartel-general agora é assim, há pouco para escrever a respeito, pois todas as relações são mais ou menos de natureza interna. Fico feliz em participar-lhe que o Führer está bem e que ele se preocupa, dia e noite, sobre como melhorar o destino da Alemanha e superar as dificuldades.

Continuo ainda próximo do front no Leste.”^[361]

Theo Morell em uma carta

Assim como as substâncias potentes das injeções especialmente preparadas para o Führer eram misturadas nas retortas de vidro da farmácia Engel, em Berlim, e se diluíam no sangue de Hitler, sua existência – que por tanto tempo pareceu tão completa – diluiu-se gradualmente num nirvana. Uma evolução sobre a qual é preciso refletir, para compreender a transformação do outrora carismático Führer

numa figura humana destroçada e sintonizar a interação desse processo com os acontecimentos históricos.

No trimestre final de 1944, enquanto os fronts se fechavam de todos os lados, as prensas eram apertadas cada vez mais e as cólicas intestinais, se intensificavam, Hitler só conseguiu suportar o tempo que lhe restava tomando fortes anestésicos e se protegendo com barricadas farmacológicas. Aliás, um Führer sóbrio não era previsto pelo sistema totalitário que ele mesmo havia criado. Como acreditava precisar realizar todos os vastos objetivos do nacional-socialismo durante sua vida e não confiava que um sucessor criasse um império germânico, ele tinha que se apressar, sem jamais empacar ou desistir. Por essa razão, o *doping* de Morell era necessário: para prosseguir de maneira permanente, manter o olhar maníaco focado e jamais relativizar a total autorreferência. Hitler não queria se permitir, de jeito algum, dar um passo atrás na sua viagem megalomaniaca, apesar da situação militar catastrófica para os alemães. Ele não *podia* mais retornar à razão: acabaria tendo de perceber imediatamente a loucura de todo o empreendimento. Não podia permitir dúvidas em relação à sua luta contra o mundo inteiro ou simplesmente perder o interesse na guerra que desencadeara e que estava perdida havia muito tempo. A agulha picava sua pele impiedosamente, e quando o sangue vinha a substância era injetada na veia e tudo começava de novo.

O fato é que entre o outono de 1941, quando ele começou a tomar as injeções de hormônio e esteroides, e a segunda metade de 1944, quando intensificou o uso de cocaína e depois de Eukodal, Hitler dificilmente passou um dia sóbrio. Isso o ajudava a resistir, a nunca escapar de seu próprio esquema, nunca acordar do pesadelo, até o final. A fissura era definitiva e não podia ser mais cimentada; as pontes para a realidade eram imediatamente explodidas pelos medicamentos assim que pareciam poder ser reconstruídas.

Drogas eram combustível e substitutas para a falta de dedicação: nesse meio-tempo, ele só se via confirmado na sua loucura pelos anestésicos. De um quartel-general para outro, de um bunker para outro, de um excesso para outro – sem medida, sem lar, sempre a próxima ação frustrada, a próxima injeção que o afastava de todas as consequências, ignorando possíveis efeitos colaterais –, ele agia numa obnubilação contínua: um atleta dopado, que não conseguia mais parar, sem retorno, até o colapso inevitável.

O superbunker

“Meu caro e velho amigo, espero que ainda possa chamá-lo assim, apesar de o senhor ter se tornado uma personalidade internacional; mas conheço seu caráter. O povo alemão lhe é muito grato por sua ação abençoada, pois estaríamos perdidos se faltasse uma mão forte. E esta mão é até hoje forte devido ao seu mérito inextinguível.”^[362]

De uma carta para Theo Morell

Para proteger-se melhor de atentados, contaminações ou outros ataques, o paciente A mudou-se, na tarde de 8 de novembro de 1944, para um refúgio recém-construído no interior da zona de bloqueio do Führer na “Toca do Lobo”. Em vez dos tetos de concreto com os costumeiros 2 m de espessura, esse apresentava um revestimento de 7 m (!) de concreto e cascalho. O colosso sem janelas e sem abastecimento direto de ar lembrava um sarcófago egípcio:

as massas de material excediam várias vezes o espaço utilizável que elas envolviam. A partir daquele momento, era ali que Hitler trabalhava, dormia e vegetava, num isolamento total, preso na sua loucura, vivendo sua própria substância. Ele mesmo só via o lado positivo do novo alojamento – que parecia um monstruoso corpo estranho que caíra do céu –, e feliz afirmava que agora teria um espaço maior para passear no interior da construção. Morell calculou: o dormitório do Führer e o escritório dispunham de 23 m³ a mais do que no bunker anterior. Naturalmente o médico particular tinha acesso irrestrito ao sarcófago gigante, e, para celebrar a mudança, injetou “Eukodal intravenoso, devido ao enorme estresse”.^[363]

Nessa época, já fazia tempo que Morell sabia das condições de seu paciente – o quanto Hitler piorava ou melhorava e o quanto essas informações eram divulgadas. Das cartas que o médico particular escreveu durante esse final de outono de 1944 para a mulher, para diversos *Gauleiter* e velhos conhecidos, nota-se o desejo desesperado de distorcer a realidade. Por exemplo, ele enviava exemplares do cardápio da “Toca do Lobo”, que mudava todas as noites. Eles deveriam atestar, para os que estavam de fora, o “modo de vida simples e razoável” de Hitler.^[364] Se antes Morell jamais relatara para terceiros o estado de saúde de seu paciente, ele passou a manifestar uma ostensiva atmosfera positiva. Uma compilação de suas linhas: “Meu paciente eminente vai muito bem. [...] Sua

recuperação está completa. [...] Estou feliz que meu paciente esteja bem de saúde. [...] Meu paciente está muito bem de saúde e espero ainda mantê-lo com forças renovadas para o povo alemão. Além do *duce*, tive a oportunidade de curar outros chefes de Estado e posso ficar realmente satisfeito com o sucesso de meu trabalho médico”.^[365]

Mas o paciente A não estava bem. Na realidade, Morell só conseguia fingir e encenar, em intervalos cada vez mais curtos, um Hitler intacto; e injetar. Frequentemente o Führer ficava numa célula sem janela de seu novo alojamento de concreto, deitado, pálido e enfraquecido, sobre uma cama simples de campanha, com um camisão branco de dormir e embaixo de uma manta militar. Sobre sua cabeça estava pendurada uma lâmpada ajustável; a mesinha de cabeceira e uma estante baixa estavam apinhadas com uma pilha de papeizinhos, mapas, livros abertos e mensagens urgentes. No meio do caos havia um aparelho de telefone que nunca tocava. As paredes branco-acinzentadas emanavam o cheiro enfadonho de concreto ainda fresco. Havia lápis quebrados espalhados por toda a cama; em algum lugar os óculos niquelados, dos quais se envergonhava e que não conseguia colocar sozinho por causa do tremor das mãos. Contudo, Morell escreveu: “Posso informar que o F. está bem. [...] Minha maior alegria, tranquilidade e satisfação é que meu paciente passa muito bem, sendo capaz de enfrentar toda a pressão e todas as crises com o velho dinamismo e

vitalidade. [...] Talvez seja um conforto para o senhor eu assegurar-lhe que nosso Führer vai bem de saúde”.

Logo após a cessação do efeito do Eukodal, porém, o tremor retornava, e sua intensidade só aumentaria nas últimas semanas de 1944. Rapidamente ele passou a dominar as discussões sobre o estado de saúde de Hitler. O Führer cinzento sabia disso e tentava reprimir o tremor a todo custo, o que tornava a coisa ainda pior. Já fazia tempo que o braço da saudação, robusto, incansável e esticado para cima, pertencia à história. Em seu lugar, fortes vibrações nervosas de todas as extremidades. “Mão esquerda, tremor muito forte”, escreveu Morell. Depois: “Aumento do tremor na mão direita”. Ou: “A perna esquerda não treme agora, mas sim o braço esquerdo e a mão esquerda”.^[366] Hitler enterrava os dedos nos bolsos do casaco para esconder sua condição. Às vezes segurava desesperadamente a mão esquerda com a direita. Em alguns casos, não se tratava mais de tremedeira, mas de espasmos. Isso deixava as pessoas ao seu redor num estado de grande agitação. O general da tropa blindada Guderian, agora chefe do Estado-Maior do Exército, relatou que Hitler precisava colocar a mão direita sobre a esquerda e a perna direita sobre a esquerda para tornar os tremores menos visíveis quando se sentava. A mão de Hitler vibrava, oscilava, manobrava de forma tão autônoma que muitos acreditavam ser por querer. Se ele cruzasse os braços na frente do peito, o tronco inteiro começava a se mexer.

Morell aconselhou banhos e tranquilidade. E Hitler perguntou “se não haveria uma injeção contra isso”.^[367]

Mas injeções não solucionariam o problema, pelo contrário. À procura de uma causa para o tremor dos membros e a postura sempre curvada, historiadores da medicina como Hans-Joachim Neumann atribuem ao ditador um parkinsonismo arteriosclerótico, uma paralisia agitante provocada de forma autoimune, na qual neurônios endógenos do sistema de defesa são confundidos com substâncias estranhas e combatidos – um possível resultado do consumo de preparados à base de hormônios animais. As consequências: morte das células nervosas no mesencéfalo, produtoras de dopamina, e uma insuficiência de núcleos importantes do hipocampo, responsáveis pelo processo de aprendizagem e de controle. Morell também manifestou em seus registros a suspeita de Parkinson, ainda que só em abril de 1945.^[368] Não se pode dizer se o diagnóstico é correto. Outra explicação possível é que o temido tremor de Hitler seria um efeito direto de seu consumo descontrolado de um coquetel de drogas.

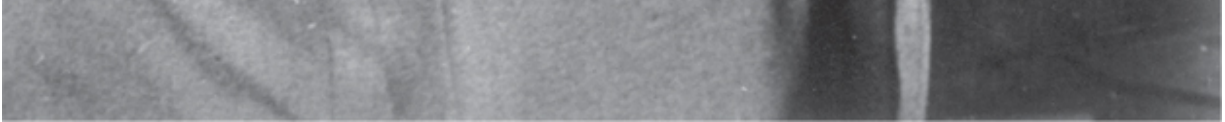
De toda forma, Morell não podia mais deixar seu paciente sozinho nessa fase. Por um lado, o médico particular guiava o Führer; por outro, se tornara o seu prisioneiro. Morell se queixava que ninguém podia imaginar seu sofrimento nessa posição. Fazia anos que não podia mais se movimentar, ser independente, e tinha negligenciado tudo em sua vida: a mulher amada, o consultório na

Kurfürstendamm, as fabricações e os laboratórios de pesquisa em Olmütz e Hamburgo. Mesmo quando seu irmão morreu, Morell não pôde ir ao enterro, tão indispensável se tornara. Hitler usou perigos externos como pretexto para o impedimento: “Após a participação da morte de meu irmão, o F. ficou muito inquieto com minha viagem, pois o front ocidental passa por grande perigo. Fiz propostas de voos (ele disse ser impossível, pois muitos caça inimigos estão sempre rondando), carros (afirmou que não suportaria viagens tão longas, apesar de eu lhe assegurar o contrário) e trem (no seu entender, só em parte possível, pois os tempos de percurso são muito incertos por causa dos ataques)”.^[369]

Hitler recusou o substituto que Morell propusera para sua curta ausência, o dr. Stumpfegger, médico da ss, desconfiando que “talvez ele não injetasse tão bem”. Ou o motivo seria, possivelmente, que Stumpfegger não conhecesse o segredo do “x”? Quando o médico particular insistiu em ter um resto de vida particular e familiar própria e, apesar de todas as tentativas para mantê-lo na “Toca do Lobo”, viajou para o funeral do irmão e visitou rapidamente a mulher em Berlim, Hitler colocou ao seu lado um guarda-costas da Repartição Central de Segurança do Reich e, na volta do médico, mostrou-se irritado: “15h30 com o Führer: paciente pouco amável, sem perguntas. [...] Grande reprimenda”.^[370] Logo Morell pegou seu estojo, respirou fundo mais uma vez, limpou com o lenço as gotas de suor da testa e picou a ponta da agulha de platina no antebraço de

seu paciente: “Glicose intravenosa mais Vitamultin forte, gliconorma e tonofosfan.” Hitler pôs a mão esquerda sobre a fivela do cinto, expirou fazendo barulho, curvou seus ombros para a frente e contorceu os lábios finos e cerrados, tornando a boca ainda menor. Então seu rosto relaxou, e, com movimentos treinados, Morell massageou a barriga de Hitler, liberando o ar engolido. Logo os dois voltaram a se entender.





High em vez de *heil*: de abstinência a viciado.

O “zíper”

Em novembro de 1944, enquanto o Exército Vermelho conquistava cada vez mais territórios na Prússia Oriental, as veias de Hitler estavam tão feridas que mesmo Morell, especialista em injeções, mal conseguia penetrá-las. A pele da veia frequentemente perfurada infeccionava, cicatrizava e tornava-se marrom. Morell teve que fazer uma pausa: “Prescindirei de injeções hoje, para curar bem os pontos de picada. A dobra do braço esquerdo está boa, a do direito ainda apresenta pontinhos vermelhos (mas sem pústulas), local das picadas. O F. acha que, antes, este não era o caso”.
[371]

Havia muita briga sempre que Morell aplicava suas injeções nessas semanas. Cada picada ocasionava uma nova ferida, que se somava às anteriores, criando uma casca longa e crescente, o típico “zíper” dos viciados das estações de trem – quando uma picada se une à outra, formando uma linha malfeita. Até Hitler ficava cada vez mais nervoso e

preocupado com o efeito das injeções: “Nas picadas intravenosas, o Führer acha que não passo álcool suficiente (disse que eu faço isso muito rápido) e isso explica, a seu ver, a pequena pústula vermelha no local das picadas”. Mas Morell tinha outra explicação: “Devido ao sedentarismo de meses no bunker, sem luz do dia e ar natural, sangue pobre em oxigênio e venoso, como mostra o aperto no braço, e assim não suficientemente coagulável; local das picadas permanece vermelho”. Hitler continuou desconfiado: “No entanto, o Führer atribui isso às bactérias, achando que as recebe no corpo por meio das injeções.”^[372]

Morell considerava imprescindível fazer um intervalo na orgia de injeções. Mas Hitler afastou todas as ponderações e seu lado autoagressivo realçou-se. Apesar de todos os inconvenientes que as inúmeras perfurações ocasionavam, ele não parava de exigí-las e recebia seu médico afirmando que não precisava de tratamento, mas de uma injeção imediatamente: “6h: devo ir até o paciente. [...] Em vinte minutos estou lá. O Führer trabalhara para chegar a uma decisão muito importante, o que o deixou intensamente agitado. O nervosismo potencializou-se cada vez mais, até que, finalmente, como sempre acontece durante uma grande agitação, houve uma convulsão. Ele não quis passar por um exame, dizendo que só aumentaria as dores. Preparei rapidamente uma injeção combinada de Eupaverin-Eukodal e a ministrei por via intravenosa, o que foi difícil devido às muitas picadas dos últimos tempos; por isso voltei a chamar

a atenção para o fato de que devíamos poupar as veias por um período. Como tive que interromper a injeção uma vez, a descontração sucedeu-se ainda durante o procedimento e a dor passou. O Führer ficou muito feliz e apertou minha mão, agradecido”.^[373]

Vinte minutos entre a chamada e a aplicação: qualquer viciado em droga deve sonhar com um traficante tão eficiente. E de fato Hitler sabia apreciar a disposição permanente de seu médico particular e, elogiando, constatou em 31 de outubro de 1944 que, “através da intervenção rápida ontem de manhã, tive uma recuperação imediata”. Morell tranquilizou-o: “Disse-lhe que, quando acontecer um ataque novamente, que me chame imediatamente, mesmo de madrugada. [...] Afirmei que ficaria muitíssimo satisfeito em poder ajudá-lo”.^[374]

Nessas últimas semanas na “Toca do Lobo”, o paciente A recorreu com frequência ao seu serviço de quarto 24 horas, mesmo para substâncias mais fortes, chamando Morell sem qualquer cerimônia também depois da meia-noite, alegando uma dorzinha qualquer ou tensão nervosa. Depois da injeção, enquanto um ordenança levava a maleta do médico de volta para a “barraca do drone”, o médico particular fazia companhia ao paciente até a medicação fazer efeito. Quando em 8 de novembro de 1944 o delírio não foi forte o suficiente, Morell ofereceu mais, de forma generosa: “Quarta-feira, 0h30: chamada repentina. O Führer ficou de repente com a barriga inchada de gases. Ele me disse que

estava em vias de tomar as maiores decisões de sua vida e, por isso, o nervosismo era cada vez mais forte. No começo, Eukodal-Eupaverin intravenosos suspenderam apenas em parte as dores e o espasmo. Ao pedir mais uma meia injeção, mando buscar a maleta e vejo que só injetei 0,01 [g] Eukodal em vez de de 0,02. Depois de mais uma injeção de 0,01 Eukodal intravenoso, as dores e o espasmo começaram a cessar. O Fürher agradeceu várias vezes a ajuda imediata e agora está absolutamente feliz.”^[375]

O viciado percebe rapidamente quando não recebeu a dose inteira. O viciado não conhece nada além da próxima dose que lhe traga satisfação completa; qualquer aspecto da existência fica em segundo plano, independentemente da hora do dia ou da noite. Nesses meses seguintes ao atentado, quando o consumo de drogas de Hitler bateu recordes, o ditador perdeu definitivamente o equilíbrio farmacológico – e saúde. Stauffenberg não o matou, mas tornou-o indiretamente viciado em drogas. Hitler degenerava. Seu rosto adquiria uma tonalidade ocre, as pálpebras caíam, o tremor dos membros aumentava cada vez mais, enquanto a capacidade de concentração diminuía claramente. Depois da guerra, durante um interrogatório conduzido pelos Aliados, seu segundo cirurgião, Hasselbach – que chamava desrespeitosamente os tratamentos de Morell de “magia”^[376] –, relatou que até 1940, Hitler parecia mais jovem do que era na realidade, mas depois envelheceu

rapidamente. Até 1943, sua aparência correspondeu à sua idade, mas depois seu declínio físico tornou-se evidente.

Os fatos são os seguintes: o Eukodal foi empregado inicialmente em 1943, mas injetado com tanta frequência, sobretudo entre setembro e dezembro de 1944, que é preciso considerar a possibilidade de uma dependência física; paga-se a felicidade injetada com efeitos colaterais desagradáveis. As consequências são insônia, tremor, prisão de ventre. Hitler sofria disso tudo. Assim que o delírio diminuía, seu aparelho digestivo reagia com uma “obstipação espástica”, não tendo “nenhuma evacuação, mas gases torturantes”.^[377] À noite, ele ficava deitado na cama com os olhos abertos: “Não consigo dormir, [...] vejo sempre no escuro os mapas do Estado-Maior na minha frente, meu cérebro continua a trabalhar e preciso de horas até me livrar disso”.^[378] Enquanto afirmava não conseguir se acalmar pura e simplesmente porque bombardeiros britânicos sobrevoavam o território do Reich, eram as drogas que o mantinham acordado. Para forçar o sono necessário, Morell precisou passar a ministrar-lhe anestésicos contendo barbitúricos como Luminal ou Quadro-Nox; a espiral continuava a rodar.

Como consequência das doses frequentes de Eukodal, a digestão de Hitler mal funcionava e, no referente às suas dores intestinais, ele voltaria de novo ao ponto em que Morell começara o tratamento, em 1936, com o Mutaflor. O paciente A tinha prisões de ventre crônicas e precisava da ajuda dos clisteres de camomila, “no banheiro. Eu precisava

ficar fora (ele até se trancava)”, mas nada adiantava: “O líquido não permanece dentro e ele precisa colocá-lo imediatamente para fora (infelizmente!)... O Führer deve tentar dormir (sem remédio!)”.^[379] As mais simples funções físicas transformavam-se em operações fisiológicas penosas, que eram minuciosamente anotadas por Morell, como se fossem as ocorrências no front descritas no diário de guerra do comando superior da Wehrmacht: “Das 16h às 18h, quatro evacuações, das quais duas foram fracas e duas bem fortes. Na segunda, depois de sair um pedaço de fezes, evacuação explosiva e aguada. A terceira e a quarta cheiravam muito mal, sobretudo a quarta (talvez porque pedaços de fezes decompostos ficaram para trás, causando gases e formação de substâncias tóxicas). Proporcionalmente, maior bem-estar e modificação da expressão facial. Mandou chamar-me só para participar o efeito, cheio de alegria”.

A questão da culpa

Em 21 de novembro de 1944, o cardápio do almoço foi sopa de arroz e fatias fritas de aipo com purê de batata; em seguida, a “Toca do Lobo” foi fechada. Hitler estava havia treze dias alojado em seu superbunker quando os russos se aproximaram; foi preciso bater em retirada, e uma jaula balançante – cujas janelas eram fechadas sempre que se passava pelos estragos provocados pelas bombas, expondo um excesso de realidade – viajava em direção a Berlim. Era o “Brandemburgo”, o trem especial do Führer, e as estações no percurso eram esvaziadas previamente. Como Hitler calculava não ter chance alguma contra o Exército Vermelho de Stálin, ele desistira do Leste e planejava agora sua segunda ofensiva nas Ardenas, idealizada em setembro, sob efeito da cocaína, na tentativa de repetir o milagre da guerra-relâmpago da primavera de 1940, assumir a direção

pelo menos no Oeste e fechar no último minuto um acordo de paz.

A chegada em Berlim-Grünewald foi às 5h20. Tudo aconteceu sob segredo absoluto. O estenógrafo anotou: *Dever de sigilo!* Hitler, que estava com medo de perder a voz devido a um nódulo nas cordas vocais, só falava baixo. Os olhos não percebiam mais o que estava ao seu redor, fixando apenas pontos imaginários. Ele inspirava avidamente oxigênio do aparelho portátil do Exército que Morell providenciara para a viagem. Raramente seu humor esteve tão sinistro e irascível. Todos sabiam: o plano de retardar as gigantescas forças de combate dos americanos e britânicos era ilusório, mas o comandante em chefe tinha certeza da vitória, como de costume. Na verdade, ele estava tão dominado “pela grande agitação, [...] que causava forte inchaço na barriga e espasmos”, que só o Eukodal podia ajudar.^[380] Um dia depois, também tomou 0,01 g de morfina. Dois dias depois, em 24 de novembro de 1944, Morell anotou: “Não considere necessárias as injeções. Mas o Führer quer algumas delas para o fortalecimento mais acelerado”.^[381] Também três dias depois “o Führer quer injeções por causa do trabalho cansativo que estava por vir”.^[382]

E quais os efeitos do consumo desordenado e sem limites sobre o intelecto de Hitler, sobre sua mente? O ditador manteve a sanidade mental? O filósofo Walter Benjamin, que experimentara Eukodal uma década antes (por via oral, o que reduz consideravelmente o efeito do vício), relata as

consequências psicológicas do opiato semissintético: “Talvez não seja uma ilusão dizer que, nesse estado, temos uma aversão ao espaço aéreo livre de Urano, que torna quase uma tortura o pensamento de *estar fora*. É um isolamento e entrelaçamento intenso, uma teia de aranha, na qual os acontecimentos internacionais ficam pendurados, de forma espalhada, como corpos de insetos sugados. Não temos vontade de nos separar deste inferno. Aqui também se formam rudimentos de um comportamento antipático contra os presentes, medo de que eles possam nos perturbar e puxar para fora”.^[383]

O químico e autor de obras científicas Hermann Römpp escreve que o abuso permanente de opiato resulta em “danos no caráter e na força de vontade. [...] A força criadora é prejudicada sem que haja uma perda real do antigo patrimônio mental. Mesmo pessoas em posições elevadas não têm escrúpulos em cometer fraudes e vigarices”. Além disso, ocorrem mania de perseguição e desconfiança doentia de seu ambiente social.^[384]

De fato, para aquele combate final sem chances de sucesso, a mentalidade de bunker desenvolvida por Hitler descobriu no Eukodal a droga terminal adequada. A falta de sensibilidade nele registrada já havia tempos, sua visão de mundo inflexível, a tendência ao fanatismo e a transgressão inescrupulosa de qualquer limite – tudo foi nefastamente acentuado pelo opioide, empregado tão frequentemente no final do trimestre de 1944. Nessa época, quando os Aliados

entravam no Reich tanto no oeste como no leste, o forte anestésico apagou qualquer dúvida em relação à vitória, qualquer compaixão com as vítimas civis, e o tornou ainda mais insensível consigo mesmo e com o mundo externo.

O Führer parecia sentir-se bem com esse analgésico e anestésico: tratava-se do verdadeiro Hitler, e assim ele fora antigamente. Pois suas visões e seus planos, a superestimação de seu próprio significado e o menosprezo em relação aos adversários já estavam registrados no seu texto programático, *Mein Kampf*. O vício do opioide apenas cimentou um endurecimento já existente e a inclinação a uma violência delegada – e nunca executada por ele mesmo –, e contribuiu para o fato de, na última fase da guerra e do genocídio dos judeus, ele nunca ter pensado em voltar atrás.

Os objetivos e os motivos, o mundo ideológico da loucura – nada disso foi resultado das drogas, mas estipulado muito antes. Hitler também não assassinou devido a um delírio; pelo contrário, ele manteve a sanidade mental até o fim. O consumo não limitou, de jeito nenhum, sua liberdade de decisão. O Führer sempre permaneceu lúcido, sabendo exatamente o que fazia e agindo de forma fria e alerta. Dentro de seu sistema, baseado desde o início em delírios e fuga da realidade, ele agiu, até o final, de maneira lógica, sendo terrivelmente consequente e nada louco. Um caso clássico de *actio libera in causa*: ele podia tomar drogas à vontade para se manter apto a cometer seus crimes – nada reduz sua culpa monstruosa.

NOTAS

- 199 IfZ Arch, MA 617, rolo 2, manuscrito de um discurso de Theo Morell, p. 4. Típico de seu tempo, ele reúne duas citações que partem de uma clássica distribuição paternalista de papéis entre médico e paciente: a citação “A relação de confiança...” vem do livro do médico prussiano-ocidental e escritor Erwin Liek (1878-1935) *Der Arzt und seine Sendung* (1925), e a frase por último mencionada, é do médico particular de Bismarck, Emil Schweninger.
- 200 Fest, op. cit., p. 737.
- 201 Ibidem, p. 992.
- 202 *Der Spiegel*, 42/1973, p. 201.
- 203 Gisevius, Hans Bernd. *Adolf Hitler. Versuch einer Deutung*. Munique, 1963, p. 523.
- 204 Kershaw, Ian. *Hitler 1889-1945 – Das Standardwerk*. Munique, 2008, p. 850. Também em outro trecho (p. 947) Kershaw permanece estranhamente indeciso: “Morell e sua arte de cura não foram um elemento nem

importante nem insignificante para o esclarecimento da miséria da Alemanha no outono de 1944”.

205 Ver Neumann, Hans-Joachim, e Henrik Eberle. *War Hitler krank? – Ein abschließender Befund*. Colônia, 2009, pp. 97 e 100.

206 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 8.11.1944.

207 “Gutachten über Professor Morell”, Camp Sibert, 15.1.1946, Entry ZZ-5, in: IRR-Personal Name Files, RG NO. 319, Stack Area 230, Row 86, Box 11, National Archives at College Park, MD.

208 Idem.

209 O “Special Report” nº 53 cita como especialistas o professor dr. Felix Haffner, diretor do Instituto Farmacológico da Universidade de Tübingen, o professor dr. Konrad Ernst, também da Universidade de Tübingen, assim como o dr. Theodor Benzinger von Krebsstein: “On 23 April 1947, these three scientists signed a written statement to the effect that from existing files of information nothing could be found to point to the possibility that Hitler had often received narcotics”. Além disso, o professor dr. Heubner foi contatado pelo Instituto Farmacológico da universidade berlinense, assim como o professor dr. Linz, diretor do Departamento de Ópio do Departamento de Saúde do Reich. Ambos negaram que Hitler pudesse ter recebido substâncias anestésicas em grande escala. Mas havia outras vozes: o policial Jungnickel, da Repartição de Entorpecentes de Berlim, também interrogado, assim como o sr. Jost, proprietário da farmácia Engel, em Berlim-Mitte, e o professor Müller-Hess, diretor do Instituto Médico Legal e criminalista da universidade berlinense, declararam ser bem possível que Hitler tenha sido abastecido com opiato por seu médico particular – sem querer ou poder dar informações sobre quantidades e possíveis efeitos. Em: IRR impersonal files, RG No. 319, Stack Area 770, Entry 134A, Box 7:

“Hitler, Poisoning Rumors”, XE 198119, National Archives at College Park, MD.

- 210 “... in order to provide further material for the debunking of numerous Hitler myths”, *ibidem*.
- 211 Barch-Koblenz N1118, espólio de Goebbels, carta a Hitler, Natal de 1943.
- 212 Schramm, Percy Ernst. “Adolf Hitler: Anatomie eines Diktators” (5^a e última parte), in: *Der Spiegel* 10/1964.
- 213 Citado por Schenk, Ernst Günther. Dr Morell. *Hitlers Leibarzt und seine Medikamente*. Schnellbach, 1998, p. 110.
- 214 Barch-Koblenz N1348, folha do calendário médico de Morell, de 18.8.1941.
- 215 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 9.8.1943.
- 216 Barch-Freiburg RH 12-23/1884. Ver também Holzer, op. cit., p. 247.
- 217 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 8.8.1941.
- 218 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 8.8.1941. Sobre a composição do gliconorm, ver no espólio de Morell sua carta de 2.12.1944.
- 219 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 8.8.1941.
- 220 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 11.8.1941.
- 221 Keller, Philipp. *Die Behandlung der Haut- und Geschlechtskrankheiten in der Sprechstunde*. Heidelberg, 1952.
- 222 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell de 27.8.1941.
- 223 Uma sinopse com explicações sobre cada remédio que Hitler tomava encontra-se em: www.jkris.dk/jkris/Histomed/hitler-med/hitlermed.htm.
- 224 Citado por Katz, Ottmar. *Prof. dr. med. Theo Morell – Hitlers Leibarzt*. Bayreuth, 1982, p. 219.
- 225 Schramm, Percy E. (org.). *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht 1940-1941*. Volume II, 1982, p. 673.
- 226 *Ibidem*, registro de 21.10.1941, p. 716.

Barch-Freiburg RH 12-23/1882, dr. Günther, Otto, “Erfahrungen mit
227 Pervitin” [experiências com Pervitin], 27.1.1942.

228 Isso também valia para a Marinha, como se vê no transporte do cruzador pesado *Prinz Eugen* do porto de Brest. Lá, o navio de guerra esteve continuamente à mercê dos ataques de bombardeiros britânicos. Para evitar o seu naufrágio e, assim, a consequente perda de prestígio, Hitler ordenou o seu retorno, junto com as embarcações também atacadas *Gneisenau* e *Scharnhorst*. O problema consistia em atravessar o canal da Mancha para alcançar a costa alemã, distante quase dois dias de viagem. Nos séculos anteriores, nenhuma frota inimiga conseguira passar sem danos, pelas 300 milhas da costa britânica. O comandante em chefe da Marinha opôs-se várias vezes a essa empreitada, devido “à impossibilidade de sua realização”. Porém, quando na noite de 11 de fevereiro de 1942 o porto de Brest se encontrava sob forte neblina e a tripulação do submarino britânico que vigiava a base alemã foi dormir, pois não contava mais com a partida da frota naquele horário, as amarras foram soltas. Seguiu-se uma viagem de 48 horas sob combate, na qual ninguém tinha a permissão para dormir. Todos os homens encontravam-se ininterruptamente nos seus postos: nas torres de artilharia, nos veículos, na central, nas suas posições. “Em consideração ao fato de que uma redução da concentração e da capacidade de rendimento de qualquer membro da tripulação poderia ter efeito prejudicial para a execução bem-sucedida da empreitada, ordenou-se a distribuição de Schokakola (um pacote por pessoa) e de Pervitin em comprimidos” – lê-se no relatório do médico de bordo do *Prinz Eugen* sobre o 12 de fevereiro. “Cada tripulante recebeu, por grupo de combate, três comprimidos.” Perto do meio-dia a escolta passou por Dover. Nessa altura os ingleses haviam percebido o que acontecia bem na frente de seus olhos.

A artilharia costeira disparou de todos os canos e mais de 240 bombardeiros britânicos decolaram, mas foram pressionados por 280 aviões de caça alemães. Nos navios, todos os homens estavam em ação, assim como na artilharia e nos canhões de defesa antiaérea. Era uma batalha marinha de anfetamina: “O efeito fortemente excitante do Pervitin afastou gradualmente a necessidade de dormir e o sentimento de cansaço”, relatou Witte, médico do Estado-Maior da Marinha. Na noite de 13 de fevereiro, os navios alcançaram Wilhelmshaven. Na Inglaterra, a invasão do canal foi vista como uma das maiores humilhações marítimas na história da Grã-Bretanha. Para os alemães, a operação bem-sucedida trouxe especialmente uma certeza: na conclusão do relatório médico, “considerou-se necessário o abastecimento dos navios de guerra com Pervitin. Para uma tripulação de 1.500 homens, é preciso levar cerca de 10 mil comprimidos”. (Barch-Freiburg RM 92-5221/Bl. 58-60, diário de guerra do cruzador *Prinz Eugen*, de 1.1.1942-31.1.1943, vol. 2, “Geheime Kommandosache – Ärztlicher Erfahrungsbericht über den durchbruch des Kreuzers ‘Prinz Eugen’ durch den Kanal in die deutsche Bucht am 11.2.1942 bis 13.2.1942”.)

- 229 A regra diz: a tolerância à metanfetamina surge a partir de três doses de dez miligramas (cada uma, de três a quatro pílulas de Pervitin), em apenas dois ou três dias consecutivos. Não obstante, toda pessoa tem um limite de tolerância. Alguns precisam de mais logo depois da segunda aplicação, para obter o efeito inicial; para outros, uma dose constante dura dias, sem diminuição considerável do efeito. Geralmente, o que vale é o seguinte: a metanfetamina encoberta os limites naturais da capacidade de rendimento – os sinais de alarme do corpo – por meio da estimulação artificial que deflagra nas células nervosas do cérebro. Os limites da capacidade de

resistência psicológica e física não são mais percebidos, mas gradualmente estendidos, mesmo quando um descanso já seria necessário.

- 230 Barch-Freiburg RH 12-23/1384, Heeresverordnungsblatt 1942, Teil B, Nr. 424, p. 276. “Bekämpfung des Mißbrauchs von Betäubungsmitteln” [combate do abuso de anestésicos]. Ver também Holzer, op. cit., p. 289ff.
- 231 Halder, Franz. *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres 1939-1942*, Bd. 3. Stuttgart, 1964, p. 311.
- 232 Gisevius, op. cit., p. 471. Citado por Fest, op. cit., p. 883.
- 233 Barch-Koblenz N1348, carta de Morell ao especialista do coração, professor Weber, de 2.12.1944: “Passear tornou-se um conceito particularmente estranho, assim como uma permanência diária de quinze minutos ao ar livre virou a regra por muitos meses”.
- 234 Citado por Schenk, Ernst Günther. *Patient Hitler*. Augsburg, 2000, p. 389.
- 235 IfZ Arch MA 617, rolo 3. De uma carta do criador do Mutaflor, Nißle, para Morell, de 1.3.1943.
- 236 Speer, op. cit., p. 592.
- 237 IfZ Arch, MA 617, rolo 1, medidas de segurança para o quartel-general do Führer, Werwolf, de 20.2.1943.
- 238 Speer, op. cit., p. 256.
- 239 Citado por Fest, op. cit., p. 903.
- 240 Speer, op. cit., pp. 361 e 368.
- 241 Schramm, op. cit., registro de 21.12.1941.
- 242 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 18.8.1942.
- 243 Haffner, op. cit., p. 110.
- 244 Fest, op. cit., p. 922.
- 245 Speer, op. cit., pp. 345, 353 e 475.

- 246 Carta da farmácia Engel a Theo Morell, de 29.8.1942, National Archives Microfilm Publication T253/45.
- 247 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 9.12.1942.
- 248 Ibidem, registro de Morell, de 17.12.1942.
- 249 Citado por Pieper, op. cit., p. 174.
- 250 IfZ Arch MA 617, rolo 1.
- 251 Anotação de conversa de Morell, National Archives Microfilm Publication T253/45, assim como as duas citações seguintes.
- 252 Barch R42/5281-5182, carta de 20.8.1942, assim como BA R38/0156-0157, carta de 25.1.1943.
- 253 IfZ Arch MA 617, rolo 1, lista de 14.2.1943. Ele também planejava produzir um “preparado de medula solúvel (concentrado de substância de nervos)”; ver também conversa de 22.9.1943 com o dr. Mulli.
- 254 De uma carta de Morell à sua mulher, de 22.10.1942, National Archives Microfilm Publication T253/45.
- 255 Notificação do comissário do Reich Koch, de 29.8.1942, National Archives Microfilm Publication T253/35.
- 256 IfZ Arch MA 617, rolo 2, carta de Morell a Koch, de 22.9.1942.
- 257 Ver também a carta ao dr. Möckel, de 1.4.1944: “Seu frutífero trabalho científico interessa-me, assim como a sua predileção por drogas”. Além disso, nesse contexto, as cartas de Morell a Koch, de 14 e 17.12.1943, National Archives Microfilm Publication T253/35.
- 258 Ver Schlögel, Karl, in: *Die Zeit*, 30.10.2014, p. 19.
- 259 Citado por Schenck, Dr. Morell, op. cit., p. 267.
- 260 Carta de Morell a Koch, de 16.10.1942, National Archives Microfilm Publication T253/35.

- 261 Carta de Koch de 31.10.1943. Esta referia-se aos abatedouros de Winniza, Kiev, Proskurov, Berditchev, Chitomir, Dubno, Darnitsa, Kasatin, Kirovograd, Biala-Tserkov, Nikolaiev, Melitopol, Saporochie, Dniepropetrovsk, Poltava, Krementchuk, Uman e Korosten. National Archives Microfilm Publication T253/42.
- 262 Citado por Schenck, Dr. Morell, op. cit., p. 253.
- 263 Vandenberg, Philipp. *Die heimlichen Herrscher: Die Mächtigen und ihre Ärzte*. Bergisch-Gladbach, 2000, p. 256.
- 264 Carta de Morell ao funcionário Schuhmacher, em Lamberg, de 12.12.1943, National Archives Microfilm Publication T253/35.
- 265 De uma instrução de um oficial da Wehrmacht junto ao Führer: “Quem empregar combustível de forma negligente ou premeditada para finalidades não concernentes à guerra será tratado como sabotador”. National Archives Microfilm Publication T253/36.
- 266 IfZ Arch MA 617, rolo 3, anotação sobre uma conversa com o dr. Mulli, de 9.10.1943, às 22h35.
- 267 Ibidem, carta da firma Hamma a Morell, de 5.2.1945, assim como a citação seguinte.
- 268 Ver, por exemplo, a carta de Morell ao ministro do Reich Ohnesorge, de 11.2.1944: “[...] tomei a liberdade de sugerir que o Führer o chamasse para uma palestra”. National Archives Microfilm Publication T253/41.
- 269 IfZ Arch MA 617, rolo 3, carta de Mulli a Morell, de 10.8.1943.
- 270 Carta de Morell a Koch, de 28.10.1942, National Archives Microfilm Publication T253/35.
- 271 Esboço de carta de Morell, “Betr. Herstellung neuer Arzneifertigwaren” [assunto, fabricação de produtos medicamentosos], de 30.3.1944. National Archives Microfilm Publication T253/38. Lá também está escrito: “Assim

desenvolvi [...], a partir de fígados bovinos da Ucrânia, adicionando substâncias especiais, um extrato de fígado injetável, o primeiro preparado de fígado tolerado sem dores e que, em experiências feitas por mais de um ano por médicos conhecidos e amigos, além de testes em minha própria pessoa, comprovou ter uma eficácia extraordinária. [...] Sou obrigado a fazer uma produção própria, já que especialidades equivalentes não são mais adquiridas no mercado; não posso mais tratar adequadamente meus pacientes – sendo supérfluo apontar para a importância da manutenção da saúde deles –, se não produzir e preparar, eu mesmo, minhas substâncias. [...] As dificuldades burocráticas precisam ser superadas de outra forma em nome da saúde do povo e, especialmente, de meus pacientes”.

272 Registro no diário de Goebbels, de 20.3.1942. Citado por Gathmann, Peter, e Martina Paul. *Narziss Goebbels – Eine Biografie*. Viena, 2009, p. 95.

273 Carta de Weber a Morell, de 16.6.1943, National Archives Microfilm Publication T253/34. Ali é relatado, entre outras coisas, que Goebbels sofreu fortes dores de cabeça, durante três dias, depois de uma injeção do preparado de fígado de Morell.

274 Barch-Koblenz N1348, “Führerbefehl zur Untersuchung einer Slibovicz-Probe auf Methylalkohol und andere schädliche Stoffe” [ordem do Führer para estudo de análise de Slibovicz com álcool metílico e outras substâncias nocivas], de 11.1.1944. A resposta por escrito do laboratório de campanha, no mesmo dia: “Cheiro e gosto: de Slibovicz. [...] Por conta das análises não há reservas quanto ao seu consumo”.

275 Citado por Schenck, Ernst Günther. *Patient Hitler – eine medizinische Biografie*. Augsburg, 2000, p. 389.

276 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 18.7.1943.

277 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 6.12.1943.

- Citado por Yang, Rong. *Ich kann einfach das Leben nicht mehr ertragen – Studien zu den Tagebüchern von Klaus Mann (1931-1949)*. Marburg, 1996, p. 107.
- 279 Citado por Pieper, op. cit., p. 57.
- 280 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 18.7.1943, assim como as duas citações seguintes.
- 281 Ibidem, “Special Entry of July 18, 1943”.
- 282 O opioide oxicodona, princípio do Eukodal, é vendido nos EUA sob a denominação “Oxygesic” e “Oxycontin”, e em 2010, com um faturamento de 3,5 bilhões de dólares, ficou em quinto lugar entre os remédios mais rentáveis. Na Alemanha, a oxicodona é conhecida, entre outros, como “Oxygesic”; é o opioide de ingestão oral mais receitado. Atualmente, existem no mercado alemão 147 remédios à base de oxicodona, sendo a maioria deles de assimilação retardada, para o tratamento de dores crônicas, entre outras indicações. O preparado de nome Eukodal, que Hitler tomou pela primeira vez no verão de 1943, não é mais comercializado na Alemanha desde 1990.
- 283 Burroughs, William. *Naked Lunch*, 1959. Citado por Die Tageszeitung, de 5.2.2014, p. 15.
- 284 Speer, op. cit., p. 119.
- 285 Citado por Katz, op. cit., p. 280.
- 286 Carta de Morell a Sievert, de 26.8.1943, National Archives Microfilm Publication T253/45.
- 287 Carta do farmacêutico Jost a Morell, de 30.4.1942: “Como preciso de receitas para comprovar meu consumo de cocaína e registrar nos livros de substâncias anestésicas, peço gentilmente enviar-me o quanto antes cinco receitas, emitidas segundo instruções da Lei de Substâncias Anestésicas”.

National Archives Microfilm Publication T253/45. Ver também a carta de 10.10.1943, em T253/39.

- 288 Naquela época, os cartões-postais traziam a seguinte frase de propaganda: “O Führer só conhece luta, trabalho e preocupação. Queremos aliviá-lo, assumindo a parte que podemos assumir”.
- 289 De acordo com Canetti, Elias, *Masse und Macht*, 1994, p. 330.
- 290 Goebbels, Joseph. *Die Tagebücher*, Teil II, Diktate 1941-1945, Bd. 9, Juli bis September 1943. Munique, 1987, p. 456f.
- 291 Carta de Koch a Morell, de 31.5.1943, National Archives Microfilm Publication T253/37.
- 292 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 7.10.1943.
- 293 Ibidem, registro de Morell, de 21.11.1943.
- 294 Ibidem, registro de Morell, de 27.1.1944.
- 295 Carta do secretário de Estado Köglmaier a Morell, de 10.12.1943, National Archives Microfilm Publication T253/35.
- 296 Speer, op. cit., p. 339.
- 297 Ver, por exemplo, a carta para Morell da senhora Von Kries, da ajudância da Wehrmacht junto ao Führer, de 17.2.1943: “[...] Estamos meio arruinados e, por isso, agradeceríamos uma ajuda para um remédio. *Heil Hitler!*” (IfZ Arch MA 617, rolo 2).
- 298 Carta de Morell, de 1.12.1944, National Archives Microfilm Publication T253/37.
- 299 Nesse contexto, também é exemplar a carta de um velho paciente para Morell, de 14.4.1944: “Com muita frequência falamos de você e de vocês e essas lembranças nos entusiasma muito”. National Archives Microfilm Publication T253/38.

- 300 Barch-Freiburg RH 12-23/1321, Durchschlag, Ph IV, Berlim, 20.12.1943 an den “Herrn des Stabes” [cópia para o senhor do Estado-Maior]. Ver também Holzer, op. cit., p. 254ff.
- 301 Barch-Freiburg RH 12-23/1321, folha 125a, assinado por Schmidt-Brücken e Wortmann, farmacêuticos do Estado-Maior.
- 302 “Ao posto de defesa ZF Vi C deve ser entregue, imediatamente, 1 kg de cocaína hidrocloreídrica, em embalagens originais do fabricante.” Ver Barch-Freiburg RH 12 - 23/1322, folha 123, de Wortmann para o parque principal de saúde, secreto, Departamento 1, de 22.5.1944.
- 303 Informação oral de Herta Schneider, citada por Toland, op. cit., p. 920.
- 304 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 9.1.1944.
- 305 Idem.
- 306 Ibidem, registro de Morell, de 29.1.1944.
- 307 Ibidem, carta de Morell à sua mulher, de 16.5.1940.
- 308 Em 1949, Erich von Manstein foi condenado por crime de guerra por um tribunal militar britânico. Após sua libertação, em 1953, passou a aconselhar de maneira extraoficial, na condição de antigo marechal de campo da Wehrmacht, o recém-instituído Exército Federal. Em 1955, publicou suas memórias *Verlorene Siege* [Vitórias perdidas], tidas como retocadas, nas quais tenta justificar seu comportamento na guerra da Rússia e descarregar em Hitler o máximo de responsabilidade.
- 309 Ver “Marshal von Kleist, Who Broke Maginot Line in 1940, Seized”, in: *The Evening Star Washington*, de 4.5.1945, p. 1.
- 310 Relato de Hasselbach, de 29.5.1946, p. 3, IRR-Personal Name Files, op. cit., Box 8, National Archives at College Park, MD.
- 311 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 14.3.1944.

- 312 Segundo “Life History of Professor Dr. Med. Theo Morell”, p. 6, IRR-Personal Name Files, Box 8, National Archives at College Park, MD.
- 313 Carta do dr. Stephan Baron v. Thyssen-Bornemisza, de 5.11.1943, National Archives Microfilm Publication T253/45.
- 314 O regime de medicamentos desses pacientes é apenas parcialmente conhecido (existem, por exemplo, anotações sobre os tratamentos de Mussolini); muito foi perdido nos tumultos da fase final da guerra.
- 315 IfZ Arch MA 617, rolo 2, carta de Morell a Luise Funk, esposa do ministro da Economia do Reich, de 12.5.1944. A presença do assistente tinha, possivelmente, um motivo adicional. De fato Morell quis valorizá-lo junto a Hitler, como Weber disse em depoimento, para mostrar-se dispensável no momento apropriado e poder se afastar de Hitler. O assistente assumiria então o seu lugar. A estratégia de saída de Morell, no entanto, só ficou em pensamento. Até sua demissão, ele nunca tentou realmente separar-se do círculo imediato do poder.
- 316 Barch-Koblenz N1348, registros de Morell, de 20 e 21.4.1944.
- 317 Desde o cessamento do envio de fígados da Ucrânia, devido ao avanço do Exército Vermelho, Morell passou a juntar “todos os fígados de parasitas e sanguessugas” da Boêmia e da Morávia, embora acometidos de minhocas sugadoras (trematódeos), como a grande sanguessuga de fígado (*fasciola hepatica*) e a pequena sanguessuga de fígado (*dicrocoelium lanceolatum*). Mas o fato não incomodava o médico particular – ver carta de 28.10.1944 para Morell de sua firma Hamma (T253/34), assim como a carta de Morell ao ministro do Interior do Reich (T253/42): “[...] com a perda da Ucrânia, uma nova base de matéria-prima se faz necessária. Por motivos conhecidos, está claro que não é possível dispor no antigo império da quantidade exigida de fígados saudáveis e apropriados. Mas os chamados fígados de parasitas ou

fígados de sanguessugas são totalmente apropriados para o processamento de extrato de fígado, empregando-se algumas medidas de precaução. Estaria garantida assim a transformação de detritos sem valor em um remédio de alta qualidade”.

- 318 Barch-Koblenz N1348, carta de Morell ao ministro da Economia Funk, de 12.5.1944.
- 319 Citado por Katz, op. cit., p. 245.
- 320 Ibidem, p. 161.
- 321 Goebbels, Joseph. *Die Tagebücher – Teil II – Diktate 1941-1945 – Bd. 12 – April bis Juni 1944*. Munique, 1987, p. 405.
- 322 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 10.6.1944.
- 323 Ibidem, registro de Morell, de 14.7.1944.
- 324 Ibidem, registro de Morell, de 20.7.1944.
- 325 Giesing, Erwin, “Bericht über meine Behandlung bei Hitler”, Wiesbaden, 12.6.1945, Headquarters United States Forces European Theater Military Intelligence Service Center: OI – Consolidated Interrogation Report (CIR), National Archives at College Park, MD, p. 10.
- 326 *Der Spiegel*, 24/1973, “Adolf Hitler: Aufriß über meine Person”, p. 103ff.
- 327 Idem.
- 328 Schmidt, Paul. *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945*. Bonn, 1950, p. 582.
- 329 Benn, Gottfried. *Sämtliche Werke – Band I: Gedichte 1*. Stuttgart, 1986, p. 46.
- 330 Giesing, op. cit., assim como a citação seguinte.
- 331 Giesing anotou num diário amarelo os tratamentos ministrados a Hitler. Usando um código secreto, escreveu em latim e empregou uma combinação de símbolos que ele mesmo criara. Ver Toland, John, *Adolf Hitler*. Bergisch Gladbach, 1977, p. 1013.
- 332 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 5.8.1944.

- 333 Giesing, op. cit., assim como as duas citações seguintes.
- 334 Além da psicaína, desenvolvida pela Merck e sobre a qual se dizia que poderia causar arritmia cardíaca em pacientes mais propensos.
- 335 Kershaw, op. cit., p. 943: “Pode ser descartado que ele estivesse anestesiado pelos opioides que tomava para aliviar seus espasmos internos, ou dependente do 1% de cocaína que estava contida no colírio que Giesing lhe ministrara contra conjuntivite”. Porém os fatos histórico-medicinais não eram colírios com 1%, mas aplicações no nariz e na faringe com 10% da substância – uma diferença notável no seu efeito. Já Fest, biógrafo de Hitler, abafa completamente a cocaína, enquanto o pesquisador Werner Maser, em quem Fest gosta de se basear, descreve em detalhes o seu emprego, mas sem tirar conclusões.
- 336 Schenck, *Patient Hitler*, op. cit., p. 507.
- 337 Ver Giesing, op. cit.
- 338 Toland, op. cit., p. 1022.
- 339 Giesing, op. cit.
- 340 Maser, op. cit., p. 397.
- 341 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 3.10.1944.
- 342 Below, Nicolaus von. *Als Hitler Adjutant 1937-45*. Mainz, 1980, p. 384.
- 343 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 24/24.9.1944. Comparar com registro de Morell de 17.10.1943. A dose diária terapêutica era de 0,005 g a 0,01 g Hitler exigia até quatro vezes mais – o que superava claramente a aplicação medicinal e provocava fortes efeitos psicoativos.
- 344 Speer, op. cit., p. 372.
- 345 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 30.10.1944.
- 346 Ibidem, registro de Morell, de 4.10.1944.

- 347 Citado no relato de Giesing, p. 15, em “Hitler, Adolf – A composite Picture”, Entry ZZ-6. In: IRR- Personal Name Files, RG No. 139, Stack Area 230, Box 8, National Archives at College Park, MD.
- 348 Barch Koblenz N1348, várias citações do relato de Morell sobre seu encontro com Ribbentrop, escrito no Regina Palast Hotel, em Munique, em 6.6.1943.
- 349 Barch-Koblenz N1348, todas as citações aqui são da carta de Bormann, de 26.6.1944.
- 350 Barch-Koblenz N1348, cardápios escritos à mão, de 3.10.1944.
- 351 Ver Liljestrand, G. *Poulsson's Lehrbuch für Pharmakologie*. Leipzig, 1944.
- 352 Giesing, op. cit.
- 353 Citado por Katz, op. cit., p. 295f.
- 354 Giesing, op. cit.
- 355 O método empregado por Morell era certamente insuficiente. Sobre o tema “desinfecção de seringas”, ver “Alkohol und Instrumentensterilisation”, in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, vol. 67, 1941. Lê-se ali: “Na esterilização de seringas, o álcool deve ser excluído”.
- 356 Giesing, op. cit., conversa de Giesing com Hitler, de 2.10.1944.
- 357 Giesing, op. cit., assim como as duas citações seguintes, atribuídas a Himmler.
- 358 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 8.10.1944, onde também se encontra carta de Bormann ao chefe de Imprensa do Reich, de 10.10.1944.
- 359 Ibidem, registro de Morell, de 8.11.1944, e também as duas citações seguintes.
- 360 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 7.11.1944.
- 361 Carta a Bernhard Wenz, de 23.10.1944, National Archives Microfilm Publication T253/36.

- 362 IfZ Arch MA 617, rolo 1.
- 363 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 9.11.1944.
- 364 IfZ Arch MA 617, rolo 3, carta do professor Nißle a Morell, de 1.3.1943.
- 365 IfZ Arch MA 617, rolo 1. Também a compilação seguinte.
- 366 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 8.12.1944.
- 367 Ibidem, registro de 3.11.1944.
- 368 Ibidem, registro de 15.4.1945.
- 369 Ibidem, registro de 11.11.1944.
- 370 Ibidem, registro de 16.11.1944.
- 371 Ibidem, registro de 20.10.1944.
- 372 Ibidem, registro de 1.11.1944.
- 373 Ibidem, registro de 30.10.1944.
- 374 Ibidem, registro de 31.10.1944.
- 375 Ibidem, registro de 8.11.1944.
- 376 Giesing, op. cit.
- 377 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 18.7.1943 e 29.9.1944.
- 378 Ver Toland, op. cit., p. 1013.
- 379 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 30.9.1944, assim como a citação seguinte.
- 380 Ibidem, registro de Morell, de 21.11.1944.
- 381 Ibidem, registro de 24.11.1944.
- 382 Ibidem, registro de 27.11.1944.
- 383 Benjamin, Walter. *Gesammelte Schriften*, Bd. IV. Frankfurt, 1986, p. 561.
- 384 Römpp, Hermann. *Chemische Zaubertränke*. Stuttgart, 1939.

PARTE IV

EXCESSOS TARDIOS: SANGUE E DROGAS (1944-45)

“As feridas más, como saram?”^[385]

Richard Wagner

Na segunda metade de 1944, os soldados de Hitler não tiveram quase mais sucesso. Paris voltou para os Aliados no final de agosto; em 23 de agosto, a Wehrmacht precisou retirar-se da Grécia e recuar em todo o Sudeste Europeu. Em 11 de setembro, tropas americanas atravessaram as fronteiras do Reich, perto de Trier. Em todos os fronts, as tropas alemãs, ensanguentadas, enfraquecidas, derrubadas, travavam uma guerra perdida. Somente o Pervitin ajudava os soldados a suportar e fugir. Um comandante da tropa de tanques relatou, de forma lacônica: “Viajamos o tempo todo sem parar, até sairmos da Rússia. Revezamo-nos a cada 100 km, tomamos Pervitin e paramos para abastecer”.^[386]

Estudos mostram que dois terços daqueles que consumiram excessivamente *crystal meth* manifestaram psicose depois de três anos.^[387] Visto que Pervitin e *crystal meth* são a mesma substância e que muitos soldados o ingeriram mais ou menos regularmente desde a invasão da Polônia, a guerra-relâmpago contra a França e, mais tarde, no ataque à União Soviética, podemos pressupor efeitos

colaterais psicóticos em massa nos meses finais da guerra, assim como a necessidade de aumentar constantemente as doses para alcançar um efeito perceptível.^[388]

Assim, não é um milagre o fato de que também em 1944 se espalhava a febre do Pervitin. Uma carta das fábricas Temmler para o comissário-geral dos Serviços Médicos e Questões da Saúde comprova: mesmo poucos meses antes do final da guerra, a empresa pediu a distribuição das matérias-primas efedrina, clorofórmio e ácido clorídrico para a produção do Pervitin. Quatro milhões de comprimidos deveriam ser assim produzidos “para armamento e guerra”.^[389] Por causa da guerra, as fábricas haviam sido transferidas para a cidadezinha de Meisenheim, no sudoeste, precisamente para uma cervejaria, onde por um período foram fabricadas as duas drogas preferidas dos alemães daqueles tempos: cerveja e *meth*.^[390]

A Força Aérea também não desistiu da substância voltada para melhorar o rendimento; uma discussão médico-científica, em julho de 1944, ocupou-se unicamente do assunto.^[391] O serviço de saúde do Exército também usou o Pervitin – mais especificamente para o transporte de feridos. Em novembro de 1944, os médicos-chefes dos vagões-enfermarias do grupo do Exército A fizeram experiências comparando o efeito da morfina ao de um coquetel de morfina e Pervitin.^[392] Constatou-se que mesmo os gravemente feridos puderam ser mantidos numa “boa atmosfera” quando recebiam adicionalmente à injeção de

opiato dois comprimidos de Pervitin: a atitude perante a vida melhorava, assim como aumentava a vontade de cura – o que tornava mais provável uma reincorporação posterior.

Mas muitos soldados não queriam mais ser reincorporados. Estavam esgotados, arrasados, precisando de intervalos cada vez mais longos para recuperação. Para muitos, soavam vazias as palavras de propaganda conclamando ao combate até o último cartucho. O entusiasmo tinha desaparecido, o clima estava completamente deprimente.^[393] Mas não houve pausa. Um comando típico do marechal de campo Gerd von Rundstedt terminava dizendo que a necessidade do momento era avançar sem piedade. Uma instrução do alto comando orientava: “Sobrecarga e perdas são possíveis. Os senhores não podem pressionar a consciência do médico. A situação exige todo o empenho”.^[394] Também químico, naturalmente.

Quando a ideologia passou a não adiantar, pois a liderança não tinha nenhuma ideia para motivar seus soldados além da fórmula cada vez mais vazia da “vitória final”, a Wehrmacht decidiu desenvolver novos preparados que se ligassem aos receptores do sistema nervoso central com tanta potência que até os declarados mortos se restabeleceriam, para se transformarem em vitoriosos no campo de batalha. Mesmo que soe exagerado: paralelamente às árduas tentativas de desenvolver uma arma milagrosa, também se procurava a toda velocidade, nessa fase final

cheia de perdas e na qual todos se agarravam ao último fio de esperança, uma droga milagrosa que virasse a página pelo caminho químico.

Visita ao local: a Academia de Saúde do Exército, em Munique

O Exército Federal alojou sua academia de saúde numa antiga caserna da ss, o equivalente hoje à extinta Academia Médica Militar em Berlim, onde o professor Ranke fez, no final dos anos 1930, as experiências com o Pervitin em aspirantes a oficial. Em vez de um traficante de *meth* da Wehrmacht, estou frente a frente com o gentil doutor Volker Hartmann, diretor do Departamento de Ensino de Assistência Sanitária. Passando por um tanque com a insígnia da Cruz Vermelha e um helicóptero de assistência médica pousado, ele me conduz pela enorme área militar. NÍVEL DE AMEAÇA ALPHA, anuncia uma placa. Hartmann me tranquiliza: isso significa que está “tudo normal”. Ele me explica sua visão particular de um futuro Exército, pois Hartmann defende ações

exclusivamente humanitárias, sem armas: “Os alemães não sabem mais, de toda forma, lutar direito – e talvez nem devam. Nossa força está em outras coisas”, justifica sua posição. “*Nós. Ajudamos. Pessoas é um bom complemento de Nós. Servimos. Alemanha.*”[*]

Hartmann serviu em praticamente todos os lugares: como médico de navio, no *Gorch Fock*; numa fragata na costa do Líbano; num fornecedor de grupos de ação no Chifre da África; em Banda Aceh, na Indonésia – com o Exército Federal Alemão, depois do tsunami –; no Kosovo e no Afeganistão. Lá, em Mazar-e Sharif, ele esteve em 2012, na condição de comandante da Unidade de Assistência Sanitária, a responsável pelo serviço de saúde dos alemães. Quando o chefe de uma companhia pediu Modafinil para sua tropa, para possíveis ações contra o Taliban, Hartmann proibiu a entrega. Modafinil pertence ao grupo dos psicoestimulantes e seu exato mecanismo efetivo é desconhecido até hoje. Considerado substância de *doping*, é proibido no esporte; estudantes utilizam-no às vezes como *smart drug*, para aumentar a capacidade de concentração e de rendimento. “Não quis responder por soldados possivelmente viciados, sem contar a questão ética e política”, justificou sua decisão, “e confisquei tudo.”

Militares e drogas são um campo que Hartmann estuda há muitos anos. Foi ele também quem revelou as tentativas da Marinha alemã de desenvolver uma droga milagrosa, na fase final da Segunda Guerra Mundial. Ele conta essa história

à noite, num contexto geográfico-histórico apropriado, quando nos encontramos pela segunda vez, por sua própria sugestão, na Odeonsplatz, em Munique, bem ao lado da Feldherrnhalle, onde os nazistas – com muito álcool residual no sangue, depois de uma noite de embriaguez na cervejaria Bürgerbräukeller – fracassarem na sua tentativa de golpe em 9 de novembro de 1923. A noite está fresca, é final de setembro. Os visitantes que restaram da *Oktoberfest* fazem algazarra ao nosso redor: muita gente com trajes típicos, alegria por toda parte. O clima apropriado para falar de história, violência e psicotrópicos.

“No golpe da cervejaria, a polícia bávara estava ali na frente e atirou”, mostra Hartmann. “Um dos primeiros nazistas feridos mortalmente tinha dado o braço para Hitler e o puxou junto para o chão. Ao mesmo tempo, o guarda-costas de Hitler foi crivado de balas e caiu em cima dele. Mais de uma dúzia dos subversivos morreu imediatamente, assim como quatro policiais e um transeunte. Os curiosos dispersaram-se, num caos total. Hitler recompôs-se e fugiu, praticamente ileso. Às vezes são os acasos que determinam a história.”

Sentamo-nos na taverna Pfälzer Residenz, em cuja fachada está pendurada uma placa em homenagem aos quatro policiais estaduais bávaros – as primeiras vítimas dos nazistas. Pedimos um *Weißweinschorle*,^[*] o que parece algo herético nessa época do ano em Munique – a da *Oktoberfest* –, na qual a cerveja é ainda mais dominante. Hartmann

começa a me falar sobre o tema que interessa. É uma história que acaba de vez com o mito, que sempre reaparece, da honestidade da Wehrmacht. Uma história suja da Marinha, que sempre gostou de se dizer tão asseada, suposto símbolo de integridade moral.



O almirante Heye confiava no “d ix”, uma combinação de cocaína, Pervitin e Eukodal.

A procura pela droga milagrosa

“A guerra real nunca entrará nos livros.”^[395]

Walt Whitman

Na Marinha de Guerra alemã, havia um alto oficial chamado Hellmuth com o sugestivo sobrenome Heye^[*]. Nos anos 1950 ele ingressou no Parlamento Federal pela União Democrática Cristã (CDU), mas em 16 de março de 1944 ele ainda queria ganhar a Segunda Guerra Mundial e estava sentado com dois colegas numa sala de reunião em Kiel. Heye era o almirante que comandava as chamadas “formações de pequenos combates”,^[**] subordinado diretamente ao comandante-chefe da Marinha Karl Dönitz (que em maio de 1945 se tornaria o sucessor de Hitler). A situação no mar não estava boa para a “Marinha Imperial”, como ela gostava de se intitular, diferenciando-se da “Força Aérea Nacional-Socialista”. A batalha no Atlântico havia sido

perdida. A investida britânica descobrira o código de rádio que os alemães consideravam inviolável. Graças à superioridade aérea dos Aliados e às graves perdas dela resultantes, assim como ao mau planejamento da economia armamentista, a guerra de submarinos precisou ser suspensa. Desde então, os Aliados traziam à vontade reforços dos Estados Unidos para a Inglaterra e preparavam a invasão da Normandia. Com suas novas formações, Heye deveria impedir nada menos do que essa movimentação na primavera de 1944.

Hitler aclamou as “unidades para pequenas batalhas” como chance real para barrar o desembarque dos americanos: “Se as tiver, posso evitar a invasão.”^[396] Ainda durante uma conferência sobre armamento no início de janeiro na “Toca do Lobo”, na presença de Speer, ministro do Armamento, e de Himmler, chefe da ss, bem como de vários marechais de campo, Hitler exigira a fabricação acelerada das supostas armas milagrosas, nas quais depositava muita esperança. Com modernos submarinos de dois tripulantes, microsubmarinos, barcos explosivos e torpedos de um tripulante, a enorme potência inimiga deveria ser atacada por alfinetadas, afundada ou pelo menos enfraquecida, e ser obrigada a retirar-se. Era a história de Davi contra Golias, ainda que bem menos bíblica: as *K-Verbände* eram tidas como os destaques da Marinha. Suas ações especiais baseavam-se no efeito surpresa – e, sobretudo, no fato de que não eram descobertas ou

localizadas. O objetivo era aproximar-se de navios pesados inimigos, disparar torpedo e *atacar*. Isso significava submersão ininterrupta por vários dias e noites, sem dormir – ou seja, bem mais tempo do que o estimulante Pervitin permitia, já que a experiência mostrava um período de 48h de vigília, no caso de alta dosagem. Não estava prevista uma formação especial marítima para essas ações extremamente perigosas. Mas, em seu lugar, novas drogas que superassem tudo existente até então.

Se houvesse nessa guerra mundial um último quarto de hora em que o mote fosse aguentar, ele havia chegado. Na primavera de 1944, Heye procurava freneticamente por um “medicamento rapidamente disponível, que mantivesse um soldado acordado e capaz de agir quando se encontrasse em ação por um tempo acima do normal e não estivesse em condições de dormir”. Além disso, a droga deveria aumentar a autoconfiança do soldado e mobilizar suas reservas de energia”.^[397] Mas quem poderia desenvolver tal substância milagrosa?



O projetista de drogas Orzechowski: “Fazer do homem um predador”.

O professor doutor Gerhard Orzechowski, médico do Estado-Maior da Marinha e farmacologista-chefe do Departamento de Saúde do Alto Comando da Marinha no mar Báltico, fora, quando civil, professor de Farmacologia na Universidade de Kiel. Durante a ocupação alemã da França, trabalhou no Instituto de Pesquisa Médica da Marinha, no campo da medicina em submarinos, na cidade bretã de Carnac, e lá se ocupou com substâncias para melhorar o rendimento.^[398] O cientista parecia ser o homem certo para essa tentativa de tirar as últimas reservas de uma tropa esgotada, de estimular os soldados nos pequenos combates e forçar a vitória final com a ajuda da farmacologia. O objetivo explícito de Orzechowski era: por meio da química, “fazer do homem um predador”.^[399]

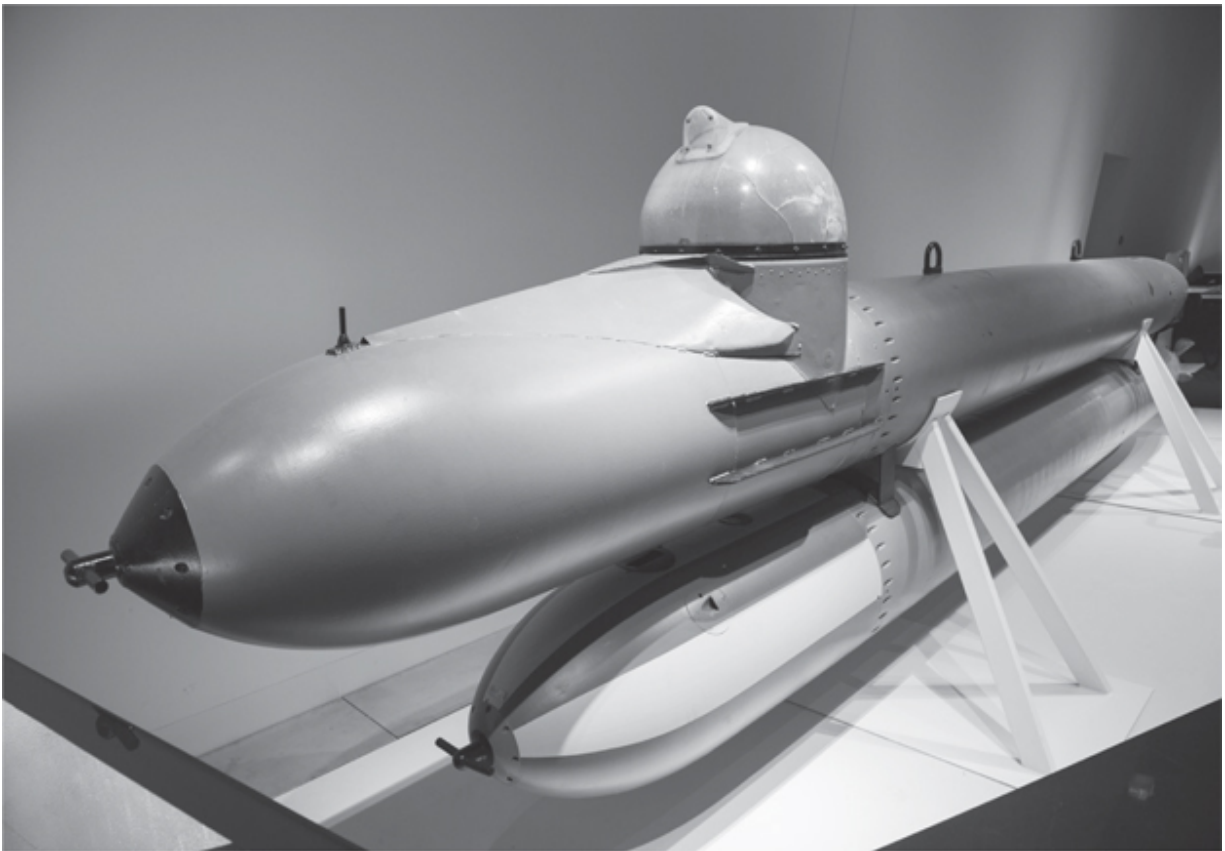
Tal abordagem estava totalmente de acordo com os planos de Heye, que queria acionar o modelo de submarino militar de um único tripulante, denominado *Neger* [negro] – uma deturpação do nome de seu criador, Richard Mohr.^[*] Sua forma correspondia a dois torpedos instalados um sobre o outro, sendo que o de baixo era a própria arma. No de cima encontravam-se o leme e a cabina do piloto, protegida por uma cúpula impermeável de acrílico: uma cavalcada sobre a bomba. Com um visor simples, a combinação de torpedo-portador e torpedo-ativo podia ser dirigida para o alvo; no caso de boa visão, o piloto acionava o disparo com o pedal. Em seguida, voltava rapidamente para um porto seguro –

uma aventura ousada e incerta, considerando o tiro ao alvo dos caça-bombardeiros americanos em cima do capô de acrílico, que ficava sobre a água.

Para a missão de alto risco, Orzechowski propôs dez diferentes preparados combinados com as abreviaturas D I a D X: droga 1 até droga 10. Elas eram compostas de quantidades variadas de Eukodal, cocaína, Pervitin e dicodid, um derivado de morfina semissintético, de efeito semelhante ao da codeína, mas substancialmente mais potente. Eram as substâncias mais poderosas do mundo conhecidas na época, misturadas variadamente – um sinal de como também a Marinha lidava de forma descuidada com os narcóticos. E de como a situação era desesperadora.

Em 17 de março de 1944, a farmácia do hospital militar da Marinha em Kiel produziu, de cada uma das dez criações, cinco comprimidos; um dia depois, eles foram testados por cinquenta soldados do campo de instrução Blaukoppel. Tudo precisava ser feito rapidamente, pois testes sérios sobre as complexas interações medicamentosas não puderam ser realizados por falta de tempo. A D IX ganhou a corrida de maneira arbitrária – uma mistura de 5 mg de Eukodal, 5 mg de cocaína e 3 mg de metanfetamina. Uma combinação violenta, que Hitler provavelmente teria apreciado. O chefe sanitário da Marinha de Guerra, o médico almirante doutor Greul, ainda precisava aprovar a D IX, pois cocaína na forma de pó não podia ser prescrita. Mas Heye deu o sinal verde. Imediatamente o serviço de saúde pôs à disposição

quinhentos comprimidos para o *Biber*, o microsubmarino com dois torpedos instalados, assim como para o *Neger*.



Missão só com drogas fortes: o submarino de combate *Neger*.

Apesar do segredo absoluto, a procura por uma droga estupenda espalhará-se – mais precisamente, até a ss. Também ela empregava cada vez mais comandos especiais de combatentes de elite e por isso estava interessada nos resultados que os colegas militares alcançavam nas suas unidades. Iniciava-se assim uma colaboração, da qual, depois da guerra, os membros da Marinha não quiseram mais saber. Justamente o tenente-coronel Otto Skorzeny,

diretor das operações secretas da ss, temido por sua falta de escrúpulos e às vezes considerado pelos serviços ocidentais o homem mais perigoso da Europa (uma superestimação de sua verdadeira capacidade), apareceu em 30 de março de 1944 em Kiel, no comando de Heye. Desde que participara, em setembro de 1943, do resgate de Mussolini, ele era apoiado tanto por Hitler como por Himmler em todos os seus propósitos clandestinos. Oficialmente, o homem com a cicatriz chamativa no rosto só queria apresentar as novas armas das formações de pequenos combates; mas ele, que nunca fizera segredo de seu forte consumo de drogas, chegou, sobretudo por causa da D IX de Orzechowski. Logo ensacou mil comprimidos para testá-los numa “missão especial”.^[400] Surgia assim uma união que teria consequências.

Mas como agia a D IX? “Depois do consumo de um a dois comprimidos, em uma hora surgiam distúrbios desagradáveis”, lê-se num dos poucos relatos deixados. “Durante uma fase curta de euforia, as mãos daqueles que estavam recuperados e descansados passaram a tremer; os que já estavam fatigados reclamaram de moleza nos joelhos e de um repuxar nos músculos. Durante o período total de ação da D IX, ocorria uma paralisia gradual do sistema nervoso central, a desejada euforia diminuía imediatamente, a determinação e o intelecto ficavam prejudicados, assim como a vitalidade; reduzia-se a capacidade de crítica e à

sudorese intensa seguia-se sentimento de ressaca, cansaço extremo e esgotamento.”^[401]

Nada disso parecia promissor. Mesmo assim, a D IX foi empregada – decisão que, no caso da Marinha, colaborou para um fiasco: dois terços dos pilotos do *Biber* não sobreviveram às suas arriscadas missões. Devido aos fortes efeitos colaterais, que dificultavam as missões ao invés de facilitá-las, a suposta droga milagrosa foi abandonada tão rapidamente quanto fora desenvolvida.

Nesse meio-tempo a situação militar piorara drasticamente para a Alemanha. Os Aliados haviam desembarcado no continente europeu e avançavam com uma enorme força combatente em direção às fronteiras ocidentais do Reich. A partir do outono de 1944, todas as esperanças foram depositadas sobre um novo meio para pequenos combates, mais uma vez supostamente revolucionário: o *Seehund* [foca], equipado com dois torpedos. O plano de combate de Heye era dirigi-lo para a foz do Tâmbisa e as praias da Normandia e bombardear os navios dos Aliados. Mas o manejo e a navegação impunham um desafio extraordinário. As condições eram muito restritas. Uma vasilha aquecível esquentava as refeições, as necessidades eram feitas em latas de comida vazias.^[402] “Difícil aguentar quatro dias nesse meio de combate; impossível, sem meios de estímulo”,^[403] escreveu o oficial da saúde e médico da Marinha, doutor Hans-Joachim Richert, responsável pela assistência às *K-Verbände*. Ao menos parece que ele se sentiu

incomodado ao empregar narcóticos químicos para superar dificuldades naturais, quando registrou, de forma levemente distante, no diário de guerra que devia ser mantido num estilo estritamente impessoal: “O comando militar chegou à conclusão de que nesta guerra, se necessário, é preciso tolerar os danos provocados por medicamentos com efeitos fortes”. Em 11 de outubro de 1944, Richert encontrou-se com o *projetista* de drogas Orzechowski, perto de Lübeck, para falar “sobre um meio que impeça o sono e aumente o rendimento a ser usado no *Seehund*”.

Como os preparados combinados haviam sido postos de lado por causa dos muitos malogros, os dois homens discutiram se cocaína pura ou metanfetamina pura, em dosagens extremamente altas, não poderiam deixar uma pessoa mais de dois dias e duas noites acordada e produtiva. O tempo urgia. Nove dias depois, em 20 de outubro de 1944, o grande almirante Dönitz, que Hitler pressionava na sua crença de uma arma milagrosa, passou em revista a esquadilha de pequenos combates. Richert informou-o de que “as condições para o meio de combate *Seehund*, com uma duração de 4 x 24 horas, são difíceis e exigem desenvolvimento e testes de novos medicamentos”. Para evitar outra catástrofe além do uso da D IX, decidiu-se efetuar antes experiências “para o esclarecimento sobre tolerância e efeito de altas doses de *cocainum hydrochloricum* na forma de pílulas, de altas doses de Pervitin em pastilha de mascar e de

doses menores de *cocainum hydrochloricum* e *basicum* em pastilha de mascar”.

Mas onde e em quem poderiam ser feitos tais testes nada inofensivos? Lembraram-se de contatos na ss, feitos por Otto Skorzeny. Será que eles não poderiam abrir as portas fortemente protegidas para a Marinha? Dönitz concordou. Também Heye aprovou. Os homens decentes da Marinha, com seus uniformes limpíssimos, voltaram a entrar em contato com a grosseira ss, começando uma colaboração extremamente secreta, que até hoje não foi amplamente estudada. Para o médico da Marinha Richert, que deveria conduzir as experiências, realmente abriu-se o portão de uma enorme instalação, à qual na verdade ele não pertencia. Em letras de aço, lia-se: O TRABALHO LIBERTA.^[404]

- 5 -			5
Datum	Ort	Eintragungen	
Zu: 11.10.44.	Timmendorfer Strand	Dr. Orzechowski über ein wachhaltendes und leistungssteigerndes Mittel für Seehund. In diesem Kampfmittel müssen 2 Mann etwa 4 Tage Einsätze fahren. Die Bedingungen sind ähnliche wie im Hecht. Die Soldaten sitzen in gepolsterten Stühlen hinter einander. Die Rückenlehne des Vorderen Sitzes kann umgelegt werden, sodaß ein Mann zeitweise liegen kann. Antrieb über Wasser durch Diesel-, unter Wasser mit E-Motor. Luft= erneuerung mit Injektorverfahren. Verpflegung durch Konserven, die mittels eines elektrischen Boards gewärmt werden. Der Seehund wird	

Geftänd		topies gewärmt werden. Der vordere Mann ist
		Kommandant und navigiert, der achtere ist L.I.
		und bedient die Maschinenanlage. Der Letztere hat
		in dem ihm zur Verfügung stehenden Raum sehr wenig
		Bewegungsfreiheit. Die Bedingungen in dieser Hin-
		sicht für den Vorderen Mann sind besser, zumal er
		im Turm sitzen bzw. stehen kann. Das Aushalten
		für 4 Tage in diesem Kampfmittel wird schwierig
		und ohne Reizmittel nicht immer möglich sein.
		Die militärische Führung steht auf dem Standpunkt,
	<i>Linsenanlage</i>	daß in diesem Krieg, wenn es erforderlich ist, ...
	<i>Reizmittel</i>	auch Schädigungen durch stark wirkende Medikamente
	<i>in Kauf genommen werden müssen, sofern sie die</i>	Durchführung von Einsätzen ermöglichen. Zur Aus-
	<i>wahl stehen neben Bohnenkaffee die Mittel Cardiazol-</i>	Pervitin
		Coffein und Cocain. Mit Prof. Dr. Orzechowski
		werden die notwendigen Versuche besprochen.
	15.10.44. - " -	Aufstellung der K - Plättille 212 (Linsen).
	16.10.44. - " -	Stabsarzt d.Lw. Dozent Dr. Malerny zur Ver-
		fügung Kom.Adm. U.-Boote abkommandiert. Zusammen-

Diário de guerra de um médico da Marinha: "Cafeína, Pervitin e cocaína".

Viagem a serviço para Sachsenhausen

Um vento frio sopra no espaço cercado por um muro circular com fendas cruciformes, em cima do qual há canteiros de flores plantados com sempre-vivas, num arranjo simétrico. Os muros externos estão guardados com cerca elétrica, na frente estão rolos de arame farpado e faixas de cascalho arado: “ZONA NEUTRA. Disparos sem aviso prévio”.

O campo de concentração de Sachsenhausen, 35 km ao norte de Berlim, nos arredores da pequena cidade de Oranienburg, foi aberto em 1936, no ano olímpico. Foi o primeiro campo projetado numa prancheta por um arquiteto da ss. Como um triângulo equilátero, o conceito é o de uma arquitetura de fiscalização total. Do parapeito da torre principal A, pintado de verde-limão e provido de elementos de madeira, um único guarda avistava as barracas agrupadas em quatro arcos, em torno da praça do Apelo, de forma

semicircular. Uma única metralhadora conseguia manter os prisioneiros sob controle. Mais de 20 mil pessoas de cerca de quarenta nações ficaram presas ali até pouco antes do final da guerra – adversários políticos, judeus, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, cidadãos de países europeus ocupados, “associais”, alcoólatras e viciados em drogas. Muitos milhares de prisioneiros morreram por causa de fome, doenças, trabalhos forçados, maus-tratos e experiências médicas. No outono de 1941, morreram cerca de 13 mil a 18 mil prisioneiros de guerra soviéticos, muitos deles com um tiro na nuca, facilidade adotada para uniformizar o processo de assassinatos.

Outra particularidade pérfida do campo era o chamado “comando dos andadores de sapatos”. Em marchas forçadas ininterruptas, os prisioneiros deviam testar a resistência das solas para a indústria de calçados alemã. Empresas como Salamander, Bata e Leiser enviavam seus novos produtos para o campo: elas procuravam um material substituto para o couro, racionado na guerra. O percurso para o teste dos andadores de sapatos, que ainda hoje pode ser visto em partes no memorial de Sachsenhausen, era um caminho de 700 m, composto por 58% de concreto, 10% de cinzas, 12% de areia fofa, 8% de barro permanentemente mantido embaixo da água, 4% de cascalho, 4% de cascalho grosseiro e 4% de paralelepípedos. O caminho foi concebido para fornecer uma seleção das muitas vias da Europa, sobre as quais os soldados alemães marchavam em suas conquistas.

O comando dos andadores de sapato era um comando punitivo. Para lá eram enviados aqueles que se recusassem a fazer o trabalho forçado, que fossem pegos apostando em jogos de azar, trocando mercadorias ou roubando comida da cantina ou do canil. “Preguiça”, recusa no cumprimento de ordens ou suspeita de homossexualismo também eram motivos suficientes. De início contando com 120 prisioneiros, o comando foi ampliado para até 170 pelo sapateiro-mestre dr. Ernst Brennscheidt, de Sensburg, na Prússia Oriental, funcionário público não filiado à ss ou ao NSDAP, mas que acabou conhecido por sua crueldade. Ao aumentar a velocidade da marcha, ele estendia a carga diária de passadas para mais de 40 km. Durante o percurso de quase uma maratona, ele também ordenava aos prisioneiros que carregassem mochilas com mais de 12 kg, a fim de que as solas fossem mais pressionadas, e lhes disponibilizava frequentemente sapatos apertados ou instruía o uso de diferentes tamanhos para os pés esquerdo e direito, supostamente para coletar dados adicionais.

Um capataz, que dirigia a marcha, tinha em mãos fichas de papelão numeradas; assim que os andadores terminavam uma volta, ele colocava uma dessas fichas numa caixa de madeira selada, fixada numa estaca, para que o total pudesse ser verificado a qualquer momento. A cada 10 km, o estado de fricção dos sapatos era analisado. Com frequência os prisioneiros eram obrigados, sob comando, a deitar-se, ajoelhar-se, rastejar ou pular imediatamente. Várias vezes

acontecendo de um exaurido “andador de sapato” desmaiar. Ato contínuo, Brennscheidt incitava seu pastor-alemão para cima dele. Num passo sincronizado, sem ordem definida ou num passo militar, também se marchava com mau tempo, para que não houvesse perdas financeiras.

Os custos para a manutenção da pista dos andadores de sapato ficavam por conta do Ministério da Economia. O Departamento de Economia do Reich centralizava a verificação do material e só liberava para produção os materiais substitutos do couro que tivessem sido bem-sucedidos nos testes em Sachsenhausen. Ele pagava ao campo 6 marcos do Reich por dia e por prisioneiro. No caso das solas de borracha, já haviam sido alcançados 3 mil km, com várias reparações. A distância correspondia a um rendimento de 75 dias. A maioria dos materiais, porém, inutilizava-se antes disso. Materiais com fibras de couro mal chegavam à marca dos 1000 km, mas uma das chamadas solas Igelit, fabricadas pela IG Farben e feitas de um pvc suave, conseguiu mais de 2 mil km.^[405] Tudo isso era minuciosamente anotado. Nunca houve, entretanto, registros sobre a quantidade de vítimas – ou eles foram destruídos. Cálculos indicam que até vinte pessoas ficavam pelo caminho. Diariamente.^[406] “Extermínio pelo trabalho”, era o que se dizia na ss.

A patrulha das pílulas

De 17 a 20 de novembro de 1944, a Marinha alugou, numa “missão secreta”, o comando dos andadores de sapatos. Na primeira noite, pontualmente às 20h30, os prisioneiros receberam do médico da Marinha Richert suas drogas de dosagens altíssimas: 50 mg a 100 mg de cocaína pura na forma de pílula, 20 mg como pastilha mastigável ou 20 mg de Pervitin, também como pastilha (cerca de sete vezes a dosagem de um comprimido normal da Temmler). Trinta minutos depois, quando o efeito começava, inciou-se a marcha no percurso de teste – uma corrida que se estendeu até literalmente o final da madrugada.

Um eine Weiterverbreitung der Kenntnis über die angewandten Mittel im Laienkreise zu vermeiden, sind in dem Bericht die Medikamente nur abgekürzt vermerkt.

C	Hydrochloricum bedeutet	Cocainum hydrochloricum
C	bas.	Cocainum basicum
P	"	Pervitin

Codificação das substâncias utilizadas.

Entre 4h e 5h, depois de sete a oito horas pisando na escuridão, a maioria desistiu “devido aos pés feridos de tanto andar”.[407] Odd Nansen, prisioneiro do campo, mais tarde cofundador do Unicef, descreveu a experiência: “No momento, uma patrulha estranha marcha sem parar em volta da praça dos Apelos, semelhante à ‘tropa do sapato’. Todos carregam bagagens, cantam e assobiam enquanto andam. É a ‘patrulha das pílulas’. Eles são cobaias para uma recém-criada pílula energética. A experiência quer saber por quanto tempo conseguem aguentar depois da ingestão das pílulas. Passadas as primeiras 24 horas, a maioria já desistiu e desmaiou, apesar de dizerem que as pílulas permitem coisas incríveis, sem as conhecidas reações. Sim, os alemães vão precisar de tais pílulas”.[408]

Os registros de Richert silenciam sobre os maus-tratos a que foram submetidos os prisioneiros durante a tortura.

Günther Lehmann, de 20 anos, “a cobaia nº 3”, com 75 mg de cocaína, foi o único que continuava a andar na manhã seguinte. Até as 11h ele deu suas voltas, sozinho, num total de 96 km, “sem fadiga”, como está clinicamente escrito no relatório da experiência.^[409] Às 13h ele foi mandado para junto dos outros, no barracão. Os prisioneiros, ainda excitados, ficaram por ali até de noite. Ninguém conseguiu dormir. Às 20h foram distribuídas as mesmas drogas. Também nessa noite ninguém descansou. “Os participantes [...] puderam entreter-se com o que quisessem”: totalmente estimulados pela alta dosagem de cocaína, pela alta dosagem de *crystal meth*, no campo de concentração.

No dia seguinte, às 20h, houve “mais uma distribuição de remédios. O grupo permanece no quarto, sob as mesmas condições”. Os homens jogaram cartas, conversaram, leram. Alguns se deitaram, cochilaram, mas logo acordaram novamente. Um dia depois, Richert descreveu a aparência deles: “Nºs. 1, 10 e 11 parecem sonolentos; o nº. 9, tresnoitado; os demais não passam uma impressão ruim. Continuamos a empregá-los, como de costume. Às 7h30 nova distribuição de remédios”. No quarto dia, às 16h, a experiência foi finalizada e as cobaias cambalearam de volta para seus barracões.

Nesse meio-tempo, um segundo grupo começara uma marcha com bagagens, formando uma nova patrulha de pílulas. Para esses prisioneiros, o rendimento de Lehmann foi fixado como medida. A ameaça foi a seguinte: desistir

mais cedo poderia significar a morte. Como consequência, praticamente todos conseguiram percorrer os 90 km. O médico da Marinha anotou, satisfeito: “No caso deste remédio, predisposição e vontade foram amplamente suprimidas. [...] As cobaias foram nitidamente obrigadas a entrar num estado contraditório à sua natureza.” Os detentos do campo de concentração transformaram-se, apesar do esgotamento e da fraca constituição, em máquinas de marchar. Tais resultados agradariam o comandante Heye, que não podia confiar em que seus soldados trouxessem por conta própria a força e a motivação necessárias para o combate final.

Mas quais dosagens se mostraram como as melhores para forçar o tal “estado”? Reichert, mais uma vez: “O objetivo de manter uma pessoa acordada e capaz por quatro dias e noites sem ou com pouca possibilidade de dormir está no campo do possível com o emprego das substâncias A – D. As B e C merecem prioridade”. B e C eram sal de cocaína e base de cocaína, 20 mg de ambos em pastilha mastigável. A sugestão de Reichert foi de que a cada missão sem dormir, ao longo de quatro dias e noites, os jovens soldados da Marinha devessem aguentar as ondas finais da guerra mascando pastilhas de cocaína.

Apesar de as experiências serem descabidas e desumanas, o médico da Marinha pareceu ter gostado da viagem a serviço, chegando inclusive a planejar novos testes. Neles deveria ser examinado “como a capacidade de

concentração se comportava ao longo desses dias e noites em claro, sob efeito de remédios”. Por questões de tempo, mais precisamente pelo fato de os Aliados avançarem cada vez mais rapidamente, as experiências não foram mais realizadas.

Membros do Serviço de Saúde da Marinha não foram incluídos no grupo dos acusados nos processos dos médicos em Nuremberg. Também no pós-guerra defenderam-se dizendo nunca terem tido qualquer relação com a ss. O que não corresponde à verdade. A procura pelas chamadas substâncias para aumentar o rendimento – que começara com Ranke na Academia Médica Militar, como experiências voluntárias com Pervitin em aspirantes a oficiais de saúde – perverteu-se, sob responsabilidade da Marinha, em experiências humanas num campo de concentração.

19

- 1 -

Geheime Kommandosache!

Arzneimittelversuch zur Hebung des Leistungsfähigkeit
und Nachhaltung vom 17. - 20.11.44.

Zweck des Versuches: Grobe Prüfung über Verträglichkeit und Wirkung von:

Medikament	A	= C.hydrochl.	in verschiedener Dosis, (in Pillen
- " -	B	= C. "	20 mg in Kaugummi fern)
- " -	C	= C.bas.	20 mg in Kaugummi
- " -	D	= P.	20 mg in Kaugummi

I. Gruppe.

Lfd. Nr.	N a m e	Alter	Gewicht	Größe	1-malige Arzneimittelgabe innerhalb 24 Stunden.
1.	F.B.	18	80 Kg.	1,79	100 mg von A
2.	P.	24	80 "	1,89	100 mg " A

2.	G.L.	20	52	"	1,71	75 mg	"	A
4.	P.Schw.	21	70	"	1,75	50 mg	"	A
5.	H.T.	22	71	"	1,72	50 mg	"	A
6.	A.P.	23	53	"	1,66			B
7.	E.P.	24	68	"	1,75			B
8.	Z.M.	23	70	"	1,73			C
9.	M.P.	23	66	"	1,67			C
10.	E.Schw.	20	72	"	1,73			D
11.	W.Schw.	25	66	"	1,66			D

Wie aus der Aufstellung ersichtlich ist, handelt es sich um junge Männer zwischen 18 und 24 Jahren, die ausreichend ernährt und in gutem Kräftezustand sind.

17.11. Tagüber nur leichte Arbeit.

20.30 Uhr Einnahme der Arzneimittel.

21.00 " Beginn des Gepäckmarsches mit 25 Pfund schwerem Tornister.
Nach 2 1/2-Stunden Marsch jeweils 20 Minuten Pause.

18.11. Zwischen 4 und 5.Uhr scheiden die meisten Teilnehmer infolge wundgelaufener Füße aus; abgesehen von lfd.Nr. 2. und 3. sind alle im Marschieren untrainiert und haben Schuhwerk, das nicht von ihnen eingelaufen wurde.

Marschleistungen:

Lfd. Nr.	1.	43 Klm.	
	2.	38 "	
	3.	96 "	marschierte am 18.11. bis 11.00 Uhr.
	4.	28 "	
	5.	40 "	
	6.	41 "	
	7.	51 "	
	8.	41 "	
	9.	41 "	
	10.	58 "	
	11.	41 "	

Nr. 3. als trainierter Marschierer geht bis 11.00 Uhr ohne Ermüdung weiter und tritt um 13.00 Uhr wieder zum Marschieren an,

gibt

Questão secreta: experiências com drogas da Marinha no campo de concentração de Sachsenhausen.

O declínio bem real

Em 7 de dezembro de 1944, Dönitz, que realmente mereceu se tornar o sucessor do Führer, estava em Dresden à frente de 5 mil jovens da Juventude Hitlerista, a maioria entre 15 e 16 anos, mas também havia meninos de dez a doze na multidão. Na frente do palanque, ao lado do microfone, fora montado um minissubmarino decorado com uma guirlanda de flores, como uma urna superdimensionada, que o grande almirante exaltava como única esperança da Alemanha na vitória final. Tratava-se do recrutamento de voluntários. Inúmeros integrantes da Juventude Hitlerista inscreveram-se e foram levados nos dias seguintes, em caminhões com as placas cobertas, aos portos de suas missões; só lá receberam um uniforme da Marinha para as ações altamente secretas. [410] Naturalmente os jovens não sabiam o que os esperava quando ajeitaram na testa os bonés nos quais estava costurado um peixe-serra,[411] montaram apressadamente

nos veículos de torpedo rebitados e receberam as pílulas ou as pastilhas mastigáveis às quais também rapidamente a cocaína havia sido incorporada. Logo a maioria deles afundaria lugubrememente, como gatinhos dentro de um saco.

O guarda-marinha Heinz Mantey decreve uma viagem de treino com o *Seehund*, na qual ele e seu engenheiro-chefe receberam uma substância estimulante cuja composição desconheciam: “Sentíamos-nos superfelizes e quase sem peso, tudo ganhava cores irreais”.^[412] Logo surgiram alucinações sonoras e Mantey e seu copiloto acreditaram ouvir música transcendental. Os instrumentos no barco começaram a brilhar e, na frente deles, mudavam de forma e tamanho. Mas a viagem não ficou apenas nessas visões agradáveis. O efeito intensificou-se cada vez mais até se tornar assustador; confusos, emergiram e fizeram meandros durante horas sobre a água, sem orientação, sem se lembrar de forma alguma, mesmo mais tarde, de sua rota.



Missão de alto risco com pastilha de cocaína.

A odisseia delirante não foi uma exceção. Um guarda-marinha relatou que “substâncias estimulantes foram empregadas generosamente”. Ele mesmo nunca teria zarpado sem elas. Outro piloto do *Seehund* confirmou ter recebido, por ocasião da partida da missão, cinco pequenas drágeas vermelhas, com a indicação de tomá-las, uma de cada vez, quando viesse o cansaço. Sem ser esclarecido sobre sua eficácia e os possíveis efeitos colaterais, tomou todas as doses profilaticamente já duas horas depois. O resultado: permaneceu acordado, ininterruptamente, por quatro dias e quatro noites.

Outro piloto descreveu detalhadamente sua missão: em janeiro de 1945, ele devia verificar se a foz do Tâmis era apropriada como área de operação, durante uma missão de cinco dias e quatro noites. Seu submarino estava tão carregado que ele mal conseguia se mexer dentro de seu uniforme grosso. E ainda a alta dosagem: “Foi assustador”. Ajustado, afivelado, cercado por uma tecnologia defeituosa e por aparelhos construídos às pressas, sem contato com o mundo externo, inexperiente na navegação, abandonado em alto-mar com muita droga no sangue e dentro de uma caixa de metal cheia de bombas: impossível duvidar de que ele nunca chegou à foz do Tâmis.

Também para outros a situação saiu completamente do controle. No caso de um guarda-marinha, a droga começou a fazer efeito e, devido ao balanço permanente, atacou imediatamente o intestino. As máquinas bombeavam num ritmo sempre igual, como as batidas do coração. “Nunca tive ânsia de vômito, mas eu vomitava e cuspi o tempo todo. Não era ânsia – eu estava doente, e a tentação de deixar tudo se tornou cada vez mais forte. Não dormíamos direito havia dois dias. Eu suava apesar do frio. Era cansativo ficar sentado eternamente. O balanço, o cheiro, o barulho, a umidade.”^[413] *Fear and loathing*^[*] no Atlântico.

As dopadas formações de pequenos combates da Marinha representam o que restou daquele Exército temido que

deveria conquistar o mundo. Os *Seehunde* zarpavam ainda em abril de 1945. Um comandante informou ter tomado, antes da partida, vários comprimidos. Ele via em alto-mar casas e ruas que emergiam a sua frente. “De repente tive a sensação de que uma gralha queria bicar meu pescoço por trás. Virei a cabeça bruscamente e olhei para os motores sorridentes de um dos *Lightning* que vinham em nossa direção. No mesmo momento dois pontos pretos soltaram-se da fuselagem do avião.” Por sorte, ele e seu engenheiro-chefe não foram atingidos e escaparam. Do quinto ao sétimo dia de sua missão, cada um dos dois tomou de quinze a vinte comprimidos por dia, um triste recorde. Quando seu pequeno submarino chegou à base de Ijmuiden, onde os guindastes em parte destruídos se erguiam contra o céu baixo, os homens amarraram uma toalha branca de felpo no periscópio e sentaram-se de braços dados na borda da torre do submarino. Eles se entregaram, sem se importar para quem e o que lhes aconteceria. “Sete dias sem dormir tinham chegado ao fim.”

O Reich afundava não só de forma claustrofobicamente comprimida no bunker do Führer em Berlim, mas também farmacologicamente agitada nas marés frias do Atlântico, com pastilhas mastigáveis de cocaína testadas em campos de concentração. Nessas águas movimentavam-se os meios de pequenos combates, que avançavam aos solavancos e submergiavam, e dentro dos quais encontrava-se encerrada a jovem tripulação da Marinha de Guerra, movida à base das

mais fortes drogas que soldados já haviam tomado. Hellmuth Heye, o almirante responsável, comentou as operações em 3 de abril de 1945, num pronunciamento pelo rádio: “Relatórios atuais indicam que as tropas de combate, totalmente em ação, agiram e ousaram o máximo possível para cumprir sua missão. Apesar da situação pouco clara do front e de boatos descontrolados, a tropa marchou contra a corrente. Provou mais uma vez que sempre há um caminho quando Führer e tropa são esculpido de uma só madeira. Mesmo que o sucesso imediato não tenha acontecido, permanece o desempenho, do qual estamos orgulhosos”.^[414]

Führer e tropa esculpido de uma só madeira? Mais correto seria dizer: movidos a substâncias igualmente fortes. Também é puro cinismo a afirmação de Heye de que os pilotos teriam entrado cheios de entusiasmo em seus veículos destinados ao naufrágio. Certamente aqueles homens, drogados à força, não queriam mais pertencer a uma “elite de combatentes”. Simplesmente suas últimas reservas foram acionadas farmacologicamente.

Hellmuth Heye sobreviveu à guerra. Permaneceu ligado durante toda a sua vida às Forças Armadas alemãs, e, em 1961, tornou-se o encarregado de assuntos do Exército no governo da CDU, sob o chanceler Adenauer. Seus soldados com os peixes-serras dourados bordados no boné estão até hoje em seus caixões de aço, no fundo do mar.

Lavagem cerebral

O *Hauptsturmführer* da ss, dr. Kurt Plötner, da Universidade de Leipzig, recebeu a seguinte descrição após sua prisão pelos americanos: “Estatura forte, uma cabeça de forma arredondada, cabelo loiro médio e olhos azuis”; “óculos de chifre, míope, bochechas cheias, sem barba. Cicatriz de florete na têmpora esquerda – um tipo fleumático.”^[415] Como chefe de departamento do Instituto para Pesquisa Aplicada de Ciência Militar, a partir do inverno de 1944 ele testara em prisioneiros no campo de concentração de Dachau, perto de Munique,^[416] “métodos químicos para a anulação do arbítrio”. Tais métodos baseavam-se em experiências que haviam sido efetuadas no campo de extermínio de Auschwitz pelo dr. Bruno Weber, diretor do setor de exames higiênico-bacteriológicos, com barbitúricos derivados de morfina e mescalina. O ponto de partida das experiências era a frustração da Gestapo em interrogatórios

com membros da resistência polonesa, dos quais conseguiam tirar informações só de forma limitada.^[*] Diferentemente de Sachsenhausen, onde o foco era a perseverança, Auschwitz se dedicava à lavagem cerebral e ao controle da personalidade.

Plötner continuou em Dachau essa série bárbara de testes e deu mescalina para os prisioneiros, sem conhecimento deles. A mescalina é um alcaloide psicoativo que aparece naturalmente no cacto mexicano peiote. Usada há séculos em ritos por culturas americanas para estabelecer um pretenso contato com antepassados e deuses, a substância pode provocar fortes alucinações. Nos anos 1920, a mescalina era popular entre intelectuais, artistas e psicólogos, pois supostamente ampliava a consciência. O escritor Aldous Huxley, em seu livro *As portas da percepção*, qualificou o efeito como “uma abertura dos portões da percepção”. No referente ao desdobramento dos efeitos de uma droga, entretanto, trata-se sempre de *set* e *setting*, ou seja, das circunstâncias da ingestão. Com a mescalina, Plötner não tinha a intenção de libertar mentalmente suas cobaias, pelo contrário. Assim como seu antecessor Weber, em Auschwitz, ele queria descobrir se, em situações de interrogatório, seria possível obter resultados melhores por lavagem cerebral.^[417]

“Toda pergunta é uma intrusão. Quando é utilizada como meio de poder, ela corta feito uma navalha o corpo do interrogado”, escreve Elias Canetti em *Massa e poder*.^[418] Se a

liberdade de uma pessoa está em grande parte na proteção de seus segredos pessoais, Plötner tentou desenvolver uma lâmina afiada, que penetrasse profundamente no que houvesse de mais íntimo, de mais oculto da pessoa. O perverso xamã da ss dissolvia mescalina secretamente no café ou no álcool para cerca de trinta pessoas e começava uma conversa primeiramente inocente com as cobaias, sem levantar suspeitas. Depois de trinta a sessenta minutos, acontecia uma mudança. O alcaloide havia chegado à corrente sanguínea pela mucosa do estômago. Em seguida, Plötner convencia as cobaias, “abertas” pela droga, de que – naquela sala especial onde o interrogatório era realizado – tinha um acesso direto ao interior de cada uma delas. E sugeria que elas lhe contassem tudo voluntariamente, senão aconteceria algo terrível. A estratégia perversa funcionou: “Quando a mescalina fazia efeito, o examinador podia extrair do prisioneiro até mesmo os segredos mais íntimos, sempre que a pergunta era feita habilmente. Eles revelavam solitamente inclusive assuntos eróticos e sexuais. [...] Não havia mais reservas mentais. Sentimentos de ódio e vingança podiam ser descobertos. Perguntas astutas não eram percebidas, então era fácil tirar uma acusação da resposta”. [419]

Plötner não pôde fazer sua série de testes até o final. Os americanos libertaram o campo e confiscaram seus documentos. Para o serviço secreto americano, a descoberta veio a calhar. Sob o comando de Charles Savage e do médico de Harvard Henry K. Beecher, os testes foram continuados

sob o código “Project Chatter” e outros nomes, no Naval Medical Research Institute em Washington D. C., e usados como matriz para longas séries de experiências que se estenderam por toda a década de 1950 e envolveram milhares de cobaias – e cujos resultados deveriam ajudar os americanos, primeiramente na Guerra da Coreia, a desmascarar espiões. Semelhantemente ao caso dos alemães, tratava-se de “conhecer exatamente os efeitos dessas drogas, como instrumento prático para um possível uso em prisioneiros (civis e militares)”. Assim como a potência vencedora se apropriou dos conhecimentos do Terceiro Reich em relação aos foguetes, ou seja, à pesquisa de mundos externos, os testes de drogas dos nazistas foram importados para o controle dos mundos internos.^[420] O programa secreto americano “mk Ultra”, baseado no trabalho preliminar de Plötner, tinha o *mind kontrol* como objetivo – a ortografia com “k” devia ser entendida como uma homenagem à influência alemã.

Plötner nunca foi punido por suas ações e, até 1952 escondeu-se como “Herr Schmitt” no norte da Alemanha. Em 1954, ano da Copa do Mundo, a Faculdade de Medicina da Universidade de Freiburg nomeou-o professor extraordinário.

Crepúsculo das drogas

“Quanto mais alto uma pessoa sobe, mais fácil deve ser para ela a renúncia! [...] Quando o varredor de rua não pode ou não quer renunciar ao tabaco em seu cachimbo ou à sua cerveja, então ele diz (para si mesmo): ‘Bem, meu amigo, como falta a você a compreensão da necessidade imperiosa de tal renúncia, é por isso que você se tornou varredor de rua e não uma personalidade que lidera o Estado!’”^[421]

Adolf Hitler

O primeiro trem de escolta chegou em 28 de novembro de 1944 ao porto conquistado de Antuérpia. Os caminhos de reabastecimento estavam assegurados para os Aliados. Em dezembro, as tropas americanas atacaram Estrasburgo e avançaram, num amplo front a partir do oeste, em direção às fronteiras do Reich. Em 9 de dezembro de 1944, Morell escreveu sobre sua visita a Hitler: “Quis fazer um intervalo

entre as injeções, mas, a pedidos, devido aos grandes esforços iminentes, 10 cm³ de glicose mais Homoseran 10 cm³, intramuscular”. Além disso, na noite seguinte, foi ministrado Eukodal na veia.^[422]

Nesses dias de inverno os “grandes esforços” tornaram-se frequentes, decididamente de forma inflacionária. Estilizando-se como uma espécie de sismógrafo corporal da derrota que se revelava, Hitler vivia quase todas as noites “momentaneamente a mais forte pressão de toda a sua vida [...] e as maiores tensões nervosas, devido aos acontecimentos iminentes e aos ataques terroristas permanentes sobre as cidades alemãs”.^[423] Sempre alegava precisar de uma injeção para superar a situação. Em 10 de dezembro de 1944, ele partiu para outro quartel-general do Führer, desta vez com o nome Adlerhorst, situado perto de Bad Nauheim. Dali planejaria o seu ilusório golpe de libertação contra o Ocidente, a segunda ofensiva das Ardenas. O médico particular anotou: “Chamado às 4h30: o Führer voltou a ter um espasmo. Eukodal, Eupaverin intravenoso. O dia mais agitado de toda a vida. É preciso alcançar uma grande vitória! 11h30: o Führer ainda com espasmos e sem dormir; ao mesmo tempo, grandes discussões são permanentemente necessárias. A partida depende de algumas notícias importantes, que são esperadas. Injeções maiores no trem não são possíveis, pois ele precisa estar revigorado na descida; mas ainda acha urgente uma grande injeção intravenosa”.^[424]

Em 11 de dezembro, o séquito desolado alcançou de madrugada o novo comando no Taunus. Hitler reuniu os comandantes do front ocidental, que por questões de segurança haviam sido divididos em dois grupos. Todas as armas e malas foram apreendidas e os generais, espantados, caminharam por meia hora de lá para cá pela floresta fria a fim de perder a orientação. Finalmente a coluna parou em frente às instalações do bunker. Depois de passar por uma fileira de homens da ss uniformizados de preto, chegaram a uma “figura curvada, de rosto pálido e inchado, desmoronada na cadeira com mãos trêmulas e escondendo, dentro do possível, o braço esquerdo, que sacudia”, como descreveu o general Von Manteuffel.^[425] O farrapo medonho chamava-se Adolf Hitler, tinha acabado de sorver uma sopa de arroz e agia como se tivesse a situação sob controle, explicando aos oficiais hipócritas uma espécie de plano de ataque, mas admitindo que se tratava de uma ação arriscada e que estaria “numa certa desproporção com o estado das forças atuais”.^[426] Já os registros de Morell suavizam o encontro fantasmagórico: “O Führer teve uma conversa de várias horas com cerca de quarenta a cinquenta generais. Disseram que o Führer estava bem revigorado e animado, entusiasmado e impulsivo. Totalmente sem queixas”.^[427]

Essa segunda ofensiva das Ardenas correu bem diferentemente da primeira, na primavera de 1940. Os alemães só usavam truques e torciam por tempo ruim, para que os aviões dos Aliados não conseguissem bombardear

facilmente os seus estoques. Para provocar confusão, o tenente-coronel da ss Skorzeny operou atrás da linha adversária com mil homens em uniformes americanos roubados e um D IX na bagagem de combate; e espalhou o boato de que queria matar Eisenhower, o comandante-chefe americano. Assim, desviou, por um curto período, a atenção das tropas americanas, ocupadas em tomar novas medidas de segurança.

Mas logo ficou evidente a inutilidade do procedimento alemão. A Wehrmacht e a ss Armada foram retaliadas com grandes perdas. Em 19 de dezembro de 1944, Hitler tomou uma sopa de espinafre e pediu depois “fígado e Pervitin por causa da sobrecarga de trabalho”.^[428] Ele também estava consumindo metanfetamina – Morell não revela se injetada ou oral. Provavelmente a primeira, pois sempre a menciona com o preparado de fígado injetado. Depois da guerra, Ernst Günther Schenk, antes nutricionista de Himmler, afirmou que o paciente A tomava o estimulante regularmente por via oral – mais precisamente como uma adição clandestina ao nobre Vitamultin. Schenk examinou uma das barrinhas de embalagem dourada no Instituto de Farmácia do Exército, da Academia Médica Militar; entre os ingredientes, Pervitin e cafeína.

O Führer celebrou em êxtase também a passagem de 1944 para 1945: primeiramente, ele tomou, em combinação com glicose, uma injeção de fígado animal rica em hormônios; depois, como presente especial de *réveillon*,

Eukodal intravenoso, cuja dosagem exata Morell não anotara; mas, sim, o efeito: “O Führer ficou quase tranquilo. A tremedeira do braço esquerdo e da mão bem reduzida”. [429]

Para fora, o estado do Führer continuava a ser glorificado como antes. Na edição da revista semanal *Das Reich* [O Reich], publicada no último dia de 1944, Goebbels escreveu: “O homem que tem como objetivo salvar seu povo e, em seguida, definir o perfil do continente afastou-se totalmente das alegrias do dia a dia e das comodidades burguesas da vida; mais ainda, estas nem existem para ele. [...] Basta permanecer próximo a ele para que seja sentida fisicamente a força que irradia e quão forte ele é”. O ministro da Propaganda também tinha uma explicação para a má postura do chefe de Estado, já evidente: “Se ele mantém a cabeça levemente curvada, isso acontece pelos eternos estudos dos mapas. [...] Ele é a pura despretensão. Se a mesa de almoço e jantar de todo nosso povo fosse como a do Führer, não precisaríamos nos preocupar com o orçamento alimentar alemão”. [430]

O último grande ataque da Força Aérea, na manhã de 1º de janeiro de 1945, terminou fatalmente. Quase mil aviões decolaram para um último levante. Apesar do segredo rigoroso, entretanto, a defesa aérea Aliada reagiu efetivamente e várias dúzias de pilotos da Luftwaffe foram abatidos, influenciados por suas últimas rações de Pervitin. Uma verdadeira catástrofe ocorreu no retorno daqueles que haviam escapado do inimigo. Os pilotos alemães meteram-

se num fogo pesado com a própria artilharia dos Flaks, que não havia sido informada sobre a operação, de tão secreta que era. A Força Aérea destruiu-se, dessa forma macabra, no seu próprio céu coberto de nuvens. Não houve mais nenhuma operação significativa depois disso.

Em 2 de janeiro de 1945, o primeiro dia útil do ano-novo – e último para o nacional-socialismo –, Hitler sentia-se “bem, descontada a tensão devida à ofensiva em curso. Ele perguntou sobre a eliminação da tremedeira da mão esquerda; para tanto seria necessário um tranquilizante, mas que não pôde ser aplicado devido aos processos de raciocínio permanentes, intensivos e da maior importância”.^[431]

O registro indica uma mudança, pois depois disso o Eukodal não foi mais ministrado. Será que Morell tinha finalmente reconhecido quão fortemente Hitler permanecia emaranhado, por causa do anestésico, em paisagens irreais? Ou será que ele queria, por motivos completamente diferentes, reduzir a oferta de drogas, visto que uma nova preocupação o afligia: a escassez gradual da substância? Os ingleses também estavam bombardeando constantemente as instalações farmacêuticas do Reich, atingindo sensivelmente suas capacidades. Isso acontecera duas semanas antes do Natal com a Merck, em Darmstadt, a fabricante de Eukodal e cocaína. Cerca de 70% de suas instalações ficaram em ruínas. Um funcionário relatou: “Nesta época, a maior parte do pessoal – 2.292 alemães e cerca de 700 estrangeiros – tentava trazer ordem ao caos da destruição. [...]”

Considerando o total, o rendimento produtivo foi extremamente reduzido, pois quase dois terços do horário de trabalho foram perdidos por causa dos alarmes antiaéreos”. [432] Os estoques de Morell teriam acabado e não haveria mais reabastecimento?

Em 16 de janeiro de 1945, o Adlerhorst foi evacuado; a segunda ofensiva das Ardenas fracassara deploravelmente. Abatidos, paciente e médico seguiram de trem para a capital, retiraram-se no bunker embaixo da Chancelaria do Reich junto com um círculo limitado e alcançaram assim a última estação de sua negação da realidade. Antes, Morell reclamara numa carta que, nos anos anteriores, ele estivera só duas vezes em Berlim, por poucos dias, e não vira a mulher por mais de meio ano. Agora ele se encontrava de volta à beira do Havel e do Spree, mas enterrado embaixo da terra, como uma toupeira. Em 17 de janeiro de 1945, um dia depois de sua chegada, Varsóvia foi tomada pelo Exército Vermelho. As tropas de Stálin aproximavam-se continuamente.

Last exit – o bunker do Führer

“I’ve seen the needle and the damage done. [...] Every junkie’s like a setting sun.”[*][433]

Neil Young

Em 30 de janeiro de 1945, exatamente doze anos depois da chamada tomada de poder pelos nacional-socialistas, o Exército Vermelho ergueu uma cabeça de ponte perto de Küstrin, a oeste do Oder, ameaçando diretamente Berlim. Na reunião sobre a situação no front, no mesmo dia, à qual se seguiu o último pronunciamento pelo rádio, Hitler mostrou-se mais uma vez eufórico.

Em 3 de fevereiro de 1945, 2.264 toneladas de bombas caíram sobre a capital do Reich e 22 mil pessoas morreram. O metrô foi atingido ao mesmo tempo em cinquenta lugares, assim como um trem suspenso, totalmente ocupado, na praça Belle-Alliance (hoje, Hallesches Tor), que acabava de

deixar a estação. O céu cintilava de vermelho-sangue e os sobreviventes apressavam-se através de nuvens densas de fumaça. Por algumas horas, uma grande faixa esvoaçante esteve pendurada na Estação Silesiana: “Queremos paz, de um jeito ou de outro”.^[434] A Academia Médica Militar na Invalidenstrasse, onde outrora Ranke pesquisara, ficou com o vigamento do telhado carbonizado, buracos nas janelas e crateras de bomba no campo esportivo. As cadeiras da sala de aula estavam totalmente queimadas. Só ficaram os restos enfumaçados dos muros. As sirenes tocavam permanentemente e os canhões antiaéreos atiravam; o inferno recomeçava continuamente e as pessoas permaneciam nas trincheiras para se proteger contra estilhaços.^[435] Onze dias depois, o centro de Dresden, onde centenas de milhares de refugiados se espremiavam, seria arrasado pelo céu.

Nesse meio-tempo, esvaziou-se de fato o estoque de drogas no bunker do Führer. Pelo menos esta seria uma explicação para o fato de os registros de Morell não mencionarem mais as substâncias antes tão apreciadas. Em 17 de fevereiro, ele anotou: “F. tentará passar sem calmantes”.^[436] Fora algumas ampolas com o preparado de fígado de parasitas feito em casa, parece que não havia mais nada disponível.^[437] Os sintomas que Hitler apresentou nessas semanas indicam abstinência: a tremedeira aumentou, o corpo decaiu. Faltou-lhe a conhecida força convincente em seu discurso final para os *Gauleiter*, em 24 de

fevereiro de 1945. Ele passou uma impressão deplorável para os convidados, curvado, babando. Ninguém mais levava a sério seus anúncios sobre as novas armas milagrosas da Marinha, as formações de pequenos combates de Heye, que ainda resultariam no grande milagre de uma virada na guerra. No mesmo dia, Morell escreveu para o Ministério do Interior do Reich, pedindo permissão para os esteroides fabricados por ele mesmo: dois preparados de glândulas suprarrenais e hipófise.^[438] O pedido fora da realidade não obteve resposta alguma. Um motivo possível para a insistência de Morell: como não se podia mais conseguir nada em Berlim, o médico tinha cada vez mais dificuldade em aviar as receitas para o paciente A. Seus cúmplices percorriam toda a cidade destruída: “Só na sexta farmácia (a primeira na estação do Zoológico) foi possível o preparo, para buscar amanhã. [...] Até mesmo para o campo central de saúde do Departamento Principal da SS está difícil conseguir remédios. A maioria sumiu por causa da destruição das fábricas pelas bombas”.^[439]

Morell estava passando pela pior situação para um traficante, o pecado capital dos fornecedores: subitamente não ter mais à disposição a substância habitual. “Faz 4-5 dias que o paciente está extremamente pensativo e transmite uma impressão cansada, de quem não dormiu. Ele tentará passar sem tranquilizantes”, comentou Morell, acrescentando preocupado: “O Führer está estranho comigo, lacônico, num tom aborrecido”.^[440] Esses fatos não se

constituem em prova, mas são indícios de que, no último trimestre de 1944, Hitler se tornou viciado em Eukodal – e continuava a almejar o anestésico. Nas últimas semanas no bunker embaixo da Chancelaria do Reich, ele nunca manifestou esse desejo explicitamente. Mas os indícios mostram que, gradualmente, passou a compreender o que permitira acontecer consigo mesmo e em qual beco farmacológico sem saída se encontrava.

O encerramento da luta final aproximava-se e Hitler havia perdido irrecuperavelmente seu *high*, seu êxtase de Führer; arrastava-se sob fortes dores e com grande esforço pelos corredores rebaixados das catacumbas, jogava a parte superior do corpo para a frente, puxava as pernas, caía para a direita, apoiava-se na parede fria e arrastava-se de volta do quarto para a sala de reuniões. Toda a sua energia de autoestilização havia sido apagada. Independentemente do motivo de não consumir mais Eukodal e nem morfina, que sempre estavam à disposição nas maletas médicas para o tratamento de feridos, na falta das drogas, restava apenas um invólucro de um homem cujo uniforme estava manchado de papa de arroz. Sem as substâncias às quais o organismo havia se ajustado, seu corpo não produzia mais endorfina. O metabolismo de dopamina e serotonina fora fortemente afetado. Não havia mais nenhuma sensação de bem-estar, nenhuma proteção contra o mundo externo ameaçador. Apenas absoluta suscetibilidade. Os muros de concreto ainda estavam lá, mas o bunker químico se dissolvera.

O Führer havia chegado definitivamente à realidade de sua guerra perdida. De uma só vez, tudo o sobrecarregou de modo mais intenso do que antes – tão despido, sem nenhum hormônio da felicidade, sem estímulo artificial. Eukodal o teria ajudado agora: em um segundo, ele iria da dor total para o paraíso total e às grandes sensações. Ele seria percorrido pela euforia, poderia reencontrar sua crença e motivar os outros a superar a guerra de forma vitoriosa. Mas não havia mais Eukodal para ele, e, sem o delírio, sobretudo as últimas reuniões em março e abril de 1945 acabaram sendo deprimentes e terríveis. Para Hitler, todos os generais pareciam querer enganá-lo o tempo todo. Parecia acontecer o que jamais poderia acontecer; a história repetia-se, o Exército não obedecia mais seu comandante em chefe e ele achava que havia sabotagem por toda parte: uma segunda punhalada. Hitler passou a gritar, gesticular, se enfurecer e esbravejar, contorcendo o rosto até a desfiguração. Só com agressão podia se defender dos traidores que farejava por toda parte.

Goebbels, que mal largava o chefe, falou abertamente do desmoronamento, confirmando que Hitler não se encontrava na constituição exigida para o momento. Nesse meio-tempo, o ministro da Propaganda reconsiderava os métodos de tratamento de Morell com críticas rudes: o corpo de Hitler estava trêmulo, pois teria sido continuamente dopado com pílulas e narcóticos. Algumas vezes, anotou, ele teria se perguntado se as injeções profiláticas, que tentariam

impedir qualquer doença já nos primeiros sintomas, não teriam sido uma espécie de exploração da saúde e da vida de Hitler, cujas consequências catastróficas se manifestavam agora.

Às 6h, depois da reunião noturna, o paciente A estava deitado totalmente esgotado e apático sobre o sofá, enquanto mexia ininterruptamente nas suas caixinhas vazias de pílulas, e tomado por um único pensamento, o de que logo chegaria a melhor refeição do dia: um bule de café e bolo, três pratos cheios. Açúcar como última droga: mais uma vez um derramamento insignificante de dopamina, mais uma vez uma pequena recompensa para a alma. Os olhos azuis antes tão hipnóticos miravam tristemente, e migalhas estavam penduradas nos lábios cor-de-rosa: uma ruína humana, coberta por uma pele flácida, devorando doces. O corpo sentia-se vazio, como se não existisse, e a temperatura mantinha-se permanentemente alta. Em seguida, entrava na cabine de oxigênio.

Olhar para Hitler provocava repulsa em todos e, no melhor dos casos, pena; todos o bajulavam permanentemente para se manter prestativos. Mas ele estava cada vez pior. Enquanto no passado todos os seguidores ficavam nervosos quando ele tossia ou assoava o nariz, agora ele estava perdendo o esmalte dos dentes, a mucosa bucal secava e seus dentes arruinados caíam. Irreversivelmente prejudicado pela neurotoxicidade, seu cérebro não recebia mais nenhum estímulo e bloqueara todos os receptores que

os transmissores pudessem ocupar – dessa forma, nada mais tinha efeito; era apenas uma repetição dos velhos círculos de loucura: o medo de perseguição, o pânico das pústulas vermelhas, dos judeus e dos bolcheviques. Passou a sofrer dores de cabeça terríveis. Com uma pinça dourada, passou a furar a pele amarelada com movimentos agressivos e nervosos, a fim de tirar as bactérias que supostamente teriam ultrapassado as fronteiras de seu corpo por meio das muitas injeções, penetrado em seu sistema e que agora o corroíam de dentro para fora. Morell tentou efetuar uma sangria na tentativa de oferecer algum alívio ao paciente, mas o sangue se tornara, devido às injeções gordurosas de fígado de porco e saturadas de hormônio, tão espesso como geleia e coagulava imediatamente; a medida fracassou, e Hitler sugeriu, num último acesso de humor macabro, que dava para preparar chouriço de sangue de Führer.^[441]

O paciente A ofegava deploravelmente nessa sua forte abstinência, tremia de cima a baixo de nervosismo, mastigava o ar, perdia peso e via seus rins falharem, assim como a circulação. Ele mal conseguia se concentrar. Uma ânsia torturante o afligia: uma sede insaciável de cada uma das células de seu corpo. Sua pálpebra superior inchou tanto que ele não podia mais enxergar de um olho, e ele passou a pressioná-lo e esfregar em volta. Mas “o Führer não quer usar uma proteção para o olho”.^[442] Só por pouco tempo ele deixava o bunker e arrastava-se para o jardim da Chancelaria do Reich, onde tropeçava sobre os destroços e era coberto

pelo vento empoeirado, como um manto da derrota. Retornava com esforço, comia de novo uma cuca partida em pedacinhos especialmente para ele. Sem dentes que funcionassem, comia o doce e acabava engolindo muito ar: os gases começavam. Todos jogavam alguma coisa lá dentro, na “máquina automática do Führer” que eles mesmos haviam criado, que eles mesmos haviam desenvolvido, e o robô quebrado agitava-se mais uma vez, fazia mais alguma coisa, dava algum comando militar inútil, vingava-se de alguém e pronunciava sentenças de morte contra colaboradores próximos, como Karl Brandt, seu antigo cirurgião de escolta, que havia caído em desgraça na guerra dos médicos.

Sebastian Haffner engana-se quando apresenta os relatórios sobre o declínio físico de Hitler no bunker embaixo da Chancelaria do Reich como “extremamente exagerados”.^[443] O certo é que eles não são precisos e suficientemente vastos, pois não consideram o possível momento da desintoxicação. Mesmo que seja difícil, devido à distância temporal e às falhas do material, fazer uma diagnose e comprovar sintomas de envenenamento, parece que Hitler se inquietava menos com a guerra mundial do que com o tormento físico que estava vivendo e que não cessaria até o seu suicídio.

Nessa época, o potentado ainda estava do lado de seu médico particular, e em 3 de março de 1945, quando fez uma última viagem para o front no pântano do Oder, proibiu a

participação de Morell por questões de segurança. O médico particular anotou, sem esconder o orgulho: “Pois ele me disse que eu estaria à mercê de ferimentos graves devido a acidentes ou aviões de baixa altitude. Se alguma coisa acontecesse comigo, ele não teria mais médico. [...] Para ele seria mais importante, quando estivesse fora, saber que me encontraria em casa, à sua espera”.^[444]

Mas por quanto tempo ainda haveria esse “em casa”? Em 7 de março os Aliados cruzaram o Reno na ponte de Remagen. No leste, Danzig caiu sob o domínio russo; no sul, Viena. Nesse momento, Morell tratava-o de maneira aleatória, ministrando vitaminas junto com tratamento com correntes galvânicas, contra danos nervosos gerais. O Führer, que nunca ousara entrar nas clínicas especializadas de sua capital, como a Charité, estava acabado, o que parece explicar sua última grande tentativa de destruição. Em 19 de março de 1945, ele deu o chamado “comando de Nero”, que dizia tudo sobre seu niilismo. Hitler ordenou nada menos do que a devastação total da Alemanha: “Todas as instalações militares de transportes, comunicações, indústrias e abastecimento, assim como bens materiais dentro do território do Reich, [...] devem ser destruídos”.^[445] Todas as eclusas, barragens, represas, pontes e portos deviam ser explodidos e todas as fiações elétricas, arrancadas; todos os bancos e os monumentos culturais ainda restantes deviam ser arrasados. Não se chegou, por falta de recursos, a uma realização completa dessa última aberração do ódio. O Reich

alemão consumira definitivamente suas forças destrutivas – também esgotados estavam os estoques do armário de remédios de Hitler.

Em 8 de abril Morell informou a seu paciente que também não havia mais nenhuma barrinha de Vitamultin. Tudo o que restara passou a ser injetado: substâncias obscuras como Strophantose I e II, Benerva forte, Betabion forte, Omnadin – estoques eram requeridos apressadamente. Substâncias das quais nunca ninguém ouvira falar foram de repente injetadas a cada dois dias, fizeram carreira nessa fase tardia e foram jogadas, em meio à tempestade farmacológica, para o front bioquímico, como aqueles jovens de catorze anos, ainda escolares, para operar os tanques antiaéreos.

Em 16 de abril iniciou-se o ataque direto a Berlim. Quatro dias depois, o paciente A comemorou seu último aniversário. As mãos de Morell tremiam tanto que ele falhou na injeção de aniversário. O médico assistente Stumpfegger precisou aplicar o que o armário de produtos tóxicos ainda oferecia: “Strophantose, Betabion forte intravenoso, mais Harmina”^[446] – o último é um alcaloide da arruda da estepe. Além disso, houve um presente desesperado de Morell, para ingestão oral: “Juntei fígado às cápsulas do coração para alcançar um forte efeito estimulante”.^[447]

A demissão

“Vou deixar bem para trás todos os homens da história.
Quero ser o maior, mesmo que para tanto morra o povo
alemão!”^[448]

Adolf Hitler para Theo Morell

No dia seguinte, quando os russos atacaram o centro da cidade com “órgãos de Stálin”, aconteceu a demissão do médico particular. Para que servia um traficante que não tinha mais drogas e estava tão acabado que nem conseguia mais aplicar uma injeção? “O senhor acha que sou louco?”, disparou Hitler contra o boquiaberto Morell, que o visitava com uma bandeja, sobre a qual estava uma injeção de cafeína, arranjada em algum lugar. “O senhor provavelmente quer me dar morfina”, esbravejou Hitler. Quando Morell protestou, seu paciente pegou-o pela gola e vociferou: “Vá

para casa, tire seu uniforme de médico e faça como se nunca tivesse me visto!”.[449]

Um conselho absurdo, pois Schwanenwerder havia sido bombardeada, a janela de seu consultório na Kurfürstendamm estava tapada com papelão, e a divisória da sala de espera, destruída. Depois de ajoelhar-se um curto período aos pés de Hitler, quando este ameaçou mandar matá-lo, o médico gordo deixou o bunker com uma pressa quase cômica, subiu, com problemas cardíacos e falta de ar, os 37 degraus e entrou num dos últimos carros de serviço disponíveis, chorando como uma criança. Às 14h partia um avião Condor dentro do qual estava, totalmente arrasado, o médico expulso. A aeronave voou baixo sobre as linhas russas e vilarejos em chamas; perto de Partenkirchen, com a ajuda de faróis e tanques antiaéreos, atravessou a linha de frente americana e, depois de alguma procura, aterrisou numa pista de pouso aproveitável na base aérea de Neubiberg, no sul de Munique.

O objetivo de Morell era chegar à localidade de Bayerisch Gmain, na região de Berchtesgaden, para onde ele evacuara seu laboratório de pesquisa. Lá, durante alguns dias, ele agiu como se tudo estivesse em ordem; cuidou da correspondência como um maníaco, ocupou-se de seus negócios farmacológicos arruinados, tentou fazer funcionar seu semimontado microscópio eletrônico – presente de Hitler –, conversou com o último funcionário que restara e, já quase enlouquecido, escreveu ao Ministério da Fazenda, pedindo a

prorrogação do prazo para a entrega de sua declaração de renda, de imposto sobre entidades coletivas e de contribuição industrial, “pois, devido às dificuldades pessoais por causa da guerra, não conseguimos finalizar nosso balanço”.^[450]

O veneno final

“Não faço mais nenhuma política. Isto me enoja tanto.”^[451]

Adolf Hitler

Também Göring se safara para o sul da Alemanha, metido num disfarce ridículo, que rebentava pelas costuras. Se era para cair nas mãos de alguém, que fosse nas dos americanos e não nas dos soviéticos. Fazendo uma alusão à incapacidade de ação de Hitler, ele enviou um telegrama da Baviera para o bunker, no qual sublinhava suas ambições de suceder o Führer. Hitler ficou furioso com o seu representante, acusando-o de fraqueza e traição: ele já sabia, fazia tempo, que Göring seria um morfinômano^[*] – e exonerou-o de todas as posições e cargos.

Em 27 de abril Hitler distribuiu cianeto de potássio para seus seguidores, lamentando com uma voz rouca não poder oferecer-lhes algo melhor. A mulher de Goebbels, Magda,

usou primeiramente seis das cápsulas em seus seis filhos. O paciente A mandou envenenar o cão Blondi, como teste. Ele ainda não queria se matar. Em seu testamento político, que mal conseguiu assinar, pois os dedos tremiam, aquele que morria por suas próprias drogas ainda incitou mais uma vez contra os judeus, tentando jogar-lhes toda a culpa e chamando-os de “envenenadores do mundo”.

Enquanto isso, na frente do estádio olímpico, metanfetamina era distribuída para as crianças, para que não borrassem as calças diante dos tanques que avançavam e da artilharia pesada do Exército Vermelho. Como dote da manhã, o grande almirante Dönitz enviou para Berlim uma carta de lealdade ao “maior comandante de todos os tempos”, assim como uma leva de novos recrutas da Marinha, na verdade condenados à morte por não terem sido treinados para combates urbanos. Localizado no centro da cidade, o bunker logo ficou no epicentro dos combates, que se aproximavam de todos os lados. Em todo canto explodia ou implodia alguma coisa. Paredes tremiam sob os impactos. O chão do jardim da Chancelaria do Reich, onde já havia muito tempo Hitler não ousava mais tomar ar, estava cada vez mais estragado. Se os tiros cessassem por um tempo, então algo queimava ou desabava em seu lugar, levantando pó, enquanto uma tempestade de fogo lançava para o alto chamas e fumaça.

O declínio não se consumava num lugar silencioso. Era um inferno e o fim de um pesadelo, uma fase de loucura que

durara doze anos, na qual homens temeram a realidade, tentaram continuamente escapar dela e, exatamente por isso, tornaram realidade seus piores pesadelos. Os bacilos imaginados devoravam Hitler nas últimas horas. Durante toda a sua vida ele tentara eliminá-los, sem sucesso. Agora planejava um suicídio duplo. Ele explicara o problema intensivamente para o seu círculo mais estreito: o que fazer se a mão tremer demais no momento do disparo? Ele, que provocara tanta coisa terrível, fugiria agora da responsabilidade, e, como não havia mais Eukodal à mão para um tiro de misericórdia, ele escolheu o chumbo. Só o revólver é mais forte do que a agulha. Apressadamente ainda foi consumado o casamento com Eva Braun, que viajara da casa da montanha para a “cidade sitiada”,^[452] como Hitler escrevera de forma patética em seu testamento pessoal. Após a fantasmagórica cerimônia de casamento, foi servido espaguete com molho de tomate, cianeto de hidrogênio de sobremesa e um tiro na cabeça com uma Walther de 6.35 mm.

Em 30 de abril de 1945, por volta das 15h30, o paciente A morreu de seu próprio sistema de fuga da realidade, dopado com uma mistura tóxica, com sua tentativa irrevogável, desde o início condenada ao fracasso, de reduzir o mundo a cinzas, num êxtase total. País das drogas, da fuga do mundo e do *Weltschmerz* [dor de mundo, melancolia pelas coisas do mundo], a Alemanha procurava o superviciado. E encontrou-

o, no seu momento mais tenebroso, na figura de Adolf Hitler.

A implosão de Morell

Quando a morte de Hitler foi anunciada, por todo canto no Reich compatriotas obedientes seguiram-no no suicídio. Era o que a honra exigia – ou o medo das consequências. Em Neubrandenburg, por exemplo, houve mais de seiscentos suicídios espontâneos; na cidadezinha de Neustrelitz, 681 – mais de 100 mil em toda a Alemanha. Trinta e cinco generais do Exército, seis marechais do ar da Força Aérea, oito almirantes da Marinha, treze generais da Waffen-ss, cinco generais da polícia, onze dos 43 *Gauleiter*, líderes da Gestapo, do Departamento de Segurança do Reich e vários altos oficiais da ss e da polícia: todos fugiram da realidade e se deixaram levar por seu Führer uma última vez. Em 8 de maio de 1945, a Wehrmacht capitulou. Sob os efeitos de drogas, alguns nadadores de combate das *K-Verbände* de Heye não perceberam nada e ainda agiram, num delírio

total, durante quatro dias e noites, até 12 de maio, numa guerra que não existia mais.^[453]

Em meados de maio de 1945, Theo Morell foi descoberto por uma repórter do *The New York Times* em seu esconderijo na Baviera. Sob o título “Doctor Describes Hitler Injections”, seu artigo foi publicado alguns dias mais tarde. Logo depois o médico particular foi preso pelos americanos em Bad Reichenhall, cativo que duraria quase dois anos. Nos muitos interrogatórios, Morell falou de forma desconexa, se contradisse frequentemente, caiu em longo silêncio e numa profunda depressão. Tudo o que ele acumulara, o império farmacológico de um único homem, estava destruído; ao contrário de muitos outros, Morell não conseguiria a transformação para um novo tempo.

Seus interrogadores acabaram descobrindo pouco sobre Hitler; também não puderam provar crimes de guerra contra aquele médico totalmente enfraquecido, que ficava encostado apaticamente em sua cela e sofria de impulsos paranoicos, nos quais acreditava ainda ver Himmler atrás dele, como na guerra dos médicos. Tê-lo como testemunha nos processos de Nuremberg também estava fora de questão. De sua boca mal saía uma frase compreensível, além de “gostaria de não ser eu”.^[454] No começo do verão de 1947, os americanos libertaram aquele prisioneiro desajeitado e doente do coração, deixando-o em frente à estação central de Munique. Outrora um homem poderoso, com bastões de Esculápio dourados entre os distintivos, Morell acorou-se

sobre o asfalto em seu casaco puído e sem sapatos, até que uma enfermeira da Cruz Vermelha, meio judia, teve pena e o levou para um hospital no lago de Tegern, onde morreu em 26 de maio de 1948.

Arbeitsplatz:

BEICHSHANZLEI
BERLIN 970-86 CIC Personalbogen

1. Name

Dr. MORELL

Zu-(Familien-)name

THEODOR

Vor-(Tauf-)name

2. Andere von Ihnen benutzte Namen oder solche, unter welchen Sie bekannt sind:

GILBERT

3. Geburtsdatum 22. 7. 86

4. Geburtsort TRAIS-MÜNCHEN

5. Größe 176 cm

6. Gewicht 90 kg

7. Haarfarbe

SCHWARZ

8. Farbe der Augen

GRAU

9. Narben, Geburtsmale oder Entstellungen

HYPOSPADIE (ANGEBOREN)

10. Gegenwärtige Anschrift:

UNTERS. GEFANGNIS

(Stadt, Straße und Hausnummer)

11. Ständiger Wohnsitz

BERL. KURFÜRSTEND. 216

(Stadt, Straße und Hausnummer)

12. Art der Ausweiskarte

ÄRZTER, Nr. KEIN

13. Wehrpaßnummer

NEIN

14. Reisepaß-Nr.

NEIN

15. Staatsangehörigkeit

DEUTSCH

16. Falls naturalisierter Bürger,

geben Sie Datum und Einbürgerungsort an

NEIN

17. Aufzählung aller Ihrerseits oder seitens Ihrer Ehefrau oder Ihrer beiden Großeltern innegehabten

Adelstitel

KEINE

18. Religion

19. Welcher Kirche gehören Sie an?

EVANGEL.

20. Haben Sie offiziell oder inoffiziell Ihre

Verbindung mit einer Kirche aufgelöst?

NEIN

21. Falls ja, geben Sie Einzelheiten und Gründe an

NICHT BETREFF.

22. Welche Religions-

angehörigkeit haben Sie bei der Volkszählung 1939 angegeben?

EVANG.

23. Führen Sie alle Ver-

gehen, Übertretungen oder Verbrechen an, für welche Sie je verurteilt worden sind, mit Angaben des

Datums, des Orts und der Art

AUFOSCHNELLE (GOTHA)

24. Waren Sie vom Militärdienst zurückgestellt?

JA

25. Falls ja, geben Sie die genauen Um-

stände an

LEIBARZT HITLERS

26. Waren Sie Generalstäbler?

NEIN

27. Wann?

N. BETR.

28. Waren Sie NS.-Führungsoffizier?

NEIN

29. Wann

und in welchem Truppenverband?

NICHT BETR.

30. Haben Sie in der Militärregierung oder Wehrkreisverwaltung irgendeines der von Deutschland be-

setzten Länder, einschließlich Oesterreich und Sudetenland, gedient?

NEIN

31. Falls ja, geben Sie

Einzelheiten über Ihre Ämter und Pflichten sowie Ort und Zeitdauer des Dienstes an:

NICHT BETR.

“Local de trabalho: Chancelaria do Reich”...

32. Sind Sie berechtigt, militärische Orden oder andere militärische Ehrenauszeichnungen zu tragen?
 Falls ja, geben Sie an, Wann verliehen wurde, das Datum, den Grund und Anlaß für die Verleihung. **UNGEFAHR 15 AUSZEICHN.**

33. In der folgenden Liste ist anzuführen, ob Sie Mitglied einer der angeführten Organisationen waren und welche Ämter Sie darin bekleideten.

	1 ja oder nein	2 von	3 bis	4 Nummer	5 Höchstes Amt oder höchster Rang	6 Antritts- datum
34. NSDAP.	JA	1933	ENDE ?		LEIBARZT	
35. Allgemeine SS.					LEIBARZT	
36. Waffen-SS.						
37. Sicherheitsdienst der SS.						
38. SA.					LEIBARZT	
39. HJ. einschl. BdM.						
40. NS-Frauenschaft						
41. NSKK.						
42. NSFK.						
43. Gestapo						
44. Geheime Feldpolizei						
45. RSHA						
46. KRIPO						
47. RAD						

48. Sind Sie jemals zu einem Schweigegebot für eine Organisation verpflichtet worden? **NEIN**

49. Falls ja, geben Sie die Organisation und Einzelheiten an
NICHT BETREFF.

50. Waren Sie seit 1933 Mitglied einer verbotenen Oppositionspartei oder -gruppe? **NEIN!**

51. Welcher? **NICHT BETREFF.** 52. Seit wann? 53. Jeglicher Dienst in militärischen, militärähnlichen, polizeilichen, Gesetzvollzugs-, Schutz-, Aufklärungs- oder Luftschutzdiensten, wie z. B. der Organisation Todt, der Technischen Nothilfe, den Stoßtrupps, Werkscharen, dem Bahnschutz, Postschutz, Funkschutz, Werkschutz, der Land- und Stadtwacht, Abwehr, des SD., der Gestapo und ähnlichen Organisationen. **1) LUFTSCHUTZ**

Die auf diesem Formular gemachten Angaben sind wahr und ich bin mir bewußt, daß jegliche Auslassung oder falsche und unvollständige Angabe ein Vergehen gegen die Verordnungen der Militärregierung darstellt und mich der Anklage und Bestrafung aussetzt. **ANDERE BEWEISE NICHT IM MOMENT**

Eigenhändige Unterschrift: **Georg Haider** Datum: **1. 4. 45.**

Bescheinigung des unmittelbaren Dienstvorgesetzten
 Ich bescheinige hiermit die Richtigkeit obigen Namens und obiger Unterschrift. Mit Ausnahme der nachfolgenden Punkte sind die in diesem Personalbogen gegebenen Antworten meines besten Wissens und Gewissens und im Rahmen der mir zur Verfügung stehenden Auskunftsmöglichkeiten richtig. Ausnahmen: (Das Wort „keine“ ist einzufüllen, falls solche nicht vorhanden sind).

Georg Haider, Wachtm. d. Hilfspolizei, Reichenhall.

Beglaubigung der Unterschrift:

Eigenhändige Unterschrift: *W. J. Morell* Amtsstellung: *Stellvertreter* Datum: *1.8.45*

... Registro de Morell após sua prisão, agosto de 1945.

O delírio milenar

Na eterna querela dos historiadores, sobre se o lado pessoal de uma figura histórica é relevante do ponto de vista histórico ou se o que importa são as relações, diante das quais grandes heróis, perdedores ou criminosos agem como fantoches substituíveis, os dois lados devem ter razão. Já o ateniense Tucídides, considerado pai da historiografia, falara da diferenciação entre motivos estruturais e razões individuais, que incluem a natureza da pessoa como causa de acontecimentos importantes.^[455] De fato, as duas coisas aparecem no abuso de substâncias sistêmico e pessoal de Hitler. Isso torna seu caso tão complicado... e tão interessante. Se aqui examinamos o consumo de drogas do suposto abstinente, não foi para procurar escândalos numa abordagem íntima. Como escreve Sebastian Haffner: “Os erros que ele cometeu tinham suas raízes, em sua maioria, nos erros que ele *tinha*”.^[456] No referente a Hitler e ao

Terceiro Reich, o mais expressivo não foi a fase final do bunker em Berlim, na primavera de 1945 – o declínio –, mas sim os meses politoxicômanos depois do atentado de 20 de julho de 1944: a autoeliminação.

Apesar de todas as tentativas de desviar o olhar do pessoal para a estrutura, até hoje percebemos o ditador alemão como um símbolo de como a vontade e a força de um único homem puderam formar a história. Seu aparato de propaganda já havia celebrado esse feito: uma encenação que funcionou por muito tempo, por tempo demasiado. Pois as realidades sociais que determinaram o destino das pessoas e também a evolução da guerra mundial, já haviam chegado às veias de Hitler desde o outono de 1941 e exerciam uma influência sobre ele, a partir do interior. Foi realmente assim: a Alemanha atacou a União Soviética só porque Hitler queria, só porque uma única pessoa colocara isso na cabeça. Mas também essa única pessoa era fruto de sua época. Analisando sob esse ângulo, é proveitoso confrontar-se com a desconstrução do sujeito Hitler, que se tornava cada vez mais dependente de seus fornecedores. Lá estava uma figura agarrada às drogas, a fios variados. Assim como levou o mundo para o declínio, Hitler tornou-se produto de uma época química moderna, junto com seu contraditório “combate às drogas”.

Se a tese central é a de que as drogas no Terceiro Reich foram usadas como potencial de mobilização artificial, para compensar a motivação diminuída com o tempo e manter

uma classe dominante capaz de funcionar, precisamos salientar que esse que é o capítulo mais sombrio de nossa história não descarrilou de tal forma só por causa do consumo de muitas substâncias que provocavam dependência. Elas apenas fortaleceram o que já estava destinado. Talvez este livro contribua, assim, para que o mundo pervertido do Terceiro Reich, que perdeu tão amplamente o contato com uma realidade digna de ser vivida e que criou tanto sofrimento, seja mais bem compreendido.

NOTAS

- 385 Wagner, Richard. *Tristan und Isolde* (estreia, 1865), 3^o ato, 1^a cena (Kurwenal).
- 386 Luck, Hans von. *Mit Rommel an der Front* – 3^a edição. Hamburgo, 2006, p. 103.
- 387 Härtel-Petri, Roland. *Crystalspeed-Crystal-Meth – Kristallines N-Methamphetamin, eine kurze Einführung*. Bezirksklinik Hochstadt, p. 50. Ver também: Klee, H. (editor). *Amphetamine Misuse: International Perspective on Current Trends*. Amsterdã, 1997, pp. 181-197.
- 388 Depois do final da guerra, mal se falou sobre problemas relativos aos vícios. Os efeitos sobre a sociedade dos anos 1950 foram estudados apenas parcialmente. Ver, por exemplo, o filme *Cupido não tem bandeira*, de Billy Wilder, que se passa em Berlim, no qual o executivo da Coca-Cola C. R. MacNamara, papel desempenhado por James Cagney, toma com café “só dois Pervitins. Hoje vai ser um dia cansativo”.
- 389 Landesarchiv-Berlin, A. Rep. 250-02-09 Temmler.

- 390 Barch-Berlin R86/4265: em 17.1.1944, foi dada à firma Temmler uma nova permissão para a produção de Pervitin. Ver também, nesse contexto, a carta do paciente Gorrissen para Morell, de 8.11.1944, que joga uma luz sobre o clima entre os idosos no Estado nacional-socialista. “Para mim é mesmo importante uma revigoração geral. Sempre que quero descer para a cidade, por exemplo, para fazer compras (ou, mais importante ainda, quando tenho que voltar subindo, por doze minutos!), costumo tomar entre meio e um comprimido de Pervitin, que estimula muito um corpo cansado – mas que não devemos consumir tão frequentemente, pois assim nos tornamos ‘viciados’, como explica o médico da delegacia de saúde. O senhor pode imaginar que não é nada agradável vegetar hoje como um velhote, ao mesmo tempo que me sinto mentalmente no auge e me lembro da considerável capacidade de ação de dez anos atrás.” National Archives Microfilm Publication T253/38.
- 391 Barch-Freiburg RH 12-23/1930. A agenda do encontro é expressiva: “9h30: ‘Síntese e obtenção química de substâncias de aumento do rendimento, sobretudo de cafeína e Pervitin’, prof. dr. Schlemmer, Instituto Farmacêutico da Universidade do Reich de Estrasburgo. 10 h: ‘A farmacologia de substâncias de aumento do rendimento’, dr. Brock, médico do Estado-Maior, da Academia Médica da Força Aérea em Berlim. 10h20: ‘O uso clínico de substâncias de aumento do rendimento’, médico-chefe e prof. dr. Uhlenbruck”.
- 392 Barch-Freiburg RH 12-23/1611, dr. Soehring, médico do Estado-Maior, “Verwendung von Morphin-Pervitin ber Verwundetentransporten” [uso de morfina e Pervitin no transporte de feridos], 23.11.1944, assim como a citação seguinte.

- 393 “Interrogation report on one German Naval PW”, in: Entry 179, Folder 1, N 10-16, RG NO. 165, Stack Area 390, Box 648, National Archives at College Park, MD.
- 394 OK W 829/44. Geh., citado por Pieper, op. cit., p. 142.
- 395 Whitman, Walt. *Specimen Days & Collect*. Filadélfia, 1883, p. 80.
- 396 Below, op. cit., p. 366.
- 397 Nöldeke, Hartmut, e Hartman, Volker. *Der Sanitätsdienst in der deutschen U-Boot-Waffe*. Hamburgo, 1996, p. 211.
- 398 Em Carnac, Orzechowski também encontrou Ranke em outubro de 1942. Não se sabe o que os dois discutiram. No que se refere ao Pervitin na fase final da guerra, Otto Ranke mal aparece, tendo se voltado para outros temas da fisiologia militar. Depois da guerra tornou-se professor de Fisiologia na Universidade de Erlangen, onde morreu em 1959 de uma doença cardíaca. Em seu necrológio, publicado na *Klinische Wochenschrift* (vol. 38, cad. 8, 1960, pp. 414/415), a palavra “Pervitin” não aparece.
- 399 Barch-Freiburg N906, diário de guerra não publicado de Armin Wandel, 26.2-12.4.1944.
- 400 Idem.
- 401 Bekker, Kajus. *Einzelkämpfer auf See – Die deutschen Torpedoreiter, Froschmänner und Sprengbootpiloten im Zweiten Weltkrieg*. Oldenburg e Hamburgo, 1968, p. 160f.
- 402 Barch-Freiburg N906, do “Bericht über Gesundheitslage des Kdo.d.K. und Hygiene des Einzelkämpfers” [relatório sobre a situação da saúde no comando das formações de pequenos combates e da higiene dos combatentes individuais], assunto secreto. Listados como alimentos estão: “sanduíche de pão branco, broa de mel, chocolate, glucose, algumas frutas, café quente em garrafas térmicas; para o *Seehund*, adicionalmente

conservas de carne”. Objetivo da alimentação com poucas fibras: “[...] para que seja evitada a vontade de defecar, mesmo com o consumo suficiente de calorias”.

403 Barch-Freiburg RM 103-10/6, diário médico de guerra do comando das formações de pequenos combates, 1.9.1944-30.11.1944, do dr. Richert, p. 5, registro de 11.10.1944, assim como as quatro citações seguintes.

404 De qualquer maneira, o almirante Heye não tinha problemas em utilizar os resultados das experiências humanas em campos de concentração. Ele assumiu do professor Holzlöhner, responsável em Dachau pelas cruéis “experiências no frio” com prisioneiros, sugestões para a melhoria da vestimenta de inverno de seus nadadores de combate, “de forma que também fossem possíveis ações em água com baixa temperatura. Como o prof. Holzlöhner possui conhecimentos especiais na questão de como impedir o resfriamento, buscamos seu conselho a respeito”. Barch-Freiburg, RM 103-10/6, diário de guerra de Richert, registro de 23.10.1944.

405 Ver também: Sudrow, Anne. *Der Schuh im Nationalsozialismus – Eine Produktgeschichte im deutsch-britisch-amerikanischen Vergleich*. Göttingen, 2010, p. 511ff.

406 Gottfried, Claudia. “Konsum und Verbrechen – Die Schuhprüfstrecke im KZ Sachsenhausen”, in: *LVR-Industriemuseum Ratingen, Glanz und Grauen: Mode im “Dritten Reich”*. Ratingen, 2012, p. 48.

407 Barch-Freiburg RM 103-10/6, diário médico de guerra do comando das formações de pequenos combates, 1.9.1944-30.11.1944, do dr. Richert, registro de 16 a 20.11.1944, assim como o relato de Richert sobre as experiências em Sachsenhausen.

408 Nansen, Od. *Von Tag zu Tag. Ein Tagebuch*. Hamburgo, 1949, p. 228.

- 409 Barch-Freiburg RM 103-10/6, diário médico de guerra do comando das formações de pequenos combates, 1.9.1944-30.11.1944, do dr. Richert, registro de 16 a 20.11.1944, assim como o relato de Richert sobre as experiências em Sachsenhausen. Várias citações nesse fragmento.
- 410 “Interrogation report on one German Naval PW”, op. cit., p. 12.
- 411 A cada missão bem-sucedida era acrescida uma linha vermelha na barbatana.
- 412 Nöldecke, op. cit., p. 214ff, assim como as duas citações seguintes.
- 413 Ibidem, p. 216ff.
- 414 Barch RM 103/11, mensagem pelo rádio de Heye, de 3.4.1945.
- 415 US-Report prepared by A. H. Andrews Jr., Lt Cdr. (MC) USNR, and T. W. Borecker Lieut. USNR, in: RG No. 319, Stack Area 270, IRR Files, Box 612, National Archives at College Park, MD.
- 416 Localizado nos portões da capital bávara, Dachau foi o primeiro campo de concentração erguido na Alemanha, em 1933. Ali, desde o início, a “conduta sanitária” nacional-socialista misturou-se com o racismo biológico. Nada simbolizou tal orientação de forma mais evidente do que o “Instituto para o Estudo de Plantas Medicinais e Nutrição”, que Himmler, chefe da SS, mandou instalar naquele lugar. Nesse que foi o maior jardim de ervas da Europa, os prisioneiros do campo precisavam cultivar, num espaço de 200 hectares e sob diretrizes biodinâmicas, todas as drogas vegetais e ervas medicinais das quais a Alemanha necessitava para a guerra. Praticamente toda a demanda de substâncias medicinais e naturais e de temperos para a Wehrmacht e a SS foram cultivadas, colhidas, secas e embaladas em Dachau. Mais uma vez tratava-se da independência da importação, como confirmou o diretor do Departamento Central de Saúde Pública: “O forte consumo de substâncias medicinais vegetais na guerra exige uma

organização que esteja, no momento, apta a substituir a falta dos medicamentos vindos do exterior”. Campos de gladiolo forneciam vitamina C e mesmo um substituto de pimenta foi cultivado – Himmler o denominava, com orgulho, “pimenta de Dachau”. Como explicou Rudolf Höß, que a partir de 1936 atuou como chefe dos relatórios no campo de concentração de Dachau e se tornou em 1940 comandante do campo de Auschwitz, o objetivo era “dissuadir o povo alemão de temperos estrangeiros prejudiciais à saúde e de remédios artificiais e incentivar o consumo de temperos inofensivos e saborosos e ervas medicinais naturais [...]” (Pieper, op. cit., p. 282). Tudo o que era alemão deveria se tornar mais saudável – tudo o que era não alemão, eliminado. O serviço na “plantação” de Dachau era tido como uma unidade de trabalho pesado. Conectado à área principal do campo, o areal era controlado rigorosamente, havendo sempre ataques violentos. Sobretudo padres poloneses eram mandados para esse trabalho forçado; as ervas brotavam, por assim dizer, no sangue. Para Himmler, o “jardim de ervas” de Dachau compunha um pilar para o império econômico em direção ao qual ele queria ampliar a ss: pesquisa e produção a partir do aproveitamento total das possibilidades inesgotáveis de exploração do sistema do campo deveriam tornar sua organização terrorista um global player – e ele, um CEO. Nisso estavam inclusas várias empresas sanitárias da ss, como o “Centro Experimental Alemão para Nutrição e Alimentação S.A.”, “Casa de Repouso para o Bem-Estar e Modo de Vida Natural S.A.” ou “Medicamentos Alemães S.A.”, assim como o controle do mercado de água mineral na Europa, e em Dachau, além da produção de temperos e remédios naturais, os testes medicinais em pessoas. Esses eram conduzidos no campo, sobretudo pela Força Aérea, para descobrir em qual altitude o organismo entraria em colapso – e como sobreviver a quedas em

água marinha gelada. Prisioneiros eram submetidos a câmaras de pressão que simulavam altura e eram submergidos em banhos gelados. Também aconteciam experiências bioquímicas para o tratamento de infecções por ferimentos, assim como testes de malária; estes últimos deveriam reverter para os camponeses alemães nos territórios no sul da União Soviética, na Crimeia e no Cáucaso. Também os testes com medicamentos faziam parte dessa prática de tortura, legitimada de forma pseudocientífica.

417 Já em 1938, o professor Ernst Holzlöhner, que chefiou a partir de 1942 os testes com o frio para a Força Aérea, testou em prisioneiros os efeitos de narcóticos e venenos de combate sobre o sistema nervoso. Pervitin também foi empregado para esclarecer, entre outras coisas, como o uso “afeta o organismo nos saltos de paraquedas”. (Mitscherlich, Alexander, e Mielke, Fred. *Medizin ohne Menschlichkeit. Dokumente des Nürnberger Ärzteprozesses*. Frankfurt, 1978, p. 28.)

418 Canetti, Elias, op. cit., p. 317.

419 Harvard University/Francis D. Countway Library of Medicine/Henry K. Beecher Papers/ H MS c64/Box 1, U.S. Naval Technical Mission in Europe: Technical Reports no. 331–345, assim como a citação seguinte.

420 As experiências em Dachau feitas pela Força Aérea formaram o capital básico que Hubert Strughold usou como garantia nas suas negociações com os americanos. Na “Operation Paperclip”, ele se tornou, ao lado de Wernher von Braun – que projetara o foguete V2, protótipo do míssil de cruzeiro –, um dos pioneiros do programa espacial americano, assim como do desenvolvimento dos foguetes Pershing-II, que no final dos anos 1980 decidiram a Guerra Fria em favor dos Estados Unidos.

421 Picker, Henry (ed.). *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier*. Munique, 2003. Citado por Pieper, op. cit., p. 270.

- 422 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 9 e 10.12.1944.
- 423 Ibidem, registro de Morell, de 8 e 9.12.1944.
- 424 Ibidem, registro de Morell, de 11.12.1944.
- 425 Citado por Schmölders, Claudia. *Hitlers Gesicht: eine physiognomische Biographie*. Munique, 2000, p. 210.
- 426 Shirer, William L. *Aufstieg und Fall des Dritten Reiches*. Colônia/Berlim, 1971, p. 997.
- 427 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 11.12.1944.
- 428 Ibidem, registro de Morell, de 19.12.1944.
- 429 Ibidem, registro de Morell, de 31.12.1944.
- 430 Goebbels, Jospheh, in: *Das Reich – Deutsche Wochenzeitung*, 31.12.1944, editorial, p. 1f.
- 431 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 2.1.1945.
- 432 Pieper, op. cit., p. 103.
- 433 Young, Neil. “The Needle and the Damage Done.” *Álbum Harvest*, 1972.
- 434 “Conditions in Berlin, March 1945”, in: SIR 1581-1582, RG No. 165, Stack Area 390, Row 35, Box 664, P. 1. National Archives at College Park, MD.
- 435 Fischer, Hubert. *Die militärärztliche Akademie 1934-1945*. Osnabrück, 1985 (1975), p. 23.
- 436 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 17.2.1945.
- 437 Estas não estavam livres de problemas, como Morell admitiria; ver anotação da conversa de 22.2.1945: “Informação de que o novo preparado de fígado em todas as ampolas testado em Ölmütz é tóxico. Distribuição impossível”. Também um telegrama de Morell para a fábrica de tinta de Kosolup, de 18.3.1945, usa uma linguagem clara: “Verificação de ampolas em Olmütz mostrou-as inteiramente inutilizáveis, pois não haviam sido

esterilizadas, tornando-se tóxicas. Não empregá-las de jeito nenhum. Prof. Morell”. National Archives Microfilm Publication T253/39.

438 “[...] peço a autorização para comercializar o preparado Hypophysen-Total-Extrakt-Hamma. O preparado deve ser vendido em drágeas e ampolas.” Carta de Morell, de 24.2.1945, National Archives Microfilm Publication T253/35.

439 “At the beginning of 1945 the situation became somewhat tense with regard to alkaloids, the manufacturers being unable to produce sufficient quantities owing to the continual air raids”, dizia o registro de 10.4.1945, tirado de: 00660 Germany (Postwar) 1945-1949, Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs: Subject Files, 1916-1970, Record Group 170; National Archives at College Park, MD.

440 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 13 e 17.2.1945.

441 Bezymenskii, Lev. *Die letzten Notizen von Martin Bormann: ein Dokument und sein Verfasser*. Munique, 1974, p. 191.

442 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 22-23.3.1945.

443 Haffner, op. cit., p. 51. Apenas a expressão de sofrimento do ator Bruno Ganz, no filme alemão *A queda – As últimas horas de Hitler*, está exagerada, pois ela raspa na realidade. Quem apresenta de forma verossímil as dores físicas que realmente existem no processo de desintoxicação é o ator Damian Lewis, na série televisiva americana *Homeland*, quando ele, no papel do sargento Brody, morre mil mortes na desintoxicação, depois de uma temporada carregada de drogas na Venezuela.

444 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 5.3.1945.

445 *Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem Internationalen Militärgerichtshof Nürnberg*, 14. November 1945-1. Oktober 1946, Bd. 41. Munique, 1984, p. 430.

- 446 Barch-Koblenz N1348, registro de Morell, de 20.4.1945.
- 447 Carta de Morell ao seu químico Mulli, de 20.4.1945, citado por Schenck, *Patient Hitler*, op. cit., p. 50.
- 448 “Life History of Professor Dr. Med. Theo Morell”, p. 6, XE051008, National Archives at College Park, MD.
- 449 Long, Tania. “Doctor Describes Hitler Injections”, in: *New York Times*, 22.5.1945, p. 5. Correpondente a várias citações sobre a demissão de Morell.
- 450 Cópia de uma carta da firma Hamma para o Departamento das Finanças para Corporações, em Hamburgo, National Archives Microfilm Publication T253/39.
- 451 Hartmann, Christian. *Unternehmen Barbarossa: der deutsche Krieg im Osten 1941-1945*. Munique, 2011, p. 81.
- 452 Barch-Koblenz N1128, espólio de Adolf Hitler; testamento pessoal de Hitler.
- 453 Ver Bekker, op. cit.
- 454 Barch-Koblenz N1348, espólio de Theo Morell. Ver relatório de Karl Brandt sobre Morell, de 19.9.1945, p. 2.
- 455 Tucídides. *Der Peloponnesische Krieg*. Wiesbaden, 2010.
- 456 Haffner, op. cit., p. 97f.

POSFÁCIO DE HANS MOMMSEN: “Nacional-socialismo e a perda da realidade política”

Norman Ohler trata de uma dimensão até agora pouco considerada do regime nazista: o significado do emprego cada vez maior de estimulantes para a sociedade nacional-socialista. Neste livro, mostra-se claramente como a nação ordenada precisava da droga, em grandes quantidades, para funcionar. Dessa maneira, a motivação idealista propagada pelos nacional-socialistas é fortemente relativizada. O desmoronamento interior da ditadura, através do acesso acentuado a substitutos químicos que estimulassem, manifesta-se já nos anos anteriores à guerra. Norman Ohler fala de “nacional-socialismo em forma de pílula”.

Mas o grande mérito deste livro está na descrição da relação simbiótica entre Hitler e seu médico particular, Theodor Morell. As narrações são assoladoras, pois pela primeira vez foi encontrado um instrumentário que torna compreensíveis as ocorrências a partir do outono de 1941. Norman Ohler mostra, de forma impressionante, como o quartel-general do Führer se tornou cada vez menos capaz de comandar – e como Hitler acionou um processo de autoeliminação. Trata-se de uma exploração extremamente inquietante: como acontecimentos mundiais podem ser conduzidos por trivialidades medicinais. Assim como o povo tomava cada vez mais estimulantes, também a cúpula do Estado reagia com medicação cada vez maior à catastrófica situação geral. Quando a ideologia não foi mais suficiente, Hitler recorreu à muleta artificial para não sair do caminho tomado. Assim impôs-se, na fase decisiva entre o primeiro inverno da guerra, perto de Moscou, e a derrota em Stalingrado, a tendência de agir nos mundos artificiais da loucura. Tal comportamento levou a uma grave crise e, finalmente, à dissolução interior. É ao mesmo tempo emocionante e assustador ler aqui como Hitler perdeu sua capacidade pessoal de ação. A incapacidade crescente na cúpula de perceber as realidades militares e econômicas surpreende. É mérito de Norman Ohler ter descoberto, sem piedade, o reverso da condução alemã da guerra. Este livro muda o quadro geral.

AGRADECIMENTOS

“Os senhores sábios [...] não vão errar ao considerar minhas ideias completamente ridículas; e vão fazer ainda melhor, ignorando-as inteiramente, de forma elegante. Sabem por quê?

Porque dizem que não sou um especialista.”

Johann Wolfgang von Goethe^[*]

Na condição de romancista, a passagem para autor de livro histórico de não ficção foi um processo surpreendente, de modo algum natural, mas sempre alegre. Alguns companheiros, amigos e confidentes tiveram participação intensa no processo. Tudo começou com Alexander Krämer, que me contou que os nazistas teriam tomado muita droga e perguntou se isso não poderia ser assunto de um filme. Perseguimos essa ideia e, depois que Janina Findeisen propôs passar pelos arquivos a fim de pesquisar os

acontecimentos reais, a coisa ficou cada vez mais emocionante. Gostaria de agradecer sinceramente a todos os arquivistas em Berlim, Sachsenhausen, Koblenz, Marbach, Munique, Freiburg, Dachau e Washington. Também o historiador Peter Steinkamp inspirou-me cedo. Outro especialista, a quem quero agradecer particularmente, é Volker Hartmann, da Academia de Saúde do Exército Federal. Também aos meus outros leitores “cobaias”, Martina Aschbacher, Michael Dillinger, Frank Künster, Konrad Lauten e meu pai, Wolfgang Ohler, vão meus agradecimentos. Gostaria ainda de mencionar, entre os especialistas que me ajudaram, Winfried Heinemann, Peter Berz, Werner Berg e Gorch Pieken, diretor científico do Museu Militar Histórico do Exército Federal, em Dresden, e seu assistente Jens Wehner, assim como Hans Roth, que me mostrou os restos do Felsenest. De ajuda inestimável foram meu editor de texto Lutz Dursthoff, meu agente Matthias Landwehr e Helge Malchow, meu editor, que teve a ideia inicial de abordar o tema num livro de não ficção. E gostaria de agradecer, sobretudo, a Hans Mommsen, o grande especialista em história contemporânea e grande historiador, que me apoiou muito. De toda forma, algo ficou patente: um chamado livro de não ficção é um processo coletivo. Por isso agradeço sinceramente a todos que me ajudaram, aqui citados ou não.

*Norman Ohler, Sils-Maria,
no verão de 2015*

ANEXOS

Bibliografia

As fontes mais importantes deste livro são documentos não publicados. Arquivos liberados especialmente para esta pesquisa, materiais até agora inéditos e muitos relatos e atas de arquivos estatais alemães e americanos foram juntados a conversas com testemunhas e historiadores militares. Neste contexto, é preciso esclarecer que muitos documentos sobre alguns aspectos do Terceiro Reich ainda não podem ser consultados em arquivos londrinos, devido aos prazos para que entrem em domínio público. E em Moscou o acesso dos pesquisadores aos arquivos secretos da antiga União Soviética ainda é rigorosamente limitado.

Fontes inéditas

Ärztliches Kriegstagebuch des Kommandos der K-Verbände, 1.9.1944–30.11.1944, von Dr. Richert, Barch-Freiburg RM 103-10/6.

Ärztliches Kriegstagebuch des Kommandos der K-Verbände, Armin Wandel, Barch-Freiburg N906.

Ärztliches Kriegstagebuch des Kreuzers “Prinz Eugen”, 1.1.1942–31.1.1943, Bd. 2, Geheime Kommandosache – Ärztlicher Erfahrungsbericht über den Durchbruch des Kreuzers “Prinz Eugen” durch den Kanal in die Deutsche Bucht am 11.2.1942 bis 13.2.1942, Barch-Freiburg RM 92-5221/p. 58–60.

Ärztliches Kriegstagebuch Waldau, Chef des Luftwaffenführungsstabes: März 1939 bis 10.4.1942, Barch-Freiburg ZA 3/163.

Bericht über die Kommandierung zur Gruppe Kleist, 12.7.1940, Barch-Freiburg RH 12-23/1931.

Bericht über Gesundheitslage des Kdo.d.K. und Hygiene des Einzelkämpfers, Geheime Kommandosache, Barch-Freiburg N906.

Conditions in Berlin, March 1945, in: SIR 1581-1582, RG No. 165, Stack Area 390, Row 35, Box 664, P. 1. National Archives at College Park, MD.

Diário não publicado do inspetor de Saúde do Exército; Sanitätsakademie der Bundeswehr.

Espólio de Josphe Goebbels, Barch-Koblenz N1118.

Espólio de Theodor Morell:

- Barch-Koblenz N1348.
- Institut für Zeitgeschichte München: IfZ Arch MA 617.
- National Archives, College Park, MD, Microfilm Publication T253, Rolls 34-45.

Germany (Postwar) 1945-1949, in: Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs: Subject Files, 1916-1970, Record Group 170; National Archives at College Park, MD.

Giesing, Erwin, "Bericht über meine Behandlung bei Hitler", Wiesbaden, 12.6.1945, Headquarters United States Forces European Theater Military Intelligence Service Center: OI – Consolidated Interrogation Report (CIR), National Archives at College Park, MD.

"Hitler, Adolf – A Composite Picture", Entry ZZ-6, in: IRR-Personal Name Files, RG No. 319, Stack Area 230, Box 8, National Archives at College Park, MD.

"Hitler as Seen by His Doctors", No. 2, October 15, 1945 (Theodor Morell), assim como No. 4, November 29, 1945 (Erwin Giesing), National Archives at College Park, MD.

Institut für allgemeine und Wehrphysiologie, Barch-Freiburg, RH 12-23, sobretudo RH 12-23/1882 e RH 12-23/1623.

Interrogation Report on One German Naval PW, in: Entry 179, Folder 1, N 10-16, RG N°. 165, Stack Area 390, Box 648, National Archives at College Park, MD.

Landesarchiv-Berlin, A rep. 250-02-09 Temmler.

"Life History of Professor Dr. Med. Morell", XE051008, National Archives at College Park, MD.

Suchenwirth, Richard, “Ernst Udet – Generalluftzeugmeister der deutschen Luftwaffe”, Barch-Freiburg ZA 3/805.

Suchenwirth, Richard, “Hermann Göring”, Barch-Freiburg ZA 3/801.

Testamento de Hitler, Barch-Koblenz N1128, espólio de Hitler.

Waldmann, Anton: diário não publicado; Wehrgeschichtliche Lehrsammlung des Sanitätsdienstes der Bundeswehr.

Fontes impressas e documentos

“Bekämpfung der Alkohol- und Tabakgefahren: Bericht der 2. Reichstagung Volksgesundheit und Genußgifte”. Hauptamt für Volksgesundheit der NSDAP und Reichsstelle gegen den Alkoholund Tabakmissbrauch, Berlim-Dahlem, Reichsstelle gegen den Alkoholmissbrauch, 1939.

“Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg”, editado por Militärgeschichtlichen Forschungsamt, vol. 4: “Der Angriff auf die Sowjetunion”, Stuttgart, 1983; assim como vol. 8: “Die Ostfront 1943/44. Der Krieg im Osten und an den Nebenfronten”, Stuttgart, 2007.

“Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem Internationalen Militärgerichtshof Nürnberg, 14. November 1945 – 1. Oktober 1946”, vol. 41, Munique, 1984.

Heeresverordnungsblatt 1942, Teil B, Nr. 424, p. 276, “Bekämpfung des Missbrauchs von Betäubungsmitteln”, Barch-Freiburg RH 12-23/1384.

“Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht”, organizado por Percy Ernst Schramm, 8 volumes, Frankfurt, 1982 (1961).

Reichsgesetzblatt I, 12.6.1941, p. 328: “6. Verordnung über Unterstellung weiterer Stoffe unter die Bestimmung des Opiumgesetzes”.

Obras citadas

ALDGATE, Anthony & RICHARDS, Jeffrey. *Britain Can Take It: The British Cinema in the Second World War*. 2^a ed. Londres, 2007.

BALLHAUSEN, Hanno (ed.). *Chronik des Zweiten Weltkrieges*. Munique, 2004.

BEKKER, Kajus. *Einzelkämpfer auf See – Die deutschen Torpedoreiter, Froschmänner und Sprengbootpiloten im Zweiten Weltkrieg*. Oldenburg e Hamburgo, 1968.

BELOW, Nicolaus von. *Als Hitlers Adjutant 1937-45*. Mainz, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Einbahnstraße*. Frankfurt, 1955.

_____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt, 1986.

BENN, Gottfried. “Provoziertes Leben: ein Essay”, in: BENN, Gottfried. *Sämtliche Werke*. Bd. IV: Prosa 2. Stuttgart, 1989.

_____. *Sämtliche Werke*, Bd. I: Gedichte 1. Stuttgart, 1986.

BEZYMENSKII, Lev. *Die letzten Notizen von Martin Bormann: ein Dokument und sein Verfasser*. Munique, 1974.

BINION, Rudolph. *...daß Ihr mich gefunden habt*. Stuttgart, 1978.

BLOCH, Marc. *Die seltsame Niederlage: Frankreich 1940*. Frankfurt, 1995.

BÖLL, Heinrich. *Briefe aus dem Krieg 1939-45*. Colônia, 2001.

BONHOEFFER, Karl. “Psychopathologische Erfahrung und Lehren des Weltkrieges”, in: *Münchener medizinische Wochenschrift*, vol. 81, 1934.

BRADLEY, Dermot. *Walther Wenck, General der Panzertruppe*. Osnabrück, 1982.

- BURROUGHS, William. *Naked Lunch*. Reinbek, 1959.
- CANETTI, Elias. *Masse und Macht*. Frankfurt, 1994.
- CHURCHILL, Winston. *Zweiter Weltkrieg*, vols. 1 e 2. Stuttgart, 1948/49.
- CONTI, Leonardo. "Vortrag des Reichsgesundheitsführers Dr. Conti vor dem NSD-Ärztebund, Gau Berlin, am 19. März 1940, im Berliner Rathaus", in: *Deutsches Ärzteblatt*, 1940, vol. 70, cad. 13.
- DANSAUER, Friedrich & RIETH, Adolf. *Über Morphinismus bei Kriegsbeschädigten*. Berlin, 1931.
- ECKERMAN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe*. Frankfurt, 1987.
- FALCK, Wolfgang. *Falkenjahre. Erinnerungen 1903-2003*. Moosburg, 2003.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. Berlin, 1973.
- FISCHER, Hubert. *Die Militärärztliche Akademie 1934-1945*. Osnabrück, 1985 (1975).
- FISCHER, Wolfgang. *Ohne die Gnade der späten Geburt*. Munique, 1990.
- FLEISCHHACKER, Wilhelm. "Fluch und Segen des Cocain", in: *Österreichische Apotheker-Zeitung*, nr. 26, 2006.
- FLÜGEL, F. E. "Medikamentöse Beeinflussung psychischer Hemmungszustände", in: *Klinische Wochenschrift*, vol. 17(2), 1938.
- FRAEB, Walter Martin. *Untergang der bürgerlich-rechtlichen Persönlichkeit im Rauschgiftmißbrauch*. Berlin, 1937.
- FRÄNKEL, Fritz & BENJAMIN, Dora. "Die Bedeutung der Rauschgifte für die Juden und die Bekämpfung der Suchten durch die Fürsorge", in: *Jüdische Wohlfahrtspflege und Sozialpolitik*, 1932.
- FREIENSTEIN, Waldemar. "Die gesetzlichen Grundlagen der Rauschgiftbekämpfung", in: *Der Öffentliche Gesundheitsdienst*, vol. A, 1936-37.
- FRIEDLANDER, Henry. *Der Weg zum NS-Genozid. Von der Euthanasie zur Endlösung*. Berlin, 1997.

- FRIESER, Karlheinz. *Die Blitzkrieg-Legende – Der Westfeldzug 1940*. Editado por Militärgeschichtliches Forschungsamt. Munique, 2012.
- GABRIEL, Ernst. “Rauschgiftfrage und Rassenhygiene”, in: *Der Öffentliche Gesundheitsdienst – Teilausgabe B*, vol. 4, 1938–39.
- GATHMANN, Peter & PAUL, Martina. *Narziss Goebbels – Eine Biographie*. Viena, 2009.
- GEIGER, Ludwig. *Die Morphin-und Kokainwelle nach dem ersten Weltkrieg in Deutschland und ihre Vergleichbarkeit mit der heutigen Drogenwelle*. Munique, 1975.
- GISEVIUS, Hans Bernd. *Adolf Hitler. Versuch einer Deutung*. Munique, 1963.
- GOEBBELS, Joseph. *Die Tagebücher 1924–1945*. Editado por Elke Fröhlich. Munique, 1987.
- GORDON, Mel. *Sündiges Berlin – Die zwanziger Jahre: Sex, Rausch, Untergang*. Wittlich, 2011.
- GOTTFRIED, Claudia. “Konsum und Verbrechen – Die Schuhprüfstrecke im KZ Sachsenhausen”, in: LVR-Industriemuseum Ratingen. *Glanz und Grauen: Mode im “Dritten Reich”*. Ratingen, 2012.
- GRAF, Otto. “Über den Einfluss von Pervitin auf einige psychische und psychomotorische Funktionen”, in: *Arbeitsphysiologie*, vol. 10., cad. 6, 1939.
- GRASS, Günter. *Die Blechtrommel*. Neuwied am Rhein e Berlín Occidental, 1959.
- GUDERIAN, Heinz. *Erinnerungen eines Soldaten*. Stuttgart, 1960.
- HAFFNER, F. “Zur Pharmakologie und Praxis der Stimulantien”, in: *Klinische Wochenschrift*, 1938, vol. 17, cad. 38, 1938.
- HAFFNER, Sebastian. *Anmerkungen zu Hitler*. Munique, 1978.
- HALDER, Franz. *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres 1939–1942*. Editado por Arbeitskreis für Wehrforschung em Stuttgart, 3 volumes, organizado por Hans-Adolf Jacobsen, 1962–1964.

- HANSEN, Hans-Josef. *Felsenest, das vergessene Hauptquartier in der Eifel*. Aachen, 2008.
- HARTMANN, Christian. *Unternehmen Barbarossa – Der deutsche Krieg im Osten 1941-1945*. Munique, 2013.
- HASSEL, Ulrich von. *Die Hassel-Tagebücher 1938-1944, Aufzeichnungen vom Anderen Deutschland*. Munique, 1999.
- HAUSCHILD, Fritz. "Tierexperimentelles über eine peroral wirksame zentral-analeptische Substanz mit peripherer Kreislaufwirkung", in: *Klinische Wochenschrift*, vol. 17, cad. 36, 1938.
- HEINEN, W. "Erfahrungen mit Pervitin – Erfahrungsbericht", in: *Medizinische Welt*, nr. 46, 1938.
- HESSE, Reinhard. *Geschichtswissenschaft in praktischer Absicht*. Stuttgart, 1979.
- HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nürnberg, 1938.
- HOLZER, Tilmann. *Die Geburt der Drogenpolitik aus dem Geist der Rassenhygiene – Deutsche Drogenpolitik von 1933 bis 1972*. Dissertação inaugural. Mannheim, 2006.
- IRONSIDE, Edmund. *Diaries 1937-1940*. Nova York, 1962.
- JENS, Walter. *Statt einer Literaturgeschichte*. Munique, 2001.
- KATZ, Ottmar. *Prof. Dr. Med. Theo Morell – Hitlers Leibarzt*. Bayreuth, 1982.
- KAUFMANN, Hans P. *Arzneimittel-Synthese*. Heidelberg, 1953.
- KELLER, Philipp. *Die Behandlung der Haut- und Geschlechtskrankheiten in der Sprechstunde*. Heidelberg, 1952.
- KERSHAW, Ian. *Hitler 1889-1945 – Das Standardwerk*. Munique, 2008 (1998).
- KIELMANSEGG, Johann, Adolf Graf von. *Panzer zwischen Warschau und Atlantik*. Berlim, 1941.
- KLEE, Ernst. *Das Personenlexikon zum Dritten Reich – Wer war was vor und nach 1945*. Frankfurt/M, 2003.

- KOCKA, Jürgen & NIPPERDEY, Thomas (ed.). *Theorie der Geschichte, Bd. 3, Beiträge zur Historik*. Munique, 1979.
- KOSMEHL, Erwin. "Der sicherheitspolizeiliche Einsatz bei der Bekämpfung der Betäubungsmittelsucht, Berlin", in: FEUERSTEIN, Gerhart. *Suchtgiftbekämpfung. Ziele und Wege*. Berlin, 1941.
- KRAMER, Eva. "Die Pervitingefahr", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 88, cad. 15, 1941.
- KROENER, Bernhard R.. "Die personellen Ressourcen des Dritten Reiches im Spannungsfeld zwischen Wehrmacht, Bürokratie und Kriegswirtschaft 1939-1942", in: MÜLLER, Rudolf-Dieter & UMBREIT, Hans. *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg, Bd. 5.1: Organisation und Mobilisierung des Deutschen Machtbereichs, Kriegsverwaltung, Wirtschaft und personelle Ressourcen 1939-1941*. Stuttgart, 1988.
- LEEB, Wilhelm Ritter von. "Tagebuchaufzeichnung und Lagebeurteilungen aus zwei Weltkriegen. Aus dem Nachlaß", editado com uma biografia resumida por MEYER, Georg, in: *Beiträge zur Militär- und Kriegsgeschichte*, vol. 16. Stuttgart, 1976.
- LEMMELE, Gerhard & HARTWIG, Jürgen. "Untersuchungen über die Wirkung von Pervitin und Benzedrin auf psychischem Gebiet", in: *Deutsches Archiv für klinische Medizin*, vols. 185, cadernos 5 e 6, 1940.
- LEWIN, Louis. *Phantastica – Die betäubenden und erregenden Genussmittel*. Linden, 2010.
- LIEBENDÖRFER. "Pervitin in der Hand des praktischen Nervenarztes", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 87, cad. 43, 1940.
- LIFTON, Robert Jay. *Ärzte im Dritten Reich*. Stuttgart, 1998.
- LILJESTRAND, G.Poulssohn's *Lehrbuch für Pharmakologie*. Leipzig, 1944.
- LINGE, Heinz. *Bis zum Untergang*. Munique, 1980.

- LONG, Tania. "Doctor Describes Hitler Injections", in: *New York Times*, 22.5.1945.
- LUCK, Hans von. *Mit Rommel an der Front*. Hamburgo, 2007.
- MANN, Golo. *Deutsche Geschichte des 19. Und 20. Jahrhunderts*. Stuttgart/Mannheim, 1958.
- MANN, Klaus. *Der Wendepunkt*. Reinbek, 1984.
- _____. *Treffpunkt im Unendlichen*. Reinbek, 1998.
- MASER, Werner. *Adolf Hitler – Legende Mythos Wirklichkeit*. Munique, 1997.
- MEURER, Christian. *Wunderwaffe Witzkanone – Heldentum von Heß bis Hendrix*, Essay 9. Münster, 2005.
- MITSCHERLICH, Alexander & MIELKE, Fred. *Medizin ohne Menschlichkeit. Dokumente des Nürnberger Ärzteprozesses*. Frankfurt, 1978.
- MOMMSEN, Hans. *Aufstieg und Untergang der Republik von Weimar 1918-1933*. Berlin, 2000.
- MÜLLER-BONN, Hermann. "Pervitin, ein neues Analepticum", in: *Medizinische Welt*, cad. 39, 1939.
- NANSEN, Odd. *Von Tag zu Tag. Ein Tagebuch*. Hamburgo, 1949.
- NEUMANN, Erich. "Bemerkungen über Pervitin", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, cad. 33, 1939.
- NEUMANN, Hans-Joachim & EBERLE, Henrik. *War Hitler krank? – Ein abschließender Befund*. Colônia, 2009.
- NÖLDEKE, Hartmut & HARTMANN, Volker. *Der Sanitätsdienst in der deutschen U-Boot-Waffe*. Hamburgo, 1996.
- OSTERKAMP, Theo. *Durch Höhen und Tiefen jagt ein Herz*. Heidelberg, 1952.
- OVERY, Richard J. "German Aircraft Production 1939-1942", in: *Study in the German War Economy*. Dissertação, Queens College. Cambridge, 1977.
- PIEPER, Werner. *Nazis on Speed. Drogen im 3. Reich*. Birkenau-Löhrbach, 2002.

- POHLISCH, Kurt. "Die Verbreitung des chronischen Opiatmissbrauchs in Deutschland", in: *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, vol. 79, 1931.
- PÜLLEN, C. "Bedeutung des Pervitins (1-Phenyl-2-methylamino-propan) für die Chirurgie", in: *Chirurg*, vol. 11, cad. 13, 1939.
- _____. "Erfahrungen mit Pervitin", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 86, cad. 26, 1939.
- RANKE, Otto. "Ärztliche Fragen der technischen Entwicklung", in: *Veröff.a.d.Geb.d. Heeres-Sanitätswesen*, 109 (1939).
- _____. "Leistungssteigerung durch ärztliche Maßnahmen", in: *Deutscher Militärarzt*, cad. 3, 1939.
- REKO, Viktor. *Magische Gifte: Rausch- und Betäubungsmittel der neuen Welt*. Stuttgart, 1938.
- RIDDER, Michael de. *Heroin. Vom Arzneimittel zur Droge*. Frankfurt, 2000.
- RÖMPP, Hermann. *Chemische Zaubetränke*. Stuttgart, 1939.
- SCHEER, Rainer. "Die nach Paragraph 42 RStGB verurteilten Menschen in Hadamar", in: ROER, Dorothee & HENKEL, Dieter. *Psychiatrie im Faschismus. Die Anstalt Hadamar 1933-1945*. Bonn, 1986.
- SCHENCK, Ernst Günther. *Dr. Morell – Hitlers Leibarzt und seine Medikamente*. Schnellbach, 1998.
- _____. *Patient Hitler. Eine medizinische Biographie*. Augsburg, 2000.
- SCHMIDT, Paul. *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945*. Bonn, 1950.
- SCHMÖLDERS, Claudia. *Hitlers Gesicht: eine physiognomische Biographie*. Munique, 2000.
- SCHOEN, Rudolf. "Pharmakologie und spezielle Therapie des Kreislaufkollapses", in: *Verhandlungen der Deutschen Gesellschaft für Kreislaufforschung*, 1938.

- SCHRAMM, Percy Ernst. "Adolf Hitler – Anatomie eines Diktators" (5. e 6. partes), in: *Der Spiegel*, nr. 10, 1964.
- SCHULTZ, I.H. "Pervitin in der Psychotherapie", in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, nr. 51-52, 1944.
- SEIFERT, W. "Wirkung des 1-Phenyl-2-methylamino-propan (Pervitin) am Menschen", in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, vol. 65, cad. 23, 1939.
- SHIRER, William L. *Aufstieg und Fall des Dritten Reiches*. Colônia/Berlim, 1971.
- SNELDERS, Stephen & PIETERS, Toine. "Speed on the Third Reich: Methamphetamine (Pervitin) Use and a Drug History from Below", in: *Social History of Medicine Advance Access*, 2011.
- SPEER, Albert. *Erinnerungen*. Frankfurt, 1969.
- SPEER, Ernst. "Das Pervitinproblem", in: *Deutsches Ärzteblatt*, janeiro de 1941.
- STEINHOFF, Johannes. *Die Straße von Messina*. Berlin, 1995.
- STEINKAMP, Peter. "Pervitin (Metamphetamine) Tests, Use and Misuse in the German Wehrmacht", in: ECKART, Wolfgang. *Man, Medicine and the State: The Human Body as an Object of Government*. Stuttgart, 2007.
- STÖRMER, Uta (org). *Am rätselhaftesten ist das Sein – Tagebücher von Burkhard Grell (1934-1941)*. Berlin, 2010.
- SUDROW, Anne. *Der Schuh im Nationalsozialismus – Eine Produktgeschichte im deutsch-britisch-amerikanischen Vergleich*. Göttingen, 2010.
- TUCÍDIDES. *Der Peloponnesische Krieg*. Wiesbaden, 2010.
- TOLAND, John. *Adolf Hitler*. Bergisch Gladbach, 1977.
- UDET, Ernst. *Mein Fliegerleben*. Berlin, 1942.
- UNGER, Frank. *Das Institut für Allgemeine und Wehrphysiologie an der militärärztlichen Akademie (1937-1945)*. Dissertação, Medizinische Hochschule Hannover, 1991.
- WAHL, Karl. *... es ist das deutsche Herz*. Augsburg, 1954.

WELLERSHOFF, Dieter. *Der Ernstfall – Innenansichten des Krieges*. Colônia, 2006.

WENZIG, K. *Allgemeine Hygiene des Dienstes*. Berlin/Heidelberg, 1936.

YANG, Rong. *Ich kann einfach das Leben nicht mehr ertragen – Studien zu den Tagebüchern von Klaus Mann (1931-1949)*. Marburg, 1996.

Material on-line

“Historische Begründung eines deutschen Chemie-Museums”.

www.deutsches-chemie-

[museum.de/uploads/media/Geschichte_der_chemischen_Industrie.pdf](http://www.deutsches-chemie-museum.de/uploads/media/Geschichte_der_chemischen_Industrie.pdf)

<http://www.jkris.dk/jkris/Histomed/hitlermed/hitlermed.htm> (os remédios de Hitler)

<http://hss.ulb.uni-bonn.de/2005/0581/0581.pdf>

Outras obras

AGAMBEN, Giorgio. *Die Macht des Denkens*. Frankfurt, 2005.

ALLMAYER-BECK, Johann Christoph. *Herr Oberleutnant, der lohnt doch nicht! Kriegserinnerungen an die Jahre 1938 bis 1945*. Organizado por SCHMIDL, Erwin. Viena, 2012.

BECK, Herta. *Leistung und Volksgemeinschaft*, vol. 61. Husum, 1991.

BLITZER, Dirk & WILTING, Bernd. *Stürmen für Deutschland: Die Geschichte des deutschen Fußballs von 1933 bis 1954*. Frankfurt, 2003.

BOLOGNESE-LEUCHTENMÜLLER, B. "Geschichte des Drogengebrauchs. Konsum – Kultur – Konflikte – Krisen", in: *Beiträge zur historischen Sozialkunde*, nr. 1, 1992.

BONHOFF, Gerhard & LEWRENZ, Herbert. *Über Weckamine (Pervitin und Benzedrin)*. Berlim, 1954.

BOSTROEM, A. "Zur Frage der Pervitin-Verordnung", in: *Münchener Medizinische Wochenschrift*, vol. 88, 1941.

BRACKE, G..*Die Einzelkämpfer der Kriegsmarine*. Stuttgart, 1981.

BRIESEN, Detlef. *Drogenkonsum und Drogenpolitik in Deutschland und den USA: ein historischer Vergleich*. Frankfurt, 2005.

BUCHHEIM, Lothar Günther. *Das Boot*. Munique, 1973.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Von Kriege*. Neuenkirchen, 2010.

- COURTWRIGHT DAVID, T. *Forces of Habit: Drugs and the Making of the Modern World*. Cambridge, 2002.
- DAUBE, H.. "Pervitinpsychosen", in: *Der Nervenarzt*, cad. 14, 1941.
- DAVENPORT-HINES, Richard. *The Pursuit of Oblivion: A Social History of Drugs*. Londres, 2004.
- DELBROUCK, Mischa. *Verehrte Körper, verführte Körper*. Hameln, 2004.
- DITTMAR, F. "Pervitinsucht und akute Pervitinintoxikation", in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, vol. 68, 1942.
- DOBROSKHE, Christiane. "Das Suchtproblem der Nachkriegszeit. Eine klinische Statistik", in: *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, vol. 80, 1955.
- EBERLE, Henrik & UHL, Matthias (org.). *Das Buch Hitler*. Colônia, 2005.
- FEST, Joachim. *Der Untergang – Hitler und das Ende des Dritten Reiches: Eine historische Skizze*. Berlin, 2002.
- FISCHER, Hubert. *Der deutsche Sanitätsdienst 1921-1945*. Cinco volumes, Bissendorf, 1982-1988.
- FRIEDRICH, Thomas. *Die missbrauchte Hauptstadt*. Berlin, 2007.
- GISEVIUS, Hans Bernd. *Bis zum bitteren Ende. Vom Reichstagsbrand bis zum Juli 1944*. Hamburgo, 1964.
- GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Die okkulten Wurzeln des Nationalsozialismus*. Graz, 1997.
- GÖRTEMAKER, Heike B. *Eva Braun – Leben mit Hitler*. Munique, 2010.
- GRASS, Günter. *Beim Häuten der Zwiebel*. Göttingen, 2006.
- GREVING, H. "Psychopathologische und körperliche Vorgänge bei jahrelangem Pervitinmißbrauch", in: *Der Nervenarzt*, cad. 14, 1941.
- HAFFNER, Sebastian. *Im Schatten der Geschichte*. Munique, 1987.
- _____. *Von Bismarck zu Hitler: Ein Rückblick*. Munique, 2009.

- HARTMANN, Christian. *Wehrmacht im Ostkrieg – Front und militärisches Hinterland 1941/42*. Munique, 2009.
- HERER, Jack & BRÖCKERS, Mathias. *Die Wiederentdeckung der Nutzpflanze Hanf*. Leipzig, 2008.
- HITLER, Adolf & WEINBERG, Gerhard L. *Hitlers zweites Buch*. Munique, 1961.
- IVERSEN, Leslie. *Drogen und Medikamente*. Stuttgart, 2004.
- JÜNGER, Ernst. *Annäherungen – Drogen und Rausch*. Stuttgart, 1980.
- KAUFMANN, Wolfgang. *Das Dritte Reich und Tibet*. Hagen, 2008.
- KEYSERLINCK, H. von. “Über einen Pervitinsüchtigen, stimmungsabnormalen Schwindler”, in: *Deutsche Zeitschrift für gerichtliche Medizin*, 40, 1951.
- KLEMPERER, Victor. *LTI – Notizbuch eines Philologen*. Stuttgart, 1998.
- KLUGE, Alexander. *Der Luftangriff auf Halberstadt am 8. April 1945*. Frankfurt, 1977.
- KOCH, E. & WECH, M. *Deckname Artischoke. Die geheimen Menschenversuche der CIA*. Munique, 2002.
- KOCH, Lutz. *Rommel – Der Wüstenfuchs*. Bielefeld, 1978.
- KOHL, Paul (org.). *11 Orte in Berlin auf den Spuren der Nazi-Zeit*. Colônia, 2013.
- KUHLBRODT, Dietrich. *Nazis immer besser*. Hamburgo, 2006.
- KUPFER, Alexander. *Göttliche Gifte*. Stuttgart, 1996.
- KUTZ, Martin. *Deutsche Soldaten – ein Kultur- und Mentalitätsgeschichte*. Darmstadt, 2006.
- LANGER, Walter C. *Das Adolf-Hitler-Psychogramm*. Munique, 1982.
- LÄUFFER, Hermann (org.). *Der Spaß ist ein Meister aus Deutschland: Geschichte der guten Laune 1933-1990*. Colônia, 1990.
- LAUGHLAND, John. *The tainted Source*. Londres, 1998.
- LEDIG, Gert. *Vergeltung*. Frankfurt/M, 1999.

- LEONHARD, Jörn. *Die Büchse der Pandora*. Munique, 2014.
- LEY, Astrid & MORSCH, Günther (orgs.). *Medizin und Verbrechen: das Krankenrevier des KZ Sachsenhausen 1936-1945*. Berlin, 2007.
- MAIWALD, Stefan. *Sexualität unter dem Hakenkreuz*. Hamburgo, 2002.
- MANSTEIN, Erich von. *Verlorene Siege*. Bonn, 2009.
- MISCH, Rochus. *Der letzte Zeuge*. Munique/Zurique, 2008.
- NEITZEL, Sönke & WELZER, Harald. *Soldaten – Protokolle vom Kämpfen, Töten und Sterben*. Frankfurt, 2011.
- OSTWALD, Hans. *Sittengeschichte der Inflation*. Berlin, 1951.
- OVERY, R.J. *Hermann Göring – Machtgier und Eitelkeit*. Munique, 1986.
- PAUL, Wolfgang. *Wer war Hermann Göring?*. Esslingen, 1983.
- PAULWELS, Louis & BERGIER, Jacques. *Aufbruch ins dritte Jahrtausend – Von der Zukunft der phantastischen Vernunft*. Berna/ Stuttgart, 1962.
- PIEKALKIEWICZ, Janusz. *Krieg der Panzer – 1939-1945*. Munique, 1999.
- PYNCHON, Thomas. *Die Enden der Parabel*. Reinbek, 1981.
- QUINCEY, Thomas de. *Confessions of an English Opium Eater*. Londres, 2003.
- RADDATZ, Fritz J. *Gottfried Benn: Leben – niederer Wahn. Eine Biographie*. Berlin, 2003.
- REESE, Willy Peter. *Mir selber seltsam fremd – Die Unmenschlichkeit des Krieges Russland 1941-44*. Berlin, 2003.
- RICHEY, Stephen W. "The Philosophical Basis of the Air Land Battle. Auftragstaktik, Schwerpunkt, Aufrollen", in: *Military Review*, vol. 64, 1984.
- SCHLICK, Caroline (org.). *Apotheken im totalitären Staat – Apothekenalltag in Deutschland von 1937-1945*. Stuttgart, 2008.
- SCHMIEDER, Arnold. "Deregulierung der Sucht", in: *Jahrbuch Suchtforschung*, vol. 2, Munique, 2001.
- SCHMITT, Eric-Emmanuel. *Adolf H. – Zwei Leben*. Frankfurt, 2008.

- SCHMITZ-BERNING, Cornelia. *Vokabular des National-Sozialismus*. Berlin, 2000.
- SCHNEIDER, Peter. *Die Lieben meiner Mutter*. Colônia, 2013.
- SCHULZE-MARMELING, Dietrich. *Davidstern und Lederball*. Göttingen, 2003.
- SCHÜTTE, Uwe. *Die Poetik des Extremen*. Göttingen, 2006.
- SHARP, Alan (org.). *The Versailles Settlement – Peacemaking after the First World War 1919–1923*. Segunda edição, Nova York, 2008.
- STEHR, J. “Massenmediale Dealerbilder und ihr Gebrauch im Alltag”, in: PAUL, B. & SCHMIDT-SEMISCH, H. (eds.). *Drogendealer – Ansichten eines verrufenen Gewerbes*. Freiburg, 1998.
- STERN, Fritz. *Kulturpessimismus als politische Gefahr. Eine Analyse nationaler Ideologie in Deutschland*. Munique/Berna, 1963.
- THEWELEIT, Klaus. *Männerphantasien*. Reinbek, 1982.
- TRAUE, Georg. *Arische Gottzertrümmerung*. Braunschweig, 1934.
- TWARDUCH, Szczepan. *Morphin*. Berlin, 2014.
- VAN CREVELD, Martin. *Kampfkraft – Militärische Organisation und Leistung der deutschen und amerikanischen Armee 1939–1945*. Graz, 2009.
- VOLKMANN, Udo. *Die britische Luftverteidigung und die Abwehr der deutschen Luftangriffe während der Luftschlacht um England bis zum Juni 1941*. Osnabrück, 1982.
- WEGENER, Oskar. *Die Wirkung von Dopingmitteln auf den Kreislauf und die körperliche Leistung*. Flensburg/Freiburg, 1954.
- WEIß, Ernst. *Ich – der Augenzeuge*. Munique, 1966.
- WETTE, Wolfram. *Militarismus in Deutschland*. Darmstadt, 2008.
- WISSINGER, Detlev. *Erinnerungen eines Tropenarztes*. Books-on-Demand, 2002.
- WISOTSKY, S. “A Society of Suspects: The War on Drugs and Civil Liberties”, in: GROS, H. (ed.). *Rausch und Realität. Eine Kulturgeschichte der Drogen*. Vol. 3, Stuttgart, 1998.

WULF, Joseph (org.). *Presse und Funk im Dritten Reich*. Berlin, 2001.

ZUCKMAYER, Carl. *Des Teufels General*. Estocolmo, 1946.

Créditos das ilustrações

Pp. 21, 54, 102, 103: Temmler Pharma GmbH & Co KG, Marburg

P. 22 (em cima): Normam Ohler

P. 22 (embaixo): Joachim Gern, Berlim

P. 36: Bundesarchiv-Berlin

P. 41: in: HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz: ein Stürmerbuch für Jung und Alt*. Nurembergue, 1938.

Pp. 56, 127, 146: Landesarchiv-Berlin

Pp. 72, 74: Archiv Erbenegemeinschaft Heinrich Böll, © Samay Böll

Pp. 82, 83, 84, 89, 98, 130, 297, 300: Bundesarchiv-Militärarchiv Freiburg

P. 140: Peter Steinkamp

P. 170: Militärhistorisches Museum der Bundeswehr, Dresden/Foto: Andrea Ulke

Pp. 186, 217: ullstein bild, Berlim

Pp. 190, 327, 328: National Archives at College Park, md

Pp. 203, 205, 226, 236, 240: Bundesarchiv-Koblenz

Pp. 238, 252: laif

P. 284: Picture alliance / WZ-Bilderdienst

P. 287: © Humboldt-Universität zu Berlin, Universitätsbibliothek

P. 302: Historische Sammlung der Marineschule Mürwik

Índice remissivo

Abbeville 121

Academia de Saúde do Exército 282, 331

Acetona 197

Ácido acetilsalicílico 25

Ácido clorídrico 280

Ácido fosfórico 219

Acidol-pepsin 176

Adenauer, Konrad 304

Adlerhorst 309, 312

Adlershof 19

Admiralspalast 44

Adolf, Johann (conde de Kielmansegg) 108, 152, 353

Adrenalina 53, 176, 222

Albers, Hans 44

Alcaloide 24, 28, 36, 81, 84, 174, 241, 306, 319

Álcool 30, 33, 37, 40, 55, 100, 139, 140, 141, 176, 197, 233, 242, 254, 268, 274, 283, 306

Álcool metílico 197, 268

Aliados 61, 91, 92, 97, 105, 112, 117, 118, 122, 124, 201, 213, 215, 218, 221, 222, 256, 260, 279, 285, 286, 290, 291, 299, 308, 310, 318, 322

Analéptico 88

Anfetamina 52, 85, 156, 264

Antiflogestina 176

Antuérpia 308

Argentum nitricum 176

Arquivo Federal de Koblenz 11, 164

Arquivo Militar do Arquivo Federal Alemão 76

Aspirina 25

Atropina 241, 243

Auschwitz 183, 305, 306, 339

Avesnes 115

Bad Münstereifel 104

Bad Reichenhall 325

Baku 187

Ballhaus Resi 30

Bálsamo do Peru 176

Bar Kakadu 30

Barbitúricos 257, 305

Barraca do drone 173, 210, 256

Bata 295

Batalha aérea pela Inglaterra 136, 138, 155

Baumeister, Wilhelm 131

Bayer 25, 52

Bayerisch Gmain 321

BBC 143

Beecher, Henry K. 307, 340

Behring, Emil von 78

Beigbeder, Frédéric 107

Belladonna obstinol 176

Below, Nicolaus von 233, 273, 350

Belzec 183

Benerva forte 176, 319

Benjamin, Walter 259, 275, 350

Benn, Gottfried 84, 95, 148, 227, 272, 350, 361

Benzedrina 52, 82, 143, 150

Berber, Anita 30

Berliner Lokal-Anzeiger 129, 153, 154

Betabion 176, 319

Bilirrubina 242

Bismogenol 176

Bloch, Marc 110, 152, 350

Bloco de Blender 81

Boehringer 28, 52

Böll, Heinrich 72, 73, 75, 101, 147, 350, 363

Bormann, Martin 196, 211, 220, 238, 239, 240, 244, 274, 342, 350

Borracha sintética 51

Brandt, Karl 119, 210, 229, 238, 242, 243, 244, 318, 343

Brauchitsch, Walther von 92, 99, 100, 124, 182

Braun, Eva 45, 214, 216, 217, 323, 359

Braun, Wernher von 79, 340

Breaking Bad 19, 20

Brennscheidt, Ernst 295, 296

Breslau 209

Brest-Litovsk 86, 87

Brom-Nervacit 176, 226

Brovaloton-Bad 176

Brown, Paul 165

Bürgerbräukeller 92, 283

Burroughs, William 206, 269, 351

Cafaspin 176

Cafeína 25, 58, 68, 80, 82, 292, 310, 320, 336

Calais 129

Calcium sandoz 176

Calomel 176

Campanha da Polônia 91, 99

Campanha ocidental 124, 144, 179

Campo de concentração 36, 294, 298, 299, 300, 304, 305, 337, 338, 339

Canaris, Wilhelm 213

Canetti, Elias 269, 306, 340, 351

Cânfora 219

Cantan 176

Cardiazol 176, 189, 190

Cardiazol-efedrin 176

Carnac 288, 336

Casa de campo (Berghof) 46, 203, 214, 216, 218, 219, 221

Casa Parda 45

Casa Vaterland 30

Casablanca 206

Cemitério dos Inválidos 142

Central do Reich para o Combate de Delitos relacionados a Drogas 36

Chancelaria do Reich 61, 97, 133, 134, 312, 315, 317, 318, 323, 327

Chanceler do Reich 35, 49, 50

Charkow 189, 193, 194, 195

Charleville 123

Chefe da saúde do Reich 95, 96, 143, 145, 181, 197

Chefia de saúde do Exército 97

Chineurin 176

Churchill, Winston 114, 116, 152, 153, 351

Cianeto de hidrogênio 324

Cianeto de potássio 322

Clorofórmio 30, 280

Coca-Cola 25, 54, 335

Cocaína 25, 28, 30, 31, 32, 40, 52, 55, 140, 156, 176, 206, 212, 213, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 247, 258, 269, 270, 273, 284, 288, 289, 291, 292, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 312

Cocaína hidrocloreídrica 270

Codeína 176, 288

Colesterol 197

Colônia 64, 104, 147, 185, 261, 341, 350, 355, 356, 357, 359, 360, 361

Comandante em chefe da Marinha 219, 264, 285
Comandante em chefe do Exército 99, 100, 124
Comando de parada 121, 123, 124, 189
Comando dos andadores de sapato 295, 297
Comando superior da Wehrmacht 91, 125, 145, 178, 187, 257
Comando superior do Exército 99, 123, 182
Combate aos entorpecentes 12, 145, 150
Comissário-geral dos Serviços Médicos e Questões da Saúde 280
Conferência de Wannsee 183
Conti, Leo 95, 143, 181
Convenção da cocaína 28
Convenção do opiato 28
Coramina 176
Corpo militar africano 78
Corriere della Sera 143
Corticoide 197
Cortiron 176
Costa do Atlântico 92, 112, 221
Crystal meth 13, 17, 18, 20, 60, 279, 298, 335

D IX 284, 289, 290, 291, 310
Dachau 305, 306, 331, 337, 338, 339, 340
Daladier, Édouard 116
Danzig 318
Darmstadt 24, 28, 52, 201, 213, 312, 360, 362
Das Reich 67, 310, 341
Decreto do Estimulante 98, 99

Departamento de Patentes do Reich 67

Departamento de Saúde do Reich 95, 173, 197, 212, 262

Departamento de Segurança do Reich 325

Departamento do Bem-estar Público 37

Despertin 57

Deutsches Ärzteblatt 144, 150, 351, 356

Diacetilmorfina 25

Dicodid 288

Digilanid sandoz 176

Dolantina 174, 176

Donchery 111

Dönitz, Karl 219, 285, 291, 293, 301, 323

Dopamina 53, 108, 132, 156, 251, 315, 316

Dresden 301, 314, 332, 363

Dunquerque 121, 122, 123, 124, 136, 189

Eberle, Henrik 163, 261, 355, 359

Efedrina 52, 67, 280

Eisenhower, Dwight D. 310

Elser, Georg 92, 305

Endorfina 315

Enterofagos 176

Enzynorm 176

Escritório Alemão de Informações 142

Esdesan 176

Estado-Maior da Força Aérea 129, 153

Estado-Maior do Exército 107, 117, 250

Esteróide 173, 176, 177, 192, 197, 198, 201, 247, 314

Estrasburgo 308, 336

Estricnina 241, 242, 243

Éter 30

Eubasin 176

Euflat 176, 219

Eukodal 176, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 214, 220, 226, 233, 234, 235, 236, 242, 245, 247, 249, 250, 255, 256, 257, 259, 269, 284, 288, 289, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 316, 322, 323

Eupaverin 176, 235, 245, 255, 256, 309

Eutanásia 37

Exército Vermelho 171, 172, 173, 178, 179, 194, 195, 200, 201, 209, 214, 220, 222, 254, 258, 271, 312, 313, 323

Extrato de beladona 44

Fábrica química de Tempelhof 19

Fábricas Pharmo 193, 194, 196

Fábricas Temmler 19, 20, 21, 52, 54, 55, 60, 80, 88, 94, 99, 101, 102, 129, 157, 173, 211, 280, 297, 335

Farmácia Engel 24, 133, 189, 190, 207, 246, 262, 266

Farmacija 207

Federação dos Médicos Alemães Nacional-Socialistas 96

Feldherrenhalle de Munique 122

Felsenest 104, 117, 120, 121, 122, 124, 153, 171, 332, 352

Feltre 204

Fest, Joachim 162

Fígado Hamma 176, 197

Fonck, René 140

Formações de pequenos combates (K-Verbände) 285, 286, 290, 291, 303, 314,
325, 337, 338, 347

Forte de Eben-Emael 104

Front Alemão do Trabalho (DAF) 134

Front ocidental 93, 221, 231, 251, 309

Funk, Walther 218, 271, 272

Gable, Clark 220

Gallestol 176

Gamelin, Maurice 116

Gatow 45

General-armeiro-mor da Aeronáutica 140, 142

Gestapo 153, 163, 167, 243, 305, 325

Giesing, Erwin 67, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 241, 242, 243, 244, 272, 273, 274,
275, 348

Glicerina jod-jodkali 176

Glicocorticoide 197

Gliconorma 173, 176, 226, 253, 263

Glicose 50, 176, 203, 208, 219, 225, 226, 239, 241, 245, 253, 308, 310

Glycovarin 176

Goebbels, Joseph (ministro da Propaganda) 48, 50, 51, 67, 121, 169, 178, 183, 199,
208, 220, 221, 223, 262, 268, 269, 272, 310, 316, 322, 341, 348, 352

Goebbels, Magda 322

Goethe, Johann Wolfgang von 23, 331

Göring, Hermann 122, 123, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 153, 155, 156,
157, 189, 206, 218, 322, 349, 360

Grass, Günter 34, 64, 352, 359

Graudenz 86

Greul, Emil 289

Grupo de trabalho de combate aos entorpecentes 150

Grupo de trabalho para o combate às drogas 37

Guderian, Heinz 92, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 151, 152, 154, 179, 250, 352

Guerra-relâmpago 71, 105, 111, 112, 113, 115, 117, 124, 127, 130, 182, 258, 279

Hácha, Emil 61

Haffner, Felix 57, 68, 262, 352, 359

Haffner, Sebastian 69, 188, 318, 329, 352

Halder, Franz 91, 92, 107, 117, 149, 153, 182, 187, 265, 352,

Hamburgo 28, 133, 155, 251, 336, 337, 338, 343, 350, 354, 355, 359, 360

Hamma 154, 155, 176, 191, 197, 219, 267, 272, 342, 343

Hammavit 176

Handloser, Siegfried 144, 150, 157

Harmina 319

Hartmann, Volker 153, 282, 283, 284, 331, 355

Hartwig, Jürgen 60, 69, 354

Hasselbach, Hanskarl von 238, 244, 256, 271

Hauschild, Fritz 20, 52, 58, 68, 80, 353

Heikorn, Adolf 191

Heikorn, Hedwig 191

Helmholtz, Herrmann von 78

Heroína 25, 28, 31, 202, 212, 213

Heusinger, Adolf 223

Heye, Hellmuth 284, 285, 286, 288, 289, 290, 293, 299, 304, 314, 325, 337, 338

Hidrocloreto de morfina 213

Higiene de raças 35, 37, 145

Himmler, Heinrich 134, 154, 218, 238, 242, 243, 244, 274, 286, 290, 310, 326, 339

Hippke, Erich 135, 155

Hoechst 175, 207

Hofbräuhaus de Munique 33

Hoffmann, Felix 25

Hoffmann, Heinrich 45, 104, 120, 173, 216,

Homburg 176

Homoseran 175, 176, 245, 308

Hoppe, Marianne 44

Hoth, Hermann 115

Hülpers, Arne 126

Huxley, Aldous 306

IG Farben 51, 207, 296

Ingelheim 52

Inspetor da Saúde 143, 144, 240

Inspetor de Saúde do Exército 96, 99, 128, 151, 153, 157, 212, 348

Instituto de História Contemporânea 154, 164

Instituto para a Pesquisa da Medicina da Aeronáutica 79

Intelan 176

Iodo septo 176

Ironside, Edmund 117, 121, 153, 353

Jodl, Alfred 104, 117, 118, 174, 187

Jogos Olímpicos 52

Jost, Ernst 154, 207, 262, 269

Junge, Traudl 206

Jürgens, Curd 142

Kaltenbrunner, Ernst 243

Kalzan 176

Kamenez-Podolsz 176

Keitel, Wilhelm 124, 125, 174, 186, 224

Kershaw, Ian 163, 261, 273, 353

Kielmansegg, conde de ver Adolf, Johann Kleist, Paul Ludwig Ewald von 99, 104,
105, 112, 127, 131, 151, 215, 271

Klinische Wochenschrift 58, 68, 80, 337, 351, 352, 353

Knoll 28

Koch, Erich 193, 194, 208, 266, 267, 269, 360

Koli-Hamma seco 176

Kosmehl, Erwin 40, 66, 353

Kretschmar, Otto 127, 131

Krupp, Alfred 218

Kulmhof 183

Kursk 201

Küstrin 313

Láudano 24

Lehmann, Günther 298

Lei de Saúde Conjugal 37

Lei de Substâncias Anestésicas 269

Lei do Ópio 35, 157
Lei do Ópio do Reich 17, 145
Lei para Prevenção de Doenças Hereditárias 37
Leis Raciais de Nuremberg 39
Leiser 295
Lemberg 88
Lemmel, Gerhard 60, 69, 354
Leningrado 174, 180
Líder da SS 243
Linge, Heinz 156, 173, 201, 210, 224, 225, 228, 229, 230, 354
Linha Maginot 107
Loerzer, Bruno 139
Londres 136, 137, 144
Lübeck 185, 291
Luizym 176
Luminal 176, 257

Maas 107, 110, 111
Majdanek 183
Mann, Golo 61, 90
Mann, Klaus 29, 202, 268, 357
Mann, Thomas 202
Manstein, Erich von 92, 97, 124, 151, 187, 214, 215, 270, 360
Manteuffel, Hasso von 309
Mantey, Heinz 301, 302
Marechal do Reich 122, 123, 135, 139, 218
Martelange 108

Mathes & Sohn 54

Mendel, Albert 19

Merck 24, 28, 48, 52, 201, 213, 229, 273, 312

Merck, Emanuel 24

Mescalina 305, 306

Metanfetamina 13, 15, 17, 18, 20, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 71, 73,
75, 77, 85, 86, 88, 95, 103, 107, 109, 111, 112, 115, 127, 141, 155, 156, 205,
211, 265, 289, 291, 310, 323

Methadon 207

Metilanfetamina 52

Ministério do Interior do Reich 314

Ministério para Armamento e Munição do Reich 145

Ministro da Aeronáutica do Reich 135, 140

Mitilax 176

Modafinil 283

Mohr, Richard 288

Montcornet 113

Montgomery, Bernhard 189

Morell, Hanni 47, 49, 215

Morell, Theodor 11, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 61, 104, 119, 120, 133, 134,
135, 153, 154, 155, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175,
176, 177, 182, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197,
199, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 218, 219,
220, 221, 223, 224, 225, 228, 229, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244,
245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 261,
262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 308, 309,

310, 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 325, 326, 328, 333, 335,
341, 342, 343, 348, 349, 353, 356

Morfina 24, 25, 28, 30, 31, 38, 40, 52, 64, 122, 123, 136, 142, 174, 202, 206, 207,
213, 218, 234, 238, 259, 280, 288, 305, 315, 320, 336

Moscou 174, 175, 178, 179, 180, 334, 347

Mulli, Kurt 196, 266, 267, 342

Munique 33, 45, 60, 63, 65, 67, 85, 92, 122, 164, 185, 209, 220, 274, 282, 283,
284, 305, 321, 326, 331

Mussolini, Benito 175, 202, 203, 204, 205, 218, 225, 271, 290

Mutaflor 46, 66, 176, 203, 257, 265

Nansen, Odd 298, 338, 355

Nateína 176

National Archives de Washington d. c. 165, 166

Nazi War Crimes Disclosure Act 166

Neo-pyocyanase 176

Neumann, Hans-Joachim 163, 250, 261, 355

Neurotransmissores 53, 54, 108, 109

New York Times 325, 342, 354

Niße, Alfred 203, 265, 274

Nitroglicerina 176

Noradrenalina 53, 108

Nordmark 133

NSDAP 32, 33, 40, 43, 45, 64, 66, 157, 196, 211, 295, 349

Obersalzberg 46, 204, 214

Obstinol 176

Ofensiva das Ardenas 309, 310, 312

Óleo de rícino 176

Olmütz 191, 195, 197, 251, 341

Omnadin 176, 319

Operação Bagration 220

Operação Barbarossa 171, 177, 182

Operação Leão-Marinho 136

Opiatos 28, 174

Ópio 17, 23, 24, 28, 30, 35, 55, 64, 122, 139, 145, 157, 173, 201, 206, 207, 212, 262

Opioide 24, 174, 201, 214, 215, 234, 260, 269, 273, 322

Optalidon 176, 226

Orchikrin 175, 176

Ordem dos Médicos de Berlim 36

Orzechowski, Gerhard 287, 288, 290, 291, 336

Oshima, Hiroshi 218

Oxicodona 201, 269

Paciente A 11, 48, 133, 159, 174, 176, 183, 189, 200, 202, 203, 207, 210, 211, 216, 219, 222, 223, 225, 226, 228, 230, 231, 234, 235, 237, 238, 241, 244, 245, 248, 249, 255, 257, 310, 314, 316, 317, 319, 322, 324

Papoula 23, 24, 174, 192, 207

Papoula-dormideira 235

Paris 116, 126, 128, 279

Parque principal da saúde 212

Partenkirchen 321

Paulus, Friedrich 189

Pemberton, John Stith 25

Penicilina hamma 176

Pervitin 17, 19, 20, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 67, 68, 69, 73, 74, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 112, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 173, 176, 179, 180, 181, 211, 263, 264, 265, 279, 280, 282, 284, 286, 288, 291, 292, 297, 299, 305, 310, 311, 335, 336, 337, 340, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358

Philopon/Hiropon 52

Pílulas antigases de Koester 176. 241

Pílulas de Kissinger 176

Pílulas de Leo 176

Plötner, Kurt 305, 306, 307

Polamidon 207

Policlínica de Leipzig 58

Pontailleur-sur-Saône 129

Pralinas Hildebrand 58

Processos de Nurembergue 326

Profundol 176

Progynon 176

Prostakrinum 175

Prostophanta 176, 219

Protetorado da Boêmia e Morávia 61

Püllen, C. 60, 67, 69, 355

Pyrenol 176

Quadro-Nox 176, 257

Quartel-general do Führer 134, 170, 171, 182, 184, 189, 192, 195, 197, 207, 223, 309

Ranke, Otto F. 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 88, 89, 93, 94, 99, 100, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 137, 142, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 156, 282, 299, 314, 336, 337, 355

Rastenburg 170

Regina Palast Hotel 45, 274

Reichstag 35

Relaxol 176

Remagen 318

Reno 25, 52, 61, 105, 318

Repartição Central de Segurança do Reich 165, 243

Repórter fotográfico do Reich 104, 173, 216

República de Weimar 29, 33, 35, 36, 201

República Democrática da Alemanha (RDA) 52

Responsável pela hospedagem do grupo de tanques 131

Reynaud, Paul 114

Ribbentrop, Ullrich Friedrich Willi Joachin von 218, 238, 239, 274

Richert, Hans-Joachim 291

Riefenstahl, Leni 140, 217, 218

Ritalina 85

Rodert 104

Roma 204, 215

Rommel, Erwin 97, 114, 115, 127, 128, 131, 189, 199, 206, 335, 354, 360

Römpf, Hermann 259, 275, 356

Rosenberg, Alfred 192

Rostock 185

Royal Air Force 124, 136, 137, 138, 199

Royal Navy 123

Rundstedt, Gerd von 280

Russla 192

SA 32, 33, 43, 50

Sachsenhausen 294, 295, 296, 300, 305, 331, 338, 352, 360

Sal gasoso de Karlsbad 176

Salamander 295

Sango-stop 176

Sartre, Jean-Paul 9

Savage, Charles 307

Schaub, Julius 45

Schenk, Ernst Günther 263, 265, 310

Schmeling, Max 44

Schoen, Rudolf 58, 68, 356

Schramm, Percy Ernst 169, 262, 263, 266, 350, 356

Schreck, Julius 46

Schultesteinberg, Ottheinz 181

Scophedal 176

Secretaria do Exército 81

Sedan 92, 107, 109, 110, 112, 124

Serotonina 132, 156

Sertürner, Friedrich Wilhelm 23, 24, 234

Serviço de Saúde do Exército 151, 280

Setor de Exames Higienicobacteriológicos 305

Skorzeny, Otto 289, 291, 310

Smolensk 178

Solmmen, Georg 50

Solre-le-Chateau 115

Solução de Lugol 176

Spasmopurin 176

Speer, Albert 149, 185, 187, 188, 218, 244, 266, 269, 270, 273, 356

Springer, Axel C. 50

SS 57, 99, 119, 131, 134, 154, 176, 181, 218, 229, 237, 239, 243, 244, 251, 282,
286, 289, 291, 293, 294, 295, 296, 299, 305, 306, 309, 310, 314, 325, 339

Stálin, Josef 175, 178, 189

Stalingrado 89, 181, 187, 189, 190, 199, 215, 334

Stauffenberg, Claus Schenk Graf von 223, 256

Steinkamp, Peter 111, 331, 357, 363

Stern 162

Stettin 92

Strophantin 176

Strophantose 176, 319

Strughold, Hubertus 79, 340

Stumpfegger, Ludwig 251, 319

Stuttgart 185

Supositório tempidorm 176

Suprarenin 176

Sympatol 176

T. S. A. (Provisão das tropas de saúde) 88

Targesin 176

Temmler, Theodor 19, 20

Testosterona 44, 216

Testoviron 175, 176, 226

Thrombo-vetren 176

Thyssen, August 218

Tibatin 176

Tonofosfan 176

Tonsillopan 176

Tratado de Versalhes 27, 28, 61

Treblinka 183

Trier 279

Trompetes de Jericó 109

Tucídides 329

Tussamag 176

Udet, Ernst 140, 141, 142, 156, 349, 357

Ultraseptyl 176

Universidade de Freiburg 307

Universidade de Königsberg 60

Universidade de Munique 85

Varsóvia 312

Viazma 178

Vinho Mariani 25

Virchow, Rudolf Ludwig Karl 78

Vitamultin 133, 134, 135, 154, 173, 176, 191, 196, 215, 218, 219, 226, 253, 310, 319

Vzvad 179

Wagner, Richard 279

Waldmann, Anton 96, 99, 128, 157, 349

Warlimont, Walter 224

Weber, Bruno 305

Weber, Richard 199, 218, 243, 265, 268, 271, 306

Werwolf (lobisomem) 185, 186, 200, 266

White, Walter 20

Whitman, Walt 285, 336

Winniza 184, 192, 193, 267

Wochenschau 121, 153

Wolfsschanze (toca do lobo) 170

Yatren 176

Young, Neil 313

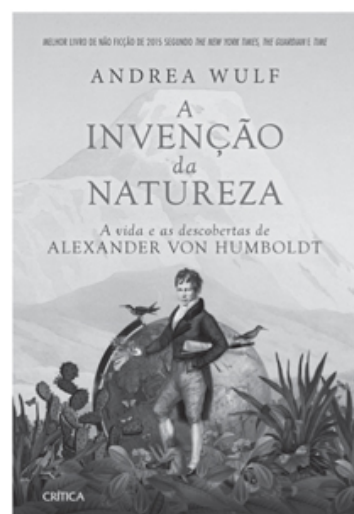
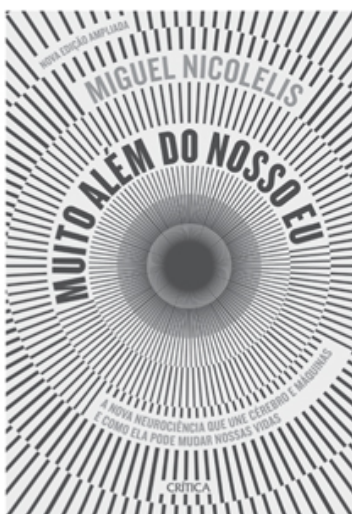
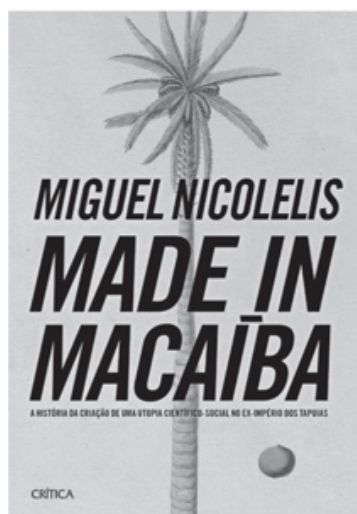
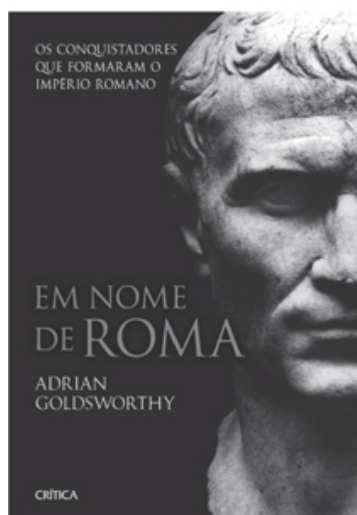
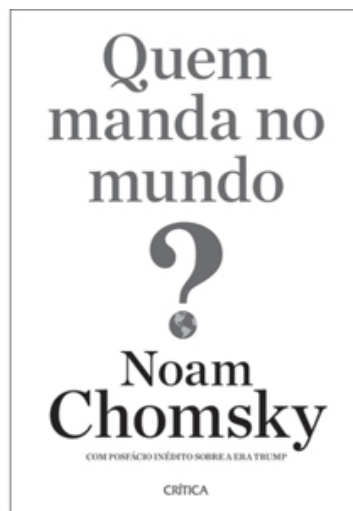
Zuckmayer, Carl 141, 362

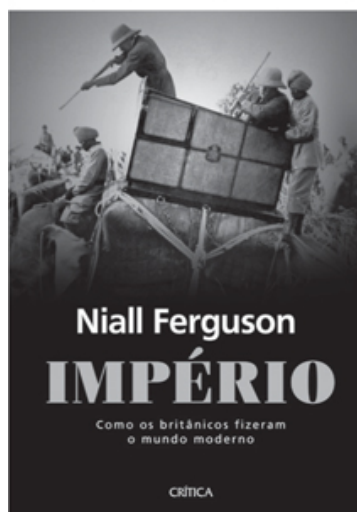
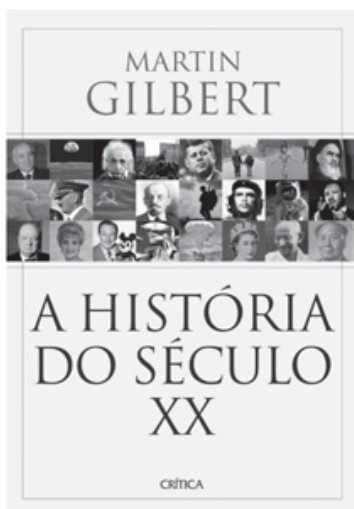
Zweibrücken 93

Sobre o autor

Norman Ohler é jornalista alemão. Escreveu vários romances, alguns premiados. Assinou o roteiro do filme *Palermo Shooting* com o premiado diretor Wim Wenders. Passou cinco anos pesquisando arquivos na Alemanha e nos Estados Unidos e entrevistando médicos, historiadores e militares para escrever *High Hitler*, livro cujos direitos de tradução foram vendidos para mais de 20 países.

CONHEÇA TAMBÉM OUTROS TÍTULOS DO SELO CRÍTICA





* Na sua forma pura, a metanfetamina é, como molécula psicoativa, menos prejudicial à saúde do que os lotes de *crystal meth* fabricados com frequência por amadores em laboratórios clandestinos, e aos quais são adicionados venenos como gasolina, ácido de bateria e produtos anticongelantes.

* Precusores dessas fábricas foram os mosteiros cristãos, que já na Idade Média produziam medicamentos em grande escala e os exportavam para além de sua área de atuação. Também em Veneza (onde foi aberta, em 1647, a primeira casa de café da Europa) havia, desde o século XIV, uma produção de preparados químicos e farmacêuticos.

* O farmacêutico americano Pemberton combinou, por volta de 1885, cocaína com cafeína em uma bebida oferecida como produto refrescante – e logo também como remédio universal –, chamada Coca-Cola. Até 1903 a Coca-Cola continha supostamente até 250 miligramas de cocaína por litro.

* Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. [N.T.]

* Lembremos aqui da fundação do NSDAP em 24.2.1920, num porão de cervejaria, a Hofbräuhaus de Munique. No início, o álcool tinha papel importante nos rituais das associações masculinas ao partido e à sua sa. A função do álcool no Terceiro Reich será abordada de passagem neste livro, pois ultrapassa o âmbito do debate e merece uma discussão própria.

* O conceito deriva, etimologicamente, da palavra holandesa *droog*, que significa “seco”. Durante a época colonial holandesa, assim eram descritos os produtos secos vindos do ultramar, como temperos e chás. Na Alemanha, no início, tudo o que pudesse ser usado medicinalmente, como plantas e partes de plantas (secas), cogumelos, animais, minerais etc., era considerado “droga”, assim como mais tarde todos os remédios e medicamentos. Daí vem o conceito de “drogaria”.

* Alto posto do escalão de proteção da ss. [N.T.]

* Período da Revolução Industrial na Alemanha, no século XIX. [N.T.]

* O imóvel fora “arianizado”, uma vez que antes era propriedade do banqueiro judeu Georg Solmmen. Depois da Guerra, foi comprado por Axel C. Springer (fundador do jornal sensacionalista *Bild*). [N.T.]

* Depois da Guerra, Hauschild tornou-se um importante fisiologista do esporte na República Democrática Alemã (RDA) e impulsionou, a partir de seu instituto na Universidade de Leipzig, o programa de *doping* da RDA, que fez daquele estado de trabalhadores e camponeses um gigante no esporte. Em 1957, o inventor do Pervitin ganhou o Prêmio Nacional da RDA.

**** Comercializada no Japão sob o nome comercial de Philopon/Hiropon, mais tarde foi utilizada também por pilotos camicases.**

* Quantidade aproximada usada atualmente numa ingestão típica de *crystal meth*.

* Além disso, barata: a dose militar média, calculava Ranke, era de quatro comprimidos por dia, o que custava, na farmácia, 16 *pfennige*, enquanto o preço do café era por volta de 50 *pfennige*: “Os estimulantes são mais econômicos”.

* As forças blindadas do Exército nazista. [N.T.]

* Assim foi batizada a operação *Sichelschnitt*, que faria parte da ofensiva nazista contra a França, em 1940. [N.T.]

* Associações militares reunidas na ss, a *Schutzstaffel*, criada nos anos 1920 como escalão de proteção do Partido Nazista e que se tornou, mais tarde, o principal órgão de repressão no Terceiro Reich. [N.T.]

* Como os franceses pejorativamente chamavam os alemães. [N.T.]

* Mais tarde, o salário de Morell foi aumentado para 60 mil marcos do Reich. Além disso, havia benefícios fiscais para os seus negócios.

* Abreviação de *Sturzkampfflugzeug* [avião mergulhador]. [N.T.]

* Acrônimo de “*Größter Feldherr aller Zeiten*”, mas em abreviatura ou diminuição.
(N.T.)

* Göring gostava de ser chamado de “der Eisener” (o homem de ferro). [N.E.]

* Essas avaliações são conservadoras, pois frequentemente as indicações oficiais dizem respeito a “unidades”. Se não exprimem o número de comprimidos isolados, mas, por exemplo, dos tubinhos de Pervitin (cada um com trinta unidades), o resultado é um consumo claramente maior. Além disso, não se pode reconstruir o consumo adicional por meio das ampolas para injeção.

* Segundo dados oficiais. Mas deve-se partir do pressuposto de que as fábricas Temmler abasteciam diretamente a Wehrmacht sem o conhecimento do Reichsgesundheitsamt (RGA) [Departamento de Saúde do Reich]. Eis uma provável explicação para uma diferença de 22,6 kg de Pervitin, registrada entre os números oficiais do Departamento do Ópio no RGA e as estatísticas de venda das fábricas Temmler de 1943.

* São chamados de opiatos os alcaloides naturais obtidos da papoula. Os denominados opioides são os derivados produzidos sinteticamente.

** Morell aplicava até sanguessugas, método caseiro tradicional que devia impedir a coagulação do sangue e agir como um pequeno sangramento. O próprio Hitler batia no vidro para tirá-las, e, como sempre escorregavam da pinça, Morell colocava-as com os dedos embaixo da orelha. “A da frente suga mais rápido, a de trás muito devagar”, anotou minuciosamente. “A da frente foi a primeira a se desprender, soltou-se por baixo e ficou pendurada. A de trás sugou uma meia hora a mais, até se soltar por baixo; a parte de cima precisei puxar. Sangramento posterior por mais duas horas aproximadamente. Por causa dos dois curativos, o Führer não vai para o jantar.”

* Em Moscou fazia-se bem diferente. Stálin mantinha no Kremlin uma clínica própria, com os melhores médicos especializados – que simplesmente não podiam cometer um único erro.

* Uma listagem torna evidente o delírio do tratamento (as substâncias psicoativas, ou seja, que modificam a consciência, estão sublinhadas): acidol-pepsin, antifloges-tina, argentum nitricum, belladona obstinol, benerva forte, betabion, bismogenol, brom-nervacit, brovaloton-bad, cafaspin, Calcium Sandoz, calomel, cantan, cardiazol, cardiazol-efedrin, chineurin, cocaína, codeína, coramina, cortiron, digilanid Sandoz, dolantina, enterófagos, enzynorm, esdesan, eubasin, euflat, eukodal, Eupaverin, álcool, gallestol, gliconorma glycovarin, hammavit, harmin, homburg 680, Homoseran, intelan, glicerina jod-jodkali, kalzan, sal gasoso de Karlsbad, pílulas de Kissinger, pílulas antigases de Koester, fígado Hamma, pílulas de Leo, solução de Lugol, luizym, luminal, mitilax, mutaflor, nateína, neo-pyocyanase, nitroglicerina, obstinol, omnadin, optalidon, orchikrin, penicilina hamma, bálsam-do-peru, Pervitin, profundol, progynon, prostakrin, prostophanta, pyrenol, quadro-nox, relaxol, óleo de rícino, sango-stop, scophedal, iodo septo, spasmopurin, strophantin, strophantose, suprarenin (adrenalina), sympatol, targesin, supositório tempidorm, testoviron, thrombo-vetren, tibatin, tonofosfan, tonsillopan, glicose, Koli-Hamma seco, tussamag, ultraseptyl, Vitamultin, yatren.

* “É proibido todo trânsito de civis, assim como a permanência nas casas da população local.” Por todo lado suspeitava-se de parasitas, que poderiam transmitir doenças. Havia alertas contra moscas, “Disenteria!”; percevejos, piolhos, “Tifo!”; e ratos, portadores potenciais da peste.

* Um jogo de palavras com o nome do marechal e o termo *Lakai* (lacaio).[N.T.]

* Diferentemente agiu Stálin, que depois da derrota de Kharkov, em maio de 1942, pela qual foi responsabilizado, ficou mais ou menos de fora dos assuntos militares, deixando-os para o seu Alto Comando, o Stavka.

* Lê-se no contrato de compra de 29.11.1943: “A fortuna do judeu Adolf Heikorn, de sua mulher Wilma, com o nome de solteira Goldschmied, e de seus filhos Friedrich Heikorn e Hedwig Heikorn, foi confiscada por disposição da polícia secreta. O comprador declara expressamente que não é judeu e que, de sua parte, não participarão deste negócio, de nenhuma forma, judeus, firmas ou associações judaicas”.

* Aliás, nesse meio-tempo, Goebbels passou a apreciar de tal maneira as injeções que o dr. Weber, assistente de Morell, observou: “O senhor ministro do Reich está tão inchado que não dá mais para aplicar injeções”.^[273]

* Klaus Mann anotou em seu diário: “Devido à bela estupidez da farmacêutica, consegui novamente na farmácia pílulas de Euka”.^[279]

* Nesse contexto, veja também a “Anmerkung zur Meldung von Krankheiten führender Persönlichkeiten” [observação sobre o registro de doenças de personalidades importantes], de 23.12.1942: “Não apenas dispenso médicos, especialistas em medicina alternativa e dentistas do dever de sigilo profissional, mas os obrigo a informar imediatamente o comissário-geral e professor Karl Brandt sobre uma doença grave e séria de uma personalidade importante do Estado, do partido, da Wehrmacht, da economia etc., para meu próprio conhecimento. Assinado Adolf Hitler”.

* Líderes dos distritos regionais do NSDAP.[N.T.]

* No momento de sua prisão pelos americanos, o general de 63 anos e antigo condutor de tanques tinha as mãos trêmulas. As gavetas em seu alojamento estavam cheias de opioides e injeções.

* Segundo outras versões, Hitler teria simplesmente dormido toda a manhã, pois ninguém teria ousado acordá-lo mesmo diante dos importantes acontecimentos.

* Novo slogan do Exército alemão, que foi lançado em 2011.

* Mistura de água com gás e vinho branco. [N.T.]

* O nome soa como *Haie* [tubarões].[N.T.]

**** *Kleinkampfverbände*, em alemão, ou *K-Verbände*.[N.T.]**

* Palavra antiga para designar “africano”. [N.T.]

* O autor faz uma alusão ao romance *Medo e delírio em Las Vegas* (1972), de Hunter S. Thompson.[N.T.]

* Antes já haviam sido dadas doses altas de Pervitin a Georg Elser, autor de um atentado contra Hitler, para fazê-lo falar e descobrir eventuais colaboradores; sem sucesso.

* “Eu vi a agulha e o dano causado [...] / todo viciado é como um sol se pondo.”

* Ao ser preso pelos Aliados, Göring carregava consigo uma mala com 24 mil comprimidos de opioide (sobretudo Eukodal). Ele tomava diariamente vinte vezes mais do que uma dose normal. No Palace Hotel em Gondorf, Luxemburgo, onde ficou internado, a quantidade foi gradualmente reduzida pelos vigias e médicos americanos.

* Eckermann, Johann Peter. Gespräche mit Goethe. Frankfurt, 1987, p. 496.